

# A MORTE E O SEU MISTÉRIO



VOL. II

**CAMILLE FLAMMARIION**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**Camille Flammarion**

**A Morte e o seu Mistério**

**(obra em 3 volumes)**

**VOLUME 2**  
**Durante a Morte**

## Conteúdo resumido

Editada em três volumes, *A Morte e o seu Mistério* é um extenso e precioso repositório de narrações sobre fenômenos extrafísicos, expostos e comentados por Camille Flammarion com o rigor da metodologia científica.

Conforme as próprias palavras do autor, a obra visa demonstrar por fatos de observação, fora de toda crença religiosa e em completa e imparcial liberdade de julgamento, a existência da alma, a sua independência do organismo corpóreo e a sua sobrevivência à desagregação deste último.

Em síntese, são abordados neste trabalho os seguintes temas:

- o **1º volume, “Antes da Morte”**, prova que a alma existe e independe do corpo carnal;
- o **2º volume, “Durante a Morte”**, demonstra a veracidade do aparecimento de fantasmas dos vivos, as aparições e manifestações de moribundos e os fenômenos de premonição;
- o **3º volume, “Depois da Morte”**, oferece-nos a certeza da sobrevivência da alma após a morte, sua existência num outro plano e a possibilidade de se comunicar com os Espíritos encarnados.

Estas duas obras: “A Morte e o seu Mistério”, juntamente com “O Desconhecido e os Problemas Psíquicos”, escrita anteriormente pelo mesmo autor, formam a maior coleção de casos de fenômenos psíquicos já reunidos em obra literária, nos últimos séculos. Daí a sua grande importância como documentos históricos para as ciências psíquicas e, em decorrência, para as pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos.

“Ninguém sabe o que é a morte nem se ela será o maior dos benefícios para o homem. Apesar disso, tememo-la como se fora o pior de todos os males.

Atenienses, acabais de me condenar à morte. A voz divina, que nunca deixou de fazer-se ouvir por mim durante todo o curso da minha vida, manteve-se hoje silenciosa, e eu não me defendi das vossas acusações. É porque o que me sucede é um bem.

Vou sofrer a sorte a que vós me condenastes; mas a iniquidade e a infâmia ficarão para sempre amarradas à memória dos meus juízes. Submeto-me à minha condenação e eles à sua. É deste modo que as coisas devem passar-se e, no meu entender, tudo acontece para melhor.

Quando a morte se aproxima do homem, o que nele existe de mortal desagrega-se; o que nele há de imortal e de incorruptível retira-se intacto.”

*Sócrates*

## Sumário

I – Os fatos expostos no primeiro volume provam irrefutavelmente a existência da alma?.....	6
II – Os “duplos” de vivos.....	35
III – O pensamento produtor de imagens projetadas a distância – <i>As aparições de vivos. – Mortos que aparecem vestidos como quando viviam. – Cinematografia psíquica. – Transmissões telepáticas sensoriais.</i> .....	83
IV – As aparições de moribundos algum tempo antes da morte.....	109
V – As manifestações de moribundos algum tempo antes da morte (diferentes das aparições).....	130
VI – Vistas de cenas de moribundos e de mortos a distância. – Audições da mesma ordem .....	155
VII – Advertências diversas a precederem a morte ou a anunciá-la – <i>Previsões pessoais de mortes em datas fixas. – Sonhos premonitórios associados a aparições. – Visões singulares. – Intersinais. – Advertências de acidentes que parecem feitas por seres invisíveis.</i> .....	184
VIII – Sensações mentais, a distância, de mortes ou de acidentes (sem fenômenos físicos).....	221
IX – Mortes anunciadas por barulhos, pancadas, ruídos inexplicáveis e fenômenos físicos – <i>A eletricidade e a faísca</i> .....	248
X – Entre a vida e a morte – <i>Fatos intermediários, em que os vivos podem estar ainda em ação. – Moribundos que vêm dizer: “vou partir” ou “estou morto”. – Chamamentos telepáticos no momento da partida.</i> .....	279

XI – As manifestações de moribundos no momento da morte (além das aparições).....	300
XII – As aparições de moribundos no momento da morte....	341

## CAPÍTULO I

### Os fatos expostos no primeiro volume provam irrefutavelmente a existência da alma?

*“Tenhamos olhos para ver, espírito para julgar.”*

As exigências do método experimental são a sua força. Quanto mais severos formos na aceitação e na interpretação dos fatos, mais solidamente estabeleceremos a nossa demonstração. Antes de irmos mais longe, não deixemos nenhuma dúvida atrás de nós e verifiquemos se é absolutamente certo que as quatrocentas páginas precedentes provam a existência da alma como entidade independente do corpo e se as faculdades supranormais de que assinalamos as manifestações (pressentimentos, a visão do futuro, a vontade atuando sem o auxílio da palavra e sem nenhum sinal, telepatia, vista a distância, ação do espírito fora dos sentidos físicos) não poderiam, em rigor, atribuir-se a propriedades desconhecidas do nosso organismo vital. O homem conhece-se inteiramente a si mesmo? Completou-se a sua evolução? Essas faculdades psíquicas transcendentais não poderiam pertencer ao cérebro?

Tudo devemos estudar com livre exame, com inteira liberdade de consciência, sem nenhuma idéia preconcebida, sem peias de qualquer sistema.

Os fatos seguintes demonstrarão, à saciedade, a verdade da nossa tese pelas manifestações observadas *durante a morte e depois da morte*. Mas parece-me útil responder sem demora a algumas objeções possíveis.

Eis em primeiro lugar a inicial, a do valor contestável do testemunho humano: temos evidenciado mais de uma vez a frouxidão científica desses testemunhos e sabemos que o nosso dever é desconfiar deles constantemente. São incertos, variam com o tempo e não se harmonizam mesmo com os acontecimentos atuais em que a unanimidade devia ser habitual. Vê-se mal. Cada



peessoa vê com seus olhos e *com seu espírito* (mesmo nas observações astronômicas, tão exatas; é o que se chama a equação pessoal). Os relatos das testemunhas de um mesmo fato variam entre si e, por outro lado, as recordações modificam-se facilmente, admitindo-se perfeita boa fé e sinceridade absoluta – o que nem sempre acontece. Reconhecemos também que em nossa singular espécie humana se encontram inconscientes e farsistas desprovidos de todo o escrúpulo, de todo o sentimento de honra ou de simples honestidade. Temos de guardar constantemente extrema circunspeção. Mas, daí a recusar tudo, a tudo negar, há um abismo que os negativistas intransigentes não parecem medir.

Apesar da reconhecida incerteza dos testemunhos históricos, parece bem difícil duvidar de que o Rei Henrique IV tivesse sido apunhalado em Paris, a 14 de maio de 1610, na rua da Ferronnerie, por um indivíduo chamado Ravailac; de que o Rei Luís XIV houvesse revogado o édito de Nantes, empobrecendo a França de cidadãos excelentes; de que o corpo de Napoleão repouse hoje num sarcófago de mármore sob a cúpula dos Inválidos e de que certos exércitos se hajam entrechocado nas regiões de Este, de 3 de agosto de 1914 a 11 de novembro de 1918. Podemos todos convir, ao que parece, sem nos comprometermos muito, em que Luís XVI foi guilhotinado.

Certos homens não podem formar uma opinião franca. Teriam até medo de se expor a um desaire, afirmando que o óleo de rícino é purgativo.

Há limites para o cepticismo e para a incredulidade. As argúcias e os sofismas da mais sutil dialética não impedem que os fatos existam.

Por outra parte, objeta-se, às vezes, que as narrações extraordinárias, de que aqui se discute o valor e o alcance, são mais depressa assinaladas pelas pessoas vulgares do que pelos sábios acostumados aos rigores do método experimental. Que há nisto de surpreendente? Não será a imensa maioria da espécie humana composta de triviais ignorantes? Poder-se-á contar, entre mil pessoas, um espírito científico? Existirão, em França, quarenta mil desses espíritos e um milhão e seiscentos mil em todo o

globo? Admitamo-lo. São poucos os pensadores na nossa Humanidade atual. O que nela mais há são comerciantes!... Pois bem, não será esta proporção comparável à das observações psíquicas?

Infelizmente, em geral, as pessoas que pertencem às classes superiores da sociedade – sábios, eruditos, artistas, escritores, magistrados, sacerdotes, médicos, etc. – mantêm-se em discreta reserva, como se tivessem medo de falar. Não são completamente livres, têm interesses a salvaguardar e calam-se, ao passo que os outros falam. Essa pusilanimidade, essa cobardia, são absolutamente desprezíveis. De que é que se tem medo? Negar os fatos, por ignorância, é desculpável. Mas, não ter a coragem de confessar o que se viu, que miséria!

Há mais criminosos além dos que estão presos: são os homens cultos que conhecem as verdades e não ousam revelá-las por temerem o ridículo ou por interesse pessoal. Tenho encontrado, durante a minha carreira, mais de um desses “homens de ciência”, muito inteligentes, muito instruídos, que foram testemunhas ou tiveram conhecimento de fatos metafísicos irrecusáveis, que não duvidam da existência inegável desses fenômenos, mas não têm a coragem de o dizer, por um sentimento de mesquinhez imperdoável nos espíritos de real valor, ou que cochicham misteriosamente, com medo de serem ouvidos os seus depoimentos, que seriam de considerável peso para a vitória da verdade.

Tais homens são indignos do nome de sábios. Muitos pertencem ao que se chama “alta sociedade” e receiam desacreditar-se, mostrando-se crédulos, embora creiam, entretanto, em dogmas muito discutíveis. Poderia escrever aqui o nome de um membro do Instituto, de verdadeiro mérito científico, que seria uma testemunha competente sobre os fenômenos metafísicos estudados nesta obra, mas que não quer e nada ousa confessar, porque é católico praticante e porque o seu diretor espiritual lhe declarou que se deve deixar à autoridade da Igreja o domínio dessas questões.

Uma parte do clero é hostil a tal gênero de estudos e entende que a Igreja deve conservar o seu monopólio. Essa opinião data dos tempos bíblicos. A evocação dos mortos era formalmente

proibida aos hebreus e Saul infringiu seus próprios decretos, indo consultar a pitonisa de Endor e convocar a sombra do profeta Samuel. Talvez se justifique essa proibição ao vulgo incompetente, que pode facilmente propender para as mais funestas tolices; mas impedir, em nosso tempo, as pessoas instruídas, refletidas, ponderadas, de estudarem tais problemas, dizer-lhes que Deus lhes não concedeu a inteligência para que se servissem dela e que devem humilhar a razão perante as afirmações de uma revelação divina contestável, pretender que a questão da natureza da alma e da sua sobrevivência, que tanto interessa, pessoalmente, a cada um de nós, está reservada para uma casta de casuístas que se arrogam o direito de julgar e de decidir entre o verdadeiro e o falso, entre Deus e o diabo, representa realmente estranho raciocínio e um anacronismo que nos reconduz à Idade Média. Quantos crimes não cometeu a Inquisição nos seus numerosos processos de bruxaria! Nas idéias atuais que dominam ainda certa classe de homens e de mulheres há um erro formidável, extremamente prejudicial à investigação da verdade – erro tanto mais inexplicável quanto é certo que os fenômenos de que nos ocupamos apóiam as narrativas dos “Livros Santos”, entre outras, as das aparições de Jesus, desconhecidas ou negadas pelas nove décimas partes do gênero humano.

Essa aberração indesculpável relembra aos astrônomos a interdição feita, no século XVIII (a 21 de janeiro de 1759), pelo diretor do Observatório da Marinha, Delisle, ao seu astrônomo adjunto, Messier, de revelar a descoberta, que acabava de fazer, da volta do cometa de Halley. Esse escândalo científico impedia a averiguação da realidade da atração newtoniana.

Proibir que sejam divulgados os fatos úteis ao progresso dos conhecimentos humanos! Não será isto um autêntico crime?

É, contudo, incontestável que determinado número de testemunhas dos fenômenos de que nos estamos ocupando mantêm obstinado silêncio acerca das suas experiências individuais. Obedecem uns a uma palavra de ordem, temem outros a ironia dos conhecidos, julgam ainda outros que a sua dignidade se comprometeria, muitos por simples timidez ou por censurável indiferença.

Poderemos, sem dúvida, reconhecer que as personalidades que desempenham cargos oficiais não são, geralmente, independentes ou porque para conquistar tais situações tenham de ser dotadas de caracteres particularmente submissos para com seus superiores, timoratos ao menor alarme e assaz egoístas para não perderem nunca de vista os seus menores interesses pessoais e pondo tais interesses acima de tudo; ou porque, tendo conquistado esses cargos, procuram não os expor a qualquer perigo, pelo mais leve rasgão nas idéias reinantes, sacrificando tudo a esses propósitos – mesmo as suas próprias convicções, algumas vezes; ou, enfim, porque a comédia humana, celebrada por Balzac, e a hipocrisia, fustigada por Molière, imperem mais extensamente do que as pessoas ingênuas supõem. Seja como for, essas causas dominadoras estrangulam toda a liberdade.

Não há regra sem exceção. Existem personalidades oficiais independentes. Por outro lado, admitimos perfeitamente que o silêncio se impõe, em certos casos: dolorosos e profundos lutos de família, mortes trágicas, situações críticas, desgostos pessoais que nenhuma indiscrição tem o direito de contrariar. Esses casos particulares são altamente respeitáveis. Mas não ousar afirmar, sem razão plausível, uma observação científica de alguma importância, não se ter a coragem de dizer em que localidade tal observação se fez, não indicar senão as iniciais da cidade, assinar X ou Y em vez de um nome honrado, será diminuir o valor da observação relatada. Pedir-se-nos para que não divulguemos nomes é admissível em certos casos; mas, que justificará as revelações anônimas?

A objeção assinalada em outro lugar de que as comunicações de fatos anormais extraordinários, premonições, advertências de morte, aparições, etc., são na sua maior parte transmitidas por criaturas sem importância e não por homens de ciência de alto valor pessoal, não tem fundamento. Primeiro, basta muitas vezes a simples observação para que se comprove um fato, como por exemplo a queda de um aerólito ou uma faísca, um tremor de terra. Além disso, como já notamos, tanto para as narrações de que se trata como para a mentalidade geral, a proporção é sensivelmente a mesma. Notam-se, entre os observadores, entidades

de valor: os nomes de Emmanuel Kant, de Goethe, de Schopenhauer, de William Crookes, de Russel Wallace, de Oliver Lodge, de Charles Richet, de Curie, de d'Arsonval, de De Rochas, de Edison, de Victor Hugo, de Victorien Sardou, de Lombroso, de William James e outros, não representam quantidades desdenháveis; há observadores de todas as categorias.

\* \* \*

A objeção derivada da incerteza dos testemunhos humanos está, ao que me parece, inteiramente eliminada pelos raciocínios precedentes. Podemos – e devemos – admitir esses fatos como reais, suficientemente verificados, irrecusáveis, depois de havermos tomado em linha de conta todos os erros possíveis, de qualquer natureza que sejam, não excetuando mesmo as fraudes – mais estudadas por mim do que por todos os dissidentes. Chegamos agora à discussão fundamental das hipóteses explicativas, a fim de esclarecer inteiramente a nossa convicção nas faculdades intrínsecas da alma e na sua existência independente do corpo. Esses fenômenos que se nos antolham tão extraordinários não poderiam ter uma causa física? Todas essas manifestações de forças estranhas, das quais muitas parecem atribuíveis a um espírito distinto do nosso organismo ou muitas vezes mesmo a espíritos exteriores, não poderiam ter por origem os nossos próprios cérebros? O homem conhece-se a si mesmo?

Não! Ignora-se; ele nunca avaliou o reservatório de energias, de forças desconhecidas que possui no seu ser. A Biologia detém-se à superfície, nas manifestações aparentes, e os fisiologistas confessam que não analisaram senão incompletamente certas peças da nossa máquina humana, sobretudo no que toca ao funcionamento dos centros nervosos.

Quando recapitulamos diante dos nossos olhos as descobertas devidas ao gênio criador – a invenção do telescópio, o microscópio, os aparelhos acionados pelo vapor, as aplicações da eletricidade, a fotografia terrestre e celeste, a análise espectral, a navegação aérea, o telégrafo elétrico, o telefone, o fonógrafo, o cinematógrafo, a telegrafia sem fios, etc. –, não podemos deixar de admirar a potência do espírito humano e de pensar que essas faculdades não foram ainda inteiramente exploradas.

Muito recentemente ainda (maio de 1920) ouvi ao detector de um posto receptor de telegrafia sem fios, no meu observatório de Juvisy, os estalidos secos, sucessivos, rápidos, produzidos pelas descargas elétricas de uma tempestade longínqua. De repente, deliciosa melodia substituiu esses sons monótonos. Primeiro foi uma sonata executada ao piano; depois foi toda uma orquestra que encantou o meu ouvido. Ninguém tocava, na vizinhança, qualquer instrumento; era um concerto celeste evocando as suaves harmonias da música dos anjos bíblicos... cujos executantes se encontravam em *Londres*, diante de um posto transmissor de radiotelegrafia, e os espectadores em *Roma*, no posto auditor. Assim voava muito para lá da França esse concerto de além-Mancha destinado à Cidade Eterna!...

Se o nosso ouvido fosse dotado das propriedades do aparelho receptor de um posto radiotelefônico, perceberíamos essas vozes do espaço, essas músicas etéreas que vão fazer-se ouvir a centenas, a milhares de quilômetros. Se os nossos olhos fossem constituídos como a placa fotográfica, veríamos as irradiações para as quais o nosso nervo óptico se conserva insensível. O mundo seria para nós muito diverso do que é. Se possuíssemos todas as faculdades supranormais, particularmente desenvolvidas em certos seres, as forças desconhecidas de que nos ocupamos neste lugar pareceriam naturais e teríamos outra compreensão do Universo e da vida.

Estas observações induzem-nos a pensar que vivemos no seio de um mundo invisível, no qual andamos mergulhados como cegos em pleno sol ou como surdos a aplicarem o ouvido atrofiado às harmonias de um Beethoven ou de um Mozart: a cegueira do cego não obsta a que o Sol brilhe, assim como a enfermidade do surdo não modifica, seja no que for, a beleza de uma sinfonia musical.

Desde que verificamos todos esses progressos da Ciência, não podemos impedir-nos de vê-los continuar de futuro. Se está provado, por exemplo, que um moribundo, nos Estados Unidos ou na China, anuncia a sua morte a um amigo que vive na França ou na Inglaterra, e que um morto vem revelar-nos em que condições faleceu, como havemos de recusar-nos a pensar na evolução

gradual dos conhecimentos humanos e de perguntarmos a nós mesmos até onde chegarão, no porvir, as conquistas mentais do habitante da Terra?

Até que ponto irá o homem no seu progresso?

Não se conseguiu já, não só falar a distância, mas ainda escrever, desenhar e telegrafar um retrato?

Quando eu publiquei o meu livro *O Fim do Mundo* (1898), alguns críticos ignorantes dos meus estudos classificaram de puramente imaginárias as figuras de páginas 273, 307 e 367 que representam: a primeira, um habitante de Paris vendo, do seu leito, uma “bayadera” dançando em Ceilão, num cinema improvisado; a segunda, uma aparição devida à transmissão de ondas etéreas; a terceira, Omegar chegando perto de Eva que o havia chamado através da imensidão do oceano. Esse progresso foi realizado gradualmente como foram também realizadas as aeronaves da primeira página. Tudo acontece.

Ante essa potência do espírito humano, seria lícito sustentar que os fatos transcendentais que constituem o objeto dos nossos estudos metafísicos podem ser devidos, em parte, a faculdades cerebrais ainda ignoradas. Examinemos essa objeção de perto e sem qualquer idéia preconcebida. A questão estabelece-se claramente assim: os fatos observados devem ser atribuídos a faculdades conhecidas ou desconhecidas de um aparelho cerebral tão poderoso como se imagina? Analisemos, dissequemos um dos exemplos apresentados no primeiro volume desta obra: seja, ao acaso, o da página 355:

“A 27 de junho de 1894, pelas 9 horas da manhã, o Dr. Gallet, então estudante de Medicina em Lião, trabalhava no seu quarto, em companhia de um companheiro de estudos, o Dr. Varay, para o primeiro exame de doutorado, e, muito absorvido no seu trabalho, foi distraído imperiosamente por inquietante voz interior que lhe repetia estas palavras: “O Sr. Casimiro Périer foi eleito Presidente da República por 451 votos”.

O estudante escreve a frase num papel que passa ao companheiro, lamentando-se da obsessão. Varay lê, encolhe os

ombros, ante a insistência do amigo que acredita numa premonição real, e pede-lhe muito asperamente que o deixe estudar em paz.

Depois do almoço, os dois companheiros encontram-se com dois outros estudantes, o Sr. Bouchet, atualmente médico na Alta Sabóia, e o Sr. Deborne, ao presente farmacêutico em Thonon, e os três camaradas riem de semelhante profecia, pois que os candidatos prováveis à presidência eram os Srs. Brisson e Dupuy.

A eleição realizava-se em Versalhes, nesse mesmo dia, pelas 2 horas.

Ora, no momento em que os estudantes lioneses tomavam refrescos na *terrasse* de um café, passavam os vendedores de jornais, a gritarem: “O Sr. Casimiro Périer foi eleito Presidente da República por 451 votos!”

Os cépticos mais renitentes não ousarão contestar este fato de premonição precisa, cinco horas antes de o acontecimento ter ocorrido, atendendo a que foi confirmado por um atestado de três testemunhas. Não ver nisso mais do que fortuita coincidência é inadmissível.

Se se tratasse de um cálculo, poder-se-ia afirmar que nada havia de maravilhoso em se ter acertado, como no cálculo dos grãos de trigo contidos numa medida de litro; mas trata-se, neste caso, de uma voz interior espontânea. E o algarismo?

A questão que se apresenta é a de saber se nos é dado atribuir essa adivinhação do futuro ao cérebro, a faculdades cerebrais fisiológicas, ou se somos levados a procurar, seja no homem ou fora dele, a ação de um elemento psíquico diferente do organismo material. Não se resolverá tal questão por si mesma?

Atribuir a um agrupamento de moléculas materiais, a uma ação química, mecânica, de um formigueiro qualquer de átomos, a faculdade de ver o que ainda não existe, o que acontecerá depois de muitas horas, muitos dias, muitas semanas, muitos meses, muitos anos, é pura *hipótese*, que não se apóia em nenhuma base científica. Além disso, é hipótese absurda em si



mesma. À força de se querer fazer ciência prática, cai-se na aberração, deixa-se de raciocinar logicamente.

A única evasiva, no caso da premonição que acabamos de relatar, seria supor uma coincidência fortuita: 1º- para o nome inesperado; 2º- para o algarismo. A rigor, embora haja milhões de probabilidades a apostar contra uma, isso não é talvez absolutamente impossível.

Mas, então, teremos o fato assinalado em seguimento do precedente: o Sr. Vicente Sassaróli anunciando, com muitos dias de antecipação, a derrocada de uma casa que os arquitetos consideravam muito sólida, e fazendo fugir os seus habitantes precisamente no momento da catástrofe. Aqui, seguramente, o acaso não pode ser invocado. Procurar-se-á uma outra “hipótese”, supor-se-á que o profeta era dotado da faculdade dos animais que pressentem os tremores de terra; mas esta hipótese é insustentável; não se trata de fenômeno cósmico, mas de prédio particular. Os nossos contraditores decididos preferem aceitar hipóteses inverossímeis a admitir a simples realidade.

E a criada de Schopenhauer, vendo, em sonho, com cinco ou seis horas de antecedência, o tinteiro entornado e a tinta a correr da secretária para o soalho? Atribuir essa visão premonitória ao cérebro da serva do filósofo não será o cúmulo?

E a criança de Edimburgo, folgazã encantadora, vendo-se de repente num caixão forrado de cetim branco e rodeada de flores, fato que aconteceu oito dias depois?

E a jovem Princesa de Radziwill recusando-se sempre, desde a infância, a passar por uma porta do salão sob a qual foi esmagada quando se celebrava a festa dos seus esponsais?

E a Srta. Noell, de Montpellier, aparecendo a seu irmão no dia seguinte ao da sua morte e noticiando-lhe? Os meus leitores leram essa dramática narrativa em *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*; mais adiante voltarei a referir-me a ela.

No próprio caso da Sra. Constans, negando-se obstinadamente a tomar o medicamento que a teria vitimado – em que poderíamos imaginar uma adivinhação misteriosa do organismo – sentimos que há também uma causa *subliminal*.

E cem outras observações do mesmo gênero!

Os pressentimentos são, por vezes, de tal precisão que certos psicólogos pensam que a alma humana, reduzida às suas únicas forças, não é capaz de senti-los e que se torna necessário associar-lhe a intervenção de um espírito exterior a ela. Esses analistas levam as conseqüências espiritualistas ainda mais longe do que eu tenho feito até aqui.

Que nisto o cérebro entre em jogo, muito bem; mas ele não é mais do que o instrumento. A locomotiva não se moveria sem o maquinista. O aparelho elétrico não é o telegrafista. O telefone não é a pessoa que faz a chamada. A câmara escura não é o fotógrafo.

Há ainda um outro aspecto do homem, de que não falei até agora e sobre o qual nada tenho que dizer aqui: o caráter moral. Como é que combinações de moléculas químicas poderiam produzir a bondade, a devoção, o amor do bem, a honestidade, a probidade, a virtude, o sentimento do sacrifício, o espírito de justiça, a paixão da verdade e todas as faculdades espirituais que constituem o domínio moral da Humanidade? As faculdades da alma são tão diferentes como os indivíduos; mas existe uma semelhança comum entre todas as almas: a consciência, para condenar o mal e louvar o bem. Além do lado *espírito* da alma, há também o lado *moral*, que constitui o próprio fundo da psique humana. Como ver nisso uma função da matéria cerebral?

Não! O homem não é apenas o organismo físico que os fisiologistas têm explicado até hoje. É mais complexo. Que será ele, na sua totalidade? É o que, nestes estudos, pretendo apurar.

Todavia, certas personalidades supostamente científicas não querem largar a presa, não aceitam sob nenhum pretexto as nossas conclusões, por mais lógicas que sejam. Há nisso uma negação sistemática, deplorável em espíritos ponderados. Para todo observador independente, o método positivo mais estrito estabelece com segurança que os fatos supranormais estudados nesta obra não poderão mais ser negados; devem, para o futuro, ser inscritos no domínio, aumentado e transformado, das ciências exatas; não são atribuíveis às funções cerebrais e provam a existência da alma como entidade distinta do organismo corpóreo.

\* \* \*

É indispensável um método científico severo para estabelecer os estudos psíquicos sobre a base positiva e fazê-los entrar no quadro da ciência moderna, continuamente ampliada pelas novas descobertas que, de um quarto de século a esta parte, transformaram o mundo. Mas, quando os fatos, de tão longa data discutidos – e mesmo negados – são demonstrados com clareza, não se explica a persistência do cepticismo que continua a recusar-se a reconhecê-los. Será razoável negação sistemática obstinada?

Crer em tudo é um erro. Não crer em nada será erro também. Não devemos admitir seja o que for sem provas, mas devemos reconhecer lealmente o que se provar.

Confessemos, no entanto, que há temperamentos a tal ponto rebeldes aos estudos especiais de que nos ocupamos neste livro que, apesar de todas as provas imagináveis, jamais acreditam em alguma coisa.

Encontramos muitas vezes, à nossa volta, homens incapazes de ser convencidos, a despeito da evidência das verificações; homens excelentes, de resto, sob outros pontos de vista, instruídos, agradáveis, filantropos, mas de quem os olhos do espírito estão dispostos de forma que não vêem direito à sua frente (os caçadores afirmam que acontece o mesmo com as lebres). Esses olhos têm um prisma diante da retina, em vez do cristalino normal; e tal prisma desvia em alguns graus os raios luminosos, com refrações diversas segundo os tipos. A culpa não é deles. Não somente *não querem* reconhecer o Sol no meridiano, mas *não podem* fazê-lo. Opõem-se a isso vários modos de educação: uns, por credulidade cega em certos ensinamentos não inteiramente demonstrados, mas que os satisfazem; outros, por incredulidade não menos cega. Carl du Prel conta em outra parte <sup>1</sup> que um pregador de Viena pronunciou do alto do púlpito estas assombrosas palavras: “Não acreditarei numa sugestão hipnótica senão quando a tiver visto, e não a verei nunca, porque tenho por princípio não assistir jamais a tal gênero de experiências.”

Que lógica! Que magnífico raciocínio!

Os olhos não servem de nada a um cérebro cego, diz um provérbio árabe.

Os negativistas impenitentes, aqueles que de tudo riem, nem sequer suspeitam do prazer que nos causam com as suas dissertações. Encontram-se aí humoristas distintos e finos conversadores que imaginam percorrer estrada realmente dominada pelo seu opulento automóvel, quando a verdade é que rolam sobre pneumáticos que uma pedra basta para esvaziar. Se afirmo com tanta segurança os princípios postos neste livro, é que a minha certeza é absoluta, solidamente escorada pelo exame imparcial e pessoal feito há mais de meio século. Os documentos que publico não representam mais do que mínima parte daqueles que possuo; e todos os dias recebo mais!

O primeiro volume desta obra poderia ser duas, quatro, dez vezes maior do que é, e as páginas que se vão ler deveriam também ser multiplicadas por dez, para conterem tudo. Mas os cegos e os surdos nem por isso perdem a sua cegueira e a sua surdez. É tão elegante sorrir superiormente de tudo!

Ter espírito excessivo é, algumas vezes, prejudicial à simples compreensão das coisas, tais como são. Oh! certamente esta argüição não é de uma extrema freqüência em nossa espécie humana terrestre; mas é aplicável, de quando em quando, a espécimes célebres da Humanidade. Todos os que leram Voltaire foram um pouco chocados pelas suas idéias absurdas sobre os fósseis, pelo seu irreverente poema da virgem d'Orleães e pelos seus gracejos de mau gosto sobre as coisas mais graves. Espírito excessivo, na verdade! O melhor, mesmo, será prejudicial ao bem. Um telescópio seria um mau instrumento, aplicado à vista para se escrever uma carta. Um microscópio seria igualmente mau, diante da vista, para se apreciar uma paisagem. Este provérbio bem conhecido: "*há alguém com mais espírito do que Voltaire: é toda gente*" justifica-se. O simples bom senso não se deve desdenhar sempre.

O ilustre sábio Henri Poincaré, na sua quintessência de raciocínio metafísico, não deu a entender, certo dia, que duvidava do movimento da Terra? Esse escândalo científico e literário ainda não foi esquecido.

Os escritores reacionários apressaram-se a tirar deduções. Eduardo Drumont, à frente deles, escrevia em *La Libre Parole* de 9 de janeiro de 1904:

“Não está inteiramente demonstrado que a Terra se mova, como pretendia Galileu, e que ela não seja o centro do sistema planetário. O Sr. H. Poincaré, que é, atualmente, o primeiro dos geômetras físicos franceses, não tem, a esse respeito, um tom afirmativo, e diz: “Assevera-se que a Terra gira e, por minha parte, não vejo nisso inconveniente. É uma hipótese agradável e cômoda, para explicar a formação e a evolução dos mundos, que não pode ser confirmada nem invalidada por nenhuma prova tangível. O espaço absoluto, isto é, o sinal que seria necessário juntar à Terra para saber se, na realidade, ela gira, não tem nenhuma existência objetiva. Daí esta afirmação: “A Terra move-se” não tem qualquer sentido, pois que nenhuma experiência permite fazer a verificação. Estas duas proposições: “A Terra gira” e “é mais cômodo supor que a Terra se move” têm o mesmo sentido; não há numa, para mim, mais do que na outra.”

Numerosos jornais cavalgaram o Pégaso apanhado a laço por Drumont: *L'Éclair*, *La Liberté*, etc., de Paris, em muitas folhas da província, sem contar as *Croix* de todas as dioceses... “Aqueles que afirmam o movimento da Terra nada sabem a esse respeito. Dizem que a Terra gira por pensarem que isso aborrece profundamente os católicos.”

Semelhante demonstração foi um fenômeno muito curioso, no quarto ano do nosso século XX!

Tenho descrito muitas vezes, nos meus livros, os 14 movimentos principais da Terra, e não é este o lugar de os expor. Todavia, os ignorantes e os sectários replicam: Não há 14 movimentos, não há nenhum, nem rotação em 24 horas, nem revolução em 365 dias em torno do Sol, nem transporte para a constelação de Hércules, nem oscilação secular no pólo... nada.

No entanto, toda gente se pode convencer, por exemplo, do primeiro desses movimentos, da rotação diurna, à qual devemos a sucessão do dia e da noite, por um raciocínio de tal forma

simples que chega a ser infantil e que resumiremos em algumas linhas:

“Não se pode contestar que vemos diariamente o Sol, a Lua, os planetas, as estrelas, levantarem-se ao oriente, mostrarem-se no céu, chegarem a um ponto culminante, descerem, sumirem-se ao ocidente e reaparecerem, no dia seguinte, no horizonte oriental, depois de terem passado por sob a Terra. Só há duas hipóteses a formular para explicar esta observação universal e perpétua: ou o céu gira de leste para oeste, ou o nosso globo se move sobre si mesmo em sentido contrário. No primeiro caso temos de supor os corpos celestes animados de velocidades proporcionais às suas distâncias. O Sol, por exemplo, está a uma distância de nós igual a 23.000 vezes maior do que a do Equador terrestre, o que dá uma velocidade de 10.695 quilômetros por segundo.

Júpiter está aproximadamente 5 vezes mais distante; a sua velocidade deveria ser de 53.000 quilômetros por segundo.

Netuno, 30 vezes mais longe, teria de percorrer 320.000 quilômetros por segundo.

A estrela próxima, Alfa do Centauro, situada a uma distância 275.000 vezes superior à do Sol, deveria correr, voar no espaço com a velocidade de 2.941 trilhões de quilômetros por segundo.

Todas as estrelas estão incomparavelmente mais afastadas ainda... até ao infinito. E essa rotação fantástica teria de realizar-se em torno de um ponto minúsculo, em redor do átomo terrestre, mais de um milhão de vezes menor do que o Sol e invisivelmente perdido na imensidade dos mundos!”

Pôr o problema assim é resolvê-lo. A menos que se neguem as medidas astronômicas e as operações geométricas mais concordantes, o movimento de rotação diurna da Terra é uma certeza.

Supor que os astros se movem em torno do nosso globo será supor, na frase de um autor humorístico, que para assar um faisão se teria feito andar à volta dele uma chaminé, uma cozinha, uma casa, uma região inteira.

De resto, o pêndulo de Foucault mostra esse movimento, e o achatamento polar comprova-o. Apesar dessa certeza, vemos escritores continuarem a proclamar dúvidas inexplicáveis. A tal ponto que o sucessor de Poincaré na Academia Francesa, em 1917, o Sr. Capus, pronunciou as seguintes palavras no seu discurso de recepção:

“Eis que, quatro séculos depois de Copérnico, um mestre do saber nota que não existe em parte alguma no espaço um lugar de dentro do qual se possa observar se, na realidade, a Terra se move e que, por consequência, esta afirmação: “a Terra gira” não tem sentido algum, pois que nenhuma experiência permitirá jamais verificá-la. Mas a descoberta de Copérnico pode resumir-se nestas palavras: é mais cômodo supor que a Terra gira, porque se exprimem assim as leis da Astronomia numa linguagem mais simples.”

E logo adiante:

“Durante muito tempo o Sol fez-nos crer que era ele que subia no horizonte; depois sugeriu-nos que era talvez a Terra que se movia suavemente para ele, mas, numa e noutra hipótese, não nos deu a medida nem da luz nem do calor. Aceitamos, pois, como a própria condição do nosso destino, a verdade aproximativa e o pouco mais ou menos da observação.”

Tal linguagem proclamada na Academia e, antes, mais digna de uma cena de farsa é de molde a espantar-nos; teria perturbado mais de um espírito se fosse tomada a sério.

A rotação da Terra está arqui-demonstrada; negá-la seria negar toda a astronomia e toda a matemática celeste.

Da mesma forma que a Terra se move, também giram os outros planetas: Marte, em 24 horas e 37 minutos; Saturno, em 10 horas e 14 minutos. Um observador, colocado na Lua, veria o nosso globo realizar a sua rotação diurna, etc.

Poincaré não havia enunciado, a esse respeito, senão dissertação metafísica sobre a “relatividade dos movimentos”; lamentou

muito, pessoalmente, os comentários recreativos com que uma parte da imprensa condimentou a sua dissertação.

Esforcei-me por destruir essa lenda, e o ilustre astrônomo a isso me convidou por uma carta explicativa que reproduzo seguidamente e que foi publicada no “Boletim da Sociedade Astronômica de França”, em maio de 1904:

“Meu caro colega:

Começa a irritar-me um pouco todo o barulho que uma parte da imprensa fez em torno de algumas frases respigadas numa das minhas obras, e das opiniões ridículas que me atribui.

Os artigos dos quais essas frases foram tiradas apareceram numa revista de Metafísica; falava aí uma linguagem bem compreensível dos leitores da revista mencionada.

A que mais insistentemente é repetida foi escrita durante uma polêmica com o Sr. Le Roy, de que o incidente principal derivou de uma discussão na Sociedade Filosófica de França. O Sr. Le Roy dissera:

– O fato científico é *criado* pelo sábio.

E alguém lhe havia retornado:

– Queira precisar; que entende o senhor por um fato?

– Um fato – respondeu ele – é, por exemplo, a rotação da Terra.

Foi então que veio a réplica:

– Não! Um fato, por definição, é aquilo que pode ser averiguado por experiência direta, é o resultado *bruto* dessa experiência. Para este critério, a rotação da Terra não é um fato.”

Dizendo “estas duas frases, *a Terra gira e é cômodo supor que a Terra se move* não têm senão um único sentido”, falei a linguagem da metafísica moderna. Na mesma linguagem diz-se, correntemente: “As duas frases, *o mundo exterior existe e é cômodo supor que o mundo exterior existe*, têm uma e a mesma significação.”



A rotação da Terra é, pois, certa, precisamente na mesma medida que a existência dos objetos exteriores.

Penso que há aí com que tranquilizar aqueles que pudessem assustar-se com uma linguagem desacostumada. Pelo que toca às conseqüências que disso quiseram tirar, é inútil mostrar quanto são absurdas. O que eu disse não poderia justificar as perseguições exercidas contra Galileu, primeiro porque ninguém deve jamais perseguir, mesmo por erro, e depois porque, mesmo sob o ponto de vista metafísico, não é *falso* que a Terra gire, de maneira que Galileu não errou.

Isto não queria dizer também que se pudesse afirmar impunemente que a Terra não se move, quando é certo que a crença nessa rotação é instrumento tão indispensável a todo aquele que pretender pensar cientificamente como o é o caminho de ferro para o que quiser viajar com rapidez.

Quanto às provas dessa rotação, são sobejamente conhecidas para que eu insista nelas. Se a Terra não se movesse sobre si mesma seria preciso admitir que as estrelas descrevem, em vinte e quatro horas, uma circunferência imensa que a luz levaria séculos a percorrer. Os que consideram a metafísica fora da moda depois de Augusto Comte hão de, agora, dizer-me que não pode haver metafísica moderna. Mas a negação de toda a metafísica é ainda uma outra metafísica e é a isso justamente que eu chamo metafísica moderna.

Desculpe essa tagarelice. Todo seu

*Poincaré.*

Confesso, todavia, que esta carta me não satisfez em absoluto. Nela persiste o cepticismo do filósofo, o que está em contradição com a certeza que nos devem merecer as demonstrações da Astronomia atual. Poincaré pensava, como Berkeley, que não temos a certeza de nada, mesmo da existência da Terra, do Sol e do mundo exterior ao nosso pensamento, que é a única coisa que existe. Sobre esse ponto tive muitas vezes longas discussões com ele. E eis o que me levou a afirmar, anteriormente, que se deve preferir o simples bom senso à quintessência do espírito.

\* \* \*

Reconhecer, simplesmente, a realidade do que a experiência demonstra é tudo quanto pedimos. Que cada um se sirva tranquilamente da sua razão! Que não se deixe lograr por qualquer ilusão ou sofisma. Que veja o Sol ao meio-dia. Que estude tudo sinceramente, francamente, claramente, conscienciosamente.

Bem considerado isto, porque nos havemos de preocupar com os indiferentes, os negativistas, os incrédulos? O desejo de convencer; o apostolado da verdade; a dita de ser útil, de fazer o bem, de consolar os que sofrem, de espalhar à nossa volta os raios da esperança! Mas aqueles que se encontram contentes, quer pela certeza do tranqüilo nada depois da morte, quer pela crença nos dogmas que satisfazem a sua mentalidade, não têm nenhuma necessidade de levar as suas buscas mais longe. Toda convicção sincera é respeitável. A liberdade de consciência antes de tudo, seja essa consciência, pouco importa, a de um cristão, de um judeu, de um muçulmano, de um budista, de um taoísta, de um teosofista, de um ateu. Cada um por si. Mas, como a conduta da vida é muito diversa, segundo admitam ou não a sobrevivência e a responsabilidade dos nossos atos numa justiça imanente, aquele que sabe que a alma existe e que sobrevive ao corpo considera como dever o ser útil aos seus irmãos.

É justo, todavia, notar que na discussão analítica dos fenômenos físicos a incredulidade encontra por vezes ponto de apoio, mais ou menos sólido.

A admissão desses fatos extraordinários não progride, com efeito, sem suscitar dificuldades e objeções de vários gêneros, para as quais o gesto do avestruz não é suficiente.

Assim, por exemplo, no que concerne à vista pelo espírito, a distância, num compartimento fechado, sob um envelope igualmente fechado, e mesmo no futuro, tais faculdades induzem-nos a inquirir como é que os seres que delas são dotados não se tornam os dominadores do mundo. Não podem jogar sobre todos os valores financeiros, conhecer os segredos de Estado que correm de um extremo a outro do globo, selados nas malas diplomáticas? Não podem igualmente, sem exploradores nem aviões, surpreender os movimentos de tropas numa guerra e

determinar com antecipação as batalhas do Marne? Não lhes é possível descobrir os abrigos disfarçados da artilharia, os submarinos destruidores, e mesmo impedir as guerras, revelando os planos concertados pelos potentados? Ser-lhes-á impossível dizer-nos onde encontraremos, ocultos nas entranhas do solo, o carvão, os minérios, o petróleo que nos faltam? Eis o que me perguntou, recentemente, em carta um leitor do primeiro volume desta obra, acrescentando: “Tenho a grande felicidade de ser profundamente espiritualista e de pensar exatamente como o senhor, mas julgo, como o senhor também, que não devemos recuar diante de qualquer problema e que nada haverá mais interessante no mundo do que a investigação da verdade.”

A resposta a essas objeções tão lógicas é que as faculdades de que falamos não se exercem normalmente, à nossa vontade, mas em certas condições indeterminadas e, na maior parte dos casos, espontaneamente. São espécies de inspirações, de situações hipnóticas. Devem comparar-se às criações musicais. Beethoven poderia ter escrito, por encomenda, qualquer das suas admiráveis sinfonias? Acontece o mesmo com os poetas. Concebeis um general ordenando a Beethoven que sonhe a sua sonata *Luar*, ou a Dante a sua *Visão do Paraíso*? São jogos de imaginação, criações do espírito. Rouget de Lisle escreveu, referindo-se à *Marselhesa*: “Respirava a letra com o próprio ar.” Têm-se encomendado algumas vezes poemas para as cerimônias oficiais: obtiveram-se resultados análogos ao do célebre poema de Rostand sobre a recepção da Imperatriz da Rússia no palácio de Compiègne, em que o tapete no qual ela pisa exclama imprevisivelmente:

–*Oh! Oh! é uma imperatriz!*

Que tapete indiscreto! E que espanto da sua parte! Parece-me que esse acadêmico não foi mais felizmente inspirado do que o sucessor de Henri Poincaré.

As faculdades supranormais não estão às nossas ordens. Exercem-se inconscientemente. Aquele que adivinha o futuro não o sabe. É um tempo presente que ele contempla e que não considera real. Quando o acontecimento ocorre ele verifica a premonição, a vista anterior. Por outro lado, essas previsões não

se produzem, mesmo entre os *sujets* mais aptos, senão raramente na sua vida e quase sempre uma única vez. Por mais incontestável que seja, o fenômeno da vista sem os olhos e do conhecimento do futuro é um fenômeno supranormal. É o inconsciente que atua. Não conhecemos as leis dessa ação.

Os magnetizadores têm por várias vezes obtido vistas a distância, notavelmente precisas, por meio de sonâmbulos, mas é prudente não confiarmos sempre nisso. A tal processo junta-se, em muitos casos, a influência de espíritos exteriores, como nas manifestações espíritas. Tenho diante de mim, neste momento, uma centena de casos intrincados do mesmo gênero. O mais curioso, talvez, é o que foi relatado por Maxwell, da estatueta deslocada por um espírito que dirigiu durante muitos meses as ações do observador estupefato e confiante, e que acabou por arruiná-lo no momento da guerra de 1870, da qual não tinha previsto as conseqüências na Bolsa, embora até esse momento as suas predições fossem de perfeita exatidão.

Em resumo, devem-se empregar, nos estudos metapsíquicos, as mesmas regras racionais que se empregam em todos os ramos da Ciência, e o bom senso moral deve eliminar, para o futuro, a incredulidade que durante tanto tempo se opôs à admissão dos fatos mais nitidamente estabelecidos.

Se insisti bastante sobre o argumento relativo ao movimento da Terra, a respeito de uma indecisão inaceitável, foi porque o conhecimento da posição do nosso planeta no Universo constitui a própria base de toda a Ciência, e que importa julgar os inconvenientes graves, sob o ponto de vista filosófico, das dúvidas não motivadas, funestas à investigação da verdade.

\* \* \*

Uma objeção bem diversa das precedentes foi-me feita a propósito do meu primeiro volume. Certa pessoa, que me pediu lhe ocultasse o nome, dirigiu-me, de um palacete dos arredores do Mons, longa e interessante carta, exprimindo-me os seus pesares pelo que eu disse acerca de Lourdes e da aparição da Santa Virgem, que essa pessoa considera como autêntica. Outras cartas

me foram escritas no mesmo sentido; destacarei sobretudo a de um eminente cónego da diocese de Marselha.

Se falei das curas de Lourdes é porque *provam a existência da alma*, a potência da idéia, da exaltação mental, da fé. Mas é erro pensar que a Igreja Católica tenha o monopólio delas. Há *muitas outras no mesmo caso* que nada têm de comum com Nossa Senhora de Lourdes, ou de la Salette, e que não são de forma alguma católicas.<sup>2</sup>

Esta obra não é escrita para os casos religiosos, nem para os fiéis convencidos e satisfeitos de uma religião qualquer, mas para os homens que pensam livremente, querendo julgar as coisas em completa independência de espírito. Ora, será razoável acreditar que a mãe de Jesus-Cristo se ocupa das curas de Lourdes, ou Esculápio das do templo de Epidauro? Pode recusar-se a associação da Sra. P. à visão de Bernadette, apesar da anedota local que imediatamente se espalhou na região, e não admitir senão uma alucinação sem causa objetiva; mas supor uma ação direta da Virgem Maria parece verdadeiramente extravagante.

As religiões (há umas cinquenta em nosso pequeno globo) não parecem, na maior parte das vezes, paródias da *Religião*? Como não admitir a existência de um Espírito universal regendo todas as coisas, tanto os átomos como os mundos, tanto a menor planta como o mais pequeno animal, tão magistralmente como os globos do sistema solar, as gêneses de nebulosas, os milhões de sóis da Via-Láctea? A Religião, a crença em um Deus infinito – *e desconhecido para nós* – impõe-se a toda entidade que pensa.

Respondem-me que as religiões são formas diversas dessa crença geral num Ser supremo, que essas formas estão ao alcance do nosso entendimento, que são úteis para os fracos de espírito, para os preguiçosos, para aqueles que não têm sequer a força de vontade de pensar e que encontram solução fácil dos seus atos nas fórmulas dogmáticas, que vedam toda a investigação e exigindo a submissão passiva ao mistério, sem procurar levantar-lhe o véu, o que seria uma profanação.

Mas as religiões não darão, algum dia, lugar à Religião? Não se aperfeiçoarão elas, tanto as da China como as da Europa?

Será a Humanidade incapaz de formar uma crença racional? As duas ilusões e as superstições serão indispensáveis? Que as formas religiosas sejam úteis sob o ponto de vista social, que ensinem princípios de honestidade, que sejam piedosamente consoladoras de misérias, de injustiças, de lutos, ninguém pode contestá-lo. Mas por que será que certos crentes imaginam que não devem ilustrar-se? Por que a intolerância religiosa de certos sectários que proíbem e condenam a livre busca e que não admitem que se possa raciocinar de maneira diferente da sua? Será justo pensar, no século XX, com a mentalidade do ano mil? Serão necessárias duas religiões, uma para os seres instruídos, capazes de refletir, e outra para o vulgo? Até ao presente essa distinção pareceu necessária. Mas, agora?

Não haverá utilidade em separar as escórias?

O clero do tempo de Joana d'Arc não cometeu um erro em declará-la bruxa e herética e de fazer morrer no suplício de um infame braseiro essa virgem de 19 anos de idade?

Não foi Galileu condenado como herético?... etc. Por que se não há de admitir um progresso nas idéias?

Não insistamos. O lugar não é próprio para isso.

Todos os homens que pensam atravessaram as agonias da dúvida, da incerteza, sucedendo às serenidades da fé infantil. O fundador das investigações psíquicas experimentais, na Inglaterra, Fredrich Myers, fez chegar até nós o eco de uma crise análoga àquela de que falei nas minhas *Memórias*. A propósito da evolução do seu pensamento, conta o seguinte:

“Educado a Igreja Anglicana, fui um dos membros fiéis, mesmo intransigente, (*aggressively orthodox*, segundo sua própria expressão) até à idade das crises inevitáveis em que, dilacerado entre uma necessidade absoluta de certeza, quanto ao outro mundo, à devoção da fé no dogma tradicional e, de outra parte, às especulações filosóficas, decidi confiar as minhas perplexidades ao professor Sidgwick. Durante um passeio sob um céu estrelado, que jamais olvidarei, perguntei-lhe, quase a tremer, se ele pensava que, em seguida à falência da tradição, da intuição e da metafísica para resolver o enigma do Universo, haveria ainda uma probabilidade para

que o estudo de certos fenômenos observáveis da atualidade – fantasmas, espíritos, seja o que for – nos possa fornecer alguns conhecimentos valiosos relativamente ao mundo invisível. Sidgwick pareceu-me ter já meditado nessa possibilidade e, com segurança, revelou-me várias razões que justificavam uma esperança. Data dessa noite a minha resolução de me entregar a tais investigações.”<sup>3</sup>

Era a 3 de dezembro de 1869; Myers tinha 26 anos. O fim essencial da sua vida encontrava-se fixado daí para o futuro.

Todos passamos por isso. Mas o caminho de Damasco não é o mesmo para toda a gente.

Um eminente historiador, autor contemporâneo célebre, escrevia-me um dia: “Meu caro amigo, para que há de preocupar-se com as crenças vulgares? Sabe tão bem como eu que elas não se baseiam em nenhuma realidade. Sabe tão bem como eu que Adão e Eva nunca existiram; que o dilúvio não é mais do que uma inundação local exagerada; que jamais as águas subiram até ao cimo do monte Ararat; que as montanhas é que se levantaram. Sabe tão bem como eu que Jesus-Cristo não pode arrojear demônios sobre varas de porcos que se precipitariam no mar. Sabe tão bem como eu que o Papa Alexandre VI e o Cardeal Dubois, arcebispo da Regência, eram ateus e que o anticlerical Voltaire foi o mais convicto dos deístas, etc. Nestes termos, deixe esses crentes tranqüilos nas suas ilusões. Para que há de criar-se inimigos, quando apenas se procura o progresso da instrução geral?”

Sem dúvida. O conselho é ditado por sincera amizade. Mas seria possível estudar o problema da morte sem tocar nas crenças religiosas? Não! Isso é impossível, desde que tal problema é o próprio fundamento da Religião. Respeitemos as crenças, as ilusões, mas esclareçamo-las com novas luzes. O mundo marcha. *Ad veritatem per scientiam!*

\* \* \*

Os livres investigadores têm diante de si duas espécies de adversários: os crentes, num pólo; os materialistas, noutra pólo. Quando redigia estas linhas, recebi uma longa e sábia dissertação do meu ilustre amigo Camilo Saint-Saëns, discutindo os

meus argumentos, com a convicção de que todos os espiritualistas laboram em erro e nada encontrarão: “Perdoa-me – escrevia-me ele amavelmente –, mas apesar de todos os teus raciocínios, apesar da tua grande autoridade devida ao teu excepcional valor e à tua inteligência fora do comum, não creio na alma. Quanto a Deus, quando vemos o que se passa...”

Esperar convencer toda a gente é uma utopia, confesso-o.

Camilo Saint-Saëns é, seguramente, um dos maiores espíritos do nosso século. Possui instrução sobre todas as coisas, especialmente sobre astronomia, história das religiões, telepatia, premonições, sensações psíquicas, e aponta-me até o seguinte fato pessoal:

“Quando eu apresentei a primeira vez a minha candidatura à Academia das Belas Artes, não fui nomeado. Fiquei bastante contrariado e disse mentalmente, contemplando os leões egípcios que tão extravagantemente ornamentam a fachada do Instituto: – Tornarei a apresentar-me *quando os leões se voltarem*.

Tempos depois *os leões eram voltados!*”

Respondi a Saint-Saëns: “És o mais encantador dos amigos, o mais poderoso dos músicos, a glória do Instituto, um dos profundos pensadores da nossa época; mas, *não és lógico*. Como é que um agregado qualquer de moléculas químicas, no teu crânio, poderia segregar essa premonição estranha? Uma idéia não pode ser produzida por um aparelho material. Teu espírito viu um aspecto do futuro, sem prever isso.”

E julgo o meu ilustre amigo tanto mais ilógico quanto, além da premonição de que acabamos de falar – que, de resto, não era mais do que exaltação, mas exaltação *do espírito* –, foi objeto de outras manifestações de ordem essencialmente psíquica, porque me escrevia também:

“Tive pessoalmente exemplos da telepatia, a presciência do futuro; apontar-te-ei alguns: Nos tempos já distantes em que eu habitava uma casa no alto do bairro Saint-Honoré, trabalhava muito. Ora, quando eu estava completamente absorvido no meu trabalho, acontecia-me, bruscamente, come-



çar a pensar numa pessoa conhecida. Instantes depois – o tempo de atravessar o pátio e subir a escada – alguém tocava à campainha: era a pessoa em quem eu pensara. A princípio, acreditei no acaso; mas à vigésima vez!...

Esse fenômeno durou muitos anos.

Na minha juventude, um pintor meu amigo mostrou-me um quadro que destinava à exposição anual. Nunca tinha exposto e ignorava se o seu trabalho seria admitido. Ao olhar o mesmo quadro, vi-o na primeira sala do Palácio da Indústria, ao cimo da escadaria, num certo lugar. No dia da abertura do *Salon* fui lá e encontrei o quadro no lugar previsto.”

Não será o espírito que está em jogo aqui? Como ver nisso uma propriedade da matéria? Esses fatos psíquicos são freqüentes, o que os meus leitores não ignoram.

\* \* \*

Para resumir este capítulo, parece-me que, levando em consideração todas as objeções, todas as dificuldades aparentes, tomando a Humanidade tal como é, com suas diversidades de caráter, de percepção, de entendimento e de interpretação, devemos reconhecer que o homem não é apenas um agregado de moléculas materiais, mas que é muito mais complexo do que o ensina a Fisiologia clássica, e que é portador de elemento psíquico distinto do organismo físico, químico, mecânico.

Os fatos expostos em nosso primeiro volume, assim como todos os congêneres, provam de forma irrecusável a existência da alma.

Todas as argúcias e todas as sutilezas que se podem imaginar nas suas variadas discussões não neutralizam as conseqüências que se impõem. Um fato de observação é um fato. Apesar do que possa pensar Henri Poincaré, o movimento da Terra é um fato. Todas as dissertações metafísicas, em que nos desviemos, não impedem o nosso globo de girar nem as faculdades intrínsecas da alma de provarem a sua existência, absolutamente distinta de tudo quanto pode normalmente ser atribuído a um organismo fisiológico material.

Temos contra nós, em nossas investigações, três categorias de adversários irreduzíveis ou pouco menos:

- 1º) os que escarnecem de tudo, não se interessando por nada;
- 2º) os materialistas convencidos, por princípio, de que a matéria tudo produz;
- 3º) as almas fechadas num dogma estreito (independente da religião a que pertençam), que estão seguras e satisfeitas das suas crenças.

Os adeptos da Verdade formaram sempre a minoria, apesar dos mais perseverantes esforços dos investigadores independentes.

Guardemos, porém, essa perseverança. O bom grão termina por germinar. Todavia, cada um de nós corre para a morte, inevitavelmente, e ninguém está livre por pensar ou não nela. Parece, no entanto, que a razão deveria impor-se. Não desesperemos nunca do progresso. O mundo marcha. A verdade triunfa gradualmente. Quando fundei a Sociedade Astronômica de França, em 1887, o diretor do Observatório de Paris, o Almirante Mouchez, declarou-me que tal tentativa não tinha futuro, dada a indiferença geral, de um lado, e de outro as rivalidades pessoais dos sábios entre si. No início dessa fundação éramos apenas doze. Por mim, não duvidava de que os sócios se contariam um dia por milhares, de que os meus sucessores na presidência dessa sociedade seriam as glórias do Instituto, os astrônomos oficiais das Repartições das Longitudes, os diretores dos Observatórios, as mais elevadas autoridades da Universidade de França: Faye, Tisserand, Janssen, Henri Poincaré, Deslandres, Puiseux, Baillaud, o Conde de la Baume Pluvinel, Paul Appell, etc., e que o orçamento anual dessa fundação ultrapassaria mais tarde a soma de cem mil francos. Não! Não desesperemos jamais do progresso. E não nos surpreendamos nem nos aflijamos com as diversidades de opiniões. A discussão livre e leal é necessária para a conquista da Verdade.

Penetremos agora um pouco mais para frente acerca do conhecimento do homem.

A marcha lógica do nosso estudo vai conduzir-nos às manifestações e aparições de moribundos e de mortos. Mas há aparições de vivos que importa verificar primeiro, como intermediários entre os dois mundos.

O ser humano compõe-se de dois elementos distintos: a alma e o corpo. O corpo é visível e ponderável. A alma pode manifestar-se fisicamente nos *duplos* de vivos. Que é o *duplo*?

\* \* \*

## **Apêndice referente à nota de número 2 Sobre a aparição de Nossa Senhora de Lourdes**

A discussão desse assunto especial levou-me a novo inquérito que foi feito, para mim, em agosto de 1920, por amigos devotados, e fui obrigado a modificar o texto das páginas 148-150 (capítulo V) das primeiras edições do tomo I (a partir do 35º milheiro). Dois habitantes de Lourdes (que possuem excelente memória) contemporâneos das aparições, um certo M. B. de 90 anos de idade atualmente, lembra-se muito bem, assim como sua mulher, da bela Sra. P., das suas aventuras amorosas, dos seus vestidos de seda e dos chistes lançados nessa época, a propósito das visões de Bernadette. Mas a lenda local não me parece tão solidamente fundada como se julga. Resulta desse inquérito que a Sra. P. deu o ser a uma filha a 8 de fevereiro de 1858. Poderia ela fazer um passeio no dia 11? Nesse dia o tempo era calmo, mas o céu estava coberto de nuvens. No domingo seguinte (data da segunda aparição) o Sol era radiante, o tempo magnífico e fazia um dia primaveril. É, todavia, notável que no primeiro dia a aparição se conservasse muda e que no domingo seguinte falasse longamente, assim como na quinta-feira, dia 18.

Parece que se perguntou a Bernadette se a Santa Virgem era mais linda do que a Sra. P. e que ela respondeu ser a Virgem muito mais bela (carta 4.256, de 30 de agosto de 1920.<sup>4</sup> Lasserre alude a este assunto no seu trabalho sobre *Lourdes*, edição de 1892, 319 milheiro, que tenho diante de mim, à página 33.

A gruta, nessa época, não era acessível senão pelo lado de cima, por um caminho aberto na montanha, o mesmo que Bernadette tomou, à terceira aparição.

Precisamente a propósito de Lourdes, foi-me dirigida, dessa localidade, uma carta, a 11 de junho de 1920, por um dos seus habitantes (carta 4.159), convidando-me a aceitar que a pequena inocente Bernadette foi simplesmente lograda por uma alucinação, sem que um dos passeios amorosos da Sra. P. a isso fosse associado. Contudo, o oficial G., amante da Sra. P., conservou-se toda a vida tão estupefato como convencido dessa associação.

Escreveram-me também: “Bernadette não era idiota, mas apenas *fraca de espírito*. O crente entusiástico Lasserre declara, no entanto, que ela era criatura de aspecto doentio; que, aos 14 anos ninguém lhe daria mais de 11 ou 12; que não sabia ler nem escrever e que não pudera fazer a sua primeira comunhão por conhecer apenas a algaravia pirenaica; era, além disso, sujeita às opressões de uma asma que muito a fazia sofrer. Passara a infância a guardar carneiros.

Mas todos esses pormenores valem o tempo que despende-ríamos a discuti-los, pois que as alucinações clássicas se produzem sem causa objetiva?

## CAPÍTULO II

### Os “duplos” de vivos

*“Conhece-te a ti mesmo.”*

*O oráculo de Delfos*

Iremos estudar, examinar, discutir numerosas aparições e manifestações de moribundos e chegaremos, depois, às aparições e manifestações de mortos. Ora, há aparições de vivos que se nos apresentam como introdução inteiramente natural aos estudos mais complexos que se seguirão. Esses desdobramentos do ser humano, essas bilocações,<sup>5</sup> foram alvo de observações minuciosas. Certamente, contradisseram-nas, negaram-nas, por efeito de raciocínios insuficientes, em virtude da recusa em se admitir o que não se compreende. Sejamos mais independentes, procuremos instruir-nos, não neguemos nada com antecipação, demos-nos ao trabalho – ou ao prazer – de analisar com toda a liberdade de espírito.

Existem duas espécies de desdobramentos: os inconscientes e os conscientes. Ocupemo-nos, primeiramente, dos desdobramentos involuntários. Examinaremos seguidamente as aparições experimentais entre os vivos.

Os meus leitores conhecem já muitos exemplos de aparições de vivos publicados nas minhas obras precedentes e seria supérfluo repetir aqui esses exemplos diversos. Puderam ver, em *Urânia*, a narrativa de Cícero acerca de um rapaz bem vivo, mas ameaçado de assassínio, aparecendo a um amigo seu e clamando por socorro; a história de uma alsaciana mostrando-se, no Rio de Janeiro, a um compatriota seu, apesar de encontrar-se, a bordo de um navio, a centenas de quilômetros de distância; a de Robert Bruce vendo perto de si, na embarcação em que viajava, um desconhecido, escrevendo numa ardósia e reconhecendo, seguidamente, essa mesma pessoa, que se lhe havia revelado durante o sono; o Barão de Sulza, camarista do Rei da Suécia, falando com

seu pai, à entrada do parque, ao passo que este estava na cama, em sua casa. Puderam ver também, em *Estela*, a história do Bispo Afonso de Liguóri, a transmissão do seu pensamento e da sua forma corpórea, do convento de Nápoles, em que estava, para Roma, para o leito de morte do Papa Clemente XIX, a quem assistiu na hora extrema, em 1774, em pleno século da incredulidade. Podem recordar-se igualmente de haverem lido, em *O Desconhecido*, a visita da Sra. Vilmot, a seu marido, então numa “cabine” de navio, em pleno oceano longínquo, visita percebida ao mesmo tempo por um outro viajante, não sem surpresa e corroborada por ele, e ainda, em *Urânia*, a observação pessoal que me foi narrada, em 1868, pelo frio e arqui-ponderado J. Best, administrador do *Magasin Pittoresque*, quando, ainda criança, deitado no seu pequeno berço, em Taul, viu passar diante de si a sua mãe, que a essa hora morria em Pau, observação que pode ser multiplicada por cem, por mil. A dúvida não é possível. Viuse mais, no tomo I desta obra, a aparição da mulher do inspetor de Instrução Pública em Bombay e sua irmã, Sra. Russell, então na Escócia, e a do amigo do Sr. Dutton. Todos esses fatos são observados hoje com certeza irrecusável.

Não voltarei a mencionar tais observações, que suponho conhecidas dos que me leram, e tenho, de resto, tantos fatos a estudar, a comparar, que devo conceder preferência aos novos.

Os exemplos de *duplos*, de bilocações, de aparições, são de tal forma numerosos que será impossível aniquilá-los a todos e suprimir-lhes a realidade. Ora, admitir um só desses exemplos será admitir a sua possibilidade.

Outrora os santos pareciam ter o seu monopólio: tais como Santo Ambrósio vendo, de Milão, a morte de S. Martinho, em Tours; Santo Antônio da Pádua pregando em Montpellier; Santa Catarina de Ricci, de Prato, conversando com S. Filipe Nery, em Roma; S. Francisco Xavier dirigindo uma barca; Santo Afonso de Liguóri, de quem acima falamos, etc. Outrora acreditava-se nos milagres e os procuravam mesmo, na vida dos santos; hoje os laicos, como poderemos chamar-lhes, produzem idênticos fenômenos.

Relembremos o caso tão notável de Goethe:

“O poeta passeava, por uma tarde chuvosa de verão, com o seu amigo K., que tinha regressado com ele do Belvedere, em Weimar. De repente, deteve-se, como diante de uma aparição, e deixou de falar. O seu amigo de nada duvidava. A certa altura, Goethe exclamou:

– Meu Deus, se não tivesse a certeza de que o meu amigo Frederico se encontra neste momento em Francfort, juraria que é ele.

Não tardou a soltar uma grande gargalhada, dizendo:

– Mas é, com efeito, o meu amigo Frederico!... Tu, aqui, em Weimar? Mas, bom Deus, meu caro, que figura a tua, com o meu *robe-de-chambre*, o meu barrete de dormir e os meus pantufos nos pés, aqui, nesta estrada!...

O companheiro do poeta, não vendo absolutamente nada, atemorizou-se, julgando que Goethe tivesse enlouquecido de repente; mas ele, abrindo os braços, bradou:

– Frederico, onde te escondeste?... Justos céus! Meu caro K., não notou onde se escondeu a pessoa que acabamos de encontrar?

K., estupefato, nada respondeu. Então o poeta, voltando a cabeça para todos os lados, murmurou, com ar sonhador:

– Sim! Compreendo! Trata-se de uma visão!... No entanto, qual será a significação de tudo isto? Teria o meu amigo morrido subitamente?... Seria, na verdade, o seu espírito?...

Pouco depois Goethe entrava em sua casa, encontrando Frederico aí. Levantaram-se-lhe os cabelos.

– Para trás, fantasma! – exclamou ele, recuando e pálido como um cadáver.

– Mas meu caro – replicou surpreendido, o visitante – é por essa forma que acolhes o teu mais fiel amigo?

– Ah! desta vez – retorquiu o poeta, chorando e rindo ao mesmo tempo – não estou diante de um espírito, mas de um ser em carne e osso.

E os dois amigos beijaram-se com efusão.

Frederico havia chegado à casa de Goethe encharcado pela chuva, e vestira a primeira roupa do poeta que encontrou; depois adormecera numa poltrona, sonhando que ia ao encontro do poeta e que ele o interpelava por estas palavras (as mesmas, justamente, que Goethe pronunciara): “Tu, aqui, em Weimar? O quê?... Com o meu *robe-de-chambre*, o meu barrete de dormir, os meus pantufos, na estrada?...”

Nessas incríveis histórias de *duplos*, que só negativistas de má fé se podem recusar a admitir, confesso desde já que o que sempre me pareceu mais embaraçoso, como nas histórias de fantasmas, foi o vestuário. Inventaram-se há muito tempo o corpo astral, o perispírito, o corpo espiritual (tão velho como S. Paulo); essas invenções não explicam os vestidos. Todavia, nem os vivos nem os mortos se mostram nus.

Começemos a nossa discussão pela aventura de Goethe. Creio que se trata aqui de uma transmissão *de imagens* por ondas psíquicas entre dois cérebros harmonicamente afinados, desempenhando um o papel de aparelho emissor de ondas e o outro o de receptor.

A física moderna oferece-nos exemplos que podem colocar-nos no caminho da explicação, na telegrafia, na fotografia e na telefonia sem fios. Neste último caso, não é a palavra que se desloca de um ponto para o outro. Decompõe-se em ondas hertzianas para ir do ponto de partida para o ponto de chegada, onde o detector de recepção a reconstitui pela audição.

O sonho do amigo de Goethe pôde transmitir-se ao poeta sob a forma de ondas etéreas, as quais, impressionando-lhe o cérebro, reconstituíram a imagem real (todas as imagens se formam, de resto, em nosso cérebro).

Não temos o direito de nos recusar a admitir no admirável aparelho que é o nosso cérebro, dotado de faculdades físicas e mecânicas tão extraordinárias, as propriedades que utilizamos nos aparelhos científicos que nós mesmos construímos. Mas o autor é o *espírito*.

Acerca dessa narrativa de Goethe e de outras idênticas, julgava-se, há cinquenta anos, que poderia substituir-se toda a expli-



cação por uma palavra, uma simples frase. Ei-la: *Alucinação, ilusão, nada!*

Não se era muito exigente!

Podemos notar muitas outras observações psíquicas na vida de Goethe. Aqueles que leram as suas *Memórias* viram a narrativa dos seus amores com a encantadora filha do pastor de Sessenheim, perto de Estrasburgo, idílio muito apaixonado, de resto, e que no seu coração deixou uma lembrança imperecível. Quando chegou a hora do adeus, Goethe reentrou na Alemanha com a alma cheia da imagem da francesinha. Era em 1771. Choraram copiosas lágrimas, mas era necessário que se separassem...

Ouçamos agora o que diz o futuro autor do *Fausto*:

“Ao passo que me afastava lentamente da aldeia, vi, não com os olhos da carne, mas com os da inteligência, um cavaleiro que, pelo mesmo trilho, avançava para Sessenheim; *esse cavaleiro era eu mesmo*. Envergava uma veste de cor cinzenta bordada de galão dourado, como eu jamais vestira; agitei-me para sacudir esta alucinação e nada mais vi. É extraordinário que, volvidos oito anos, *encontrei-me nessa mesma estrada* fazendo uma visita à minha Frederica com o *mesmo vestuário* com o qual apareci a mim mesmo. Devo acrescentar que não era essa a minha vontade, mas que só o acaso fez que eu vestisse tal roupa. Pensem os meus leitores o que quiserem dessa visão estranha; a mim, parece-me profética, e como disso me resultasse a convicção de que eu tornaria a ver a minha bem-amada, deu-me a mesma visão a coragem de suportar a dor das despedidas.”<sup>6</sup>

Esses dois exemplos tirados da vida de Goethe indicam-nos, imediatamente, que a questão dos *duplos* é em extremo complexa e impelem-nos um pouco mais para a frente no mundo novo que começamos a explorar com o nosso primeiro volume. Neste caso trata-se não de um *duplo*, mas de uma dessas visões do futuro, cuja realidade foi encontrada neste volume. Admitimos, pois, como reais esses dois fatos psíquicos associados à vida de Goethe.

As observações de *duplos* foram freqüentes em todos os séculos.

O filósofo Jerônimo Cardan, de Pávia (1501-1576), que a partir dos seus 55 anos podia, à sua vontade, cair em êxtase, descreve-nos pela seguinte maneira essa exteriorização psíquica:

“Quando entro em êxtase, tenho muito próximo do coração como que o sentimento de que a alma se destaca do organismo e essa separação produz-se seguidamente por todo o corpo, especialmente pela cabeça e pelo cérebro. Depois disso não tenho a noção de outras quaisquer sensações, exceto a de me sentir fora do corpo.” (Durante o êxtase ele não sentia a gota de que sofria bastante, no estado normal, porque toda a sua sensibilidade estava exteriorizada.)<sup>7</sup>

Alfredo de Musset via, às vezes, sentar-se a seu lado um homem que “se parecia tanto com ele como se fora seu irmão”.

George Sand afirma que tivera muitas vezes a alucinação visual e auditiva de seu *duplo*.

Guy de Maupassant, no início da paralisia geral que devia arrebatar-lo, via com terror um *duplo* de si mesmo sentado à sua mesa, e foi nessa alucinação que se inspirou, ao escrever a *Horla*.

As manifestações de *duplos* correspondem, na maior parte das vezes, a certos estados psíquicos anormais. Pode não haver aí, em grande número de casos, senão alucinações, mesmo perigosas, interiores ao cérebro, subjetivas, sem nada de objetivo, de exterior. Mas essas ilusões não suprimem as realidades. Penetremos esse curioso estudo:

“Em 1845 existia na Livônia, a 58 quilômetros de Riga e a 6 quilômetros da pequena cidade de Volmar, um colégio para meninas da nobreza, designado pelo nome de “Pensionato de Neuwelcke”. O diretor, nessa época, era um certo Sr. Buch.

O número de alunas, quase todas pertencentes a famílias fidalgas da Livônia, era de 42; entre elas contava-se a segunda filha do Barão de Güldenstubbé, de 13 anos de idade.

Havia, entre outros professores, uma mestra de francês, a Srta. Emília Sagée, natural de Dijon. Tinha o tipo do norte: era uma loura de belíssima carnação, com olhos azuis claros, elegante, de altura um pouco maior do que a mediana. O seu gênio era amável, doce e alegre. Inteligente e de perfeita educação. Sua saúde era boa. Os diretores estavam inteiramente satisfeitos com o seu processo de ensino. Contava então 32 anos.

Poucas semanas depois da sua entrada no colégio, começaram a circular, entre as estudantes, singulares boatos acerca da sua conduta. Quando uma afirmava tê-la avistado em tal parte da casa, garantia outra havê-la encontrado em sítio diverso, no mesmo instante, dizendo:

– Não! Isso não pode ser. Acabo de cruzar-me com ela na escada, etc.

A princípio, acreditou-se numa confusão, num equívoco; mas, como o fato se reproduzisse continuamente, as meninas deram-se a comentá-lo. Os professores declararam que tudo isso não tinha senso comum e que se não devia ligar ao caso a menor importância.

Mas as coisas não tardaram a complicar-se.

Um dia em que Emília Sagée dava lição a 13 das suas discípulas, entre as quais estava a Srta. de Guldenstubbé, e que, para mais nitidamente fazer compreender a sua demonstração, escrevia numa lousa a passagem a explicar, as alunas viram de repente, com grande terror, duas Sagées, uma ao lado da outra. *Pareciam-se ambas exatamente e faziam os mesmos gestos.*

Somente, a pessoa verdadeira tinha na mão um pedaço de giz com o qual escrevia efetivamente, ao passo que seu *duplo* não possuía giz e contentava-se com imitar os movimentos que a outra fazia para escrever. Daí resultou grande sensação no estabelecimento, *tanto mais que todas as estudantes, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam absolutamente de acordo na descrição que faziam do fenómeno.*

Mas o incidente mais notável foi, certamente, o seguinte: Certo dia, todas as alunas, em número de 42, encontravam-se reunidas em um mesmo compartimento, ocupando-se em trabalhos de bordados. Era uma grande sala no rés-do-chão, com quatro grandes janelas; todas as pensionistas estavam sentadas diante da mesa e podiam ver o que se passava no jardim, ao mesmo tempo em que trabalhavam e viam a Srta. Sagée entretida a colher flores, não longe da casa. Na extremidade da mesa permanecia uma outra mestra, encarregada da vigilância, sentada em uma poltrona forrada de marroquim verde. Em dado momento essa senhora saiu e a poltrona ficou desocupada. Mas isto foi por pouco tempo, porque as alunas não tardaram a ver aí a forma da Srta. de Sagée. Imediatamente olharam para o jardim, vendo-a sempre ocupada em apanhar flores; apenas os seus movimentos eram mais vagarosos e mais pesados, parecidos com os de uma pessoa *cheia de sono e esgotada de fadiga*.

Contemplaram de novo a poltrona, deparando-se-lhes o *duplo* sempre sentado, silencioso e imóvel. Habitadas um pouco a essas estranhas manifestações, duas das estudantes aproximaram-se da cadeira e, tocando na aparição, experimentaram a sensação de encontrarem uma resistência *comparável à que ofereceria um ligeiro tecido de musselina ou de escumilha*. Uma delas ousou até passar por diante da poltrona, *atravessando*, na realidade, *uma parte da forma*. No entanto, isso durou ainda algum tempo, dissipando-se depois gradualmente a imagem. Observou-se desde logo que a Srta. Sagée havia recomeçado a colher as flores com a sua costumada vivacidade. *As 42 pensionistas observaram, de mesmo modo, o fenômeno*.

É fácil de supor que semelhante estado de coisas não podia ocorrer sem conseqüências num pensionato de moças. Os pais retiraram grande número de alunas e, ao cabo de 18 meses, de 42 apenas restavam 12. O diretor teve de despedir a Srta. Sagée, apesar do seu valor profissional e da sua excelente conduta. A Srta. de Guldenstubbé ouviu-a exclamar, em desespero:

– Ai de mim! É esta a décima nona vez, desde os meus dezesseis anos, que sou forçada a abandonar o meu cargo de professora!”

Esse curioso exemplo de desdobramento foi publicado em 1849 pelo Sr. Robert Dale Owen,<sup>8</sup> que dele havia sido informado em primeira mão pela Baronesa Júlia de Güldenstubbé; pela revista *Light* (1883, pág. 366), com pormenores; por Aksakof, que a testemunha,<sup>9</sup> e pela maior parte dos escritores psíquicos. Conheci outrora (em 1862) o Barão de Güldenstubbé e sua irmã. Eram extremamente sinceros, talvez um pouco místicos, mas de uma lealdade inatacável.<sup>10</sup>

Viu-se mais acima que a Srta. Sagée era de Dijon. Encontrando-me próximo dessa cidade (no solar de Quincey) em agosto de 1895, procedi a investigações para saber se uma família Sagée ali existira ou existia ainda; o resultado das buscas por mim realizadas acerca dos registros do estado civil de Dijon não é despido de curiosidade: essa professora tinha 32 anos em 1845. Havia nascido, portanto, em 1813. Nos registros civis de Dijon não se encontra nenhuma família Sagée; mas consignavam o nascimento, em 3 de janeiro de 1813, de uma criança de nome Otávia Saget, “filha natural”. Este nome parece-se de tal modo com o da professora que se torna difícil duvidar da identidade. A sua vida nômade na Alemanha e na Rússia não se explicará pelo seu irregular nascimento? A memória da Srta. Güldenstubbé teria determinado ligeira confusão tanto no prenome como na ortografia do nome? É possível, dado o fato de que todas essas narrativas foram relatadas em línguas estrangeiras. A professora, alarmada com as suas 18 mudanças de situação, não teria, de resto, alterado um pouco o seu apelido?

Carl du Prel falou dessa história de desdobramento na sua obra *A Morte e o Além* (1905) e ortografou o nome Emília Saget. “Seu corpo astral – escreve ele – foi visto por todo um pensionato de moças durante o tempo em que ela permaneceu no Colégio.”

Ouvi várias pessoas, convencidas do seu saber, pensarem que resolviam o problema por estas duas palavras: “*alucinação coletiva*”. É contentarem-se com pouco. Podemos repetir, com o

professor Morsélli, diretor da clínica de doenças mentais na Universidade de Gênova, o que ele dizia a propósito das sessões de Eusápia:

“Esta explicação não é una, atendendo a que as visões obedecem às leis normais da óptica (perspectiva, perfis de face, oblíquos, etc.) e além disso são discutidas por todos os percipientes. Seria belo caso para um alienista habituado há muitos anos, como eu, a discernir, a diagnosticar os estados ilusórios e alucinatórios, que grupos de seis, de oito, de doze pessoas, de inteligência sã e na posse dos seus sentidos regulares, permaneçam todas e a um tempo, sem nenhum *processus* patológico ou por um *processus* mórbido incompreensível que não duraria senão alguns momentos, sob a forte impressão de uma alucinação sem causa, regressando imediatamente, como se nada houvesse acontecido, à sua plena saúde funcional de nervos e de cérebro. Era inadmissível!”

E depois, temos diante dos olhos muitos fatos concordantes análogos.

Não! Não houve alucinação coletiva. A professora perdeu o seu cargo 19 vezes, por causa do seu desdobramento. Esse *duplo* era real, objetivo. É provável que se tivesse podido fotografar (fotografei, de trinta anos a esta parte, no meu Observatório de Juvisy, o arco-íris, que não existe, que não é real, sob o qual ninguém poderá passar, que não existe mesmo para dois observadores próximos um do outro e que nada mais representa do que aparência óptica).

O *duplo* de que vou falar não teria podido fotografar-se, embora tenha sido visto por duas pessoas. Devo as informações ao General Berthaut, antigo diretor do Serviço Geográfico do Exército, antigo membro do Conselho do Observatório de Paris, que recentemente me assinalou (2 de abril de 1920), com as notas seguintes:

“Respondo inteiramente pela sinceridade absoluta das observações que vou submeter-lhe e confio ao senhor tanto os nomes dos observadores como as circunstâncias em que tais observações se realizaram; mas, se reproduzir os fatos numa

das suas obras, peço-lhe que elimine os nomes mencionados; a publicidade que se lhes desse poderia ser inconveniente para os amigos de que falo ou para os seus parentes.”

Eis a observação, do mais alto valor:

(CARTA 4.125)

“Em 1870, no cativeiro de Mersebourg (Prússia), liguei-me a um oficial pertencente a outro Regimento, um tenente de nome..., porque ambos nos dávamos à pintura. Ele era mais velho do que eu, tinha-se demitido, mas declarada a guerra retomara o serviço no seu antigo Regimento e fora feito prisioneiro, em Sédan, como me acontecera. Interessava-se pelas ciências ocultas e é a esta circunstância que eu devo o ter-me também ocupado delas.

Depois da guerra o meu amigo voltou à vida civil, reentrando em casa de seus pais, em ... Vinha ver-me a Paris e, por minha parte, eu ia igualmente, muitas vezes, passar alguns dias com ele.

O pai do meu amigo era capitão de Cavalaria, reformado, e sua mãe uma senhora muito digna e piedosa. Ambos possuíam caráter benevolente, muito sério e honrado. Jamais lhes passaria pela mente uma mentira ou mesmo uma brincadeira de mau gosto. A sua situação era modesta, a sua vivenda muito simples. Reuníamos-nos num grande compartimento do rés-do-chão, que servia de sala e de gabinete de trabalho ao meu amigo. Era aí justamente que ele tinha os seus livros, as suas telas, os seus cavaletes e, num ângulo do salão, à esquerda de quem entrava, uma lousa.

Na noite de 1º de setembro de 1870, dia da batalha de Sédan, pelas 9 horas, os pais do meu camarada estavam sentados, em face um do outro, dos dois lados do fogão, no qual repousava um candeeiro. De repente, viram *ambos* abrir-se a porta, e seu filho, fardado, entrar na sala, fechando a mesma porta. Em seguida, dirigiu-se para a lousa, pegou num pedaço de giz, traçou um círculo com um ponto no centro. De-

pois disto e sem uma palavra nem um olhar para seu pai e sua mãe, o meu amigo tornou a abrir a porta e saiu.

Um momento surpreendidos, os dois terminaram por se levantar e, pegando no candeeiro, puderam verificar que, na ardósia, não havia nenhum traço do círculo desenhado pelo fantasma de seu filho.

Eis o fato. Um e outro o viram da mesma forma; nenhum pormenor, nem do vestuário nem da atitude do filho, é discordante. O que o pai observou, *voltando o rosto para a direita*, observou-o identicamente a mãe, *voltando o rosto para a esquerda*. Comentamos esta história, eu e o meu camarada, em presença dos seus.

Que fazia ele, pelas 9 horas da noite, depois da batalha? Não se lembrava de nada.

Provavelmente dormia. Estávamos ambos muito fatigados. Pelo que me dizia respeito, havia passado doze horas a cavalo, sem pôr pé em terra uma única vez. Pelas 9 horas devia estar a dormir; ele também. Mas o certo é que o meu amigo nunca teve consciência de haver ido em espírito à sua aldeia, de entrar em sua casa e de traçar um círculo a giz na sua lousa.

Quanto a este mesmo círculo, explicava-se. Queria dizer que ficara prisioneiro: um círculo com um ponto ao centro. Mas não conservava disto a menor recordação.

Deixei de estar em relações com o meu camarada quando parti para o Japão como chefe de missão militar em 1884, donde só regresssei em 1889. O pai e a mãe de meu amigo estão, evidentemente, mortos e é possível que o filho também tenha morrido.”

Não podemos duvidar, de modo algum, da autenticidade da aparição relatada nesse documento pelo General Berthaut. Os pais do tenente viram-no, na realidade, “o que se chama ver”, não em sonho, mas bem acordados. No entanto, o círculo que o filho traçara não existia. Que concluir disto? O oficial, adormecido, ao longe, no cativeiro, pensou na sua família, transportou-se em espírito à sua habitação, abriu e fechou a porta, em espíri-



to, tomou o giz e desenhou o círculo, sempre em espírito, e estes atos atuaram no cérebro de seus pais, sem que nada houvesse aí de objetivo, de material, de ponderável, de tangível. Para nos recusarmos a admitir essa autenticidade ser-nos-ia preciso supor que ambos foram ludibriados, no mesmo momento, por outra alucinação sem causa, correspondendo todavia ao cativo de seu filho, de que não podiam duvidar. A hipótese pareceria a mais provável há 50 anos e antes dos nossos conhecimentos atuais; hoje não é aceitável. Esse *duplo* do tenente de 1870 era um *pensamento-forma*.

Que variedade, nas aparições de vivos!

Um *duplo* bem caracterizado de vivo foi assinalado em 1905 pelos jornais ingleses, *O Império*, de 14 de maio, o *Daily News*, de 17 de maio, etc. e reproduzida nos *Anais das Ciências Psíquicas* de junho de 1905, sob o título de “Uma aparição na Câmara dos Comuns”. Eis o relato publicado:

“Pouco tempo antes das férias parlamentares da Páscoa, o Major Sir Carne Raschse teve um ataque de influenza que se complicou de neurose. O seu estado, muito grave, impediu-o de ir à Câmara dos Deputados, apesar do seu desejo de apoiar o Governo na sessão noturna que precedeu as férias e que podia ter sérias conseqüências. Foi então que o meu amigo Sr. Gilbert Parker ficou ao mesmo tempo surpreendido e cheio de tristeza ao vê-lo próximo do seu lugar habitual. Eis o que a esse respeito diz o próprio Sir Gilbert:

– Eu queria tomar parte no debate. Os meus olhos fitaram Sir Carne Raschse, sentado próximo do lugar que costumava ocupar. Como sabia que estava doente, fiz-lhe um aceno amigável, exclamando: “Estimo que passe melhor”.

Mas, não me respondeu, o que me intrigou. O seu rosto estava muito pálido. Sentava-se, apoiando-se tranqüilamente em uma das mãos; a expressão da sua figura era severa e impassível. Meditei um momento no que deveria fazer; quando me voltei para ele, havia desaparecido. Lamentei-o e comecei desde logo a procurá-lo, esperando encontrá-lo no

vestíbulo. Mas nem Raschse estava aí nem ninguém o tinha visto.”

No *Daily News* de 17 de maio, Sir Artur Hayter juntou o seu testemunho ao de Sir Gilbert Parker. Declarou que também vira Sir Carne Raschse e que, além disso, ele chamara com a sua presença a atenção de Sir Henry Bannerman.

Esse parlamentar ficou muito surpreendido ao receber, pouco depois, as felicitações dos seus dois amigos que o cumprimentavam por ter escapado à morte; e espantou toda a sua família com a história da tal aparição. Quanto a ele, não duvidava, realmente, de haver ido, em espírito, à Câmara, porque tinha estado preocupadíssimo com a idéia de assistir à sessão para intervir num debate que particularmente o interessava.

Esse *duplo* era bem real; três testemunhas o viram.

Eis uma outra que se lhe assemelha singularmente. O jornal *O Tempo*, de 3 de julho, narra o seguinte fato:

“*Correspondência de Inglaterra* – Corria há dias o boato de que a parte do palácio dos Comuns que dá para o pátio do *speaker* estava assombrada. Não se dizia se o espectro se aventurara alguma vez pelos corredores da Câmara.

Muitos membros do Parlamento inquietaram-se com isto. Acabou-se, finalmente, por descobrir a verdade. O fantasma não é uma *alma do outro mundo*, mas o *duplo* de pessoa ainda viva. E essa pessoa é a esposa de um dos principais funcionários do palácio de Westminster, o Sr. Archibald Milman, Secretário da Câmara dos Comuns (com o ordenado de 38.000 francos).

A Sra. Milman conta por esta forma a história do seu espectro:

– Por mais estranha que se julgue, é verdadeira. E já dura há anos. Aflige-me um outro *eu* que se encontrará onde eu não estiver. Há dias, um amigo despediu-se de mim, na sala de trabalho em que me dedico a encadernar livros. Logo ao sair, encontrou-me no patamar. Intrigado, desvia-se para me deixar passar. Ora, eu não me tinha mexido.

A cada momento são aventuras idênticas. Uma das criadas abandonou o meu serviço por estar muito nervosa, pois a freqüência dessas aparições tornava-a positivamente enferma. Ainda hoje uma senhora nova que vive conosco me viu no pátio sem que eu tivesse abandonado a casa.

Nunca vi o meu *duplo*. Mas escutei-o. Uma noite, acabava de entrar no meu quarto, quando ouvi ranger o soalho e saí ao patamar. Todas as portas que eu acabara de fechar estavam abertas. Reentrei precipitadamente e chamei ao mesmo tempo pela criada e pelo mordomo. Só há uma escada; a criada dorme nas águas-furtadas e o mordomo no subsolo. Deviam forçosamente encontrar o intruso. E, efetivamente, a serva nada vira, mas o mordomo ficou muito surpreendido ao avistar-me no quarto, pois que, ao que afirmava, me tinha visto abrir a porta do corredor do rés-do-chão.”

Neste como no caso precedente trata-se de um *duplo real*, objetivo.

Comparemos, estudemos.

Um *duplo* que lembra o da Srta. Sagée foi relatado pelo Dr. Georges Wyld, investigador dos mais conscienciosos; publicouse no *Light*, em 1882, (pág. 26), sendo reproduzido por Aksakof:<sup>11</sup>

“Eu tinha excelentes relações de amizade com a Srta. Jackson e sua mãe. A narrativa que me fizeram foi confirmada por uma das duas criadas que dela fora testemunha. Quanto à outra, não consegui encontrá-la.

Esta menina visitava muito assiduamente os pobres. Ora, uma vez em que regressava a casa, depois de um dia empregado no exercício da caridade, sentiu-se fatigada e indisposta por causa do frio e teve vontade de ir aquecer-se para junto do fogão, na cozinha. Justamente no momento em que essa idéia lhe passava pelo espírito, duas criadas que se encontravam na cozinha mencionada viram desandar o fecho da porta, que se abriu para dar passagem à Srta. Jackson, tendo esta se aproximado para aquecer as mãos. A atenção das servas foi impressionada pelas luvas de pele lustrosa e de

cor verde que ela calçava. Subitamente, diante dos olhos de ambas, a Srta. Jackson desapareceu. Surpreendidas, dirigiram-se à mãe da Srta. Jackson, contando-lhe o que acabava de suceder-lhes, não esquecendo mesmo o pormenor das luvas.

Esta senhora concebeu certas apreensões a tal respeito, mas procurou tranqüilizar as criadas, dizendo-lhes que sua filha nunca tivera luvas verdes e que, por conseqüência, a sua visão não podia deixar de ser ilusória. Meia hora depois a Srta. Jackson em pessoa entrava na vivenda, indo direto à cozinha e aproximando as mãos do fogão, para as aquecer. Calçava luvas verdes, por não haver encontrado luvas pretas.”

Um inquérito extremamente severo, feito pelo Dr. Wyld, verificou a exatidão desse fato.

Um *duplo* vestido precisamente como a Srta. Jackson no momento da sua aparição... e com luvas verdes! Os vestuários fazem parte do desdobramento!

Imaginar o corpo fluídico, o corpo astral, o corpo espiritual, todos os corpos etéreos que se admitirem, é coisa que me parece não resolver o problema.

Negar a realidade de tais aparições é impossível. Há muitas.

Certos espíritas julgam explicar as aparições de defuntos, com as suas vestes, supondo que o espírito que se manifesta pode igualmente, como um corpo material aparente, criar vestuários, se assim o desejar, para melhor estabelecer a sua identidade. Eis uma hipótese a discutir com extremo cuidado. Todavia ela não pode aplicar-se ao caso presente. A menina, que tinha frio, pensou simplesmente em ir aquecer-se ao fogão da cozinha, como de certo costumava fazer em circunstâncias idênticas, e dispunha-se a dirigir-se para esse lugar quando já lá estava, em espírito. Mas como é que esse pensamento impressionou a vista das duas criadas, a ponto de lhes mostrar as luvas que a Srta. Jackson calçava no momento? Não foi apenas tal pensamento que se transportou, mas a imagem, uma espécie de fotografia, um aspecto, uma figura, um simulacro, afirmava Lucrécio (liv.

IV), e isto independentemente de toda a idéia de se revelar às servas. Conhecemos aparições experimentais produzidas pela vontade: tais fenômenos são de outra ordem. Neste a que aludimos trata-se de imagem colorida e em relevo, transmitida telepaticamente, como o oficial de Sédan, com seu uniforme.

Não a explicamos. Teria alguém explicado os raios X, a vista do nosso esqueleto através do vestuário, antes desta invenção? E todas as outras descobertas científicas? A Ciência dará conta, um dia, de tudo isso.

Em grande número de casos, o *duplo* parece ser simplesmente uma projeção da pessoa, no momento em que a observamos, e tal como é nesse instante.

Uma projeção óptica.

Consagraremos um capítulo especial ao *pensamento produzido por imagens projetadas a distância*. Estas observações são de grande variedade. Comparando-as, chegaremos talvez a saber alguma coisa.

Parece-me que não seria conveniente deixar de inscrever, no capítulo dos *duplos* de vivos, a história seguinte. A carta que reproduzo é transcrita textualmente de uma correspondência que recebi de Praga, em 1902:

(CARTA 1.039)

“Senhor astrônomo:

Acedendo ao desejo do professor Hess, tomo a liberdade de assinalar um acontecimento digno dos seus estudos, de que eu garanto a autenticidade absoluta, sob a minha palavra de honra e da pessoa minha amiga que teve esta visão.

Essa pessoa chama-se Flora Kruby. Entre nós ambos não há segredos. A senhora em referência é casada, sendo-me dedicada sinceramente. Um cavalheiro do nosso conhecimento, que é médico, freqüenta, de quando em quando, a nossa companhia. Durante algum tempo a Sra. Kruby sentiu-se na impossibilidade de comparecer às nossas reuniões, e eu não a vi por espaço e muitas semanas, no decorrer das quais ela nada soube nem de mim nem do clínico menciona-

do. Um dia, quando me encontrava reunido com o médico e com várias outras pessoas, tive uma discussão com ele. Possui um coração excelente, mas exalta-se violentamente com facilidade. Fiquei de tal maneira melindrado que tomei a resolução de romper com ele e de nunca mais lhe dirigir a palavra.

No mesmo dia, devia o médico referido empreender longa viagem, para ir substituir certo professor durante muitas semanas.

No dia seguinte a Sra. Kruby (que nada sabia da viagem do médico) entrou em minha casa ofegante, contando-me, toda trêmula, com ar consternado e rosto desfigurado, o que durante a noite lhe acontecera. Entregou-me, para mim e para o senhor, esta narrativa escrita:

“Minha amiga, tive esta noite uma visão! Até hoje não havia jamais acreditado em semelhantes coisas. Pelo contrário, quando me vinham contar tais histórias, eu desatava a rir. Posto isto, atenda, escute. Não havia adormecido ainda; todas as portas estavam fechadas à chave. De repente, a porta do meu quarto de dormir abre-se de leve e alguém entra! Julguei, naturalmente, que fosse meu marido. Padecia de dor de dente há vários dias e pensei que me viesse pedir um remédio. Perguntei:

– És tu? Sofres?

Nenhuma resposta; mas, uma sombra aproximou-se rapidamente de meu leito, curvou-se sobre mim e disse:

– Sou eu, o Dr. B. Tenho um pedido a fazer-lhe.

– Meu Deus? – exclamei – terá o senhor morrido?

– Não! – replicou ele –; estou bem vivo. Tenho que fazer uma viagem de algumas semanas e, como somos todos mortais, ninguém sabe o que acontecerá. Não poderei sossegar-me enquanto lhe não solicitar uma coisa. Sei que é uma das melhores amigas da Srta. Lux e que exerce grande influência sobre ela. Pois bem! Suplique-lhe que me perdoe. Não quis ofendê-la, porque a amo sem que ela o duvide. Mas seja discreta. Só lhe direi isto a si. Inspira-me toda a confiança por-

que é leal; as outras pessoas não o são. E agora, desculpe o meu pedido.”

Em seguida a estas palavras, desapareceu, partiu, mas meu marido, que ouvira o ruído da porta ao abrir-se, despertou e exigiu-me explicações do que se passava. Não tive coragem de falar, estremei, estava profundamente perturbada; e ainda agora, quando penso em tal visão, começo a tremer de novo.

Vi o doutor com toda a nitidez, dirigia-se-me vivamente, como sempre; senti o seu hálito, porque falava em voz baixa, inclinado sobre o meu leito e muito próximo de mim.

Já muitas semanas passaram, depois dessa visão. Eu e a Sra. Kruby ocultamo-la como segredo e, quanto a mim, não podia impedir o cepticismo acerca da sua realidade. Seguidamente ao regresso do médico, perguntei-lhe como passara a noite em que se dera a nossa disputa e ele respondeu:

– Apesar da minha grande irritação, adormeci profundamente no comboio, pensando e sonhando com a sua pessoa. A sua recordação perseguia-me e só me deixou no instante em que eu, durante o sono, perdi todo o conhecimento.

Querido mestre, comunicando-lhe este acontecimento, peço à minha amiga que o assine também, para garantia mais completa.

Chegada ao fim da minha carta, tomo a liberdade de notar que tenho pela sua pessoa e pelos seus trabalhos uma tal estima e tal respeito que me seria impossível ludibriá-lo.

*Ana Lux  
Flora Kruby.”*

Esta carta foi igualmente firmada pelo professor Hess, que certifica a veracidade da narrativa.

O meu primeiro pensamento foi o de não ver nisto senão um sonho. As explicações mais simples impõem-se desde logo à nossa atenção.

Que há de subjetivo e de objetivo nesta história? Como distinguir nela o que pertence ao cérebro da narradora, ao seu sonho pessoal e o que pertence à ação telepática do médico?

A impressão é complexa. Não se vê por que o espírito do clínico, transportando-se, durante um sonho, para junto da dama em questão, teria necessidade de abrir uma porta. As radiações psíquicas passam através das paredes, como as correntes elétricas, magnéticas e outras mais. Houve nisso, certamente, uma associação de idéias. Mas, neste caso, por que a Sra. Kruby viu abrir-se a porta e seu marido ouviu o ruído que ela fazia?

Pode responder-se que a faísca, que atravessa os muros, abre também as portas. Será possível juntar o caso do oficial de Sédan ao da Srta. Jackson.

Outra objeção: “essa porta estava fechada à chave!

Outra réplica: nas ciências espíritas têm-se visto abrir portas fechadas à chave.

Concordamos em que não explicamos nada; mas não rejeitemos as observações que nos pareçam sinceras e exatas, embora não possamos interpretá-las.

O que devemos notar é que, por um meio qualquer e que, de resto, lhe era desconhecido, o médico se fez ver e ouvir pela dama referida, encarregando-a de uma missão de que ela se desempenhou. Analisai em todas as minúcias a narrativa e vereis como será difícil atribuí-los a uma alucinação, a um erro: 1º- a vista e a audição do médico pela vidente; 2º- o ruído da porta que despertou seu marido; 3º- a coincidência com a obsessão do clínico.

Transporte de força a distância.

É o estudo comparativo de fatos idênticos que pode instruir-nos. Continuemos.

Aqui está outra narração, não menos curiosa, recebida em abril de 1899:

(CARTA 622)

“Temos um amigo cuja mãe é surda-muda. Como vivesse muito longe de nós, não sendo mesmo francesa, nunca a tí-



nhamos visto. Correspondíamos-nos e estava combinado que eu iria vê-la durante o verão de 1897.

Todavia, antes de realizar a viagem, conheci-a – e eis de que maneira travamos conhecimento: acabava de deitar-me, havia pousado apenas a cabeça no travesseiro, quando, perto do meu leito, mas em plano mais alto, quase junto ao teto, vi uma linda figura de senhora idosa, que me sorria. Tive medo e cobri a cabeça com a roupa; mas, envergonhando-me de mim mesma, tornei a descobrir-me, decidida a ser corajosa, dado o caso de que não tivesse sonhado. A figura risonha estava ainda no mesmo sítio e desta vez dirigia-se para mim. Toda a minha intrepidez desapareceu. Tornei a esconder a cabeça sob o lençol e, para me convencer nitidamente de que não sonhava, belisquei-me com força. Quando me resolvi olhar de novo, já tudo se havia eclipsado.

Na manhã seguinte contei isso a minha mãe, que não chamara, embora ela não estivesse ainda a dormir. Disse-me que a aparição talvez fosse de minha avó, que tinha, com efeito, um rosto delicado e fino. Esta avó morrera havia muito tempo sem que eu a tivesse conhecido, e por isso recusava-me a admitir tal hipótese. Passados dias, o incidente foi esquecido.

No mês de agosto realizei a viagem projetada, e avalie a minha surpresa quando, na mãe do meu amigo, reconheci a boa velhinha que tanto medo me causara. A única diferença que notei é que a aparição tinha uma touca branca a emoldurar-lhe o rosto, ao passo que esta senhora não trazia touca alguma. Mas, considerando bem, como foi à noite que ela me visitou, era provável que trouxesse a touca com que ia deitar-se.

Este fato ocorreu em pequena localidade do Departamento de Saône-et-Loire. O que pode imprimir-lhe qualquer valor é que sou uma incrédula que não quer admitir senão as coisas que se podem provar por  $a + b$ ; tudo em mim se recusa ao sobrenatural. É inútil, depois disto, dizer-lhe com que palpitante interesse eu sigo os seus estudos.”

Se eu dispusesse de espaço, se não tivesse de condensar documentação extremamente rica num pequeno número de capítulos distintos, poderia publicar numerosas cartas recebidas e expor, neste lugar, os exemplos variados, de todos os gêneros, provando a realidade incontestável dos *duplos* de vivos. Só essas cartas formariam um volume como este. Está, aliás, já redigido; mas, pelo momento, tenho de conservá-lo inédito. Lamentarei, no entanto, não poder assinalar um dos mais curiosos e mais surpreendentes, o da Srta. Rhoda Clary, vista por toda a sua família (12 pessoas), sentada numa *rocking-chair*, num jardim, tendo sua irmãzinha nos braços, quando na realidade não havia saído do seu quarto. Bozzano discutiu essa *bilocação* com o melhor espírito crítico.<sup>12</sup> A sua autenticidade foi particularmente estabelecida.

As observações de *duplos* de vivos são muito mais numerosas do que se imagina. Encontram-se por toda parte. Nas *Alucinações Telepáticas*, por exemplo, podemos ler, à página 357, a história de um amigo visto por duas moças, passando em frente à janela por detrás da qual elas conversavam, reconhecido sem a mínima dúvida, mas que ficara em casa, apesar da intenção que formara de sair; e, na página seguinte, a presença em um escritório de negócios de um amigo do narrador, que lhe fala sem receber qualquer resposta, e que, durante muito tempo, foi igualmente visto por duas pessoas. Alucinações coletivas, diz-se, o que não explica inteiramente nada.

Aparições reais, exteriores, objetivas. Se fossem apenas subjetivas, se proviessem exclusivamente do cérebro, deveriam ser visíveis tanto com os olhos fechados como com os olhos abertos. Ora, não acontece assim: vê-se uma aparição em um sonho de semivigília, tem-se medo, esconde-se a cabeça sob a roupa da cama e nada mais se distingue. Olha-se novamente: a aparição lá está. Ocupa determinado lugar.

Os *duplos* que acabam de desfilarem à nossa frente são manifestações de vivos, não associadas à morte, e provam-nos simplesmente a realidade desses fenômenos ainda inexplicados. Mostram que não há razão para alarmes quando se produzem. A observação que vou apresentar, pelo contrário, precedeu bem

singularmente um decesso. Um dos meus leitores escreve-me, com data de 26 de fevereiro de 1899:

“Em dezembro de 1850, como fosse convidado para assistir à cerimônia do casamento de uma das minhas primas, em Lapalisse (Allier), dirigi-me para essa localidade em companhia do meu tio, o Sr. Meulien, de Chalon-sur-Saône.

Dormíamos ambos no mesmo quarto. Na manhã da partida de Lapalisse, onde devíamos tomar, muito cedo, a condução, acordei pelas 7 horas, vi o meu parente de pé, junto do meu leito, os braços cruzados sobre o seu *burnous*, capa à moda da época, e fixando-me com olhar muito triste. Ergui-me na cama e disse-lhe em voz alta:

– Como? Já levantado? Mas temos muito tempo!...

A aparição dissipou-se. Olhei para o lado. Meu tio dormia pacificamente no seu leito.

*Dois horas depois*, como o nosso carro rodasse pela estrada de Donjon, indo o meu companheiro de viagem e uma criada ao fundo do veículo e eu na almofada dianteira, junto ao cocheiro, senti que alguém me puxava a manga do casaco e ouvi a voz alterada da velha serva, que dizia:

– Sr. Júlio, seu tio não está bem!

Voltei-me. O infeliz tinha a cabeça pendente, os olhos brancos e espuma nos lábios; morreu no seu *burnous*.

E foi nessa manhã o que havia sido na véspera. Nada na sua maneira de ser deixava supor que ele me tivesse dado o estranho espetáculo de se “desdobrar”, mostrando-se conjuntamente em duas figuras, uma em trajes de viajante, outra no leito, adormecido e despido, vivo e fantasma ao mesmo tempo.

Eu tinha então vinte e um anos; gozava de espírito perfeitamente são e equilibrado.

Como testemunha, posso indicar a Sra. Alix Burelle, residente em Saint-Géraud-le-Puy (Allier), a minha prima, no casamento da qual se produziu este sucesso e que se lembra da minha narrativa.

*Jules Garnier*  
Em Aiguebelle (Drôme).”

Essa coincidência da morte, seguida da aparição do *duplo*, não prova absolutamente uma correlação entre os dois fatos, porque há bilocações sem falecimentos consecutivos. Conduz-nos, todavia, ao estudo das aparições de moribundos antes da morte, assunto que em breve examinaremos.

A manifestação que acaba de ser relatada é das mais curiosas da minha coleção. Parece que o viajante, o tio, ainda adormecido, sonhara que ele mesmo se aprestava para entrar numa carruagem e exteriorizou sua própria imagem. O mais notável ainda é que estava prestes a morrer, a partir para o Além!

Dedicaremos mais adiante um estudo especial aos *duplos* associados à morte. O que importava estabelecer era a realidade dos *duplos* de vivos. Dessa forma, estamos preparados para o que se vai seguir.

Deter-me-ei aqui nesses exemplos, ainda que possua neste momento, em minha banca de trabalho, como atrás referi, grande número de outros, averiguados com idêntica exatidão. O leitor pode crer que *a minha certeza se baseia em alguma coisa*.

Como todos os fenômenos expostos nesta obra, os *duplos* também são observados há séculos e séculos. Para não citar mais do que um exemplo, pode ler-se na *História Romana*, de Tácito (Livro IV, § 82) o que sucedeu a Vespasiano com o egípcio Basilide. Falta-me o espaço para reproduzir a passagem.

A nossa personalidade é mais complexa do que geralmente se pensa. Toda gente tem podido notar que a da vida normal difere consideravelmente da dos sonhos noturnos. Não sabemos ainda quase nada acerca da nossa verdadeira natureza. Esclarecer-nos-á esta complexidade pelo que respeita à explicação dos *duplos*?

Ora, há milhares de anos, repitamo-lo, que os fenômenos aqui estudados são conhecidos de um certo número de iniciados. Os *duplos* fazem parte integrante da religião egípcia e acontecia justamente o mesmo com os gregos. Plutarco e Tertuliano recordam-nos isso constantemente pelos clássicos latinos. Mas houve tanto exagero, tanta credulidade, tantas superstições, que se

acabou por passar uma esponja em todas as histórias de fantasmas e de espectros.

Carl du Prel adota a teoria do *Od* e do corpo astral. “A certeza de que o corpo astral exteriorizado é capaz de uma vida independente – escreve ele – permite-nos apreciar a bela frase do Abade Steinmetz, que, *vendo o seu duplo* sentado no jardim, no seu lugar favorito, ao passo que ele permanecia no quarto, em companhia de alguns amigos, lhes disse, indicando-se primeiro com o dedo e, em seguida, mostrando o mencionado *duplo*: “Eis aqui o Steinmetz mortal e eis ali o Steinmetz imortal.”

Há de convir-se que essas observações de *duplos* de vivos são de molde a convencer-nos da realidade de tais fenômenos. Um homem, uma mulher, cheios de saúde, podem encontrar-se, no estado de fantasmas, em lugar diverso daquele em que estão com o seu corpo normal. Esta afirmação é audaciosa; mas não tenhamos a cobardia daqueles que não ousam confessar o que é contrário ao sentimento vulgar, geral.

Paris, a França, a Europa, a Ásia, a América, a Oceania voam, neste momento, no espaço, com a velocidade de 107.000 quilômetros por hora, circulando em torno do Sol. Que afirmação igualmente ousada!

Todo leitor imparcial, desejoso de ser esclarecido quanto à realidade desses fatos enigmáticos, apenas verossímeis – e mesmo inacreditáveis para aqueles que os não estudaram suficientemente –, sabe o que há de pensar pelo que toca à aceitação dessas manifestações psíquicas. Explicá-las é questão diferente. Mas instruamo-nos bastante. O *número* dos fatos observados é coeficiente que não deve ser desprezado.

Os desdobramentos que vimos de passar em revista foram, na sua maior parte, formados inconscientemente. Afonso de Liguóri deixara o corpo, em catalepsia, no seu convento, ao passo que aparecia ao papa; o amigo de Goethe ignorava que se lhe mostrara na estrada de Weimar, etc. Mas a vontade pode produzir *duplos* experimentais. É isto que vamos estudar.

\* \* \*

## **Aparições experimentais entre vivos**

Não somente há *duplos* inconscientemente formados; há também *duplos* produzidos pela vontade. Vamos considerar, neste lugar, várias experiências muito precisas e compará-las entre si. Procurou-se com êxito determinar entre os vivos aparições experimentais. Assinalamos uma, muito notável, no primeiro volume deste trabalho: a Sra. Russel, esposa do Inspetor da Instrução Pública, em Bombay, desejando aparecer a uma das suas irmãs, na Alemanha (ela vivia então na Escócia), apareceu-lhe, efetivamente, com grande surpresa dela. Relatamo-la ainda há pouco, assim como a da Sra. Wilmot. Já os leitores de *Urânia* também puderam notar a aparição experimental voluntária do pastor Godfrey a uma dama, sua amiga. Teremos aqui sob o olhar outros exemplos não menos exatamente averiguados do que os que já são do nosso conhecimento.

As escolas de ensino clássico têm ido por um caminho errado, até hoje. Não se vê, não se toca, não se analisa, não se dissecar, no organismo humano, senão o que nele existe de mais aparente, de mais superficial, de mais grosseiro. O que ele possui de intimamente sutil é ainda ignorado, e isso deveria ser, no entanto, o essencial a conhecer.

Entre outras coisas ignoradas, pode afirmar-se que a vizi-nhança de uma pessoa influencia-nos, por vezes, muito viva e quase instantaneamente. Há à volta do nosso corpo uma atmosfera invisível e atuante. O meu chorado amigo, Coronel de Rochas, que fez sobre esse ponto, em 1892-1895, numerosas experiências (às quais assisti, no seu gabinete da Escola Politécnica, que ele administrava), qualificou esse fenômeno como *exteriorização da sensibilidade*. Reichenbach havia dado a esse corpo fluídico o nome de *od*, substância diferente da eletricidade, mas polarizada, e os seus partidários criaram o fantasma “ódico”. Talvez não haja nisso mais do que os efeitos da eletricidade humana pondo o éter em vibração. Mas, seja qual for a sua natureza, a influência ambiente não sofre dúvida. Os seres humanos são ligados entre si por eflúvios invisíveis.

Esse corpo fluídico, o corpo astral, pode separar-se do nosso corpo material, em certas condições:

Um dia, um canadense chegou a Paris para me anunciar que queria absolutamente ter o coração sereno acerca da realidade dos fenômenos atribuídos aos faquires da Índia, e que deixara sua mulher e seus filhos para ir edificar-se pessoalmente, na intenção firme de verificar tudo por sua própria experiência. Três anos depois voltou a aparecer-me, declarando:

“Submeti-me a todas as exigências. Haviam-me garantido que em um ou dois anos eu poderia adquirir faculdades idênticas às dos faquires, sob as seguintes condições:

- 1º) não tornar a comer nem carne nem peixe;
- 2º) cultivar, colher, descascar e cozinhar eu mesmo os legumes com que me nutrisse;
- 3º) não beber senão água;
- 4º) observar uma castidade absoluta;
- 5º) organizar a ocupação dos meus dias segundo tal ou tal regra.

Com a vontade, triunfei. O meu (*duplo*) não tardou a projetar-se para fora de mim mesmo. Habituei-me a isso. No entanto, estou farto, porque me sinto enlouquecer, e regresso a minha casa. Imagine! Esta manhã, no Grande Hotel, onde me hospedei, estava ainda na cama quando me vi deitado num canapé em frente a mim, e não tardei a experimentar a impressão de que, na verdade, estava no aludido canapé. Então vi-me levantar a mim mesmo, pairar no ambiente, dirigir-me para a janela e preparar-me para dar um salto do 4º andar para o bulevar. Instantaneamente, desci do meu leito, atemorizado, preferi ver o meu corpo astral e a minha alma reentrar no meu corpo físico, e vim fazer-lhe a visita que lhe prometi outrora, para quando voltasse.”

Como distinguir as ilusões das realidades? Nem sempre é fácil, e foi preciso todo o espírito metódico do narrador para se assegurar, por mais de um ano, da existência real de seu *duplo*.

Confesso que, neste caso, não sei como o vestuário possa explicar-se. A invenção do “corpo astral” não é imaginária: fundamenta-se em diversos gêneros de observações.

Esse corpo impalpável, invisível, que não existe durante a vida e subsiste depois da morte, era conhecido das religiões antigas, e especialmente dos egípcios. É o “ka” representado nos hipogeus do Egito, o corpo espiritual de S. Paulo, o corpo astral dos teólogos, o perispírito dos espíritas. Esse corpo imponderável possui as forças que lhe são próprias. Poderíamos chamar-lhe o revestimento da alma, apesar da rudeza da qualificação.

Possuo certo número de observações cuidadosamente feitas sobre esse invólucro da alma. Eis uma delas. Um dos meus leitores escrevia-me de Genebra, em 1º de novembro de 1920:

(CARTA 4.295)

“Não é um homem de ciência quem se lhe dirige, mas um financeiro e, portanto, como o senhor, mas numa diferente ordem de idéias, um homem de algarismos.

Tive uma doença de coração, presentemente curada, mas que me pregou algumas partidas perigosas, sobretudo uma vez em que, durante certo tempo, permaneci mergulhado em letargia. Ouvia falar à minha volta todas as pessoas da família, mas *eu não era eu; o meu “eu” estava ao lado, de pé, num corpo fluido e branco*; via o pesar dos que procuravam reanimar-me e tive este pensamento: “Para que serve esse mísero despojo que pretendem fazer reviver?” Todavia, observando a sua tristeza, tive grande desejo de voltar ao seu convívio. Foi o que aconteceu. Parece-me, contudo, que se eu assim o houvesse querido, teria ficado na outra vida; cheguei a ver entreabrir-se a porta, mas não posso dizer o que estava por detrás dela.

*J. Ramel.”*

Nas minhas investigações da solução do problema, perguntei ao autor da carta se o seu *duplo* estava nu. Respondeu-me que não reparara nisso, lembrando-se unicamente de que era mais alto do que ele, de contornos vagos e de um tom cinzento claro.

Continuemos os nossos estudos.

Entre as experiências de desdobramento de que pessoalmente tenho conhecimento, assinalarei aqui as da Srta. Alma Hømmer-



lé, filha da minha amiga Ágata Høemmerlé, a tradutora das obras de Carl du Prel, com a qual travamos conhecimento no primeiro volume. Aqui estão duas dessas experiências, que o meu amigo, o Coronel de Rochas, publicou nos *Anais das Ciências Psíquicas*, de setembro de 1906. A experimentadora tinha então cerca de 18 anos de idade. Ela mesma redigiu a seguinte narrativa:

“I – A minha primeira experiência foi realizada em Kher-son (Rússia meridional), onde meu irmão terminou, no colégio, os seus estudos. Seus companheiros de aula frequentavam a nossa casa e, como minha mãe se ocupava de questões psíquicas que nos interessavam a todos, decidimos uma noite proceder a uma experiência.

Em virtude disso, marcamos o momento em que dois desses rapazes, Stankewitch e Serboff, procurariam dirigir no dia seguinte os seus *duplos* para nós; o primeiro, pelas 11 horas da noite; o segundo, pelas 11 horas e meia. Acertamos os nossos relógios, convencendo-se depois que Stankewitch iria encontrar meu irmão no seu quarto de dormir, ao passo que Serboff se mostraria na sala de visitas.

Na noite seguinte minha irmã Irma sentou-se na sala de jantar, donde podia ver a porta aberta que dava para o salão. Meu irmão conservou-se no seu quarto, como fora combinado.

Depois de ter estado um momento junto de minha irmã, entrei no quarto de meu irmão. O candeeiro da sala de jantar derramava no compartimento a claridade suficiente para se poderem distinguir os objetos. No mesmo instante senti que alguma coisa fazia pressão no meu ombro e vi ao meu lado a forma muito nítida de Stankewitch; podia distinguir o seu uniforme escuro com botões de metal branco. Ao mesmo tempo dizia-me meu irmão:

– Ei-lo perto de ti. Viste-o? – acrescentou ele imediatamente, porque, em seguida ao primeiro aviso, a aparição se dissipou.

Minha irmã, ouvindo-nos conversar, aproximou-se, dizendo-nos que acabava de ver Stankewitch entrar pela porta da

sala de visitas, passar perto da mesa da sala de jantar e depois desaparecer. Vira-o também uniformizado, podendo distinguir os botões de metal branco.

Seguidamente, dirigimo-nos todos para a sala de visitas que o candeeiro da sala de jantar iluminava, para esperarmos a aparição de Serboff. Só veio à meia-noite. Essa aparição pareceu-nos mais amortecida e menos nítida do que a precedente. Entrou, pela antecâmara, na sala de visitas, deteve-se um momento junto da porta, avançou ora à direita, para um dos corpos da biblioteca, ora à esquerda, para o outro; por fim desapareceu de súbito.

Meu irmão relatou então, minuciosamente, em duas folhas de papel, os resultados da experiência e fechou-os em envelopes que selou. Na manhã seguinte, no colégio, perguntou aos seus dois amigos se se haviam esquecido da sua promessa. Desde logo começou a contar, diante dos seus condiscípulos, todos os pormenores da visita realizada – e esses pormenores coincidiam exatamente com os que meu irmão escrevera. Entregou-lhes, nesse instante, os envelopes fechados e selados, que foram abertos, sendo revelada em voz alta a narrativa neles contida. Depois de ter lido o relato que lhe dizia respeito, Serboff declarou que, no momento de entrar na sala, experimentara uma indecisão relativamente ao armário de que queria aproximar-se, porque estava na intenção de tirar um livro da biblioteca; mas perdeu a força de concentração e voltou a si. Sentindo-se muito fatigado, não pôde recomeçar.”

Essa experiência é muito interessante e sê-lo-ia mais ainda se os observadores não tivessem sido advertidos do ensaio que ia ser tentado. É o caso do que segue:

“*II* – Minha irmã foi passar alguns dias no campo, em casa de uma das nossas amigas, ao passo que eu fiquei com meus pais. Era a primeira vez que eu me separava de minha irmã gêmea; e, como a sua ausência me fosse muito penosa, resolvi ir ver o que ela fazia.

Eram 11 horas da noite e eu estava deitada. De repente, vi-me no quarto que ela ocupava com a nossa amiga, e distingui minha irmã recostada no seu leito, tendo um livro na mão e lendo à luz de um candeeiro provido de abajur verde. Sentiu a minha presença, ergueu os olhos e viu-me de pé, junto do fogão. Quando percebi que me contemplava, procurei esconder-me por detrás do fogão, com medo de que se atemorizasse com tal visita, pois não tinha a certeza se me reconheceria. No dia seguinte escrevi-lhe, relatando-lhe os pormenores que acabo de narrar, e recebi dela uma carta em que dizia ter-me visto na véspera, pelas 11 horas da noite, perto do fogão.

Eu e minha irmã temos renovado muitas vezes a mesma experiência, mas nem sempre com resultado.

*Alma Hæmmerlé.”*

O meu amigo Coronel de Rochas, tendo magnetizado a Srta. Hæmmelé, por ocasião de uma viagem que ela fizera a Paris, supôs que a experiência poderia, talvez, ser bem sucedida, realizando-se com ele, entre a Suécia e a França; mas não viu nada, no dia e na hora marcados.

Os magnetizadores, entre outros o Barão du Potet, assinalam, no entanto, um avultado número de experiências desse gênero, que deram resultados. O Dr. Charpignon menciona o fato seguinte, na sua obra intitulada *Fisiologia, Medicina e Metafísica do Magnetismo*:

“Uma das nossas sonâmbulas (d’Orleães) desejou um dia, durante um dos seus sonhos, ir ver sua irmã que se encontrava em Blois. Conhecia a estrada e seguiu-a mentalmente.

– Espera! – exclamou ela –; para onde vai o Sr. Jouanneau?

– Onde está, então?

– Estou em Meung, para o lado de Mauves, e encontro o Sr. Jouanneau todo endomingado, que vai, decerto, jantar em algum solar.

Seguidamente, continuou a sua viagem.

Ora, a pessoa que se mostrara espontaneamente à vista da sonâmbula era um habitante de Meung, conhecido de muitas personalidades presentes, e escreveu-se-lhe à pressa para saber de sua própria boca se, na verdade, andara a passear no sítio designado e à hora indicada. A sua resposta confirmou minuciosamente o que já era conhecido.

Quantas reflexões! Quantos estudos psicológicos num fato produzido tão fortuitamente! A visão dessa sonâmbula não havia *saltado*, como tantas vezes se observa, ao sítio desejado; *percorrera toda a distância, de Orleães a Blois*, e nessa rápida viagem vira tudo que poderia atrair a sua atenção.”

Voltando às experiências das senhoritas Hœmmerlé, acrescentarei que as conheço pessoalmente, assim como a sua mãe, e que a sua sinceridade não pode ser posta em dúvida.

Falei, há pouco, nas experiências do Coronel de Rochas.<sup>13</sup> Falta-me o espaço para expor uma parte delas e só posso recomendar ao leitor que deseje conhecê-las as obras especiais desse engenhoso experimentador e dos seus êmulos. Que o ser humano tenha um *duplo* fluídico que possa, em determinadas condições, tornar-se aparente e tangível, eis do que não se deve duvidar. Esse corpo possui forças que lhe são próprias e que aumentarão, extraídas de elementos diversos. Foi esse *duplo* que, nas experiências de Crookes, produziu o fantasma de Katie King, que diferia sensivelmente da médium Florence Cook, pela sua estatura, pela sua cabeleira, pelas pulsações do seu coração?<sup>14</sup> Seria com esses elementos que a médium Eusápia Paladino formava o suposto John King, de que um dia distingui a sombra? Fala-se também de um “corpo etéreo”, que não seria o “corpo astral”, de um “corpo causal”, etc.; mas não saíamos do quadro do método positivo. Não aceitemos senão o que estiver provado. *Quod gratis affirmatur gratis negatur*. Tudo isso é para ser estudado, discutido, analisado, pela observação e pela experiência.

Os fatos são variados e numerosos. Vamos examinar alguns dos que foram mais bem averiguados.

William James relatou uma aparição experimental como tendo sido operada por um dos seus colegas da célebre Universidade de Harvard. A narrativa foi publicada no *Journal of the Ame-*

*rican Society for Psychical Research*, de abril de 1909, e nos *Anais das Ciências Psíquicas*, do mês de agosto seguinte. O professor Blank, estudando então o Budismo, teve a idéia de “projetar o seu corpo astral” no quarto de um de seus amigos, à distância de 800 metros e oculto por uma colina, e ele, sem de qualquer forma ser prevenido, notou-o, olhando através da porta entreaberta. Levantou-se e foi ao seu encontro, mas não encontrou ninguém.

Esta experiência é talvez mais particularmente digna de atenção, por ter sido certificada por muitas testemunhas.<sup>15</sup>

“Um domingo à noite, em novembro de 1881 – escreve o narrador –, acabava eu de ler uma obra em que se punha em destaque a potência da vontade. De repente, tomei a firme resolução de empregar todos os meus esforços para aparecer no segundo andar de uma casa situada na rua Hogarth Road, Kensington, 22, no quarto em que dormiam duas pessoas minhas conhecidas, as senhoritas Verity, uma de 25 e outra de 11 anos de idade. Estava a uma distância de 50 quilômetros e não havia falado desta experiência a ninguém, pela simples razão de só me ter lembrado dela no domingo à noite, quando ia deitar-me. Pela 1 hora da manhã, projetei a minha vontade, muito decidido a manifestar a minha presença.

Na quinta-feira seguinte fui ver essas senhoras e, durante a nossa conversação (sem que eu tivesse feito a menor alusão ao que havia ensaiado), a mais velha delas contou-me que no dia anterior me tinha visto, de pé, junto do seu leito, ficando muito assustada; que, tendo a aparição avançado para ela, gritara, despertando sua irmã, que também me vira.

Perguntei-lhe se nesse momento estaria bem acordada e ela respondeu afirmativamente.

– Que horas seriam?

– 1 hora da manhã.

A meu pedido, essa senhora fez por escrito a narrativa do acontecimento e assinou-a.

Era a primeira vez que eu ensaiava uma experiência desse gênero, e o seu pleno e completo êxito impressionou-me muito.

Não era apenas a minha vontade que atuava, porque eu tinha igualmente a consciência de uma influência misteriosa circulando em todo o meu ser e dominava-me a impressão de exercer uma força que até esse momento desconheceria.”

A Srta. Verity descreveu o acontecimento nestes termos:

“Vi nitidamente o Sr. B., pela 1 hora da manhã, no meu quarto. Estava bem acordada e atemorizei-me bastante; os meus gritos despertaram minha irmã, que viu também a aparição. Três dias depois tive ensejo de contar ao nosso amigo o que me acontecera. Só recuperei a serenidade ao cabo de algum tempo, tão violento foi o abalo, e conservo dele uma lembrança tão viva que não se me apagará na memória.

*L. S. Verity.”*

Sua irmã escreveu, por sua vez:

“Lembro-me do acontecimento contado por minha irmã. Sua narrativa é inteiramente exata. Vi também a aparição e exatamente nas mesmas circunstâncias.

*E. E. Verity.”*

Uma terceira pessoa ainda fez, por sua parte, confirmação análoga. As duas irmãs tinham visto o seu amigo em traje de “soirée”.

Esses três testemunhos diversos não permitem que seja posta em dúvida tal experiência. Um inquérito especial da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas demonstrou, por outro lado, a sua perfeita autenticidade.

A mesma coletânea de documentos publicou igualmente essa experiência:<sup>16</sup>

“M. M. H. P. Sparks e M. A. W. Cleave eram ambos alunos da Escola de Engenharia Naval de Portsmouth.

Desde o ano anterior – escreve o primeiro – tinha eu por hábito magnetizar um dos meus camaradas. Depois de alguns ensaios observei que o sono se tornava mais profundo, fazendo longos passes já quando o *sujet* estava adormecido. Foi então que, nesta espécie particular do sono magnético, ele julgou ver os sítios pelos quais se interessava.

Na última sexta-feira, à noite (15 de janeiro de 1886), o meu amigo exprimiu o desejo de ver uma senhorita que vivia em Wandsworth e de ser visto por ela. Magnetizei-o e continuei os longos passes durante vinte minutos aproximadamente, concentrando toda a minha vontade sobre a sua idéia. Logo que voltou a si, declarou que tinha visto a moça em questão na sala de jantar, que ela lhe parecera alterada, que o havia fitado, cobrindo os olhos com as mãos.

Na última segunda-feira à noite (18 de janeiro), recomeçamos a experiência, e desta vez declarou que pensava ter assustado a jovem, porque, depois que ela o viu, caíra numa espécie de síncope. Seu irmão estava, então, no quarto.

Na quarta-feira de manhã o meu amigo recebeu uma carta dessa moça, na qual lhe perguntava se lhe havia sucedido alguma coisa; acrescentava que na sexta-feira à noite tivera um grande terror, ao vê-lo no seu quarto, de pé. Havia julgado que poderia tratar-se de uma visão imaginária, mas na segunda-feira seguinte se assustara mais ainda, ao vê-lo de novo e desta vez mui claramente. O seu pavor fora de tal sorte que ia caindo doente.

A narrativa que lhe envio é absolutamente verídica; posso provar o que afirmo, porque tenho duas testemunhas que se encontravam no dormitório, no momento em que o meu amigo foi magnetizado e quando recuperou a lucidez. O *sujet* chama-se Artur H. W. Cleave e conta 18 anos. Eu tenho 19. A. C. Darley e A. S. Thurgood, nossos camaradas, são as duas testemunhas de que acabo de falar-lhe.

*H. Percy Sparkes.”*

Os redatores dos *Phantasms of the Living*, Srs. Gurney, Myers e Podmore, acrescentam que os Srs. Sparks e Cleave são

alunos da Escola de Engenharia Naval de Portsmouth, que os conhecem pessoalmente e “podem testemunhar a sua inteligência e o cuidado com que sabem observar”.

Todos os psiquistas apreciam há muito tempo o nome respeitado de Fredrich Myers (1843-1901), que novamente acabamos de nomear. Em outra parte,<sup>17</sup> relata ele que um experimentador quis tentar um ensaio do mesmo gênero com o reverendo Stainton Moses, igualmente bem conhecido. Eis a narrativa, abreviada:

“Uma noite do último ano (1878), pretendi aparecer ao Sr. Moses; não o informei antecipadamente da minha intenção e concentrei nele todos os meus pensamentos, com intensidade, ignorando eu todavia onde era a sua habitação. A meia-noite não tardaria a soar; acabei por adormecer. Não tive qualquer consciência do que houvesse podido acontecer. Ao encontrar Moses, volvidos dias, perguntei-lhe:

– Ocorreu alguma coisa em sua casa, no sábado à noite?

– Sim! – respondeu ele –; ocorreu uma coisa bem notável. Estava sentado, perto do fogão, com um indivíduo qualquer, fumando e conversando. Pela meia-noite e meia o meu amigo levantou-se para partir e acompanhei-o até à porta. Voltei, em seguida, para junto do lume, na intenção de terminar a minha cachimbada, e qual não foi o meu espanto quando o vi, ao senhor, sentado na cadeira de que acabava de sair! Olhei-o atentamente, pegando depois num jornal para me assegurar de que não sonhava; quando o pousei, o senhor ainda permanecia no mesmo sítio. Enquanto eu o fitava, sem falar, o senhor foi desaparecendo gradualmente. Pensei que, a essa hora, já devia estar a dormir; no entanto, apareceu-me com o seu vestuário habitual, tal como o vejo todos os dias.

– Perfeitamente! – repliquei. – Quis fazer uma experiência; ela deu bom resultado. Quando eu, em breve, lhe tornar a aparecer, interrogue-me sobre o que desejo, porque tenho na cabeça certas perguntas que pretendia dirigir-lhe; mas esperava provavelmente que me convidasse a falar-lhe.



Algumas semanas depois a experiência foi repetida com idêntico êxito. Ainda dessa vez eu não tinha informado Moses com antecipação. Nesse momento, não só me interrogou sobre um assunto, que havia muito tempo era entre nós debatido, mas reteve-me, por influência da sua vontade, durante algum tempo depois que manifestei o intuito de ir-me embora. Como da primeira vez, nenhuma recordação conservei do acontecimento, ao acordar.”

O Sr. Moses escreve a 27 de setembro de 1885, para confirmar esse relato, acrescentando que foram estas as únicas circunstâncias em que lhe foi dado ver uma pessoa viva num ponto em que essa pessoa não estava. Por esse exemplo, temos ainda a impressão de que é o pensamento que se transmite, reproduzindo a imagem habitual.

O Barão Schrenck-Notzing, bem conhecido dos psiquistas, levou a bom termo uma experiência semelhante em Munique, em fevereiro de 1887. Passando à meia-noite em certa rua, diante da casa de uma família das suas relações, concentrou a sua vontade, durante cinco minutos, numa jovem que, com grande surpresa, não tardou a vê-lo diante dela.

Recordarei, ainda, outra experiência publicada pelo *Journal of the American Society for Psychical Research* (Nova Iorque, dezembro de 1907), com o certificado do professor Hyslop. Essa experiência realizou-se num hotel da cidade de Búfalo, na noite de um sábado para domingo. Escreve o pastor C. W. S.:

“Pela 1 hora da manhã de domingo fui despertado de um sono profundo, sem sonhos, com o pressentimento de que alguém se encontrava no meu quarto. Quando já estava bem acordado vi minha mulher, de pé, junto do meu leito, com o vestuário que ela trazia sempre que, de manhã, se entregava aos trabalhos caseiros. Ergui-me na cama e inquiri:

– Que fazes aqui?

– Venho saber notícias tuas! – respondeu ela.

Avançou, então, até à cabeceira do leito, inclinou-se para mim, beijou-me e desapareceu. Levantei-me imediatamente.

O quarto estava às escuras. Não havia ninguém nele. Acendi o gás. Tremia e um suor frio cobria-me o corpo.

Na manhã seguinte, almoçando com o Dr. K. e com M. P., informei-os do assunto. Eu estava tão perturbado, apesar de todos os raciocínios inteligentes que me impunha, que resolvi dirigir um telegrama a minha mulher, mas sem ousar explicar-lhe abertamente qual era a minha preocupação.

Reentrando em minha casa, muitos dias depois, fui desde logo impressionado pelo fato de minha mulher se interessar particularmente em saber se eu tinha dormido bem na noite do último sábado. Seguidamente a algumas perguntas e respostas equívocas, terminei por perguntar-lhe o motivo pelo qual me formulava tais interrogações. Confessou-me então que andava a ler os *Psychical Phenomena*, de Hudson, nos quais se diz que, se uma pessoa, no momento exato em que perde a consciência de si mesma, adormecendo, fixar o seu pensamento em outra pessoa e desejar apresentar-se-lhe em certas condições, esta última sentirá as impressões que o ensaiador queira fazer-lhe experimentar.

Depois de ler esta passagem, concentrou o seu espírito no desejo de me aparecer e beijar-me.

E aqui está essa curiosa experiência. O inquérito feito com o pastor e com sua mulher, interrogados separadamente, provou a sua autenticidade.”

O pastor pediu a sua mulher que não recomeçasse tais ensaios nos sábados à noite, porque isso o perturbaria para o seu trabalho dominical.

Não haverá notável analogia entre o transporte dessa dama para seu esposo e o que eu atrás reproduzi, da Sra. Wilmot indo ver seu marido durante o curso de uma viagem que ele fazia por mar?

Essas observações de transmissão de pensamentos e de imagens não datam da nossa época de estudos psíquicos, como geralmente se crê. Relembremos, entre outras, a de Wesermann, que remonta a mais de cem anos (1817). Relatava-se que ele havia sabido impor os seus sonhos, por mais de uma vez, a

amigos afastados, e discutia-se a questão. Tomou um dia o partido de fazer aparecer, em sonho, a um amigo, uma dama morta havia cinco anos. Julgou que esse amigo estaria em casa, mas ele fora em excursão a outra cidade com um companheiro que Wesermann desconhecia. Ainda que então estivessem perfeitamente acordados e dispostos à conversa, a experiência nem por isso deixou de dar resultado: os dois amigos viram uma figura de mulher, parecendo-se com a dama em referência, entrar no quarto, sem ruído, por uma porta que ordinariamente rangia, fazer um gesto de saudação e sair. Eis essa curiosa história:<sup>18</sup>

“Uma dama que falecera havia cinco anos devia (segundo a vontade do Sr. Wesermann) aparecer ao Tenente N. Era pelas 10 horas e meia de certa noite. Ora, contrariamente aos seus hábitos, o Tenente N. não estava em sua casa, mas na de um amigo, o Tenente S. Discutiam nessa noite sobre a campanha de França quando, repentinamente, a porta se abriu e a dama entrou, vestida de branco, com um pano preto ao pescoço e a cabeça descoberta. Saudou amigavelmente S. com a mão, por três vezes, depois, voltando-se para o seu companheiro, fez-lhe um cumprimento de cabeça e saiu pela mesma porta.

Esse acontecimento era de tal maneira singular – e inacreditável – e pareceu tão extraordinário ao próprio narrador que, para vê-lo estabelecido com segurança, escreveu ao Tenente S., que vivia a uma dúzia de quilômetros de distância, pedindo-lhe um depoimento escrito. A resposta de S. é idêntica à narração precedente.”

Difícilmente se sustentará que Wesermann tenha, na verdade, feito ressurgir a dama falecida. No meu entender, a única alternativa será admitir que ele atuou com a sua vontade no espírito do seu camarada e que essa ação se transmitiu também ao seu vizinho. Isto é muito mais simples e razoável do que supor que a morta ressuscitasse. Os meus leitores já apreciaram esta ação psíquica. Não vimos nós um magnetizador, querendo desiludir uma sonâmbula convencida de que contemplava os anjos do Paraíso nas suas visões imaginárias, mostrar-lhe esses anjos

abancados a uma mesa e comendo um peru? (*O Desconhecido*, capítulo VI, caso XXXIV).

Neste caso experimental trata-se da sugestão, bem conhecida, provocada pela vontade do hipnotizador, que pode fazer ver ao seu *sujet* tudo quanto queira e transmitir-lhe todas as sensações imagináveis, como a da embriaguez e a das náuseas, levá-lo a tomar água pura por absinto, pô-lo a lutar com um animal feroz, etc. Na maior parte dos casos de videntes existe a auto-sugestão. Isto é de toda a evidência. Mas, fora da sugestão hipnótica e da auto-sugestão, há certos casos que nos deixam muito embaraçados se quisermos explicá-los satisfatoriamente. Tal é o seguinte, por exemplo. Recebi-o, em abril de 1899, do professor H. Cuen-det, Vice-presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra:

(CARTA 603)

“A cena passa-se – diz-me ele – em Begnins. Cantão de Vaud, numa terça-feira do mês de julho de 1894. Prepará-vamo-nos para jantar. Uma pessoa de minha família perguntou a meu pai, indicando-lhe uma aquarela suspensa da parede:

– De quem é este retrato?

– De meu avô Osvaldo – respondeu ele –. A propósito, lembro-me da seguinte anedota: Osvaldo era solista de violino num teatro de Paris. Uma noite, ao sair do espetáculo (estava-se em plena Revolução), foi detido pelos “sem-calças” e ia sem dúvida sofrer a sorte de numerosas vítimas do Terror, quando, por súbita inspiração, teve a idéia de tocar o *Ça ira* no seu violino. Os energúmenos, que certamente o haviam tomado por outra pessoa, reconheceram o seu erro e soltaram-no.

Era a primeira vez que meu pai nos contava tal fato. Nenhuma das pessoas presentes – tanto eu como os outros – ouvira jamais aludir a ele. Notei isso naquele mesmo instante.

No dia seguinte, quarta-feira, recebi, ainda em Begnins, duas cartas de Genebra, uma do *médium* do grupo de experiências de que eu fazia parte, e a outra do meu amigo P., professor, membro do grupo mencionado. É de notar – extraordinária coincidência! – que o *médium* referido, não tendo comigo ou com os meus qualquer grau de parentesco, se chama Osvaldo, como meu falecido bisavô. Eis, em resumo, o que essas duas cartas me relatavam:

Três dias antes, ou fosse num domingo, os meus amigos realizaram em Carouge, pequena povoação dos arredores de Genebra, uma reunião em que o *médium* teve a visão muito nítida de uma personagem vestida com os trajes que se usavam no tempo da Revolução. Essa personagem tinha na mão um violino e parecia rodeada de gente que lhe era hostil. De repente, começou a tocar no seu violino e o *médium* ouviu cantar *Ça ira... Ça ira...* Nesse momento, aqueles que o rodeavam, mostrando-se mal dispostos a seu respeito, pareceram mudar, inesperadamente, de atitude, restituindo o violonista à liberdade.

– Quem era o senhor no tempo em que vivia? – interrogaram então os meus amigos.

– Osvaldo! – respondeu a mesa, por pancadas.

– Um dos meus parentes, sem dúvida! – observou o *médium*.

– Não... Parente do Sr. Cuendet – respondeu a mesa.

Muito surpreendido, o *médium* Osvaldo decidiu escrever-me, para tirar o caso a limpo. O meu amigo P., por sua vez, tomou idêntica resolução. Daí as duas cartas de que falei. Avaliar-se-á o meu espanto ao recebê-las.

Disse já que o *médium* não tinha comigo ou com os meus a menor sombra de parentesco. Será necessário acrescentar que, ainda mais do que eu, que até esse momento o havia ignorado, os meus amigos do aludido grupo nunca tinham ouvido falar da história em questão! Nada ou quase nada sabiam, de resto, acerca da minha família, jamais tiveram quais-

quer relações com meu pai e estariam bem longe de supor que eu possuía parentes com o nome de Osvaldo.

*Dois dias antes de mim*, e por interferência do *médium*, tão surpreendido como ele, haviam tido a comunicação de um fato conservado em silêncio na memória de meu pai e que – por mais que o diga não o repetirei suficientes vezes – lhe era desconhecido, como o era do *médium* e de mim mesmo.

Dadas essas condições, a explicação pela telepatia parece-me bem difícil de admitir.

H. Cuendet.”

Conhecendo casos de comunicação telepática inconsciente entre vivos, o do Dr. Nicolas de Corfu, por exemplo (tomo I, pág. 201), escrevi ao Sr. Cuendet para que procedesse a um inquérito pessoal. A resposta foi esta:

“O *médium* nunca viera a Begnins, Cantão de Vaud. Jamais vira, portanto, esse retrato – o único que possuímos – de meu bisavô.

A esse respeito, devo acrescentar que, algumas semanas depois da carta que me enviara, o *médium* veio, pela primeira vez, a Begnins, onde passamos as férias de verão. Tive então a curiosidade de o colocar, sem prevenção, em frente do mesmo retrato.

– Ah! – exclamou ele – foi a esta personagem que eu vi com um violino na mão!”

Que concluir? Como já noutra ponto notamos, não há aqui nem sugestão hipnótica nem auto-sugestão normal. A interpretação direta seria a de admitir que o falecido Osvaldo, contemporâneo da Revolução, viera na realidade manifestar-se; mas era imprudente que tão rapidamente nos contentássemos com tal solução. Tínhamos ainda de proceder a estudos comparativos. Todavia não nos sobram razões para pensar que é por enquanto desconhecida toda a psicologia humana?

Não é possível que o pai do Sr. Cuendet tivesse meditado durante alguns dias na anedota relativa ao avô e que as suas meditações irradiassem à sua volta e tão longe que chegassem até ao

*médium?* Hipótese arriscada, seguramente, mas que não é talvez para rejeitar, em princípio. Temos exemplos, que parecem justificá-la, de imagens projetadas pelo pensamento. *Vivemos no seio de uma atmosfera psíquica desconhecida.*

Acusam-me por vezes (sobretudo certos espíritos antecipadamente convencidos), de ser difícil nas minhas interpretações, de não afirmar com facilidade a ação dos espíritos. Peço, todavia, que se não perca de vista que o fim dos meus estudos metafísicos é tentar aplicar a esses fatos, ainda tão misteriosos, os princípios severos que se não compadecem com fogos fátuos. Se a ciência astronômica é a mais exata e o mais positivo de todos os conhecimentos humanos, deve-o à precisão dos seus métodos de raciocínio que tiveram também tão feliz influência nas ciências, com as quais a Astronomia se encontra em contato, como a Óptica, a construção dos instrumentos de precisão, a Física, etc. Adquirimos o hábito de nos não satisfazermos senão com o que for demonstrado e de aplicarmos o rigor matemático a todas as investigações. Um matemático, um astrônomo, um físico, um químico, devem, antes de tudo, raciocinar com precisão, rigorosamente, como máquina de calcular que não saísse do fato regulamentar de que dois e dois são quatro. O espírito costuma-se a isto e devemos esforçar-nos por não sair desta norma de conduta, à qual as ciências de observação são credoras do seu valor e dos seus progressos. É, inquestionavelmente, este o único método de raciocínio que poderá estabelecer as ciências psíquicas, até ao presente tão vagas e incertas, sobre base sólida e inabalável. Mas a sua aplicação nem sempre é fácil. Ao menos, sejamos sempre de boa fé, imparciais e conscienciosos.

Os *duplos* de vivos, as aparições de moribundos e mesmo de mortos, foram considerados por Schopenhauer como espécies de projeções da vontade. Ouçamo-lo um momento sobre o assunto:

“Basta – escreve ele<sup>19</sup> – que uma pessoa pense forte e apaixonadamente em nós para suscitar ao nosso cérebro a visão da sua forma, não apenas a título de simples imaginação, mas de tal maneira que esta visão se nos apresenta como visão corpórea que se não poderia distinguir da realidade. São sobretudo os moribundos que manifestam tal poder e

que, à hora da morte, aparecem, por conseqüência, aos seus amigos ausentes, a muitas pessoas ao mesmo tempo e em lugares diversos. O caso já foi afirmado tantas vezes e testemunhado de tantos lados que o considero indubitavelmente como certo.”

Menciona um grande número de exemplos. Para ele, os *duplos* são sempre imagens subjetivas produzidas no espírito daquele que as vê; mas, na realidade, não existem. Não admite que a alma seja uma substância que possa destacar-se do corpo, quer durante a vida quer depois da morte. “É absolutamente preciso que o Espiritualismo seja substituído pelo idealismo”.

Bem creio que neste ponto Schopenhauer labora em erro.

Acabo de folhear a obra de Iung-Stilling, cujas páginas ele cita. Esse psiquista era professor da Universidade de Heidelberg e Marburg, e conselheiro áulico do Grão-duque de Bade. Há nessas páginas, com efeito, curiosos relatos de aparições; mas há nelas também muitos sonhos e muitas falsidades. Pode ler-se nessa obra a afirmação de que o seu autor não compreende a Astronomia e que julga a Terra imóvel no centro do Universo!...

Schopenhauer parece mostrar aqui o propósito de não aceitar a realidade objetiva exterior, aceitando todavia com segurança a produção subjetiva, e os exemplos que cita não lhe dão razão. Assim, assinala o fato relatado por Du Potet no seu *Tratado completo de magnetismo animal* (1856, pág. 561). Se abrirmos essa obra, nela leremos a visita feita em sonho, por um Sr. Wilson, de Toronto, que se mostra em duplicado numa vivenda da cidade de Hamilton e é aí recebido por um servo a quem pede um copo d’água, encarregando o criado de quarto de exprimir o seu pesar à senhora da casa pelo fato de a não encontrar. Era a 19 de maio de 1854. Volvidos dez dias, voltou à mesma habitação, onde foi reconhecido pelos criados.

Em outro exemplo, mencionava um redator do *Telegraph* que, em Ausônia, recebe a visita de um Sr. Bailey, de Filadélfia, o qual desaparece depois de lhe ter dito estas palavras: “Uma densa nuvem se espalhou sobre o destino terrestre do homem.” Encontrando no dia seguinte o mesmo indivíduo no vagão de um comboio, conversa com ele e o interlocutor termina assim a sua



palestra: “Uma densa nuvem se espalhou sobre o destino terrestre do homem.”

Na maior parte dos casos, a aparição dá a impressão completa de um ser real, em carne e osso, ainda que seja a muitas pessoas ao mesmo tempo, e não à entidade à qual o aparecido poderia pensar, pois que na visita à senhora de Hamilton foram os criados que a viram e não a dama, ausente da habitação. O problema é mais complexo do que supõe Schopenhauer... o qual, digamolo de passagem, negava alto e bom som ser alemão, declarando que essa nacionalidade “era desprezível até ao último grau”.

Mas tiremos a conclusão deste capítulo sobre os *duplos de vivos*.

O conjunto de testemunhos, que eu poderia alargar consideravelmente com uma série de documentos análogos,<sup>20</sup> atualmente diante de mim, leva-nos a admitir dois gêneros de *duplos*:

- 1º) os que são devidos a projeções do pensamento sobre o cérebro dos “percipientes” que lhes são mais ou menos associados;
- 2º) os que são exteriores, reais, objetivos; o ser humano pode desdobrar-se numa forma análoga à nossa, separar-se do nosso corpo, tomar certa consistência, tornar-se visível, mesmo tangível, falar, produzir efeitos mecânicos.

Para nos recusarmos a esta conseqüência lógica é preciso admitir que todos os casos observados ou são falsos ou são mentiras, alucinações subjetivas sem realidade, o que parece manifestamente impossível.

Pode responder-se que a conclusão que propomos é mais inadmissível ainda pela sua extravagância e que, em todos os casos, sendo tais fenômenos muito raros, não trazem luzes novas ao nosso conhecimento da constituição do ser humano.

Mas, pelo contrário, são precisamente as anomalias que revelam as realidades desconhecidas, como as perturbações, na ciência astronômica.

Todavia, que podem ser esses *duplos*?

Repito que, pela minha parte, o que mais me desorienta é o fato de elas serem vestidas.

Se admitirmos que existem no ser humano três elementos: o corpo material, que toda gente conhece, a alma ou espírito pensante, associado a um corpo sutil intermediário, como julgava outrora a teologia egípcia, parece que esse corpo sutil etéreo, espiritual, segundo a expressão de S. Paulo, não devia ter qualquer forma, ou antes que, se as condições da vida orgânica terrestre lhe impusessem uma, deveria ser a forma do corpo humano, do corpo nu, masculino e feminino.

Que se opõe a isso? Quem é que os veste? A decência?

Não. Na Natureza, na verdade, não há pudor ou indecência. Esses sentimentos são de convenção e inteiramente artificiais.

Um *duplo* fluídico do ser humano, um corpo etéreo ou astral, com uma blusa azul, um chapéu ou um boné, uma albornoz, uma saia lisa ou com crinolina, segundo a moda, luvas amarelas ou verdes, uma bengala ou um guarda-chuva, é grotesco e incompreensível.

Dir-se-á que é para se fazer reconhecer. Mas o rosto não basta? E depois, um corpo astral não deveria ser vago, oferecendo simplesmente a forma plástica geral sem minúcias?

A simples particularidade do vestuário levaria a rejeitar a existência real desses *duplos* e a pensar que tais aparições, tais espectros, não existem senão no cérebro dos observadores.

Essa interpretação, no entanto, é bem difícil. Nos casos que acabam de ser relatados, por exemplo, seria preciso supor que as 42 alunas do pensionato da Srta. Sagée foram alucinadas ou que a narradora nos contou uma história falsa; que toda a família da Srta. Clary foi ofuscada; que as duas criadas que viram o *duplo* da Srta. Jackson aquecer-se ao lume do fogão da cozinha foram vítimas de uma ilusão, apesar do inquérito bem afirmativo feito pelo Dr. Wyld; que o Sr. Wilson não falou, nem tampouco o Sr. Bailey, nem a esposa do pastor, nem o Dr. B. da Sra. Kurby; que a Sra. Wilmot não foi vista pelo companheiro de seu marido no beliche do navio...; que as experiências de Crookes, auscultando o fantasma de Katie King, tão tangível e tão feminino, são farsas, etc., em outras palavras, *rejeitar todas as observações* em virtude de não as compreendermos. Não é esse o nosso princípio.

Talvez a seqüência dos fatos que temos de examinar nos esclareça. Não desesperemos; reunamos as observações, comparemos, analisemos, estudemos.

Seja como for, os testemunhos parecem-me suficientes para afirmar a realidade da existência dos *duplos*.

Confessemos, porém, que nos restam ainda muitos mistérios para esclarecer. O violinista de 1793 acaba de dar-nos um antegosto.

Um certo número de sistemas filosóficos e religiosos, depois da Rosa-cruz, dos teofilantropos, dos swedenborguianos do século XVIII, até os teósofos do século XX, apresentam documentos sobre o corpo astral, o corpo mental, o corpo fluídico, as aparições que concordam com as nossas deduções atuais, as quais nenhuma novidade dão aos seus adeptos: compreendem que o que esta obra quer estabelecer são as *provas experimentais*, científicas, positivas, irrecusáveis, sobre as quais a religião futura será fundada, em lugar de o ser em revelações que se declaram estranhas à razão, em palavras, em raciocínios metafísicos.

Parece-me que, se uma das múmias, deitadas nos sarcófagos egípcios do Museu do Louvre, ressuscitasse hoje e lesse este capítulo, nada de novo encontraria nele.

A nossa conclusão pode resumir-se assim:

Além dos *pensamentos-formas* – *duplos* subjetivos –, os *duplos* reais, objetivos, estão experimentalmente provados por todos aqueles que se deram ao trabalho de estudar a questão. Para os primeiros, há transmissão de pensamentos, transparência de ondas cerebrais, sob a ação da vontade. Para os segundos, há atos materiais. No atual estado da Ciência, toda explicação é impossível.

Qualquer que possa ser essa explicação, de futuro, tais estudos nos ensinam, antes de tudo, uma verdade bem evidente: é que há ainda muitas coisas para conhecer, que a Ciência não é um livro acabado, que somos extremamente ignorantes e que a natureza dos seres, a vida, a morte, continuam a representar para nós interessantes mistérios a sondar.

Pelo momento, adivinhamos que o pensamento é produtor de imagens projetadas a distância. Vamos averiguá-lo pelo nosso método positivo, e estas observações nos conduzirão ao caminho das aparições de moribundos e de mortos.

## CAPÍTULO III

### O pensamento produtor de imagens projetadas a distância

*– As aparições de vivos. – Mortos que aparecem vestidos como quando viviam. – Cinematografia psíquica. – Transmissões telepáticas sensoriais.*

“A palavra “sobrenatural”, aplicada a um fato, é um absurdo.”

*Alfred Russel Wallace.*

Os *duplos* de vivos mostram-nos imagens produzidas pelo pensamento; teremos numerosos exemplos deles nas manifestações de moribundos e de mortos.

*Durante a morte* vêm enfileirar-se, em ordem, diversos fatos inexplicados, dos quais o estudo atento nos levará gradualmente ao conhecimento do que existe *depois da morte*. Tais são, entre outros, as aparições de vivos e de mortos vestidos justamente como se conheceram e de que os aspectos, atitudes, vestuários, são para nós verdadeiros enigmas. Não inscreveremos estas observações no quadro das manifestações seguramente anteriores ao falecimento, ainda que, no entanto, a sua discussão mais de uma vez parecerá levar-nos a isso; vamos examiná-las com toda a independência e procurar compreendê-las.

A alma é uma substância, uma realidade, como um átomo de oxigênio, de azoto, de ferro, de rádio, mas sem dimensão; entidade sutil das nossas concepções de medidas materiais de ponderação, átomo psíquico, átomo pensante, átomo força. Está associada ao corpo por um organismo fluídico do qual acabamos de ver certas manifestações nos *duplos* estudados no capítulo precedente e de que outros aspectos em breve se apresentarão ao nosso exame.

O vosso corpo não é o vosso *eu* absoluto. O vosso espírito é a energia que o move, por um organismo invisível, totalmente

distinto do corpo, dotado de sentidos especiais, visão, audição, paladar, olfato, tato e *outros*, de ordem psíquica.

Todo pensamento atua virtualmente, com intensidade maior ou menor, como agente material, como um projétil, uma pedra, um pedaço de metal, e pode projetar-se a distância. Se um homem pensar num assassínio, emite no ar um elemento de homicídio.

Uma aparição telepática, de vivo ou de morto, pode ter origem objetiva, ou real. Pode também ser subjetiva, no espírito que a percebe e no ser de que emana, o que explicaria a existência do vestuário. Estudemos conjuntamente.

Certas aparições parecem ser, muitas vezes, espécies de projeções, de telefotografias animadas, de cinematografias. O ser, tal como é ou tal como se sente, projeta a sua imagem a distância, com os vestuários. É uma autoprojeção.

Um pensamento, uma imagem, uma impressão, uma emoção, existindo no espírito de qualquer pessoa, podem despertar impressão similar, no espírito de outra personagem. Esse fato, hoje comprovado, reduz seguramente a dificuldade do vestuário e acessórios dos “espíritos”, pois naturalmente que uma impressão mental representa uma pessoa no seu estado normal. As aparições e manifestações observadas correspondem a alguma coisa de objetivo e de real, como a imagem refletida num espelho correspondente a uma realidade, apresentando-lhe o aspecto verídico. Mas o problema fixa-nos uma questão bastante complexa.

Os nossos pensamentos agem materialmente e transportam com eles espécies de eflúvios. Podem marcar-se sobre um objeto, sobre uma folha de papel. Um dia, na Salpêtrière, em 1889, eu procedia a algumas experiências com Charcot. Convidou-me a pegar num jogo de cartões brancos, a escolher um deles, a pensar que o meu retrato aí estava pintado e a mostrar esse retrato imaginário à doente. Fiz, seguidamente, nas costas do mesmo cartão um sinal que a hipnotizada não viu, baralhei essas cartas e apresentei-lhas sem as voltar, pedindo-lhe que procurasse o meu retrato numa delas.

Consegui-o imediatamente, o que me causou vivo espanto.

E ela quis levar esse cartão em branco para o seu quarto, conservando-o como recordação e vendo nele claramente o meu retrato.

O magnetizador estava presente, em boa verdade; mas, afinal, a alucinação verídica era incontestável.

Embora estejamos certos de que nos é impossível explicar tudo, procuramos saber sempre. O meu amigo Albert de Rochas escrevia-me em fevereiro de 1904, dizendo-me que, hipnotizando duas moças de Voiron, verificara que uma delas exteriorizava o seu *duplo* à vontade e que ambas viam esse *duplo* tomando os aspectos que a jovem queria imprimir-lhe. Este ponto, notava ele, é muito importante, porque indicaria que tais formas estão no espírito, nos pensamentos, nas recordações do *médium* produtor. Oliver Lodge já havia sugerido que “os vestuários aparecem porque são imaginários” (discurso de 31 de janeiro de 1902, na *Society for Psychical Research*).

Que o nosso pensamento produza imagens e dê origem a aparições não há dúvidas. Entre os fatos curiosos já apreciados pelos meus leitores, lembrarei aquele que tirei de uma comunicação que me foi dirigida das Bouches-du-Rhône, em 1899 (carta 715, *O Desconhecido*, capítulo III, caso CLVI):

“A 31 de maio de 1895, meu filho mais velho, alistado voluntário do 1º de Hussards, em Valença, tomava parte nas manobras de exercício em campanha. Formando na ponta da vanguarda, meteu o cavalo a passo, observando a região ocupada pelo inimigo figurado, quando de repente, de uma emboscada, um tiro atingiu meu desditoso filho em pleno peito. A morte foi quase fulminante.

O autor involuntário desse fatal acidente, ao ver o seu camarada largar as rédeas e oscilar no pescoço da montada, apressou-se a correr para ele, para o amparar, podendo ouvir as últimas palavras que o moribundo exalou, num derradeiro suspiro:

– Fizeste-me muito mal... mas eu perdô-te... Por Deus e pela pátria, sempre... presente!

Em seguida expirou.

Ora, nesse mesmo dia de 31 de maio de 1895, pelas 9 horas e meia da manhã, enquanto minha mulher se ocupava dos serviços caseiros, a nossa filhinha que tinha então dois anos e meio de idade, aproximando-se de sua mãe, disse-lhe, na sua linguagem infantil:

– Mamã, olha o padrinho (meu filho mais velho era o padrinho de sua irmã), vê, mamã, vê o padrinho. Eu brinco com ele.

– Sim, meu amor, brinca – respondeu minha mulher, sem ligar importância às palavras da criança.

Mas a pequenita, em face da indiferença da mãe, redobrou de insistência, acrescentando:

– Mas, mamã, anda ver o padrinho... *Olha, está ali!* E como se encontra bem vestido!

Notou minha esposa que a criança, ao falar-lhe assim, estava como que transfigurada. A princípio, comoveu-se, mas bem depressa esqueceu esta cena que apenas durara alguns minutos, e só dois ou três dias mais tarde se lembrou de todos os pormenores.

Um pouco antes do meio-dia, recebemos um telegrama informando-nos do terrível acidente ocorrido ao nosso bem-amado filho e soube mais tarde que o drama se tinha dado pelas 8 horas.

*Rougé*

Ville des Tilleuls, à Salon (Bouches-du-Rhône).”

Essa visão de uma criança não é das menos interessantes. Seria difícil aplicar-lhe as pretensas explicações alucinatórias da imaginação dos “percipientes”, e o uniforme do fantasma, como ainda a coincidência da morte, são outras tantas garantias da realidade do fenômeno. Quase não vejo outra interpretação a dar a este fato senão esta:

Ao morrer, o pobre rapaz teria tornado a ver a sua casa e a criança, e tal pensamento atingiu-a. A pequena viu seu padrinho justamente como ele estava, com o seu uniforme de soldado. Não foi o espírito da criança que se transportou ao longe, como em



determinados casos, porque então teria visto o acidente; foi o pensamento do moribundo que veio impressionar a criança.

Pensamento produtor de imagens; nestes termos, os vestuários do fantasma não deviam surpreender-nos.

Essa projeção direta parece-me mais provável do que uma série de ondas esféricas atingindo todos os cérebros.

Acontece outro tanto no exemplo que se vai ler. É a aparição de moribundo, igualmente de incontestável autenticidade, assinada por Metzger na sua obra *Ensaio de Espiritismo Científico*.

Um médico (o Dr. Rowland Bowstead, Caistor) relata a seguinte observação pessoal:

“Jogava uma partida de críquete. Uma bola que eu devia apanhar rolou para o lado de uma sebe baixa. Corri para o sítio com um companheiro. Quando cheguei junto da sebe, vi da outra banda meu cunhado, por quem eu tinha muito afeto. Trajava de caçador e trazia uma espingarda no braço. Sorria e acenava-me com a mão. Pedi ao meu camarada que fitasse a aparição, mas ele nada viu, e, quando eu pretendi contemplá-la de novo, já ela havia desaparecido. Muito contristado, fui à casa de meu tio e contei-lhe o que acabava de ver. Tirou o relógio: era 1 hora e dez minutos.

Dois dias depois recebi de meu pai uma carta anunciando-me a morte de meu cunhado, ocorrida precisamente à 1 hora e dez minutos. Tal morte se deu de maneira singular. No dia indicado, de manhã, sentindo-se bem disposto, seguidamente a uma doença, meu cunhado declarara que podia ir à caça. Depois, tendo pegado na sua espingarda, voltou-se para meu pai, perguntando-lhe se me havia mandado buscar. Como meu pai lhe respondesse negativamente, ele exaltou-se, afirmando que me veria, a despeito de tudo. De repente, caiu fulminado, em conseqüência da ruptura de um vaso sanguíneo dos seus pulmões. Estava, nesse momento, em trajes de caçador e tinha uma espingarda no braço, exatamente como na aparição que me havia impressionado.”

Por que razão e qual o motivo de tal aparição, com esse vestuário, nesse traje de caçador e uma espingarda no braço?

Há aqui toda uma série de interrogações. Os nossos adversários respondem, dizendo que o caso não é verdadeiro, que não há nisso mais do que uma alucinação imaginária. É muito simples, mas a resposta não pode ser dada como solução. Temos o *fato*: resta encontrar a sua explicação exata, absoluta.

Pode procurar-se.

Foi numa discussão relativa a seu cunhado que o homem, partindo para a caça, foi assaltado pela congestão. Pensava, pois, nele. É-nos dado imaginar que uma onda etérea, partindo do seu cérebro, fosse impressionar o de seu parente. Teríamos rejeitado com desdém essa idéia há cinqüenta anos; a telegrafia sem fios justifica-a hoje. E quando mesmo não a autorizasse, o nosso dever é o de não negar os fatos.

Aparição do corpo astral? Não! Não vamos tão longe. Este caso é idêntico ao precedente. A imagem do caçador transportou-se ao cérebro do “percipiente”, como a do padrinho, que recentemente mencionamos, ao da sua afilhada.

Um outro exemplo, particularmente notável também, é o de um afogado aparecendo a seu irmão, com os vestuários encharcados, no momento em que se afoga:

“O comandante Mennelshisch conversava, no seu quarto, com outro oficial, quando viu seu irmão Georges entrar e sentar-se, com o vestuário a escorrer água. Andava no mar e, nesse instante, o seu navio naufragava.

Essas aparições são projeções lançadas pela alma dos moribundos. Revestem as formas expressas pela idéia dominante daquele que aparece. O derradeiro pensamento do afogado é para seu irmão. Surgiu revestido de roupas molhadas, porque o vestuário deve ter-lhe paralisado os esforços, imprimindo-lhe a idéia da tortura que experimentava.

Não se notou o menor vestígio de umidade no sítio em que esteve sentado, embora fosse visto, ao entrar, com a roupa a escorrer.”

Temos, portanto, também aqui uma imagem projetada ao longe, como fotografia levada por força desconhecida. Se se não tivesse inventado a fotografia nem o telégrafo nem as transmis-

sões elétricas, não compreenderíamos nada disso. Todavia, nem por tal circunstância esses fatos deixariam de existir.

As transmissões de imagens são mais numerosas do que se pensa, muito variadas e bastas vezes muito complexas. Eis uma das mais curiosas que há pouco me foi enviada pelo próprio observador:

Um homem que se julgava à beira da morte (que se imaginava mesmo morto) apareceu a distância, fez conhecer a sua situação e transmitiu os seus pensamentos. Esta observação pessoal, absolutamente autêntica, foi feita mesmo pelo narrador que é suficientemente versado nos estudos psíquicos para apreciar-lhes o valor. Ao agradecer-lhe esta comunicação, apraz-me associar à minha gratidão o nome do meu erudito amigo R. Maratray, ao qual devo o conhecimento do documento seguinte, recebido de Londres a 19 de setembro de 1920. Vamos examiná-lo com interesse todo especial:

(CARTA 4.271)

“Estive, durante certo número de anos, à frente de um grupo de moços que, na sua maior parte, me consideravam um pouco como parente, protetor, em virtude do interesse que sempre lhes testemunhava, assim como a suas famílias. Muitos de entre eles fizeram o sacrifício da sua vida durante a guerra e eu fui o intérprete de alguns para levar mensagens consoladoras a seus doridos pais.

A 12 de julho de 1918, estava eu com uma amiga, a Srta. X., na sua sala de visitas, e conversávamos sobre quaisquer assuntos, quando ela me disse, de súbito:

– Parece-me que um dos seus rapazes deseja fazer-lhe alguma comunicação. É um moço alto, moreno, com fardamento caqui, e com as dragonas voltadas para mim, de maneira que nelas posso ler claramente estas letras: R. E.

Disse-lhe que não conhecia senão um rapaz que correspondia a esses sinais e que pertencia ao corpo *Royal Engineers*. Chamava-se ele W. M. e eu não o julgava morto.

A Srta. X. replicou:

– Afirma que é ele, na verdade, mas (e sorri) supôs que o senhor o tratasse pelo sobrenome, porque o conheciam na sua roda.

Respondi imediatamente:

– Vamos, *Father* (tal era a sua referida alcunha), que grande novidade é para mim o saber que morreu!

Contou-me, então, que fora sepultado vivo, no seu abrigo subterrâneo, pelo desabamento provocado pela explosão de uma granada germânica e que ainda estava enterrado. A minha interlocutora, vidente, sensitiva, *médium*, exprimiu os sofrimentos que sentia pessoalmente, coincidindo com os experimentados pelo jovem soldado. Perguntaram-lhe qual o motivo que o levava a manifestar-se a ela.

– É que – respondeu ele – ao perder os sentidos, pareceu-me que meu irmão Jock viria juntar-se a mim dentro em breve. Leva uma vida desordenada no Egito e a senhora é a única pessoa – acrescentou ele, dirigindo-se-me – de quem o conselho imediato poderia salvá-lo dessa existência perigosa.

Prometi cumprir esse desejo, embora visse as grandes dificuldades que teria de vencer para encontrar Jock, porque ignorava o endereço de sua família.

– Não há também qualquer recomendação para seu outro irmão, Duncan?

– Não – replicou ele –; Duncan não corre perigo e voltará, são e salvo, a casa.

Procurei desde logo o meio de entrar em relações com o jovem Jock. Pareceu-me mais seguro escrever à filha do gerente da nossa sala de exercícios que conhecia a maior parte dos meus rapazes e de suas famílias. Insisti para que me auxiliasse nas minhas investigações. Três dias depois recebi dela uma carta exprimindo o seu pesar; procurara por todas as formas descobrir o paradeiro da família em questão, mas sem o menor resultado. Ora, o correio seguinte trouxe-me uma segunda carta informando-me de que, no instante mesmo em que acabava de enviar-me a precedente mensagem,

havia encontrado uma companheira de colégio que a informara da sua ansiedade por não receber notícias do seu noivo, que se encontrava no Egito.

– Quem é ele? – inquiriu.

– Quê? Não se recorda de Jock M.?

Era precisamente o moço de quem eu procurava a direção. Simples coincidência fortuita ou intervenção de amigos do outro mundo, conhecedores das minhas preocupações?

Em conseqüência dessa curiosa circunstância, pude obter o endereço de Jock e escrevi-lhe afetuosa carta falando-lhe da ansiedade de seu irmão e suplicando-lhe que me dissesse se tal ansiedade era fundamentada e se não pensava que era necessário mudar de vida para a salvação de sua alma.

Na semana de Natal do mesmo ano recebi no meu escritório a visita de Jock e seu irmão Duncan. Por uma nova coincidência não menos singular que a primeira, haviam-se encontrado na rua em que vivia sua mãe, um vindo de França e outro da Palestina, desembarcando ambos em estações diferentes, com pressa de reentrarem na sua casa de Londres.

Jock disse-me que a minha carta lhe fora entregue num dos momentos mais críticos, quando, desgostoso com a perversidade da vida do Cairo, da qual participava, hesitava entre estas duas alternativas: ou suicidar-se ou partir para a frente das linhas de fogo na Palestina. A minha carta dera-lhe o que pensar. Lembrava-se das nossas relações antigas e esta lembrança salvou-o! Ora, no mesmo dia vieram fazer-lhe a proposta de conduzir à Palestina o automóvel do general, porque era muito conhecido como hábil chofer.

– Mas – acrescentou Jock –, nosso irmão Will está ainda vivo. Nossa mãe recebeu ontem carta dele. Não compreendo como pudesse transmitir-nos tal mensagem. Creio nas comunicações com os mortos, mas como é possível produzir-se uma tal manifestação com pessoas vivas?

– Vosso irmão não estava morto, certamente – exclamei eu –, mas a morte ameaçava-o e o simples fato de solicitar o

meu auxílio em vosso favor nessas circunstâncias prova-o suficientemente.

Nessa famosa noite e no momento preciso, enquanto ele se manifestava, encontrava-se numa trincheira, vira saltar a maior parte dos seus camaradas na explosão do fogo inimigo, à medida que os alemães descobriam os seus abrigos, e esperava que os últimos obuses dirigidos contra os seus esconderijos o atingissem por sua vez, de um momento para outro.

Recorda-se perfeitamente de ter então pensado em todos os seus, nos que amava, em sua casa e particularmente nos seus dois irmãos militares, regozijando-se com pensar que poderiam ser poupados, ao passo que ele sucumbiria. Ora, justamente nesse momento, a artilharia inglesa, descobrindo a bateria inimiga, fê-la saltar e o meu jovem amigo salvou-se.

O outro irmão, Duncan, sobre o qual não havia a menor inquietação, foi morto três semanas depois da visita que me fizera, no instante em que levava ao seu destino mensagens importantes, como agente de ligação, através de uma zona violentamente varrida pelo fogo dos adversários.

*Bernard H. Springett*  
14, Earl's Court Square, Londres.”

Há nesta narrativa muitos fatos extremamente impressionantes:

- 1º) a aparição a uma vidente, uma sensitiva, um “médium” (seja o nome qual for) de um homem vivo que se crê chegado ao momento de morrer, soldado na frente da batalha inglesa, na França (*pensamento produtor de imagens*);
- 2º) a comunicação desse soldado com um amigo, um protetor, a quem pede que velasse por seu irmão, que nesse tempo estava no Egito;
- 3º) um conjunto de circunstâncias permitindo que o protetor encontrasse o endereço do mesmo irmão;

- 4º) esse irmão enviado à Palestina à hora predestinada, como se uma influência psíquica tivesse dirigido os fatos;
- 5º) o herói da aparição não sendo morto, como temera: aparição de vivo;
- 6º) a previsão de que o terceiro irmão voltaria são e salvo à casa paterna, e a imprevisão de que seria morto durante a guerra.

Não parece termos aqui a impressão de sentir, como em outros casos, que o mundo invisível exerce às vezes uma ação sobre o mundo visível e, ao mesmo tempo, que se não sabe tudo quanto nele ocorre? Duncan voltou, com efeito, a casa; mas foi morto mais tarde.

É certo que, quando um homem conhecido pela sua inteligência, o seu saber, a sua firmeza de julgamento e a sua sinceridade, nos comunica uma observação feita por ele próprio, o seu testemunho autoriza a nossa convicção! Se um astrônomo vê cair um bólido da vizinhança de Vega, indo extinguir-se para os lados de Arctúrus, se determinou o seu percurso na abóbada celeste, não admite que se duvide da sua observação, a pretexto de que foi ele o único a realizar a observação mencionada. A narração do Sr. Springett, que se acaba de ler, tem todas as características de veracidade e por isso eu podia deixar de procurar-lhe uma confirmação. Todavia, timbrei sempre em documentar a minha convicção pessoal com investigações apropriadas e devo dizer que, à parte raras exceções, a exatidão dos relatos recebidos foi sempre confirmada.

Pelo que toca ao caso precedente, pareceu-me que seria útil receber da pessoa associada a esta observação psíquica um relatório pessoal independente. As palavras Srta. X., W. M., Jock X., não satisfazem muito. Pedi, pois, ao autor que tivesse a amabilidade: 1º, de me tornar conhecidos os nomes completos, com a condição de eu os não publicar, se a família a isso se opusesse, e 2º, de solicitar à Srta. X. que me enviasse um depoimento individual, segundo suas próprias recordações. A minha petição foi muito graciosamente acolhida e realizada. A 29 de outubro de 1920 o Sr. Bernard Springett mandou-me todos os

nomes e documentos que com eles se relacionavam, e a Srta. X. enviou-me um relato firmado por ela mesma, Júlia Smith, Cyprus House, Havre des Pas, em Jérsey, onde residia então, sem me rogar que lhe ocultasse o nome. Ainda que redigido em termos muito diferentes dos do Sr. Springett, a descrição da cena é idêntica. O jovem soldado William M. (sua família, escocesa, veria com desgosto o seu nome publicado) considerava-se morto. Eis a frase textual do “médium”: “*I asked: Have you passed over? The answer was: Yes. – “How?”, I asked. “I was buried by earth falling on me.”*”

Assim, julgava-se morto, sepultado sob o desabamento de terra da trincheira.

Sente-se, depois dos comentários do Sr. Springett, que se trata aqui de fato religiosamente observado por cristãos austeros, e escrupulosamente recolhido. Conclui ele:

(CARTA 4.292)

“Sou um humilde crente na autoridade divina, que nos últimos anos permitiu-nos comunicar com os que foram para o outro mundo, evidentemente com o fim de aperfeiçoamento.”

Que o soldado que se imaginava morto – mas que não o estava e ainda vive, atualmente – tenha pensado no seu protetor moral, o Sr. Springett, não é duvidoso; que esse pensamento produzisse imagem visível para o vidente, também não pode pôr-se em dúvida. Portanto, não se trata de um *duplo* como os que examinamos no capítulo anterior, mas de outra coisa: é um pensamento produtor de imagens projetado a distância.

Eis uma projeção de imagem que pode ser comparada à precedente. Como nas observações que se acabam de ler, trata-se de aparições notadas em estado de vigília e não em sonho:

(CARTA 611)

“Um dia, pela manhã, há meses, estava eu no leito, bem acordado, e o meu olhar dirigia-se para um espelho colocado perto de mim. Num dos seus ângulos, vi muito distintamente a cabeça e as feições de uma pessoa que tinha conhecido ha-



via alguns anos e com a qual mantivera relações muito amigáveis que só foram cortadas em consequência de circunstâncias fatais.

Essa pessoa tinha deixado Genebra, partindo para o seu país distante, e nunca mais tive notícias dela.

Quando a vi no espelho, olhando-me fixamente, experimentei, ainda que atemorizada, certa felicidade; sentei-me na cama, interrogando-a, perguntando-lhe se, com efeito, era ela. Todas as linhas do seu rosto, antes duras, se adoçaram, as suas pálpebras bateram de prazer e na sua boca desenhou-se um sorriso de paz.

Eu olhava sempre; mas a visão desvaneceu-se. Alguns dias depois sonho que essa pessoa morrera precisamente na mesma data.

*Sra. Antônia Hormung, em Genebra.*”

Segundo essa narrativa, a visão teria durado o tempo suficiente para tornar muito improvável a hipótese de alucinação. Podemos imaginar que, no momento da morte, o seu pensamento irradiou com intensidade, projetando-lhe a imagem a distância.

Assinalei já a seguinte aparição de certa mãe a seu filho, de Bolonha a Modena, ao passo que um outro seu filho permanecia junto dela, em Bolonha:

(CARTA 443)

“Aos vinte anos, estudava eu em Bolonha, ao passo que meu irmão entrava para a Escola Militar de Modena.

Uma noite, antes de deitar-se, minha mãe queixou-se de ligeira indisposição e mostrou-se um pouco inquieta, por causa do filho ausente; mas, boa, doce e resignada antes de tudo, retirou-se tranqüilamente para o seu quarto, depois de me ter beijado com ternura, como de costume. Os nossos quartos de dormir eram contíguos. Empreguei parte da noite num trabalho difícil e somente de manhã consegui adormecer.

De repente, fui despertado por um ruído de vozes e, abrindo os olhos, fiquei surpreso ao ver no quarto meu próprio irmão, pálido, o rosto transtornado.

– Como vai a mamãe? – inquiriu ele –. Pela meia-noite e dez minutos vi-a distintamente à cabeceira do meu leito em Modena. Sorria-me. Com uma das mãos mostrava-me o céu e com a outra abençoava-me. Depois desapareceu. Asseguro-te que mamãe morreu!

Corri para o quarto venerado de nossa mãe; estava morta, com efeito, tendo um sorriso nos lábios... Mais tarde o médico afirmou-nos que ela deveria ter cessado de viver pela meia-noite, aproximadamente.

*E. Asinélli.”*

É muito curiosa essa observação: a mãe aparecendo a seu filho, ao longe, e este comunicando com seu irmão, vizinho da morta. Em Modena, este irmão sofria bastante com a ausência do outro, com quem estava em contínua comunicação mental. Que se tenha transportado, em imagem dupla, para junto de seu irmão, falando-lhe, é possível, mas não provável: devemos pensar, antes, que agiu telepaticamente sobre o cérebro de seu irmão, que julgou vê-lo e ouvi-lo: transmissão de sensações.

Verificamos aqui, uma vez mais, que a distância não existe, em telepatia: o espaço e o tempo das nossas sensações desaparecem.

Os *duplos* são, seguramente, por vezes, produções do pensamento projetadas a distância.

Não duvidamos da esfera de ação do nosso espírito encarnado. Percorrendo recentemente as obras dos antigos magnetizadores, notei um interessante exemplo de transmissão a distância que poderíamos intitular “*A telepatia em 1822, numa sensação magnética de cheiro*”. Encontrei-a nas observações de Deleuze, bibliotecário do Museu de História Natural de Paris e, nessa época, um dos mestres de magnetismo. Magnetizava um *sujet* muito sensível, uma rapariga, que vivia perto do Teatro Francês (ele habitava na rua Real, perto da Praça da Concórdia). Eis o

relato que fiz de uma observação realizada a 9 de setembro de 1822:

“Pelas nove horas e meia da noite, enquanto eu passava a limpo a última consulta desta sonâmbula, senti nas narinas, muitas vezes, o cheiro do vulnerário. Como minha mulher e minha filha, que nessa estação se encontram habitualmente no campo, estivessem nesse mesmo dia em Paris, extraordinariamente, fui ver se a alguma delas teria acontecido qualquer acidente que exigisse o emprego do vulnerário. Encontrei-as muito tranqüilas e não senti, junto delas, o cheiro de que falei. Voltei para o meu escritório e experimentei a mesma sensação. A minha criada entrou, nesse momento; nada lhe havia sucedido igualmente e não deu mesmo por qualquer odor no compartimento. Disse-lhe então:

– Estou certo de que aconteceu qualquer acidente a uma das minhas sonâmbulas e que, neste momento, ela se serve do vulnerário.”<sup>21</sup>

No dia seguinte foi verificar: era exato.

Os meus leitores lembram-se talvez de eu ter mencionado uma observação da mesma ordem, em *O Desconhecido* (capítulo III, caso XLII). É pela comparação dos fatos que podemos instruir-nos. Eis aqui:

(CARTA 80)

“Anteontem falava-se em minha casa das nossas sábias investigações. Uma pessoa absolutamente digna de fé contou-nos que, assistindo aos últimos instantes de sua mãe, havia derramado à volta do moribundo, quase no momento do seu desenlace, grande quantidade de água de Colônia. À mesma hora a irmã do narrador, a mais de trinta léguas de distância, teve como que a certeza do falecimento de sua mãe e sentiu nitidamente um aroma de água de Colônia, sem que nenhum frasco desse perfume estivesse ao seu alcance. Esta dama sabia que sua mãe estava muito doente.

*Otávio Marais*

Antigo chefe do Colégio de Advogados em Ruão.”

Observadora muito cuidadosa, a Sra. Laboissière enviou-me, a 28 de novembro de 1920, do Departamento de Loire-et-Cher, certos documentos psíquicos dignos de atenção, dentre os quais se destaca o seguinte, por estas palavras:

(CARTA 4.332)

“Lembrei-me constantemente, sem de resto lhe ligar importância, de um incidente esquisito, relacionando-se com meu pobre filho, morto no princípio da guerra, na idade de vinte anos, e cuja morte me foi avisada por certos ruídos de que o informei. Na sua infância, estando na escola, caiu, durante a hora do recreio, sobre o pulso, ferindo-se ligeiramente; encontrava-me então num campo, distante dois a três quilômetros da mesma escola. Das 3 para as 4 horas senti intenso cheiro de álcool canforado que havia sido aplicado no pequeno ferimento de meu filho. Como pode isto ocorrer? Teria ele pensado em mim?”

Ver-se-á nisto apenas o acaso. Será suficiente?

Conheço unicamente restrito número dessas observações de transmissão de perfumes. Aqui está outra que se complica com projeção telepática.

Um membro da Sociedade Astronômica de França em Marrocos, o Sr. Agniel, ao enviar-me o resultado da sua observação acerca do eclipse parcial do Sol, de 10 de novembro de 1920, escrevia-me nessa mesma data, de Rabat:

(CARTA 4.310)

“Há dezenove anos, foi a leitura de *O Desconhecido* que modificou totalmente a minha existência. De materialista que era, transformei-me em sincero propagandista das idéias espiritualistas, que procurei aprofundar.

Permita-me que contribua com o meu testemunho pelo que respeita às manifestações do ser, agindo a distância. O fato é pessoal.

Tenho uma irmã de natureza muito impressionável, que vive em Nimes. Em 1906 fui fazer-lhe uma visita. Residia

eu, então, em Nice. Tomei um expresso que saía à meia-noite. Minha irmã gosta muito de flor de laranjeira e Nice é a capital da região onde floresce essa árvore de frutos de ouro. Colhi, portanto, para ela um ramo dessa florescência que coloquei diante de mim, na rede do compartimento. O seu perfume penetrante mantinha-me acordado.

Tendo-me desleixado de prevenir minha irmã dessa viagem, pretendi reparar a minha falta fazendo a comunicação por via telepática. Estando só na carruagem, tentei a experiência, enquanto o comboio corria a toda a velocidade entre Golfe-Juan e Cannes. Concentrando o meu pensamento sobre as flores e fechando, seguidamente, os olhos, transportei-me ao quarto de minha irmã, em Nimes, falando-lhe desta maneira: “*Chego. Venho ver-te, trazendo-lhe as flores que amas.*” Representei-me junto ao seu leito, mostrando-lhe o ramo de que formava a imagem no meu cérebro.

Pelas 10 horas da manhã desembarquei e corri apressadamente para casa de minha irmã.

– É curioso! – exclamou ela, depois de me ter beijado –; *Sonhei esta noite que vinhas ver-me e me trazias flores de laranjeira!*”

– Perfeitamente! – respondi eu –. Aqui estou e eis aqui também as flores de laranjeira.

Renovei essa experiência muitas vezes e sempre com êxito, salvo uma vez em que minha irmã não tinha ainda adormecido.

Acrescentarei que esse fenômeno de transmissão de pensamento é muito comum e serve de exercício nos meios teosóficos.”

A irmã do nosso colega pode ter recebido o perfume da flor de laranjeira à chegada de seu irmão. Nem por isso o sonho deixa de ter valor.

Entre tais raras transmissões, notemos ainda esta:

O Sr. Celestino Brémond, de Lião, estava afastado trezentos quilômetros de uma senhora que era “médium” e com a qual havia feito experiências. Recebeu dela uma carta que dizia:

“Eu estava perto do senhor, curando um cão que tinha feridas nas orelhas; dava-lhe injeções de um líquido que havia preparado, fazendo ferver folhas de noqueira num cozimento de cascas de carvalho. Depois pulverizei as feridas com pó de raiz de genciana. Temendo – acrescentava ela – que o senhor ou os outros se encontrem doentes, peço-lhe que me responda o mais depressa possível para nos tranquilizar, porque estou inquieta por nada compreender desse sonho.

Ninguém da minha família adoecera, informa o Sr. Brémond; pelo contrário, era excelente a saúde de nós todos; mas já assim não acontecia com um cão que recolhemos. Esse animal padecia de chagas nas orelhas, do interior das quais se produziam, intermitentemente, abundantes derramamentos. No entanto, tendo dado agasalho ao pobre animal, eu não queria, como os seus primeiros amos, abandoná-lo à desgraçada sorte da vadiagem, e decidi procurar curá-lo por todos os processos. Foi nesse momento que tive a idéia de escrever ao *médium*, cujas faculdades particulares se aplicaram, sobretudo, ao tratamento dos enfermos; todavia, não levei desde logo por diante tal decisão. Por isso mesmo, fiquei bastante surpreendido quando, dois dias depois, recebi a narrativa do sonho mencionado. *O meu pensamento transportara-se a distância* e, o que é mais curioso, o *médium* virá perfeitamente claro, porque, aplicando os remédios indicados por ele, curei, em pouco tempo, o meu cão. Tal é o fato na sua simplicidade.”<sup>22</sup>

A hipótese do acaso é verdadeiramente improvável.

O pensamento, a imaginação, o temor, a apreensão *podem desenvolver micróbios* latentes e produzir a morte pela raiva anteriormente adquirida? *Não*, responderia um anatomista. No entanto, lê-se no livro de Léon Daudet (*O Mundo das Imagens*, pág. 196) a seguinte observação que ele declara ter-lhe sido fornecida pelo seu amigo, o Dr. Vivier:

“Um camponês acompanha seu irmão ao vapor que deve conduzi-lo à América. No cais, um cão hidrófobo morde dois homens. O primeiro, o que fica em terra e sabe que o

ção está raivoso, morre passadas seis semanas, depois de sofrimentos atroz. A conselho do médico, a família esconde a causa dessa morte ao emigrante, que regressa dois anos depois, cheio de saúde e de ânimo.

Ao desembarcar foi informado da verdadeira causa do falecimento de seu irmão e seis semanas depois morria atacado de hidrofobia! Tal é, em certas criaturas, o trabalho orgânico da apreensão.”

Outro problema: pode ouvir-se uma voz a sete quilômetros de distância? Não, seguramente. Ora, os autores do *Phantasms of the Living* garantem a veracidade da seguinte história:

“17 de outubro de 1883.

Uma menina, amiga da minha mulher, vivia conosco na Austrália. Partira a cavalo (até à cidade, onde ficava o Correio, a 12 quilômetros de distância aproximadamente). Minha mulher e eu, que estávamos em casa, um criado, uma criada e meu filho adotivo, um belo rapaz, ouvimos todos a referida menina gritar e chamar: “*Oh, Johnnie, Johnnie!*” Era esse o nome do moço, companheiro habitual da linda amazona. Saímos todos ao mesmo tempo, mas não ouvimos nem vimos ninguém.

Passada uma hora, quando ela chegou, disse-nos que, em certo local distanciado pouco mais ou menos sete quilômetros, tendo de abrir uma cancela, o quisera fazer sem se apegar, curvando-se na sela para desapertar uma espécie de anel. Por qualquer coisa, o cavalo tomara medo, saltando para o lado e deixando-a suspensa na estacada. Disse-nos que bradara então por socorro e que imaginara que Johnnie estava atrás dela. Tendo alcançado o cavalo, chegara a nossa casa sem outro incidente, a não ser o susto. Era absolutamente impossível ouvir a sua voz através da região cheia de bosques que a separava de nós. O que parece estranho é que os outros, que não têm a mesma sensibilidade magnética que eu tenho, ouvissem o grito tão claramente e ao mesmo tempo que eu.

Todos responderam imediatamente ao brado, saindo de diversos compartimentos em que trabalhavam e dirigindo-se para a entrada da habitação, pensando que encontrariam a pessoa que chamava a braços com qualquer dificuldade, e todos ficaram surpreendidos de não verem ninguém, mesmo na grande planície, bordada pela floresta que essa pessoa tinha de atravessar.

*J. Wood Beilby.*”

O Sr. Beilby acrescenta, mais adiante:

“A habitação está insulada; não há outra residência em um raio de 5 quilômetros, ninguém estava lá nesse momento, a não ser os criados e os moradores da mesma casa.”<sup>23</sup>

No fato que acabamos de relatar ouviu-se certamente uma voz telepaticamente projetada. Que se passou no caso seguinte: O narrador atribui-o à eficácia de uma prece (??).

O *Mattino*, de Nápoles, publicou, a 22 de abril de 1906, esta notícia, transmitida pelo seu correspondente de Réggio (Calábria):

“Um jovem seminarista embarcou outro dia, na *gare* central de Réggio, no expresso Réggio-Battipaglie-Nápoles, que daqui parte pelas 5 horas e 55 minutos, e tomou lugar em um compartimento onde se encontrava o inspetor-chefe, o Sr. Dominico Fischétti.

Quando o comboio começou a andar, o Sr. Fischétti perguntou ao seminarista qual o fim da sua viagem e ele respondeu-lhe que se dirigia a Catona, para assistir à festa de S. Francisco. O inspetor mostrou, então, ao futuro padre o grande erro que praticara, porque o comboio em que se encontrava não parava em Catona. Para descer nesse ponto era preciso que tomasse um outro comboio, o que parte de Réggio pelas 6 horas e 17 minutos.

Calcula-se por isso o desgosto e a decepção do seminarista. Começou a excitar-se, a pedir conselhos, a invocar a Santíssima Virgem, com as lágrimas nos olhos. Como o seu companheiro de viagem lhe confirmasse de novo o que já



lhe tinha dito, ele disse que se atiraria pela janela, se o comboio não parasse em Catona.

Durante esse tempo o trem continuava a sua marcha e, chegado à ponte que precede a *gare* de Catona, ouviram-se os repetidos silvos da locomotiva e quase imediatamente o sinal de alarme. O comboio continuava a abrandar a marcha, até que finalmente parou.

Que acontecera?

O seminarista, cheio de alegria e quase triunfante, precipitou-se da carruagem, bradando que S. Francisco o acabava de fazer um milagre em seu favor, e os viajantes do comboio souberam do maquinista, um certo Triépi, que a paragem fora devida à presença de uma religiosa vestida de branco e de duas outras mulheres, que estavam no meio da linha férrea e que não se mexeram, apesar dos silvos da locomotiva.

Procuraram-nas, mas não viram ninguém, com exceção do seminarista que corria a bom correr para a *gare*.

O Sr. Fischétti relatou, tomado de espanto, as palavras do rapaz, motivando por isso mesmo a estupefação dos que o ouviram; o maquinista garantiu, da maneira mais formal, que viu três mulheres na via férrea, imóveis, inabaláveis. Então, como se não pudesse dar a este fato estranho qualquer explicação, começou a falar-se de milagre.

Tal é a narração, muito fiel, que nos foi feita por um moço empregado da estrada de ferro, em presença de muitas pessoas; ele acrescentou – como prova documental – que a paragem extraordinária do expresso, na ponte de Catona, foi relatada, segundo as prescrições regulamentares, no livro do registro.”

Como explicar o ato do maquinista? Pode supor-se uma ação telepática partindo do cérebro do seminarista e produzindo uma alucinação visual no maquinista?

Aconteceu-me fato idêntico, sem que nisso houvesse, ao que me parece, nenhuma causa oculta.<sup>24</sup>

Todas essas observações são muito enigmáticas, apesar da telepatia, apesar dos santos, apesar da Virgem Maria, apesar das

preces. Há aqui forças desconhecidas em ação. Eis, entre outras, uma carta muito curiosa que refere um dos mais extraordinários atos de moribundos:

(CARTA 930)

“Grodno, Bessarábia, 24 de julho de 1900.

Esta manifestação ocorreu há 7 anos aproximadamente. O Sr. Paulo Ménétche ocupava-se em fabricar cartuchos para fogos de artifício, em companhia de um oficial, em um quarto de hotel, em Varsóvia. À noite, foi o primeiro a descer ao restaurante, deixando a concluir o trabalho o seu amigo que, de resto, não tardou a ajuntar-se-lhe.

– Meteu os cartuchos na gaveta da minha mesa? – perguntou-lhe o Sr. Ménétche.

– Não – respondeu o oficial –; deixei-os no peitoril da janela – acrescentou.

– Foi uma imprudência – notou Paulo.

E não se falou mais disso.

Pela meia-noite abandonou o restaurante, voltando ao seu quarto e deixando o oficial em companhia de alguns amigos. Despiu-se, apagou a vela e não tardou a adormecer.

A certa altura foi despertado subitamente por um ruído. Ouviu nitidamente a porta de baixo abrir-se e fechar-se e, em seguida, passos que se dirigiam para o seu quarto, no terceiro andar. Isto inquietou-o um pouco; sentou-se no leito e esperou.

Mas eis que a porta do seu compartimento, que ele fechara à chave, se abriu também, deixando penetrar uma aragem fria. Sentiu que alguém entrava, passando levemente perto do seu leito, com ligeiro sopro gelado, e deter-se diante da janela. Em seguida ouviu mexer nos cartuchos e distinguiu perfeitamente que alguém pegava neles e os metia na gaveta da mesa. Depois o visitante noturno tornou a fechar a porta, perdendo-se os seus passos na escada.

Apenas essa estranha aparição se dissipou, P. Ménétche saltou da cama, acendeu a vela e correu à janela. Com gran-

de surpresa sua, aí encontrou todos os cartuchos, como na véspera. Viu o relógio. Eram duas horas da madrugada. Tornou a deitar-se, adormecendo novamente e acordando tarde. O criado do hotel, ao entrar no seu quarto, anunciou-lhe que, pelas duas horas da noite, *o oficial morrerá subitamente no restaurante.*

*Helena Schoulguine.”*

A nossa primeira impressão foi supormo-nos diante de um sonho do narrador. Sim; mas essa coincidência com a morte? Acaso do sonho ou acaso da morte?... Não. Tal interpretação simplista não nos satisfaria. Além disso, não se tratava de um sonho, pois que ele estava acordado, saltou do leito e procedera a verificações. A observação parece ter ocorrido justamente à hora do falecimento. O oficial estaria para cá ou para lá do limiar da morte? Mas o que é o tempo? Mesmo em caso de morte repentina, há muitos segundos ocupados pela transformação. Ora, um segundo é longo, para certas medidas elétricas. Ele teria pensado nos cartuchos, queria ir procurá-los, não poderia agarrá-los, por ser uma sombra, mas talvez julgasse isso. Sejam quais forem as hipóteses que se emitam, o fato, em si mesmo, mostra, como centenas de observações nossas, que o ser humano não se compõe inteiramente do corpo e dos sentidos que conhecemos. Existe nele outra coisa. O pensamento do moribundo poderia ir impressionar o cérebro do observador, que, em virtude da repercussão, teria ouvido abrir-se a porta, os passos do visitante e o ranger da gaveta e veria a janela e os cartuchos – tudo quanto o moribundo julgava fazer. Quantos pontos de interrogação! Mas o fato aí está para explicar. Nova ciência.

Essas manifestações da alma humana, ainda tão pouco estudadas, são de uma variedade verdadeiramente fantástica; o nosso pensamento pode projetar, longe, imagens, sensações de toda espécie; já observamos isso mesmo pela singularidade dos *duplos*. Muito naturalmente perguntamos a nós mesmos se todas as observações são de uma certeza absoluta e se não haverá aí lugar para algumas ilusões, alguns erros possíveis. O leitor apreciou sempre o nosso sentimento crítico e o nosso método.

Diz-se às vezes: “É tão grande o acaso! Pode fazer tudo!” Não! Nem é tão grande como se julga, nem pode fazer tudo.

Raciocinemos um pouco; raciocinemos sempre. A razão é superior às próprias matemáticas; as matemáticas não dirigem a Natureza viva.

Um dos nossos mais clarividentes filósofos franceses, que foi conjuntamente um dos nossos mais sábios matemáticos, d’Alembert, convida-nos a distinguir entre as fórmulas matemáticas e os acontecimentos vitais. Já ouvi sustentar, por matemáticos eminentes, que, *segundo os princípios do cálculo das probabilidades*, seria possível admitir que a disposição das letras que formam um poema tal, por exemplo, como a *Ilíada*, de Homero, ou *A Divina Comédia*, de Dante, poderia ter sido arranjada pelo acaso. Esse raciocínio parece-me simplesmente absurdo, admitindo mesmo que tal arranjo fosse levado ao infinito, durante a eternidade. Voltemos ao simples bom senso preconizado no primeiro capítulo. Eis o que a tal respeito se pode ler nas obras de d’Alembert:

“Suponho que mil caracteres que se encontrem sobre uma mesa formem um discurso; pergunto qual é o homem que não apostará tudo em como tal arranjo não é efeito do acaso. No entanto é de toda a evidência que esse arranjo de palavras que têm um sentido é tão possível, *matematicamente falando*, como um outro arranjo de caracteres que não formassem sentido algum. Por que é que o primeiro nos parece ter incontestavelmente uma causa e o segundo não? A não ser por supormos tacitamente que não há nem ordem nem regularidade naquilo a que o acaso unicamente preside; ou, pelo menos, que quando distinguimos em qualquer coisa ordem, regularidade, uma espécie de desígnio e de projeto, há mais motivos para apostar em que essa coisa não é o efeito do acaso do que se nela não se descobrisse nem regularidade nem desígnio.

Para desenvolver a minha idéia mais nitidamente, com mais exatidão, imagino que se encontram sobre uma mesa caracteres tipográficos dispostos desta maneira:

Constantinopolitanensibus  
ou aabceiiilnnnnnooopssstttu  
ou ubsaeptolnoiauoostnisnictn

Estes três arranjos contêm absolutamente as mesmas letras; no primeiro formam uma palavra conhecida; no segundo não formam palavra alguma, mas as letras se encontram dispostas segundo a sua ordem alfabética e a mesma letra está repetida tantas vezes quantas se vê na palavra *Constantinopolitanensibus*; finalmente, no terceiro os caracteres estão misturados, sem ordem e ao acaso. Ora, primeiro que tudo, é certo que essas três disposições, matematicamente falando, são igualmente possíveis. Não é menos certo que todo homem sensato que lançasse um olhar na mesa em que supomos estarem esses três arranjos, não duvidaria ou, pelo menos, apostaria tudo no mundo em como o primeiro não é o efeito do acaso e que não será muito menos inclinado a apostar que o segundo também o não é! Portanto, esse homem sensato não vê de modo algum as três disposições como identicamente possíveis, fisicamente falando, ainda que a possibilidade *matemática* seja igual e a mesma para todos os três.”<sup>25</sup>

Esse raciocínio é de toda a exatidão. O acaso não produz os fenômenos psíquicos aqui estudados. A ação inteligente das forças espirituais, por mais inacessível que ainda seja à nossa compreensão, não pode ser eliminada.

As observações que acabam de passar diante dos nossos olhos mostram-nos os efeitos do pensamento. Não são só as imagens visuais que podem transmitir-se telepaticamente, são também as audições, as impressões de cheiros, os germens da morte, as sensações cinemáticas. Essas transmissões operam-se, geralmente, nos momentos críticos da vida. O instante mais crítico de todos é, sem contradição, o da morte. Nos antigos quadrantes solares, uma das divisas mais insistentemente repetidas para qualificar as horas era esta:

*“Todas ferem;  
A derradeira mata.”*

É na hora extrema que as transmissões de imagens e de sensações são mais freqüentes. Todavia, o inquérito geral a que procedi permite distinguir do conjunto um determinado número de aparições de moribundos *precedendo a morte de muito longe*. Vamos examinar essas aparições premonitórias. São muito singulares, porém não são menos instrutivas do que as outras.

## CAPÍTULO IV

### As aparições de moribundos algum tempo antes da morte

*“Rejeita a opinião banal  
e salvar-te-ás.”*

*Marco Aurélio*

Preparam-nos os precedentes exemplos de *duplos* de vivos e de transmissões de imagens para o que se vai seguir. Seguramente, nenhuma preparação literária, nenhuma transição de retórica são necessárias para a admissão dos fatos. Esses fatos ou existem ou não. Mas um estudo metódico impõe-se por si mesmo à nossa classificação normal, e o plano geral desta obra teria podido adivinhar-se desde as páginas iniciais do seu primeiro volume: demonstrar por fatos de observação, fora de toda crença religiosa e em completa e imparcial liberdade de julgamento, a existência da alma, a sua independência do organismo corpóreo e a sua sobrevivência.

O nosso método deve conservar a mesma severidade do princípio ao fim. Não nos deixemos levar por palavras nem por ilusões.

Os testemunhos humanos são todos discutíveis e não devemos aceitá-los senão depois de rigoroso exame. *Testis unus, testis nullus*, diz o adágio jurídico romano. Uma só testemunha não faz prova. Acontece o mesmo, às vezes, com muitas. No entanto, há exceções. Se eu tivesse sido a única pessoa a observar o eclipse do Sol de 28 de maio de 1900, nem por isso deixaria de estar absolutamente seguro da sua realidade. Repitamos ainda, sem nos cansarmos, que deve presidir a mais extrema prudência à aceitação das narrativas. Quantas vezes me têm vindo mostrar falsos aerólitos, garantindo-me tê-los visto cair do céu, e que eram apenas escórias ou minérios mais ou menos esféricos que se tinham juntado no dia seguinte ao de uma apari-

ção de bólido, na direção da queda, a qual se havia realizado dez, vinte ou trinta quilômetros mais longe! Mas não devemos perder-nos, por excesso de cepticismo, no erro dos acadêmicos e dos escritores que negaram a existência dos aerólitos até 1803 (queda dos arredores de Aigle, no Orne). Um método científico racional há de impor-se-nos em todos os estudos, e sobretudo no que respeita aos fenômenos, muitas vezes incompreensíveis, que aqui examinamos. Sejam circunspectos, não cegos.

Mas, antes de ir mais longe, queria eu responder a uma objeção que acode muito particularmente ao espírito analista do método científico. Pode pensar-se que as coincidências não possuem o valor que lhes atribuímos, atendendo a que, por uma que se observa, mil sonhos, mil pressentimentos não têm a menor seqüência. Esta objeção seria aceitável se se não tratasse aqui de sensações especiais, de fatos precisos, de pormenores circunstanciados, de incidentes inesperados, às vezes de cenas vistas, tão reais como se houvessem sido fotografadas. Ela pode aplicar-se às observações que o leitor teve sob os olhos, no tomo primeiro deste trabalho, por exemplo ao pressentimento da Sra. Constans recusando-se a tomar uma poção que a teria envenenado, apesar das instâncias do médico; à morte da Sra. Arbussoff; à viagem noturna de Garrison, chamado a 28 quilômetros de distância por sua mãe moribunda; ou ao relógio do Sr. Perché-Banés, etc. A nossa convicção sobre as transmissões psíquicas vai, de resto, fortificar-se gradualmente pelos próprios fatos, absolutamente característicos.

Não é apenas à hora da morte que as manifestações e as aparições se produzem: é, em muitos casos, antes. Pareceu-me absolutamente indicado classificar os fatos por ordem cronológica, de uma parte, e de outra por modo completamente claro, para estabelecer a distinção entre as aparições e as manifestações diversas. Essas observações não datam de hoje; todavia têm sido desdenhadas e classificadas de alucinações, sem que ninguém se desse ao trabalho de as estudar, comparar e examinar seriamente.

A Duquesa d'Abrantes, nascida em 1789 e falecida em 1838, escreveu as suas *Memórias* sob a Restauração. Junot, Duque d'Abrantes, nascido em 1771 e morto, por suicídio, em 1813,



apareceu a sua mulher, depois de tentar suicidar-se, mas antes de expirar, e este caso merece a nossa especial atenção. A pessoa que dele foi testemunha conta-o na obra a que me acabo de referir, nestes termos:

“Era na noite de 22 para 23 de julho. Eu dormitava penosamente, como se dorme num sono febril, quando fui sobressaltada por sensação inteiramente desconhecida e dolorosa, ao mesmo tempo.

Acordei e vi nitidamente, perto do meu leito, Junot vestido com a mesma roupa de cor pardacenta que envergava no dia da sua partida para a Ilíria, contemplando-me com expressão doce e melancólica. Soltei um grito lancinante que despertou Branca (a minha primeira criada de quarto; ela vive ainda) e a Sra. Thomières, que imediatamente saltou do leito e correu para mim, perguntando-me o que eu tinha. Ai de mim! Via sempre essa aparição assustadora, pois que o rosto de Junot estava pálido e profundamente triste; parecia que já nos tínhamos separado neste mundo! Mas o mais terrível para mim era ver a aparição caminhar à volta do meu leito; e no entanto, meu Deus, uma das suas pernas estava quebrada. Enfim, por uma revelação intensa, eu via o estado em que Junot se encontrava e, todavia, nenhuma informação eu tinha recebido ou poderia receber, pois que o acontecimento ocorria nesse instante. E mais tarde, meu irmão hesitou durante muito tempo em dizer-me a verdade por temer pela minha vida, no estado em que eu estava.

– Acendei a luz – exclamei, no meu temor sempre crescente –; dêem-me ar e muita claridade, sobretudo.

E seguia com a vista a aparição sempre visível, que umas vezes se aproximava de mim, outras se afastava para um canto obscuro do quarto, fazendo-me sinais para ir ter com ela. Essa visão levava-me a crer, por momentos, que eu ia morrer; então soltava um grito surdo e prolongado que parecia um chamamento da morte. Foi só pela manhã que a aparição se dissipou gradualmente e se tornou em nuvem indistinta. Não explico o fenômeno; relato-o tal como é.

Quando, a 30 de julho, Alberto, de regresso de Sécheron, contou à Sra. Thomières os acidentes terríveis que haviam precedido a morte do duque, ela não pôde conter um grito de espanto e informou-o do que me sucedera.

Ainda hoje não posso repelir do meu pensamento a idéia de que existe uma correlação imediata entre duas almas ligadas por tantos laços que formam uma só. Creio-o e creio-o *firmente*. Os mistérios da Providência têm profundidade que a nossa vista não pode penetrar.”

Que concluir dessa história?

Dissemos anteriormente que Junot se tinha suicidado. O desgosto que lhe havia causado a derrota do exército francês na Espanha onde tinha recebido o título de duque, depois da tomada da cidade de Abrantes<sup>26</sup> – desgosto exacerbado pela frieza com que Napoleão o acolhera no seu regresso, e por uma espécie de decadência, deprimira-o inteiramente. Em julho de 1813 Junot fora a Montbard, a casa de seu pai, na esperança de restabelecer-se, quando, em delírio febril, se atirou pela janela afora, partindo uma perna. Dias depois morria (29 de julho). A sua aparição à esposa, em seguida ao acidente e *antes da morte*, representa um caso muito impressionante. A duquesa estava então nas margens do lago de Genebra, indo ao encontro do marido, na sua volta. Podem aproximar-se deste fato numerosas observações análogas de *duplos de vivos*. O que hoje conhecemos de comunicações telepáticas convence-nos de que a Duquesa d’Abrantes não foi vítima de uma alucinação sem causa e que o acaso deixou de ser explicação aceitável.

Junot apareceu, sem contestação possível, a sua mulher, seis dias antes de falecer, fatigado, moribundo. Não era um *duplo* como os de Liguóri, da Srta. Sagée, da Sra. Wilmot, de Sir Raschse, da Sra. Milman, da Srta. Clary e outros *duplos* objetivos; só ela o viu; era uma transmissão de pensamento e de imagem, análoga às que referimos no capítulo precedente; era uma aparição de moribundo antes da morte. Outras vão passar diante dos nossos olhos.

Os meus leitores já conhecem – e verão, minuciosamente, mais adiante (no capítulo X) – exemplos de mortos que vieram

anunciar o seu passamento mesmo antes de ele ocorrer, dizendo tranqüilamente “eu morri”, quando ainda estavam vivos, mas na iminência do falecimento. O primeiro desses exemplos que chegou ao meu conhecimento foi o de René Kraemer, primo do compositor André Bloch (*O Desconhecido*, capítulo III, caso III), que a 12 de junho de 1896 apareceu a sua tia, então em Roma, ao passo que ele estava em Paris, seis horas antes de expirar, dizendo-lhe: “Sim, estou bem morto!”. O jovem achava-se então em estado comatoso.

Dentre as aparições antes da morte, eis aqui uma particularmente notável, porque precedeu de dois dias o falecimento e obedeceu a uma promessa em que ninguém pensava. Esta curiosa observação foi redigida pela Condessa Eugênia Kapnist, e discutida cuidadosamente pela Sociedade Psíquica de Londres.<sup>27</sup> Leiamo-la:

“Em fevereiro de 1889 travamos conhecimento, em Talta, com M. P. e com sua mulher, passando a noite em casa de amigos comuns que tiveram a amabilidade de nos convidar. Nessa época M. P. já padecia de uma tísica muito adiantada; acabava de perder, em Petersburgo, seu irmão, atingido pela mesma enfermidade. Pediram a minha irmã que tocasse um pouco e ela escolheu, ao acaso, o *Prelúdio*, de Mendelssohn. Com surpresa minha, vi M. P., que apenas conhecíamos dessa noite, ir, muito comovido, sentar-se perto do piano e seguir, com uma espécie de ansiedade, a maneira de tocar da pianista. Quando ela acabou, disse-lhe que acabava de resuscitar-lhe no pensamento seu irmão, que executava o trecho absolutamente da mesma forma. Daí em diante, vendo minha irmã, gostava muito de conversar com ela. Falávamos da morte, o que era freqüente em Talta, sempre cheia de doentes.

– Sabe? – dizia ele a minha irmã –, parece-me sempre que o meu espírito está muito próximo do seu; tenho a certeza de a haver conhecido; não foi neste mundo, evidentemente, mas em vida anterior.

Uma noite de março ele afirmou-lhe:

– Se eu morrer antes da senhora, o que é bem provável, hei de visitá-la, mas aparecer-lhe-ei de maneira que não a assuste.

Minha irmã respondeu-lhe, tomando o caso muito a sério, que procederia do mesmo modo se fosse ela a morrer primeiro, e tomaram-me como testemunha desta mútua promessa.

Encontrávamo-nos, às vezes, em casa de pessoas amigas, e víamo-lo, constantemente, passear no cais, vestindo um sobretudo cor de avelã que nos excitava a hilaridade e que, sem eu saber por que, se nos conservou na memória.

No mês de maio saímos de Talta.

No ano seguinte, em Petersburgo, a 11 de março de 1890, fomos ao teatro. Representava-se o *Mercador de Veneza*. Uma das nossas amigas, que nessa ocasião viera de Tsarskoe, fora conosco. Terminado o espetáculo, apenas tivemos tempo de entrar em casa e mudar de roupa, acompanhando à gare a amiga mencionada, que partia no comboio da 1 hora. Instalamo-la no vagão e só a deixamos depois de a sineta dar o segundo sinal de partida.

O nosso criado fora adiante, com o fim de procurar o nosso carro. Minha irmã sentou-se, em primeiro lugar; fi-la esperar, descendo a escada mais lentamente; o criado tinha a porta da carruagem aberta. Pus um pé no estribo e de repente detive-me nesta atitude... de tal maneira surpreendida que não podia compreender o que me acontecia! Estava escuro dentro da carruagem e, no entanto, em frente de minha irmã, olhando-a, vi uma luz cinzenta que dir-se-ia fictícia, intensificando-se no ponto que mais atraía os meus olhos, *uma figura diáfana de silhueta débil*. A visão durou um momento, durante o qual, todavia, os meus olhos fixaram os pormenores desse rosto que eu julgava conhecer: *traços afilados, uma risca um pouco ao lado, nariz pronunciado, mento muito magro onde crescia uma barba rala e de um louro acastanhado*. O que me impressiona, se nisso penso presentemente, é o fato de ter visto as diferentes cores, embora a cla-

ridade acinzentada que alumiava mal o desconhecido fosse insuficiente para as distinguir, num caso normal. Estava sem chapéu e, ao mesmo tempo, *vestia sobretudo de cor de avelã*. Toda a sua figura tinha um ar de grande fadiga e magreza.

O criado, muito surpreendido por me não ver subir para o carro, tendo-me detido no estribo, julgou que eu calcara a saia e ajudou a sentar-me, ao passo que eu perguntava a minha irmã, tomando lugar a seu lado, se aquela equipagem era, na verdade, a nossa.

A tal ponto eu perdera a noção das coisas que, sentindo verdadeiro entorpecimento de cérebro por ver esse indivíduo estranho na sua frente, não dera conta de que, no caso de uma presença real de semelhante *vis-à-vis*, nem minha irmã nem o laçao ficariam tranqüilos, ao encará-la.

Depois que me sentei, nada mais observei e perguntei a minha irmã:

– Não viste nada na tua frente?

– Absolutamente nada. E por que razão me perguntaste, ao entrar no carro, se ele era o nosso? – inquiriu ela, sorrindo.

Contei-lhe então o que comigo ocorrera, descrevendo minuciosamente a minha visão.

– Creio que conhecemos essa figura – repetiu ela –. Essa risca ao lado, esse sobretudo cor de avelã... Mas, onde vimos tal personagem?

Dias depois, numa visita mundana, anunciaram-nos, de repente, que M. P. acabava de falecer em Talta. Eu e minha irmã fitamo-nos. A esse nome, a figura afilada e o sobretudo cor de avelã reencontravam o seu possuidor. Minha irmã reconheceu-o ao mesmo tempo que eu, graças à minha descrição justa. Procuramos nos jornais a data precisa do falecimento. A morte dera-se a 14 de março, dois dias depois da visão que tivera. Escrevi para Talta, pedindo esclarecimentos. Responderam-me que M. P. estava de cama desde 24 de novembro e que havia caído em estado de extrema fraqueza, mas que o sono não o abandonara. Dormia tão longa e pro-

fundamente, mesmo durante as derradeiras noites da sua existência, que isto deixava esperar melhoras. Surpreendemo-nos com o fato de ser eu a ver M. P., quando ele tinha prometido mostrar-se a *minha irmã*. Mas, devo acrescentar que, antes do fato aqui descrito, eu havia sido vidente certo número de vezes. Essa visão foi a que mais me impressionou, com as suas minúcias e com os coloridos diversos do rosto e do próprio vestuário.

*Condessa Eugênia Kapnist*  
*Condessa Ina Kapnist.*”

A segunda assinatura é a da irmã presente.

O Sr. Miguel Potrovo-Solovovo, que me enviou essa narração, acrescenta que certifica que a visão da Condessa Kapnist lhe fora contada antes de ele saber da morte do *sujet*.

Trata-se, certamente, da aparição de um morto *antes* do último suspiro, e mesmo muito tempo antes; mas, no estado de sono, de coma, sendo certo um desenlace fatal. *Duplo* de vivo, no entanto, como a do Duque d’Abrantes.

Neste momento expomos os fatos observados sem procurarmos explicá-los. Trata-se primeiro de saber que existem. Supor, como até hoje pouco mais ou menos se supunha, que sejam alucinações, ilusões da vista, não é hipótese aceitável para a nossa crítica científica, que tem necessidade de conciliar as coincidências e de não as desprezar. Que a Duquesa d’Abrantes haja visto, com tal grau de intensidade, do seu quarto de dormir, sobre as margens do lago de Genebra, seu marido suicidando-se em Montbard, por simples acaso, é coisa com que nenhum espírito investigador pode ficar satisfeito; como supor que seja uma ilusão sem causa o fato desse russo, que havia prometido a uma dama aparecer-lhe em caso de morte, mostrar-se num carro, depois de uma representação teatral, para cumprir a sua promessa? Ora, não são dois, três fatos desse gênero que eu tenho diante de mim, presentemente, para este estudo; são *muitas centenas*.

Notaremos desde já que a nossa opinião não admite que o *duplo* do moribundo russo tivesse vindo sentar-se no carro. A questão dos vestuários, nessas aparições, embaraça-me sempre,

repito-o. O corpo fluídico, o corpo astral, o perispírito não se conciliam com esses vestuários. Devemos pensar que a alma do que aparece atua telepaticamente sobre a alma da pessoa que vê, que se trata de visão subjetiva, parecendo objetiva, e que os fantasmas não são materiais, fotografáveis. Há-os de outras espécies. Voltaremos ao assunto.

Tais fatos são muito mais freqüentes do que se julga. Só o meu inquérito pessoal forneceu-me centenas deles e, *em geral, escondem-nos!* Na sua maior parte, são de tal modo circunstanciados nos seus pormenores que a visão que os anunciou é absolutamente adequada ao acontecimento.

Quem não tenha experimentado por si mesmo esses fenômenos, não tem de forma alguma o direito de negar ou de duvidar deles. Se alguém me declarasse que não acreditava nos bólides, porque jamais os vira; que não admitia a existência dos cometas, porque nunca os observara; que os tremores de terra não existiam, porque ainda os não sentira, eu duvidaria, por minha vez, da sua inteligência.

Um viajante célebre, que chegava do Senegal, contou-me que nunca vira um homem zombar dele com mais atrevimento do que um negro ao qual ele tivera a audácia de afirmar que a água era, algumas vezes, em França, mais dura que uma pedra. Água dura como um rochedo! Há aqui, na verdade, com que rebentar a rir para um negro que não deixou jamais os lagos das regiões dos trópicos.

Não sejamos tão... negros. Pela nossa instrução geral, não devemos, em princípio, negar nada, mas estudar, discutir.

Examinemos, pois, os fatos com o único fim de nos instruímos, sem a menor intenção antecipada.

As observações técnicas que vamos apresentar derramarão talvez alguma luz.

Foi dirigida à Sociedade Psíquica de Londres por um eminente homem de ciência, inglês, o Dr. C. J. Romanes, a seguinte aparição de uma pessoa que ia morrer (*Proceedings*, XI, pág. 440):

“Em fins de março de 1878, pela meia-noite, e num momento em que eu me imaginava acordado, julguei ver abrir a porta situada à cabeceira do meu leito, e introduzir-se pela abertura uma forma branca que, roçando-o ao passar e detendo-se perto da cama, se colocou diante de mim, o que me permitiu ver que ela tinha o corpo e a cabeça envolvidos de véus brancos. De repente, levantando as suas mãos, a forma retirou os véus que lhe ocultavam o rosto e eu pude distinguir as feições de minha irmã, há muito doente em minha própria casa. Chamei-a, gritando pelo seu nome, e vi-a dissolver-se instantaneamente.

No dia seguinte, um pouco perturbado pelo acontecimento, chamei o Dr. Jenner para ver a enferma, prognosticando ele que minha irmã tinha apenas alguns dias de vida. Assim foi, com efeito.

Eu gozava de perfeita saúde e não era presa de ansiedades de qualquer sorte. Minha irmã era tratada pelo nosso médico habitual, que nada tinha encontrado na enfermidade que justificasse alarmes, de maneira que nem eu nem a doente nos preocupávamos com tal enfermidade. Além dessa observação singular, não tive mais qualquer espécie de visão da mesma natureza.

*C. J. Romanes.”*

Que hipótese imaginar para esclarecer isso? A alucinação banal não explica essa premonição e deve ser eliminada. Pode supor-se que o *eu subconsciente* da enferma tivesse a percepção da morte iminente, contrariamente à personalidade consciente, que não supunha tal morte, e pensar, como Bozzano, que tal percepção, reavivando nela os seus sentimentos de ternura pelo irmão que ia deixar, teria determinado, na mentalidade deste último, uma impressão capaz de produzir o efeito observado. Pode pensar-se também que a irmã de Romanes se “desdobrou” realmente, transportando-se para o irmão em corpo fluídico.

A seguinte observação, tirada do mesmo volume dos *Proceedings*, semelha-se muito à anterior. Foi comunicada a Gurney pela própria observadora, a Sra. Sofia Chapronière. Escreve ela:



“Encontrava-me no meu quarto de dormir e despia-me com o auxílio da minha criada, a Sra. Grégory, que havia 41 anos estava ao meu serviço. No momento em que me tirava um bracelete, vi imediatamente surgir, por detrás dela, aproximadamente a dois pés de distância, uma forma que se lhe assemelhava por completo. Ela gozava então perfeita saúde. Disse-lhe:

– Como é isto, Sra. Grégory? Vejo neste momento o seu *duplo*.

Ela respondeu-me, sorrindo:

– Na verdade, minha senhora?...

E não se mostrou de forma alguma impressionada. No domingo seguinte declarou sentir-se muito fatigada e doente. Mandei chamar um médico e ele diagnosticou ligeira indisposição. Apesar do diagnóstico benigno, ela morreu de súbito, na quarta-feira seguinte. A sua morte ocorreu à mesma hora, pouco mais ou menos, em que o seu *duplo* me aparecera, na semana anterior.<sup>28</sup>

*S. Chapronière.”*

Estamos aptos a compreender estas relações depois da leitura dos capítulos precedentes.

Todos esses fatos são muito perturbadores, muito embaraçosos, impossíveis de explicar. Não há outro meio de nos libertarmos deles senão negá-los radicalmente, atribuí-los, todos, a erros, ou até, se isso for necessário, a mentiras, a invenções romanescas.

Se um só dos meus leitores pensasse assim, eu duvidaria, por minha vez, da sua sinceridade ou da sua razão.

As aparições de *duplos* não anunciam sempre a morte, como o mostraram os capítulos anteriores. Elas, porém, deviam ser aqui inscritas nas manifestações de moribundos.

Por minha parte, recebi tão numerosos relatos que me é impossível publicar metade ou sequer a quarta parte deles.

Sentimo-nos hesitantes na escolha. Esta comunicação pode instruir-nos especialmente. É uma das primeiras que recebemos.

(CARTA 32)

“Creio dever levar ao seu conhecimento três fatos de telepatia de que afirmo a autenticidade.

*Primeiro fato* – Uma pessoa já falecida, que era minha prima-irmã, nascida e educada em Paris, tinha casado com um médico da Corrèze, região que ela, em consequência do seu consórcio, havia ido habitar.

Deixara com muita pena os seus pais que a amavam com ternura. Na época a que aludo, não se comunicava com Corrèze nem pelo caminho de ferro nem pelo telégrafo. Uma noite, minha prima, que dormia com seu marido, foi despertada por uma claridade que iluminava o seu quarto. A esse fulgor viu ela, perto do leito, a figura de seu pai, que lhe sorria doce e tristemente.

Quando chamou pelo marido tudo se dissipou. Seu pai, que era meu tio, morreu no dia seguinte ou dois dias depois dessa aparição. (Retenhamos desta observação a luz alumando o quarto.)

*Segundo fato* – Numa pequena localidade do Indre, vizinha da nossa, em Chabris, vivia há trinta e cinco anos, aproximadamente, um notário, o Sr. S., ligado intimamente com outro habitante da povoação, o Sr. Camilo B. Este último tinha muitos irmãos, entre os quais um, Eugênio B., que vivia em Thésée, a 20 quilômetros de Chabris, também amigo do notário, e vinha a Chabris muitas vezes.

Um dia o Sr. S., passeando no seu jardim, viu dirigir-se-lhe, de um arruamento, o Sr. Eugênio B., que se aproximou em silêncio, afastando-se e desaparecendo em seguida. Muito surpreendido com isto, encaminhou-se para casa do seu amigo Camilo, julgando que encontraria aí seu irmão Eugênio. Ora, no mesmo instante em que o notário avistara, no jardim, o seu amigo Eugênio B., este, que fora à feira de Montrichard, a 15 quilômetros de Thésée, morria nesta cidade de um ataque de apoplexia.

*Terceiro fato* – A 7 de abril de 1888 morria, em nossa pequena cidade, o Sr. Henrique T., alguns anos mais velho do que minha mulher, que eu tive a infelicidade de perder, mais tarde. O Sr. T. e ela tinham sido criados juntos, como se fossem irmãos; mas, por certas circunstâncias, as relações antigas foram interrompidas e havia muito tempo que eram absolutamente estranhos um ao outro. Ora, eis o que aconteceu no dia do falecimento do Sr. T.

À tarde o tempo estava esplêndido. Fomos dar um passeio, depois de termos deixado um candeeiro aceso sobre a mesa da sala de visitas, que ficava ao rés-do-chão e cujas janelas davam para o jardim. Entre o candeeiro e as janelas estavam duas cadeiras. Quando reentramos do nosso passeio era noite, isto é, deviam ser 8 horas ou 8:30. Demos alguns passos, antes de entrarmos, no arruamento que ladeia a casa, e minha mulher, olhando para a janela, disse-me:

– Espera! Alguém veio, durante a nossa ausência, e Josefina (a criada) mandou entrar a visita. Está sentado na cadeira um cavalheiro que te espera!

Apressei-me a entrar, abri as portas que põem o corredor em comunicação com a sala; ninguém! Minha mulher, surpreendida, disse-me:

– Afirmando-te que avistei uma pessoa sentada na cadeira. Não lhe vi o rosto, porque estava de costas para a janela, mas vi perfeitamente um homem bastante nutrido, que vestia um sobretudo.

Em seguida, refletindo, exclamou:

– Mas parecia Henrique T.

E, se bem que não acreditasse nem em espíritos nem em aparições, ficou convencida de que vira, na realidade, essa personagem.

Assim, no primeiro fato, aparição antes da morte; no segundo aparição no momento da morte; no terceiro aparição 12 horas, aproximadamente, depois da morte.

*L. Lottin*

Juiz de Paz em Sells-sur-Cher (Loir et Chair).”

Publiquei, neste lugar, o relato anterior por causa do primeiro dos três fatos nele indicados, que pertence ao capítulo presente. Ponho igualmente sob os olhos dos leitores atentos a narrativa seguinte, em virtude do primeiro caso que assinala. Estas observações foram-me comunicadas em 1899. A primeira relata uma aparição 15 ou 20 horas antes da morte, a segunda um ano mais tarde.

(CARTA 46)

“Certa manhã, pelas 7 horas, senti entrar a nossa criada no quarto de meus pais; eu estava bem acordada. Uns dez minutos depois, abriu-se a porta do meu quarto e vi entrar, nitidamente, meu pai. Assustada pelo fato da sua visita a uma hora tão matinal, e pensando que ele pretendia informar-me que a doença de minha mãe se tinha agravado, sentei-me no leito e, fitando-o, quis perguntar-lhe o que se passava: mas, assim que eu disse “Que é?”, vi desaparecer sucessivamente as suas pernas, o seu busto e, por fim, a sua cabeça. Um instante depois entrava, por sua vez, a minha criada. Muito sobressaltada ainda, inquiri se alguém estava enfermo. Ela tranqüilizou-me completamente. O dia decorreu sem incidente. Já eu não pensava em nada, quando meu pai teve um ataque apoplético e *morreu durante a noite*.

Passados onze anos sobre esse triste acontecimento, era o aniversário da morte de minha mãe. Por essa ocasião, dei algumas voltas no intuito de fazer convites para a triste cerimônia e não só me fatiguei como apanhei um resfriado, tendo de recolher-me à cama. O meu receio de não poder ir à igreja era grande. No dia do aniversário, e no instante em que eu já estava acordada, ouvi ranger o soalho para o lado do quarto de minha mãe e reconheci os seus passos que a pouco e pouco se aproximavam. Estava perto de mim, não a via mas ouvia-a muito claramente chamar-me pelo nome que me dava quando eu era criança e com uma voz tão suave, tão lamentosa que parecia exprimir-me o seu desgosto pela minha doença e pelo trabalho que eu tivera com o aniversário

da sua morte. Ao som da sua voz, experimentei uma perturbação incompreensível, fiquei como eletrizada. Tive forças para me levantar, pude assistir aos ofícios fúnebres e ir mesmo ao cemitério.

*E. M.”*

Inscrevamos a primeira dessas observações no capítulo das aparições vivas aqui estudadas. Discutiremos as manifestações de mortos no tomo III.

Outra aparição de moribundo algum tempo antes da morte:

Encontro nos meus documentos (carta 806, de 20 de outubro de 1899) uma comunicação da minha excelente amiga a Sra. Victor Dobelmann, de Estrasburgo, membro da Sociedade Astronômica de França desde 1899, relatando curiosa história apresentada como caso estranho e desconhecido pela narradora que, ao que depois me disse, não estava de forma alguma ao corrente desses fenômenos, embora tivesse feito andar mesas à roda, desde 1835, com um amigo, João Macé, em Beblenheim. Trata-se do transporte do espírito de uma rapariga, na véspera do seu falecimento, para um templo onde seu noivo, que era pastor, pregava. Ela viu-o, ouviu-o e foi vista por ele. Essa história é análoga à da jovem mãe moribunda de que falaremos em breve, indo ver seus filhos do Egito à Inglaterra. Eis a narrativa da Sra. Dobelmann:

(CARTA 806)

“A minha amiga, a Sra. Turban, tratava uma sua irmã mais nova que estava doente. A casa paterna do Sr. Heitz, impressor, estava situada no ângulo da praça do Temple-Neuf; sua irmã dava fé de todas as pessoas conhecidas que passavam na rua situada no ângulo oposto, ainda que as não pudesse ver do seu leito. Em breve se perderam as esperanças de salvá-la. Um domingo de tarde, manifestou à irmã o grande pesar que sentia por jamais ter ouvido pregar seu noivo, que era pastor numa localidade distante algumas léguas. Caiu em catalepsia, ficando como morta durante duas horas. Ao despertar, contou ter visto o seu noivo, ouvindo-o pregar sobre

tal e tal assunto. Morreu no dia seguinte. Feito o enterro, a Sra. Turban pediu ao pastor que lhe dissesse se, no domingo de tarde, tinha pregado sobre o assunto em questão. Muito surpreendido, quase maravilhado, inquiriu:

– Como sabe isso?

– Disse-mo sua noiva.

– É muito curioso – exclamou ele –. Imagine que, no meio do sermão, julguei ver entrar no templo uma mulher branca que se parecia com a minha prometida. Sentou-se num lugar desocupado, no meio dos fiéis, e só no fim da minha prática desapareceu.”<sup>29</sup>

Uma pessoa surge diante de outra, no momento em que cai sem sentidos e algumas horas antes da sua morte. A narrativa foi traduzida do *Journal of the Society for Psychical Research* e publicada nos *Anais das Ciências Psíquicas* (1891, pág. 59):

“Na primavera e durante o verão de 1886, ia eu visitar muitas vezes uma pobre mulher chamada Ewans, que vivia em nossa freguesia (Caynham).

Ela estava muito doente, sofria de enfermidade dolorosa e experimentava, ao que dizia, grande prazer quando eu a visitava. Ia muitas vezes conversar com ela. Em meados de outubro, o seu estado de saúde agravara-se, mas não me parecia correr perigo imediato.

Já não a via há muitos dias, quando certa noite, encontrando-me na sala de jantar com minha família, notei uma forma de mulher vestida como a Sra. Ewans, com um grande avental e uma touca de musselina. Atravessou o compartimento, dirigindo-se de uma porta para outra, desaparecendo em seguida. Exclamei:

– Que é isto?

Minha mãe perguntou-me:

– Que tens tu?

Repliquei:

– Esta mulher que acaba de passar na sala!...

Toda a gente rompeu a rir-se de mim, dizendo que eu estava a sonhar; mas fiquei persuadida de que era a Sra. Ewans. *No dia seguinte soubemos que ela havia morrido.*

*Berta Hurly.”*

A mãe da Srta. Hurly confirmou essa narração por uma carta que seria supérfluo reproduzir na íntegra e que termina assim:

“Indo à casa dela pedir informações sobre a sua morte, soubemos que delirara e perdera o conhecimento no momento em que aparecera a Berta, e que morreria de manhã.

25 de fevereiro de 1890.

*Annie Ross.”*

Assim, o fantasma, o simulacro, o *duplo* da moribunda, fora visto muitas horas antes da morte e quando ela havia perdido a consciência, caso idêntico aos que já conhecemos. Em concordância com as nossas investigações comparativas, é-nos lícito pensar que não se trata de um transporte de *duplo*, mas de uma ação da Sra. Ewans sobre o espírito da Srta. Hurly. Os vestuários (o avental, a touca de musselina) indicam esse caráter subjetivo.

A aparição que se segue é da mesma ordem.

Oito dias antes da morte de seu tio, um habitante do Norte, das relações do Sr. A. Erny,<sup>30</sup> foi despertado, durante a noite, por uma mão que lhe passava pelos cabelos. Sentando-se na cama, viu seu tio diante de si, surpreendendo-se com a aparição e com o fato de o seu rosto *não estar barbeado*, como de costume. Interrogou-o, sem receber qualquer resposta, ainda que o visitante começasse a passear no quarto. Levantando-se para se certificar de que não era juguete de uma ilusão, não conseguiu lobrigar ninguém.

Decorridos oito dias, era informado do falecimento desse tio, que, achando-se doente havia algum tempo, *não fizera a barba*, todas as manhãs, como costumava.

Mas, para que hei de revelar todos os fatos que possuo? Temos tantos e tão variados exames a resumir aqui para a nossa nova instrução! É preciso não sobrecarregar este volume demasi-

adamente. O que ficar de reserva não se perderá, porque o que inauguramos é toda uma biblioteca psíquica. Todavia, não fechei este capítulo sem reproduzir as linhas seguintes:

Os teosofistas deram o nome de “visitas astrais” às aparições que precedem a morte. Leadbeater assinalou um muito notável extrato das *Glimpses of the Supernatural*, do Dr. F. G. Lee (tomo II, pág. 64),<sup>31</sup> a que é interessante aludir. Eis o fato:

“*Do Egito à Inglaterra* – Um casal, do qual o marido ocupava, nas Índias, alta situação, dirigia-se à Inglaterra depois de uma ausência de quatro anos para juntar-se aos filhos que deixara na mãe-pátria, quando a jovem esposa adoeceu no Egito. A enferma apresentava os mais alarmantes sintomas e o seu enfraquecimento chegava, em breve, a tal extremo que se perdeu toda a esperança de salvá-la. A única coisa que a preocupava era o imenso desejo de rever os filhos, desejo que ela não deixava de manifestar aos que a tratavam. Dia a dia, durante mais de uma semana, as suas aspirações e as suas preces não tiveram outro objetivo. Se tal desejo pudesse realizar, morreria feliz – dizia ela.

Na manhã do dia em que o vapor reencetava a sua viagem para a Europa, a enferma caiu em profunda sonolência. Durante as longas horas de sono, conservou-se deitada, perfeitamente calma e tranqüila. Pouco depois do meio-dia, acordou de repente, exclamando:

– Sempre os vi! Vi-os!... Que Deus seja louvado!...

Tornou a adormecer e assim se conservou até à noite, quando rendeu a alma ao Criador.

Os filhos da moribunda estavam a educar em Torquay, sob a vigilância de um amigo da família. Nesse dia brincavam, divertindo-se cada um segundo as suas preferências, com livros e brinquedos, acompanhados por uma ama-seca que nunca tinha visto os pais das crianças. Inesperadamente, a mãe, como fazia noutro tempo, entrou no compartimento próximo, deteve-se, contemplou durante alguns instantes cada um dos filhos e, sorindo-lhes, passou ao quarto contíguo e em seguida desapareceu. Os três mais velhos reconhece-



ram-na imediatamente e ficaram muito perturbados com essa aparição. O mais novo e a ama-seca viram uma dama vestida de branco entrar no compartimento e dissipar-se rapidamente.

A data dessa manifestação (1º de setembro de 1854) foi anotada com cuidado, verificando-se mais tarde que os dois acontecimentos coincidiam exatamente. O relato desse fato foi escrito numa das folhas da Bíblia familiar em que piedosamente se inscreviam os principais atos da sua vida.”

Neste caso, também a aparição da moribunda se efetuou antes da morte. Que um *duplo* se haja transportado, vestido, do Egito para a Inglaterra, é coisa que não estou disposto a admitir. Parece-me que o espírito dessa mãe agiu a distância sobre o espírito dos filhos e pessoas que os acompanhavam, que ela viu realmente as crianças, que estas a viram, por impressão ressentida, manifestando-lhes a sua imagem. Tanto neste caso como nos precedentes é preciso negar o fato relatado ou aceitá-lo. E, ainda uma vez, os testemunhos são muito numerosos e concordantes para se poderem negar levemente, como em geral acontece.

Numerosos, com efeito; mas, convém saber limitá-los. O leitor desejoso de instruir-se está edificado. Quis pôr sob os seus olhos alguns dos fenômenos mais significativos. Esses fatos são de todas as épocas, e poderíamos ver sucederem-se muitos outros ao nosso exame. Mas o nosso imenso e rico panorama de observações reclama-nos. É com pesar que não menciono muitos outros casos eloqüentes. No mesmo instante em que corrijo as provas destas páginas (8 de janeiro de 1921) recebo ainda tão curiosa carta que não posso deixar de dar-lhe publicidade. Ei-la:

(CARTA 4.362)

“Estocolmo, Herserud Wrangelsberg, 3 de janeiro de 1921.

Era em 1869. Meu irmão, que contava dez anos, meu primo que fizera nove e eu, que tinha sete, todos os três convalescentes de escarlatina, dormíamos no quarto de minha

mãe. A propriedade ficava a 60 quilômetros de Odessa, onde meu pai se conservava, hidrópico.

Certa manhã, meu irmão e meu primo pediram, ao mesmo tempo, a minha mãe que lhes dissesse qual a razão pela qual meu pai, tendo entrado em casa durante a noite, não a havia acordado e por que motivo tornara a partir. Minha mãe, surpreendida, disse-lhes que ele estava em Odessa, doente, e que não havia chegado.

– Como não chegou? – replicaram, ao mesmo tempo, meu irmão e meu primo. – Esteve aqui! *Nós o vimos*.

E contaram que, não podendo dormir, viram claramente meu pai entrar no quarto e aproximar-se de meu irmão, que pretendeu falar, mas que não conseguiu emitir um único som.

Em seguida aproximou-se de meu primo, que, ao vê-lo, teve medo, metendo a cabeça debaixo da roupa. Dirigiu-se ainda ao leito em que eu dormia, não longe de minha mãe; contemplou-nos, encaminhando-se depois para uma porta que dava para outro quarto, desaparecendo.

Tal é a fiel narrativa dos dois rapazes.

Passados quatro ou cinco dias, meu pobre pai morreu.

Depois dessa data, e durante todo o resto da sua vida, meu primo, que morreu apenas há um ano, teve medo da obscuridade; era como uma doença.

Garanto-lhe a autenticidade deste fato, de que me lembram todos os pormenores. Quanto à explicação, cabe ao senhor, caro mestre, dá-la.

*Conde Augusto de Malachowski.”*

Essa observação junta-se por si mesma a todas as precedentes de aparições antes da morte. O ensinamento que tiramos deste capítulo concorda com o do capítulo II, sobre os *duplos*: a alma pode separar-se do corpo, durante a vida.

Acabamos de observar as aparições de vivos, precedendo a sua morte e anunciando-a, e as aparições de moribundos algum tempo antes da hora suprema.

Além dessas *aparicões*, observam-se *manifestações* variadas, que não são nem menos pitorescas, nem menos interessantes, nem menos instrutivas. Importa distingui-las, para a clareza do nosso estudo. Consagrar-lhe-emos o próximo capítulo.

## CAPÍTULO V

### **As manifestações de moribundos algum tempo antes da morte (diferentes das aparições)**

*“Devemos examinar tudo  
sem opinião preconcebida e  
com o mais severo método.”*

*Francis Bacon*

Acabamos de ter sob os olhos exemplos de aparições de moribundos antes da morte. Além das aparições propriamente ditas, outras diversas manifestações da mesma ordem existem. Entramos aqui num mundo verdadeiramente extraordinário e, confessemos-lo, tão estranho que se compreendem as negativas constantes de que esses fenômenos têm sido alvo.

As manifestações de moribundos, da mesma forma que as aparições, são igualmente tão variadas quão numerosas. O assunto é de uma amplitude de que se não duvida e tão vasto que, para nele ver claro, somos obrigados a estabelecer judiciosas classificações. É todo um mundo, digamo-lo, o mundo *oculto*, que se trata de examinar e que, por consequência, deve deixar de ser oculto. Luz! Luz sobre todas as coisas.

O progresso dos novos conhecimentos e sua propagação pela instrução geral encontra-se a cada instante com obstáculos imprevistos, e isto em todos os degraus da escala social. Ao lado dos espíritos eminentes há as almas vulgares que não raciocinam e que são hostis sem o saberem. Essas almas simples, rudimentares, têm medo de tudo. Não gostam de ser incomodadas na sua mediocridade.

Evidentemente, pelo que toca às investigações psíquicas, nem toda a gente está preparada para receber livremente esses estudos sobre o conhecimento da alma e seu destino.

O número dos poltrões, dos tímidos, das pessoas subjugadas é maior do que se julga. Lembro-me de que, em 1899, na continuação dessas investigações empreendidas há muito tempo por mim em várias publicações, eu escolherei, de acordo com o seu amável e erudito diretor, Adolfo Brisson, a revista semanal dos *Anais Políticos e Literários* para um inquérito entre os seus leitores, tão sérios como numerosos, e que largamente acudiram à chamada. Ora, em pleno sucesso, alguns desses leitores insurgiram-se contra esse livre inquérito, em nome das suas crenças religiosas, cortaram a sua assinatura e, em consequência de tal atitude, levaram o diretor da mesma revista a suspender o inquérito mencionado. Recebi grande número (mais de uma centena) de queixas e de pedidos para influir no espírito do meu excelente amigo Brisson, no sentido de ele modificar a sua decisão. Não procedi assim, não lhe comuniquei tais protestos, porque em nada eu queria fazer intervir os seus sentimentos pessoais com o risco de causar o menor prejuízo à sua publicação, A amizade deve ser, antes de tudo, impessoal e devotada. Um desses documentos acaba de cair-me sob a vista. É a carta 633 do meu inquérito (de 27 de abril de 1899) que, depois de ter-me assinado uma observação telepática das mais importantes, acrescentava:

(CARTA 633)

“Já que tenho o prazer de escrever-lhe, permita-me, caro mestre, que proteste energicamente contra a resolução que tomou de restringir a publicação dos interessantes artigos que apareciam nos *Anais*. Não quer, assim o afirma, perturbar um número mesmo insignificante de assinantes. Mas, afinal, perturba um número muito maior desses assinantes não continuando a procurar com eles a solução desses palpitantes problemas. Cada assinante encontra, evidentemente, na Revista artigos que lhe desagradam. Que seria da redação se tivesse de suprimir todas as rubricas que não reunissem os sufrágios unânimes dos leitores?

Pois quê! É num jornal onde o Sr. Sarcey há tantos anos nos prega a tolerância que se deixa que um ínfimo grupo de

intolerantes prive de um grande gozo a imensa maioria dos assinantes!

Esses estudos psíquicos, à procura do desconhecido, serão publicados em volume? Assim o desejo; mas, além do preço desse volume, que o não porá, sem dúvida, ao alcance de todas as bolsas, diversas outras razões – com cujo desenvolvimento eu o não enfastiarei – impedirão que muitos de entre nós o comprem. Deus sabe, no entanto, para quantos essas questões são interessantes e que prazer é estudá-las sob a sua direção.

Se a dolorosa decisão que o senhor tomou pudesse ser revogada, considerar-me-ia infinitamente feliz e, comigo, milhares de leitores dos *Anais*.

Desculpe-me esta longa carta. Não creio que alguma coisa do que ela diz deva entrar nos domínios da publicidade; mas, se quiser publicar a menor parcela da mesma carta, ficar-lhe-ei muito reconhecido se eliminar o meu nome.”

Assim mesmo! A própria autora desse protesto julgava prudente convidar-me a esconder o seu nome – que tenho aqui, diante dos meus olhos.

Eis a Humanidade.

E deseja-se o progresso da instrução geral!

Felizmente, para as minhas investigações, continuaram a comunicar-me parte das observações relativas a esses emocionantes fenômenos. Tendo revisto cuidadosamente o manuscrito deste volume, antes de o mandar para o prelo, recebi novos documentos durante o tempo em que procedi a esse trabalho. Escrevi estas linhas a 30 de novembro de 1920, e a última carta recebida (ontem) tem o número 4.332. Os meus leitores são os meus melhores colaboradores.

A existência do espírito independente do corpo, podendo atuar a distância, não continuará a ser objeto de qualquer dúvida para os que lerem as páginas precedentes, depois de todas as observações positivas que me concederam a honra de enviar-me e que eu muito agradeço aos meus correspondentes que, por esse

modo, quiseram associar-se à investigação da verdade, até hoje desconhecida e conservada fora do quadro das ciências clássicas.

Disse noutro ponto que, além das aparições de moribundos antes da morte, há variadas manifestações da mesma ordem. A que vou apresentar é verdadeiramente surpreendente:

(CARTA 977)

“As suas buscas sobre essa tão atraente questão causaram-me o mais vivo interesse. Tendo sido, sobretudo, impressionado pelo grande número de fatos que apresentou, tive a fantasia de, por minha parte, abrir um inquérito acerca da existência de observações análogas. Avalie a minha surpresa quando a primeira pessoa a quem me dirigi, um dos meus mais estimados parentes, teve ensejo de me relatar dois casos de telepatia idênticos aos que o senhor conta. Garantimos como autênticos, e não há motivos para duvidar da sua boa fé. Espero que possam contribuir para esclarecer esse domínio ainda tão obscuro e misterioso da nova ciência.

Trata-se de meu próprio bisavô. A antigüidade do fato em nada diminui a sua veracidade.

O meu antepassado era construtor de órgãos, e como tal havia exercido a sua profissão em diferentes localidades da Alsácia, quando empreendeu a montagem de um órgão na aldeia protestante de Ernolsheim (Baixo Reno); deveria ser este o seu último trabalho. Antes de concluir inteiramente o instrumento (apenas lhe faltava afiná-lo), caiu gravemente enfermo e foi levado, moribundo, para a sua terra natal. Esperava-se a sua morte de um instante para o outro. Silenciosos e tristes, parentes e amigos rodeavam o leito do agonizante. De súbito, ele, que durante certo tempo não dera sinal de vida, erguendo-se na cama, disse com voz clara e tranqüila:

– Nada aí falta; tudo vai bem.

Em seguida, recaindo sob os almofadões, exalou o derradeiro alento.

Ninguém, seria escusado acrescentá-lo, compreendeu o sentido das últimas palavras do moribundo: mas não tardou a fazer-se luz sobre elas. Volvidos dois dias, os parentes do falecido receberam uma carta do pastor da comuna a que se destinava o órgão, na qual o sacerdote os informava de um fenômeno extraordinário que na noite precedente ocorrera na sua igreja. Ouviram-se, de repente, os sons do novo órgão, em que ninguém havia tocado até esse momento. Ele e o professor tinham acordado, correndo ao templo; mas não encontraram ninguém, apesar de terem procurado muito. O próprio teclado estava fechado à chave. Era inexplicável. O que haviam podido distinguir nitidamente era que o órgão tocava admiravelmente, embora não estivesse afinado. Ele, pastor, pensara que poderia existir nesse fato alguma relação entre o construtor do órgão e o fenômeno e foi sob tal impressão que escreveu.

Essa carta abria os olhos àqueles que haviam assistido à morte de meu bisavô, fazendo-lhes compreender o sentido das palavras misteriosas do moribundo.

Com efeito, se o acontecimento foi tal como é relatado, não se poderá negar que tenhamos nele um dos mais estupendos casos de manifestações de moribundos: o espírito inquieto do artista, destacando-se do corpo antes da morte, atravessando o espaço e indo certificar-se da perfeição da obra que ficara por concluir. Que insondável mistério representa semelhante ato!

*Ch. Hoffmann*, estudante de Filosofia.

Rua Finkmatt, Estrasburgo.”

Confesso que essa história é das mais incríveis, das mais fantásticas. Pareceu-me inadmissível, especialmente por causa dos foles do órgão. Mas as informações que obtive a respeito dela mostram que foi aceita pela família do construtor, que piedosamente a conservou na sua memória. Pode ter havido qualquer exagero na impressão de que o órgão tocava maravilhosamente; todavia, não se trata de conto arquitetado no vácuo. Além disso, os documentos reunidos nesses dois estudos estabelecem a



existência da *força psíquica*, que pode destacar-se do corpo e agir a distância.

O fenômeno passou-se *antes* da morte; transmissão de força.

Pretender-se-á sempre que isto não é verdadeiro, que as narrativas foram inventadas, que são ilusórias, falsas, etc. Sim! É fácil negar. Quanto a nós, que já conhecemos tais fatos em número respeitável, compará-los-emos entre si, verificando que se confirmam uns pelos outros, e afirmaremos que a vontade do homem não está confinada na periferia do seu organismo. Isto não é uma sensação subjetiva, interna. É uma operação objetiva, exterior.

Aqui está outra da mesma natureza, igualmente objetiva. Reproduzo-a das cartas que recebi em 1918. Trata-se de manifestação de moribundo, 48 horas antes do falecimento, no estado comatoso inconsciente.

(CARTA 4.001)

“Há oito anos estava eu nos primeiros tempos do meu casamento, e já me alvoroçava a esperança da minha futura maternidade. Vivíamos então no mesmo compartimento que ainda hoje ocupamos, na rua Nobel nº 5, em Paris.

Uma noite, pelas 3 ou 4 horas aproximadamente, fui despertada bruscamente pelo ruído produzido pela janela da sala de jantar, abrindo-se com violência. “Espera! – pensei eu –; como a noite está ventosa!...

Levantei-me e fui fechar a janela, pensando que me teria esquecido de desandar o fecho, o que, no entanto, me não parecia provável.

Ia tranqüilamente tornar a deitar-me quando, de repente, a minha atenção foi atraída, na obscuridade em que então me encontrava, por larga mancha luminosa visível sobre a parede, a um canto da dependência (*era obrigada a passar perto desse sítio, para reentrar no meu quarto*). Essa mancha tinha o aspecto de um círculo deformado em certos pontos, e projetava uma claridade muito suave e difícil de descrever, vagamente lunar e ao mesmo tempo fosforescente. Aproximei-

me e, maquinalmente, pus a mão em tal claridade, procurando explicar a sua proveniência.

Dirigi-me à janela. Não havia luar; tudo era escuridão; toda gente dormia nas casas próximas; nenhuma luz vinha de fora.

Não se tratava, pois, de reflexo. Nesse instante, senti medo – medo estúpido, irracional, que me fez gritar, chamando meu marido.

Ele acordou, ligou a eletricidade do nosso quarto, encaminhou-se para a sala de jantar e nada conseguiu descobrir.

Atribuindo eu mesma ao meu estado fisiológico essa excessiva nervosidade, voltei para o leito, readormecendo tranqüilamente.

No dia seguinte, despertei pelas 7 horas da manhã, ao ruído de *estalidos muito fortes* que dir-se-iam vir da mesa da sala de jantar (que eu podia distinguir da cama). Pareceu-me que pressão formidável se exercia sobre o aludido móvel. O ruído durou o tempo suficiente para que eu acordasse completamente e para acordar também meu marido, que por fim ouviu tal barulho. Possuíamos um gato ainda novo; e o mencionado animal, encontrando-se junto da mesa na referida ocasião, deu mostras de inquietação singular. Tomou uma atitude de defesa, arqueando o dorso e eriçando o pelo. Os seus olhos pareciam fixar-se em qualquer coisa que só ele via. Verificamos depois que *a mesa estava rachada em todo o comprimento*.

Nessa época, o pai de meu marido, que vivia em Marseilha, achava-se gravemente enfermo de gripe infecciosa. Havia oito dias que estávamos ao corrente da sua doença. Invidados por triste pressentimento, em consequência desses estranhos fatos, julgamos que durante o dia seríamos informados do falecimento do enfermo; mas não; soubemos que nesse instante ele caía em estado comatoso, para morrer 48 horas depois.

A carne palpitava portanto, ainda, quando a parte essencial desse ser já estava longe?

Durante os dois dias que se seguiram o doente só pronunciou algumas palavras.

Na quinta-feira de manhã, dia da sua morte, em certo momento, pareceu retomar conhecimento, perguntando à sua mulher quantas horas eram.

– Nove – respondeu ela.

– Pois, não é ainda uma hora? – replicou, impaciente.

Foram estas as suas últimas expressões.

Pela 1 hora, justamente, expirava.

Deixo ao grande sábio, que o senhor é, a tarefa de discutir esses fatos; eu, na minha ignorância e na minha franqueza, apenas posso registrá-los.

*Sra. P. Gayraud.”*

Ignorantes, minha senhora, todos nós somos e eu em primeiro lugar. Há aqui um fenômeno físico real, objetivo, como o do construtor do órgão; a mesa rachada, uma janela que se abre, um gato que tem medo. Sem dúvida que se pode acusar o vento, a temperatura, o trabalho molecular da madeira, etc.; mas isso é muito hipotético. E o falecimento de um homem que sabia que ia morrer?... Devemos negar tais narrativas pelo fato de nos parecerem inexplicáveis? Seria mais simples, evidentemente.

Essas manifestações de moribundos, *antes* da morte, não são muito raras, ainda que menos frequentes do que as que coincidem com a morte. Nas milhares de respostas ao meu inquérito, poder-se-ia estabelecer uma estatística de certo valor.

Notemos a “mancha luminosa” observada. Tornaremos a encontrá-la em outras narrações. O nosso estudo desenvolve-se.

Os fenômenos de que aqui nos ocupamos ligam-se uns com os outros, revelando-nos a existência das faculdades misteriosas da alma humana; mas diferem singularmente.

Em que categoria hei de classificar a seguinte carta que me foi dirigida a 13 de janeiro de 1913? Ela prende-se, em todos os casos, com esta série “Durante a Morte” e, para mais, assinala atos materiais, físicos, mecânicos, como as precedentes. É textualmente transcrita:

(CARTA 2.313)

“Caro mestre:

Acabo de reler a sua obra sobre *As Forças Naturais Desconhecidas* e não creio que um espírito, por menos sério e refletido que seja, possa, de hoje em diante, duvidar da realidade desses curiosos fenômenos. A minha convicção é tanto mais profunda a esse respeito quanto é certo que já uma vez na minha vida experimentei pessoalmente a influência dessas forças ignoradas. Se bem que essa manifestação não tivesse a importância de certos fatos relatados nos seus livros, nem por isso deixou de me impressionar pelo seu caráter estranho, completamente fora das sensações normais da existência. Envio-lha para que a junte aos numerosos documentos que possui.

Eis o fato, simplesmente exposto, e, afirmo-o, sem o menor exagero. Não é, de resto, a sinceridade o seu único interesse?

Nos princípios de 1907, meu pai – que então contava 84 anos – era ainda homem vigoroso e ágil, apesar da sua idade avançada. Gozava de perfeita saúde e andava muitas vezes 18 quilômetros a pé, à tarde; a isto chamava ele “fazer o seu pequeno passeio depois de almoçar”.

Em um certo dia do mês de março – de 15 a 20, mas a exatidão da data não tem grande importância – meu pai, minha mulher e eu estávamos reunidos à mesa do almoço. A conversa, seguindo o seu curso habitual, havia-se interrompido por instantes. Eu tinha os olhos fixados nos objetos que estavam à minha frente. Ao erguer bruscamente a cabeça, olhei meu pai com uma sensação do mais profundo assombro!... Parecia-me que, tendo morrido há dez anos, talvez, ele retomava o seu lugar entre nós. Isto durou um instante apenas, mas a impressão sentida foi extremamente violenta.

Passados alguns dias, meu pai caía subitamente de cama, morrendo a 24 de abril, depois de 16 dias de doença.

Conservei sempre a convicção de que recebi, nessa conjuntura, a advertência de um acontecimento que nada deixava prever.

Seu discípulo sempre fervoroso, sempre devotado

A. Chèvremont  
Croix-de-Vie (Vendéia).”

Essa estranha visão de um homem, de quem eu pessoalmente conheço o valor moral e a ponderação científica, é tão certa quanto inexplicável. Prova-nos, especialmente, que o nosso ser psíquico é dotado de faculdades supranormais e que há nele toda uma ordem de coisas desconhecidas a explorar.

Aludiremos mais adiante aos avisos no momento da morte. No caso presente trata-se de visão premonitória, aproximadamente um mês anterior ao dia do falecimento e sem indicação normal do predestinado.

Prossigamos em nosso estudo comparativo.

A curiosa comunicação seguinte sobre fenômenos estranhos, tendo precedido o falecimento, foi-me enviada de Buenos Aires:

“Não posso resistir ao desejo de pegar na pena para informá-lo de alguns fatos inexplicáveis ocorridos na minha família, em que não existem nem supersticiosos, nem histéricos, nem anormais.

Quanto a mim, exerço uma profissão liberal, com numerosa clientela, encontro-me na plenitude do meu equilíbrio físico e mental e nunca tive a idéia de me consagrar a exercícios espíritas. Sou materialista convicto e creio que aquilo a que chamamos *espírito* não é senão matéria, e que a elaboração do pensamento é tão material como as funções da digestão. Os nossos sentidos não nos permitem conhecer o mistério que nos rodeia, eis toda a diferença. Não se inventaram, por enquanto, aparelhos para penetrar esse mistério.

Dito isto, eis o caso:

Habitávamos uma cidade do norte da Espanha, na costa do mar Cantabrico. Era eu ainda criança quando minha irmã adoeceu gravemente. Num compartimento próximo, que era

a sala de jantar, minha mãe e duas das minhas outras irmãs velavam a doente.

Em dado momento minha mãe pediu a uma das filhas que se fosse deitar, ao que ela obedeceu. O seu quarto dava para a sala de jantar, que ficava mesmo em frente do quarto da enferma.

Instantes depois minha irmã voltou para a sala, dizendo ser preferível que a outra fosse repousar, porque ela não tinha sono. Assim aconteceu; mas, por sua vez, a que havia saído em último lugar voltou por seu turno, insistindo com a mãe para que se recolhesse ao leito.

Minha mãe repreendeu-as por serem medrosas na sua idade (20 e 21 anos), sem que elas todavia revelassem o motivo que as afastava do quarto, por temerem censuras.

Por sua vez, foi minha mãe deitar-se, deixando a porta entreaberta justamente como as filhas haviam feito, porque o compartimento apenas era iluminado pela luz da sala de jantar, de onde se vigiava a doente.

Ora, a permanência de minha mãe no quarto também não foi longa, pois ela não tardou a reaparecer na sala de jantar, pálida e fortemente impressionada. foi então que eu as interoguei nestes termos:

– Vejamos, que foi que vos aconteceu?

Ao explicarem-se, vi que todas haviam experimentado a mesma coisa. As três tinham-se deitado e pouco tempo depois sentiram um ruído no colchão e a cama começou a agitar-se como se dentro dela estivesse um animal inquieto. Saltaram para o chão, espreitando para baixo no intuito de descobrirem a causa do abalo. Nada descobrindo, tornaram a deitar-se; mas em breve voltavam a sentir no colchão o mesmo ruído estranho que as tinha alarmado.

Por isso mesmo, todas renunciaram a dormir em tão extraordinária cama. No momento em que comentavam as suas impressões, ouviu-se o estrondo das portas de um armário da cozinha próxima, que batiam como se fossem impelidas por vento furioso ou por braços hercúleos. E, no entanto, a cozi-

nha estava sossegada, não havia vento e todas as portas se conservavam hermeticamente fechadas.

Minha irmã morreu nesse mesmo dia, ou seja, pouco tempo passado, e esse fenômeno precedeu a sua morte. Assinalo-lhe esses fatos, sem comentários.”

A não termos de supor que todos os narradores de tais acontecimentos sejam loucos, parece-me que somos forçados a aceitá-los, apesar de inverossímeis.

Era ainda uma das manifestações antes da morte. A carta continuava assim:

“Ao cabo de alguns anos, a mais nova das minhas irmãs (elas eram quatro: a mais velha, que falecera, as duas de que venho de falar e esta, a mais nova) caiu de súbito atacada pela varíola, sendo instalada no mesmo quarto em que a outra morrera. As duas que mencionei tinham casado e viviam na República Argentina, numa das cidades do interior; meu irmão, o mais velho de nós todos, residia na capital, Buenos Aires.

Uma noite, estava ele deitado e preparava-se para ler os jornais, quando, de repente, ouviu na cabeceira do leito um ruído estranho que semelhava ao produzido por um grande relógio no momento de bater horas. O ruído foi tão forte que sua mulher, que dormitava, despertou em sobressalto; e renovou-se, com intervalos, durante alguns minutos.

Decorrido um instante, ouviram um estrondo no quarto de banho. Meu irmão, julgando que tal estrondo fosse motivado por qualquer janela aberta, saltou do leito para ir cerrá-la; verificou, porém, que tudo estava em ordem e que portas e janelas se encontravam perfeitamente fechadas.

No mesmo momento, uma das minhas irmãs, que residia numa cidade do interior, estava sentada no leito, dando de mamar ao seu filho mais novo, enquanto junto dela o marido dormitava. Repentinamente notou que a silhueta da irmã que ficara na Espanha se desenhava na parede e chamou a atenção do esposo para o fato extraordinário. Ela afirmava até que a figura era tão nítida e se destacava tão claramente que,

ao acabar de amamentar o filho, pegou num carvão e esboçou a mencionada silhueta o mais fielmente possível para mostrá-la à nossa outra irmã, pois viviam na mesma casa, porque seus maridos, além de serem irmãos, eram também associados.

Deve haver nisto qualquer exagero. O mais singular, no meu entender, é que os ruídos estranhos ouvidos por meu irmão e minha cunhada em Buenos Aires, e a silhueta vista por minha irmã e meu cunhado, *coincidiram* com o falecimento da que a varíola vitimava na Espanha, quando todos ainda ignoravam que ela estivesse doente.

Nessa época vivia eu na Espanha. Na véspera da morte da minha irmãzinha, dormia, assim como um de meus irmãos, numa casa habitada por um carnicheiro que possuía muitos cães. Durante toda a noite esses cães não nos deixaram dormir, uivando lamentosamente e sem descanso. Minha irmã faleceu na tarde do dia seguinte.

Autorizo-o, com prazer, a fazer desta carta o uso que quiser, mas desejo conservar o anonimato. Com esse intuito assino com um pseudônimo, modificando um pouco o meu nome. Dada a profissão que exerço, poderia ser prejudicado se se soubesse que eu me interesso por essa espécie de estudos. Não tenho coragem de lutar contra os preconceitos da sociedade ignorante e superficial, ainda que, como já disse, seja convicto materialista. Para o caso em que me faça a honra de acusar a recepção desta carta, tem o meu nome e a minha direção no alto da página.

Saúdo-o com a maior consideração

*Sarcé Dazacal*, em Buenos Aires.”

Que esses fatos, que me são enviados de toda parte do globo, não tenham qualquer causa e significação, não sejam mais do que ilusões, alucinações, parece-me coisa que nenhum dos meus leitores suporá.

E essa outra manifestação de moribundo, igualmente anterior à morte, que me foi comunicada por um homem muito sério de



quem pude apreciar o caráter refletido e ponderado? Como a precedente, vai textualmente transcrita:

(CARTA 945)

“Lunéville, 30 de setembro de 1900.

Caro mestre:

Tendo lido o seu livro *O Desconhecido*, creio do meu dever assinalar à sua atenção o seguinte caso ocorrido na minha família. Em 1857 (tinha eu então três anos) meus pais já habitavam a casa em que ainda vivo atualmente. Essa casa fica situada no meio de um jardim e aproximadamente à distância de 80 metros de toda comunicação com o exterior. Vivíamos no rés-do-chão, servindo o primeiro andar para arrumações. Era aí que se guardavam as esteiras e os cestos vazios (somos jardineiros de pai a filhos). O leito estava colocado em uma alcova situada no compartimento de leste, com uma janela para o sul. A alcova fechava-se por meio de duas portas de madeira de pinho.

Certa noite, meus pais ouviram, nitidamente, um ruído no compartimento superior, semelhante ao que produziria um desabamento sobre o soalho, de muitas pilhas de cestos vazios. Minha mãe atemorizou-se, mas o marido tranqüilizou-a, dizendo-lhe que deviam ser gatos que, brigando, teriam provocado tal desabamento (no dia seguinte verificou-se que tudo estava em ordem e que nada havia sido desarranjado). Alguns instantes depois, três pancadas muito nítidas ressoaram contra a janela do quarto que se encontrava pouco mais ou menos a um metro de distância das suas cabeças. Meu pai saltou vivamente do leito, abriu a janela que dava para o jardim e exclamou:

– Quem está aí? Que querem?

Não recebeu resposta alguma. Em seguida, após ter explorado os arredores, tornou a deitar-se, julgando-se objeto de uma farsa de mau gosto da parte de um vizinho. Pouco depois de se meter na cama, e estando as portas e as janelas bem fechadas, ouviram-se três novas pancadas e dessa vez

contra a porta da alcova, no interior do quarto. Tais pancadas eram semelhantes às que produziria um grande anel, em vigorosa mão, batendo na porta mencionada.

Dessa vez, meu pai, achando que o caso se tornava cada vez mais inexplicável, teve o pressentimento, que comunicou a minha mãe, de um apelo sobrenatural proveniente de minha avó materna, que estava doente, mas que havia deixado, nessa tarde, sem que o seu estado ameaçasse complicações.

Todo o ruído sossegou e, logo que amanheceu, correram à casa da enferma, que distava dois quilômetros. Ela disse-lhes que tinha pensado muito neles nessa noite, temendo que os não tornasse a ver.

Morreu nesse mesmo dia e nenhum barulho se tornou a fazer ouvir daí em diante.

Garanto a autenticidade do fato; meus pais contaram-no muitas vezes a mim e a amigos íntimos. São incapazes de mentir.

Uma pessoa amiga, a quem minha mãe relatou o sucedido, disse-lhe que nada havia em tal motivo para espantos; ela mesma, achando-se um dia a descascar legumes, sentada em uma cadeira, viu que um nabo, que estava no chão, lhe saltou para os joelhos, ouvindo no mesmo instante estas palavras: “Mamã! Mamã!” *No mesmo dia seu filho*, que era soldado, *morria* em nossa colônia da Guiana, tendo ela só muito mais tarde notícia do seu falecimento.

Eis o que eu tinha a comunicar-lhe, para o auxiliar, se isso for possível, na grande e bela tarefa que empreendeu.

*Nicolau Cordier*  
(Jardineiro em Lunéville).”

Há banalidades que nos surpreendem e nos parecem indignas do grave assunto que estudamos. Um nabo que salta! É idiota, pensaremos nós.

No entanto, uma coisa poderá tranqüilizar-nos: *a certeza de que nada sabemos*. O nosso dever é examinar tudo.

A manifestação de moribundo que acaba de ser relatada ocorreu, como a precedente, antes da morte, provavelmente em estado de sono ou de catalepsia.

A autenticidade dessa narrativa não pode ser posta em dúvida. Travei, mais tarde, conhecimento com o jardineiro, que era então presidente do Círculo Democrático de Lunéville, que à sua volta derramou a instrução por meio de uma biblioteca composta de obras populares e que se fez inscrever no número dos membros da Sociedade Astronômica de França; é um espírito positivo e independente, curioso de instruir-se em tudo, atento observador das obras da Natureza e de escrupulosa honestidade.

Essas manifestações de moribundos, *antes da morte*, são dignas de atenção e conduzem-nos à solução do grande problema. Recebi certo número de observações da mesma ordem e examiná-las-ei, aqui, em conjunto, sem nenhuma idéia sistemática preconcebida.

Desde a origem do meu inquérito, enviaram-me de Saint-Joseph (Ilha Martinica) a seguinte carta, datada de 20 de abril de 1899:

“Vivia no campo e tinha uma companheira de quarto. Tendo eu e a minha amiga ido à cidade, fomos ver uma velha dama que nos queria muito e que chegara ao termo dos seus dias. Voltando à nossa habitação, deitamo-nos, estando fechadas as portas e as janelas. De manhã, pelas 6 horas, estando ainda na cama, já quando a luz do dia iluminava o quarto, *sentí e vi* ao mesmo tempo a porta fortemente sacudida. Num movimento instintivo, a minha companheira e eu sentamo-nos no leito, fixando os olhos nessa porta, que pela segunda vez *era vivamente abalada*.

– A Srta. Tereza morreu – exclamei –. Vistamo-nos para irmos à sua casa.

Chegados à cidade, encontramos a nossa amiga em agonia. Só morreu duas ou três horas depois do incidente da manhã. Eu não tinha servos que dormissem na minha vivenda; também não possuía nenhum animal doméstico.

É inútil acrescentar que todas as dependências foram esrupulosamente examinadas e que pelas averiguações a que procedi verifiquei que a mencionada porta não poderia ser empurrada fosse por quem fosse.

Para o seu inquérito, sempre metódico, pedi à minha companheira que assinasse comigo o relato do acontecimento que ainda hoje temos, como no primeiro dia, presente na memória com a maior nitidez.

*Hortência Codé  
Cecília Legendre.*

De todas as partes do mundo eu recebo observações dessa natureza, manifestações de moribundos, não no momento da morte, mas precedendo-a por mais ou menos tempo. Não compreendemos nada disso, seguramente. Outrora ignoravam-se completamente os fenômenos da faísca elétrica; teremos ocasião de verificar, mais adiante, que a explicação desses fatos e gestos tão extraordinários está ainda longe de ser encontrada. Os fenômenos que aqui assinalamos são igualmente encontrados pela observação, embora fiquem por explicar. Quando Cícero falava do ímã, não previa o magnetismo terrestre e solar.

Nesse mesmo ano de 1899, no mês de outubro, recebi de Roma a narrativa seguinte de uma premonição muito notável e que me foi dirigida pelo próprio observador. Ei-la, fielmente transcrita:

(CARTA 779)

“Que o ilustre Flammarion<sup>32</sup> perdoe a audácia de um desconhecido; mas é preciso que saiba que o fato se deu comigo mesmo e que ele lhe provará mais uma vez a realidade das comunicações telepáticas, ainda que a cena não haja sido encerrada senão dois meses depois da advertência.

Em 1862 residia eu, como engenheiro, em Alexandria (Piemonte), e minha família, isto é, meu pai, minha mãe, meu irmão e três irmãs, viviam em Turim, a nossa cidade natal. Como queria muito aos meus, que me adoravam também, quase todos os domingos ia a Turim jantar com eles. A dis-

tância que nos separava, 90 quilômetros, percorria-a eu em duas horas de comboio; e essa reunião dominical era sempre uma festa. Certo domingo de novembro, parti para casa, como de costume; encontrei toda a família bem disposta, sobretudo minha irmã mais nova, Luísa, encantadora rapariga de 18 anos que eu estimava particularmente. Era seu padrinho e tinha mais 14 anos do que ela. Natureza excelente, era ao mesmo tempo uma bela morena, alta, elegante e de magnífica saúde. Nesse domingo divertiu-nos durante o jantar com seu bom humor, os seus espirituosos conceitos, e depois da refeição, com as sonatas que tocou ao piano, em que era mais artista do que *dilettante*. Eu não tinha a menor preocupação com a sua saúde e voltei sem cuidados de qualquer sorte.

Na quarta-feira seguinte, pela 1 hora da tarde, depois do almoço, estava eu sentado perto do fogão em que ardia bom fogo. Era um dia brumoso, com um nevoeiro que se poderia cortar à faca; o frio trespassava-me até à medula. Tinha fechado os olhos e dormitava havia talvez um quarto de hora, quando ouvi muito distintamente a voz de minha irmã Luísa, que me chamava em tom lacrimoso, dizendo:

– *Félix, Félix, acode-me, acode-me!*

Despertei em sobressalto, muito perturbado, e por mais que fizesse para me persuadir de que se tratava de pesadelo, causado talvez por digestão difícil, fiquei bastante inquieto. Estava só no meu pequeno compartimento de rapaz, com as portas e janelas fechadas.

No dia seguinte esperei ansiosamente o correio de Turim, que recebia regularmente em meados de cada semana; mas, contra tal costume, nem minha mãe nem minha irmã me haviam escrito. Uma carta de meu irmão comunicava-me, com grandes rodeios, que a pobre Luísa adoecera inesperadamente, ardendo em febre, e que o seu estado alarmava toda a família.

Parti imediatamente para Turim, onde fui encontrar os meus, aflitíssimos; o mal exacerbava-se e os nossos médicos

diagnosticavam perigosa febre tifóide. A robusta constituição de minha irmã permitiu-lhe lutar durante oito semanas contra a enfermidade; mas, apesar de todos os carinhos que lhe foram prodigalizados, sucumbiu a 24 de janeiro de 1863.

Atacado pela mesma doença, meu pai morreu dois meses depois, contados dia a dia, vencido sobretudo pela dor. Nunca tinha estado doente.

Minha mãe, que também gozava de boa saúde, debilitou-se gradualmente e faleceu por sua vez, sem ter podido consolar-se.

Foi há 37 anos que ouvi o apelo de minha pobre irmã e lembro-me dele como se fosse ontem. Passei na minha vida por muitas atribulações, mas nenhuma dor foi para mim igual a esta.

*Félix Fossati.”*

Essa manifestação produziu-se, como se vê, antes da morte – e mesmo dois meses antes – mas durante a enfermidade que havia de arrebatá-la a robusta menina, e está evidentemente associada ao seu estado. O mais provável é que o chamamento partisse da irmã para o irmão – chamamento mental, tornado verbal pelo auditor.

Não foi este que se transportou em sonho de Alexandria a Turim (embora nada seja mais simples em telestesia); foi antes uma vibração psíquica partida de Turim para Alexandria.

Os negativistas decididos não vêem nisso senão ilusões ou coincidências fortuitas. Por quê? Porque são ignorantes. Não me parece que os que foram amigos da verdade e que hajam lido as 400 páginas do meu primeiro volume e as 168 páginas que precedem este, e que, conseqüentemente, conhecem as faculdades supranormais da alma humana, os *duplos* de vivos e as manifestações telepáticas, possam duvidar um só instante da autenticidade de tal comunicação.

Essas observações inexplicadas fizeram-se em todos os tempos e em todos os países. Não se assinalaram sempre, de resto, os sinais premonitórios? Percorrendo ultimamente as curiosíssi-

mas cartas de Mme. de Sevigné, notei, datada de 13 de dezembro de 1686, numa missiva ao Presidente Moulcean, a passagem seguinte. Trata-se da aparição, muito singular, de um homem embrulhado num lençol, em uma das janelas do castelo de Chantilly, três semanas antes da notícia da morte do grande Condé, que chegou a Fontainebleau a 11 de dezembro. Leiamos essa narrativa:

“Há três semanas ocorreu uma coisa extraordinária, pouco antes de o príncipe ter partido para Fontainebleau. Um gentil-homem chamado Vernillon, pertencente à sua casa, ao voltar da caça pelas 3 horas e ao passar junto do castelo de Chantilly, residência de Sua Alteza, viu, numa das janelas da sala de armas, um fantasma, isto é, um homem amortalhado. Desceu do seu cavalo e aproximou-se mais, vendo-o sempre. Um criado que o acompanhava disse-lhe:

– Senhor, eu vejo também o mesmo que vedes!

Como Vernillon não quisesse dizer-lhe que falasse naturalmente, entraram ambos no castelo e pediram ao guarda-portão que lhes desse as chaves da sala de armas; Vernillon dirigiu-se a esse compartimento, encontrando todas as janelas fechadas e um silêncio que não fora perturbado havia mais de seis meses. Contou-se isto ao príncipe, e eis o que sucedeu. Diz-se que esse Vernillon é pessoa inteligente e tão pouco dado a visões como o seria o nosso amigo Corbinélli. Além disso, o criado viu a mesma aparição. Como este sucesso é verdadeiro, comunico-lho para que sobre ele faça, como nós já fizemos, as suas reflexões. Depois que principi-ei esta carta, falei a Briale, que me fez chorar lágrimas abundantes com a narração natural e sincera dessa morte.”

Pensamos muito simplesmente nas ilusões da vista, tão fáceis, tão freqüentes; mas todos quantos leram as discussões de Mme. de Sevigné com o Abade Corbinélli, acerca do objetivo e do subjetivo, não poderão classificá-la legitimamente na categoria das mulheres ingênuas e crédulas. É possível tratar sempre essas coisas de ninharias e ver nelas apenas erros. Mas tal raciocínio está longe de nos satisfazer. Parece improvável que todas essas

visões sejam puramente imaginárias. Não são volumes, unicamente, que sobre tal assunto se escreveram, desde a antigüidade; são bibliotecas. Este trabalho não é mais do que um eco disso, uma contestação modesta, pela vibração atual operada nos espíritos ansiosos de conhecerem, enfim, a realidade.

Não eliminemos, todavia, a possibilidade das ilusões da vista. Um exemplo, de passagem. Na narrativa que publiquei, nas minhas *Memórias*, das experiências espíritas de Victor Hugo em Jersey, em 1853, poderá ver-se, à página 231, uma fotografia mostrando uma janela por detrás da qual se vê certa mancha cinzenta que facilmente se tomaria por vago fantasma. A manifestação antes da morte que acabo de transcrever é, seguramente, incompreensível; mas o que é mais incompreensível ainda é o raciocínio da pessoa a quem aconteceu a aventura. Um amigo meu, sábio eminente, escrevia-me há pouco tempo, nestes termos:

(CARTA 4.173)

“Recebi ontem, 24 de junho de 1920, a visita de uma das minhas velhas amigas que há muito tempo já não via e com a qual falei a respeito do seu último livro. O marido dessa minha amiga suicidou-se há uma dezena de anos, depois de desastres comerciais de que não a tinha informado. Durante os oito dias, ou, para melhor dizer, as oito noites que precederam o suicídio, foi ela regularmente despertada, muitas vezes durante a noite, por pancadas quase sempre repetidas, e da mesma origem, primeiro nas persianas das janelas do seu quarto, depois na porta do mesmo compartimento que dava para uma sala. Levantava-se, revistava e não encontrava ninguém; não podia, de resto, estar aí quem quer que fosse. Seu marido, que dormia no compartimento próximo, com a porta de comunicação aberta entre os dois quartos, não ouvia nada. Todavia, as pancadas eram fortes.

Esse fenômeno acabou no dia do suicídio e não se tornou a reproduzir depois.

Pedi que me explicassem por miúdo todas as circunstâncias. Conhecia, de resto, o compartimento que ela habitava



nessa época e concluí que se tratava de uma *advertência* da mesma natureza que outras já registradas pelo senhor. Sabe o que ela me respondeu?

– Oh! eu sou muito positiva, *não creio em todas essas tolices!* Quanto a mim, fizeram-me uma farsa de mau gosto. Mas quem? e por quê? e como? Não o posso explicar. Em vão procurei as razões que pudessem ter motivado o fato; nada encontrei. Ainda seria possível acreditar que alguém tivesse batido na persiana, com um pau muito comprido, dos andares inferiores ou superiores; mas, pelo que diz respeito à porta da sala, não há para isso qualquer explicação, se se atender a que eu tinha o cuidado de fechar à chave as outras saídas da mesma sala. Não compreendo, portanto, como isso pudesse fazer-se. Mas, daí a crer no sobrenatural, nunca!

Eis!...

O número de pessoas que é impossível fazer raciocinar, o número dos que, tanto nas suas crenças como no seu cepticismo, são absolutamente ilógicos, ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Todas as mais convincentes provas que se lhes forneçam serão para eles nulas ou não sucedidas. Ora todas essas pessoas, mesmo que conheçam os fatos que possam interessá-las, se recusarão a comunicar-lhos.

Tais fatos são, pois, ainda muito mais do que o senhor imagina!”

Compartilho há muito tempo opinião idêntica à do meu sábio correspondente. Apenas trabalho para os espíritos livres e para me instruir a mim mesmo. Essa dama é das mais inteligentes e espirituosas; mas imagina que apenas o sobrenatural intervém no caso. Ora, que é o sobrenatural? Para que atravancar a estrada com uma palavra? 1º- Seu marido suicidou-se, o que já não é vulgar; 2º- O suicídio foi precedido por vários ruídos que só terminaram depois do drama – ruídos que ela está certa de ter ouvido perfeitamente e de não ser capaz de explicar; também isto não é trivial. Por que se não há de ver nisto qualquer coisa de interessante para examinar e discutir?

As advertências de mortes são de tal forma numerosas que a toda a atenção séria se impõe a sua admissão. Tomar o partido de ignorá-las, ainda mesmo que elas nos sucedam pessoalmente, é, na realidade, fazer uso singular da inteligência.

Quanto a explicá-las, é diferente de admiti-las. Talvez pudéssemos supor aqui que, quando alguém decide suicidar-se, experimenta sensação pouco agradável, que se pensa nisso durante as noites que precedem o ato trágico, que, se o sono chega, apesar das inquietações, será mais ou menos agitado, podendo dar origem a fenômenos físicos e psíquicos de vária natureza. O problema não é desprovido de interesse.

Os leitores desta obra conhecem os *duplos* de vivos. Vamos ver um particularmente digno de atenção: uma jovem que anuncia a sua própria morte. O Sr. Bozzano extraiu esse fato dos *Proceedings* da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas (vol. XI, pág. 442). A narradora é a filha de um marechal de campo:<sup>33</sup>

“Minha irmã tinha por hábito levantar-se às 5 horas da manhã para se dirigir ao quarto de nosso pai (então doente), a fim de lhe levar chá e de fazer várias leituras até às 7 horas. Um dia pedi-lhe que me acordasse algumas vezes quando ela se erguesse. Recusou-se, alegando que eu trabalhava muito durante o dia e que tinha necessidade de ficar na cama por mais tempo do que ela. Na manhã seguinte (era uma quinta-feira) despertei muito cedo e, com grande surpresa, vi-a perto do leito, em roupão branco e com aspecto jovial. Disse-me:

– Lembra-te de que vim aqui para te chamar. Batem as 5 horas e *estou prestes a partir*. Lembra-te.

Volvido pouco tempo, readormeci e só tornei a acordar às 8 horas. Ao almoço disse à minha irmã:

– Afinal, sempre foste chamar-me.

Olhou-me com surpresa e exclamou:

– Não! Não te chamei tal!

– Como? – acudi eu – pois negarás que me chamaste, dizendo-me: “Lembra-te de que vim aqui para te chamar. Estou prestes a partir. Lembra-te”?

– Repito-lhe – acrescentou ela – que nem sequer passei perto do teu quarto.

Notei que ela insistia, ao interrogar-me, sobre o que me havia dito.

Passado esse dia, sexta-feira, pelas 6 horas, quando minha irmã permanecia à cabeceira do leito de meu pai, sentiu-se de súbito indisposta. Nessa manhã, levantara-se de perfeita saúde. Na sexta-feira seguinte, pelas 5 horas da manhã, isto é, a uma semana de distância da sua aparição, ela morria; e, por estranha coincidência, estava nessa hora vestida com o roupão de musselina branca com que me aparecera.”

O Sr. Bozzano pensa que o fato pode explicar-se pela telepatia. Diz ele:

“Basta supor que, durante o sono fisiológico, o *eu* subconsciente da moça tivesse a percepção do seu estado de saúde latente, percepção que transmitiria telepaticamente às subconsciências dos seus parentes. Esta indução concorda com os numerosos exemplos clássicos de pessoas que sonharam ser atacadas de paralisia, ou afetadas de angina ou flegmões, muitos dias antes de experimentarem o menor sintoma no estado de vigília. Está de acordo também com os numerosos exemplos relatados nas obras de antigos magnetólogos, como Puységur, Du Potet, Deleuze, Bélot, Teste, em que os seus sonâmbulos predizem pontualmente não só o dia e a hora das suas crises, mas ainda o dia e a hora da sua morte. Dado isto, o presumido fato de premonição reduzir-se-ia a simples caso de *autoscopia no sono* (fato muito menos extraordinário) combinado com transmissão telepática.”

Parece-me que não nos encontramos no estado de deter as teorias definitivas.

Procedemos metodicamente em nosso exame. Os capítulos que se acabam de ler, *duplos* de vivos, pensamentos produtores

de imagens, aparições e manifestações de moribundos antes da morte, não são mais do que prelúdio dos quadros que vão desenrolar-se diante dos nossos olhos.

Vamos observar que as cenas de moribundos e de mortos podem ser vistas a uma tal distância que nos é impossível explicá-las por vagas coincidências. Uma jovem, casada novamente antes da guerra de 1914, vê seu marido morto no campo de batalha, no dia em que a sua última carta acaba de tranquilizá-la completamente; um estudante vê uma das suas primas, ignorando que estivesse doente, socorrida por um padre no seu leito de morte, etc. Novos documentos, novas observações para a nossa síntese psíquica. Leiamos. Examinemos.

## CAPÍTULO VI

### Vistas de cenas de moribundos e de mortos a distância. – Audições da mesma ordem

*“As possibilidades da Natureza  
são infinitas.”*

*Huxley*

Os *duplos* de vivos, as aparições experimentais entre vivos, o pensamento produtor de imagens projetadas a distância, as aparições e as manifestações de moribundos antes da morte, pertencem ao mundo dos vivos, abrindo-nos a marcha para o reino dos mortos. Antes de penetrarmos esse reino, temos ainda de instruir-nos por luzes indicadoras. O capítulo que neste ponto iniciamos versa sobre os atos dos vivos; mas em breve agirão os próprios moribundos e os mortos. A partir do próximo capítulo eles manifestar-se-ão por fenômenos tão variados como impre-vistos.

Continuemos a proceder por ordem. Os observadores que vamos ouvir viram cenas de moribundos ocorrerem a distância, transmissões telepáticas; não há efeito sem causa e o deus Acaso, sempre invocado, é estranho a tais acontecimentos. O ponto de partida é o ser humano à beira da morte.

Durante a guerra de 1914-1918, que arruinou a Europa, embrutecendo ao último ponto a Humanidade inteira e entravando por meio século a instrução geral, recebi grande número de comunicações que me assinalavam transmissões telepáticas partidas dos campos de batalha.

O estudo científico e positivo desses problemas choca de contínuo com mil obstáculos diversos, sendo o principal e o mais freqüente o de que se trata de sofrimentos que é deplorável despertar, e a propósito dos quais apenas um fato de extrema sensibilidade pode conduzir a qualquer resultado apreciável. Juntam-se a isto, muitas vezes, escrúpulos religiosos contra os

quais os raciocínios mais sensatos não têm nenhuma ação. Nem sempre se superam. Sou, portanto, duplamente reconhecido à devotada correspondente por ter obtido a confiança que vou apresentar. Leiamos esta narrativa com toda a atenção que merece. Não lhe altero uma única palavra:

(CARTA 4.016)

“Saint-Mandé (Sena), 21 de janeiro de 1918.

Meu caro mestre:

É necessário que o torne conhecedor do seguinte fato para os seus tão importantes estudos.

A Sra. D. (parece-me mais discreto não indicar senão a inicial do nome, porque o acontecimento é ainda muito recente), mulher moça que tinha casado poucos meses antes da mobilização, adorava seu marido, que lhe pagava com igual moeda. A separação foi cruel, apesar da confiança do jovem esposo, que parecia querer persuadir sua companheira de ter a certeza do seu próximo regresso.

Havia-lhe mesmo suplicado que não acreditasse nas notícias que chegassem ao seu conhecimento, fossem elas quais fossem.

Os dias passavam sem que viessem cartas... Após curtos boletins de saúde e, finalmente, a 25 de agosto de 1914, a Sra. D. recebeu longa epístola do combatente. Feliz e cheia de confiança, voltou-lhe alguma alegria. Toda a família se achava reunida na tarde desse dia. Ela pediu à sua irmã mais nova que se sentasse ao piano e lhe tocasse uma balada de Chopin, de que tanto ela como seu marido muito gostavam. A pianista acedeu. De repente (eram 3 horas), a jovem esposa ergue-se e solta um grito terrível, caindo inanimada no soalho. Quando recuperou os sentidos, interrogaram-na. Abrindo os olhos assustados, exclamou:

– É medonho o que eu vi, medonho!

A família, comovida com o grande nervosismo da pobre mulher, não ousa insistir, e só no dia seguinte, quando parecia um pouco mais calma, ela contou que vira repentinamen-

te desenrolar-se, num campo de batalha pavoroso, uma carnificina horrível... e *seu querido esposo cair no meio de todos!*

Volvidos dias, sabia-se que a 25 de agosto, pelas 3 horas, esse combatente fora mortalmente ferido.

Tive a confirmação dessa cena dramática pela mãe da jovem viúva e por muitos membros da sua família. A coincidência da visão e do acontecimento no campo de batalha é certa.

Envio-lhe, ao mesmo tempo, a carta da mãe e da amiga dessa mulher; mas ninguém deseja que estas dolorosas recordações sejam revolvidas.

Tal é, caro mestre, o resumo do inquérito a que procedi nessa família, que procura fazer um pouco de esquecimento, se isso for possível, à volta da pobre esposa desesperada por essa terrível separação, deprimida e impressionável ao último grau.

O fato da comunicação telepática não é evidentemente duvidoso e parece-me documento útil a acrescentar àqueles que lhe são dirigidos de todos os pontos do globo.

*M. A. Mercier.”*

Podem fazer-me algumas objeções. Nesta guerra contínua, não é para surpreender que qualquer mulher casada, adorando seu marido, tivesse receios pela sua sorte. Não é nessa intuição que consistiria o valor do fato relatado: é na coincidência absoluta do dia e da hora com o momento da catástrofe – e precisamente o dia em que a pobre criatura estava serena. É também a visão da batalha. O cálculo das probabilidades mostra que há milhões a apostar contra um em como a comunicação telepática é certa.

Os meus leitores já conhecem certo número de observações idênticas àquela e podem lembrar-se de que uma de entre elas indicou mesmo a morte numa data diferente da das repartições militares, data que, verificada, foi reconhecida como exata, não o sendo a oficial.<sup>34</sup>

Não é supérfluo fazer notar que a sensação da jovem esposa não pode assemelhar-se a um sonho que correspondesse à realidade por coincidência fortuita, mas é comparável a um choque elétrico recebido a distância, o que faz sua diferença. Neste caso, a transmissão telepática do jovem oficial morto à sua mulher, então perfeitamente sossegada e mesmo alegre, em virtude da carta que nesse mesmo dia lhe chegara às mãos, é tão justa como uma observação astronômica, física ou química, exatamente assinalada. A precisão é idêntica.

Quanto à explicação, resta encontrá-la. É o caso da eletricidade no tempo de Galvâni, da Astronomia ao tempo de Ptolomeu. Encontramo-nos, neste ponto, na aurora de uma ciência futura.

Possuo observações desse gênero (vistas de cenas de moribundos a distância) muito numerosas e de todas as datas; mas apenas poderei reproduzir aqui algumas delas:

“A 17 de março de 1863, em Paris, num compartimento do primeiro andar do prédio da rua Pasquier n° 26, por detrás da Madalena, a Baronesa de Boislève tinha muitas pessoas para jantar, entre as quais o General Fleury, estribeiro-mor de Napoleão III, Devienne, primeiro presidente do Tribunal de Cassação, Delesvaux, presidente da Junta do Tribunal Civil do Sena. Durante o repasto tratou-se, sobretudo, da questão da expedição ao México, que havia começado já um ano antes. O filho da baronesa, o alferes de Caçadores, a cavalo, Honório de Boislève, fazia parte da expedição e sua mãe não deixara de perguntar ao General Fleury se o Governo tivera algumas notícias a tal respeito.

Não tinha. Não há notícias? Boas notícias. O jantar acabou alegremente, conservando-se os convivas à mesa até às 9 horas da noite. Nesse momento, a Sra. de Boislève levantou-se, dirigindo-se sozinha para a sala de visitas, para mandar servir o café. Mal havia chegado a essa sala, quando um grito terrível alarmou os convidados. Correram para ela, indo encontrar a baronesa desmaiada e estendida no tapete.

Voltando a si, contou uma história extraordinária. Ao atravessar a porta da sala, distinguira, na outra extremidade



do compartimento, seu filho Honório, de pé, fardado, mas sem armas e sem quepe. O rosto do oficial era de uma palidez espectral e do seu olho esquerdo, transformado em buraco horroroso, escorria-lhe um fio de sangue pelo rosto e bordados da sua gola. O pavor da pobre mulher havia sido de tal ordem que ela pensara morrer. Apressaram-se a tranquilizá-la, dizendo-lhe que havia sido joguete de uma alucinação, que sonhara estando acordada; mas, como se sentisse extremamente fraca, chamaram urgentemente um médico da família, o ilustre Nélaton, que, posto ao corrente da estranha aventura, receitou calmantes e retirou-se. No dia seguinte a baronesa estava fisicamente restabelecida, mas o moral estava enfermo. Todos os dias mandava ao Ministério da guerra à procura de notícias.

Ao cabo de uma semana, foi oficialmente informada de que a 17 de março de 1863, pelas 2 horas e 50 minutos da tarde, no assalto de Puebla, Honório de Boislève tinha sido morto por uma bala mexicana que o atingiu no olho esquerdo e lhe atravessara a cabeça. Compensada a diferença de meridiano, via-se que a hora em que a morte ocorrera correspondia exatamente ao momento da aparição na sala da casa da rua Pasquier.

O Dr. Nélaton comunicou aos seus colegas da Academia de Ciências o resumo do acontecimento inteiramente escrito pela mão do presidente Devienne e firmado por todos os convivas do famoso jantar.”

Essas vistas de cenas de mortos a distância não são tão raras como se pensa. As duas precedentes tornam-se notáveis pelo fato de não terem ocorrido durante o sono, em sonho, como a maior parte delas. A que vou apresentar está no mesmo caso. Produziu-se em pleno dia, talvez em momentâneo estado de sonolência. Recebi a comunicação que lhe diz respeito em março de 1899:

(CARTA 302)

“Era em 1888. Um dos meus amigos, estudante de Medicina, tinha sua mãe doente. Ora, um dia seu pai, temendo provavelmente um fim próximo, mandou-o chamar sua tia

que habitava numa aldeia a 50 quilômetros da cidade. o meu amigo devia fazer a viagem em carro. Nessa viagem teve a seguinte visão: sua mãe, deitada no quarto, tinha as mãos cruzadas no peito, segurando um crucifixo; seus olhos estavam fechados e no seu rosto havia a palidez da morte. Seus parentes estavam à roda do leito e choravam. O compartimento em que sua mãe se encontrava achava-se guarnecido com decoração fúnebre.

Essa repentina visão tinha sido muito nítida; e o meu amigo tão assustado ficara com ela que soltou um grito. Quando o cocheiro ouviu o grito e notou a sua palidez, conheceu os motivos que provocaram tal comoção e riu-se dele.

Chegado a casa, ficou espantado de ver o quadro real da sua visão! Verificou também que o acontecimento ocorrera na hora em que o tinha visto. E digo *na hora* porque o meu amigo não teve a idéia de ver o relógio, mas lembra-se bem de que os dois fatos se deram antes do meio-dia e que a morte precedeu a visão.

É para notar que o meu amigo contava então 16 anos e que seu pai, ao mandá-lo chamar sua tia, não lhe assinalou a gravidade da doença de sua mãe; ele mesmo, de resto, não acreditava em desenlace tão rápido.

Digo-lhe o meu nome, mas não o divulgue; a minha carreira futura poderia prejudicar-se com isso.

W. – Estudante de Medicina, em Bordéus.”

Visão experimentada, em carro. A seguinte está nas mesmas condições, e não se lhe poderia opor também a afirmação de que o número e a diversidade dos sonhos explicam a coincidência.

Um funcionário de Paris, ao se encontrar num ônibus, assiste ao falecimento de sua mãe, ignorando que ela estivesse enferma.

O meu chorado amigo, o Dr. Durand de Gros, comunicou-me há algum tempo o seguinte fato curioso, passado com um redator seu amigo, na administração central dos Correios e Telégrafos de Paris. Leiamos a narrativa:

“Saía do Ministério pelas 5 horas e meia – escreve ele a seu irmão – e tomava o ônibus que de Grenelle se dirige à porta Saint-Martin. Não tinha pensado de modo algum em nossa terra em todo o dia. De repente, ao chegar à rua Jean Jacques Rousseau, tive a visão muito clara da pobre mãe deitada no seu leito e doente. Experimentei a sensação de que ela ia morrer e lembro-me de que no meu sonho lhe disse: “Espera, mamã, que eu vou.” Não tinha ilusões acerca do seu estado e sentia uma espécie de atração, se assim posso falar, que me trazia a vontade de morrer também.

Não posso explicar o estado de espírito em que me encontrava, mas o certo é que eu me via perfeitamente junto do leito da mamã, muito pálida e doente, e que ela me reconhecia. Eram pouco mais ou menos 6 horas; eu estava no ônibus com o meu amigo Leão.

Reentrando em minha casa pelas 11 horas da noite, a porteira entregou-me um telegrama, e devo dizer que pensei imediatamente no que acabava de acontecer-me no ônibus, e não duvidei um só momento da morte. Assim, não me deitei, esperando com impaciência o dia, para partir. Leão estava na minha companhia, quando eu cheguei a casa e, ao receber o telegrama, contei-lhe a visão que tive no ônibus. Disse-me então que, efetivamente, nesse momento, eu tinha um “aspecto muito divertido” e que lhe falei de modo incoerente. Ele pode certificar o fato. Parece também que durante o resto da noite eu não permaneci no meu estado habitual. Esse fato estranho produziu em mim uma sensação profunda que está ainda tão presente na minha memória como no primeiro dia. Em geral, a vista de um moribundo é dolorosa, mas eu, repito-o, experimentei, pelo contrário, uma satisfação que derivava da minha certeza da sobrevivência.”

Eis uma impressão muito simplesmente sentida em ônibus. Nem por isso deixa de ser das mais impressionantes. Vista a distância de uma morte inesperada. Não é um sonho vago, visão em estado mórbido: é uma impressão normal. A observação seguinte foi feita igualmente em pleno dia e em excelente estado de saúde.

Um médico de Londres, falecido longe, é observado dos arredores da capital inglesa no compartimento imprevisto em que morre.<sup>35</sup> A visão ocorreu dez horas depois da morte.

Sobre o fato escreve a Sra. Digne, a observadora:

“Esse médico havia-me tratado durante alguns anos com muita bondade. Na época da sua morte havia mais de um ano que me não medicava. Sabia que ele deixara a Medicina, mas nada conhecia dos seus negócios nem do seu estado de saúde. Quando o vi pela última vez, pareceu-me particularmente bem e aludiu mesmo ao vigor e à atividade de que ainda dispunha. Na quinta-feira, 16 de dezembro de 1875, estava eu, havia já algum tempo, de visita a meu cunhado e a minha irmã, perto de Londres; encontrava-me de saúde, mas desde a manhã e durante todo o dia eu experimentava uma sensação de opressão. Não estava de maré, como se diz, e atribuía isto ao tempo sombrio que corria. Depois do almoço, pelas 2 horas, lembrei-me de ir ao quarto das crianças para me divertir com elas e procurar distrair-me; mas não o consegui e voltei para a sala de jantar, onde me sentei, ficando só. A recordação do médico acudiu-me ao espírito, tendo os olhos muito abertos, segundo creio (porque eu não me julgava adormecida), pareceu-me que me encontrava num quarto onde havia pequeno leito no qual estava estendido um homem morto. Reconheci desde logo o doutor e não duvidei de que estivesse morto e não simplesmente dormindo. O compartimento não tinha tapetes nem móveis. Não posso dizer quanto tempo a visão durou. Procurei provar a mim mesma que o que eu vira nada significava, sobretudo em virtude de ser, ao que eu sabia acerca da situação do médico, improvável que, se estivesse morto, se encontrasse num compartimento tão modesto e tão desguarnecido de mobiliário. Volvidos dois dias, aproximadamente, uma das minhas irmãs leu nos jornais que o doutor morrera no estrangeiro, a 16 de dezembro, no mesmo dia em que eu vira a aparição.”

O inquérito feito para fixar os pormenores dessa narrativa apurou que o médico morreu no hospital de pequena aldeia, de

país quente, sucumbindo a um mal quase repentino. A viúva do clínico afirmou que o compartimento em que seu marido morrera correspondia à descrição que dei anteriormente.

Supor que isto seja simples alucinação e coincidência fortuita com a realidade, seguramente inesperada e excepcional, não é hipótese admissível. Por que teria essa dama inconscientemente imaginado tal cena de um médico célebre, morto em viagem, num pobre quarto, e isto precisamente no dia em que o seu cadáver estava em tal sítio? Tal explicação não bastaria para nos satisfazer. Há aqui outra coisa: a faculdade de ver a distância, em consequência de impressão emanada do morto ou do moribundo.

A visão não ocorreu no instante do decesso, mas 10 horas mais tarde.

Os autores dos *Phantasms of the Living*, para serem lógicos com o seu título, interpretam a diferença das horas dizendo que o pensamento do médico se dirigiu para a dama antes da sua morte e que a impressão cerebral ficou latente durante dez horas, até ao momento de tranqüilidade em que a transmissão podia ser conscientemente percebida. Que houve comunicação entre o moribundo e a vidente não há dúvida. Essa comunicação parece ter levado a percipiente a ver com nitidez, a distância, o leito e o compartimento, isto é, que o seu pensamento aí fosse transportado. Quanto à demora da percepção, a comparação de numerosos fatos esclarecerá talvez gradualmente o problema.

As vistas de cenas de moribundos a distância são tão certas como surpreendentes. Eis uma outra. Note-se que em todos esses exemplos não se trata de sonhos noturnos.

Uma menina de quinze anos, sentada perto do lume, tem a sensação de que seu pai morre muitos quilômetros distante dela. Os *Anais das Ciências Psíquicas*, de 1895, publicaram (pág. 284) uma carta muito curiosa do Sr. C. Thiéry, relatando a história nos seguintes termos:

“Há 34 anos aproximadamente, uma rapariga de minha casa tinha ido com sua mãe tomar posse da herança de velho tio falecido, pároco num lugar que distava algumas léguas. Era uma menina de 12 a 15 anos, de temperamento muito

nervoso, poderei mesmo dizer, um pouco exaltado, que herdara de sua família.

Um dia, estando sentada ao lume, absorvida, a cabeça entre as mãos, contemplou como interiormente o que no momento se passava em casa de seu pai: viu este, moribundo, assistiu à sua morte e aos incidentes que a acompanhavam. Informou nesse mesmo dia as pessoas que a rodeavam de tal visão. Naturalmente, ninguém acreditou no que se considerava como extravagante; mas a menina insistia em afirmar que seu pai havia morrido, embora o tivesse deixado de saúde, e atormentou tanto sua mãe que esta foi obrigada a regressar a casa. Até esse momento nada se tinha sabido que dissesse respeito ao pai da vidente. Tendo andado alguns quilômetros, 7 ou 8, e não acreditando ninguém na sua visão, pensou a menina haver sido lograda por uma ilusão e começou a cantar, a gritar, a gesticular como criança, para manifestar a sua alegria. Mas eis que um habitante da região, que se encontrou com ela, exclamou:

– Não faças tanto barulho; teu pai morreu.

Era verdade. O pai estava morto; o que ela vira confirmava-se. Também neste caso não havia o menor embuste. Esta pessoa ainda vive e é mãe de família.

Se o senhor quiser mais informações, posso fornecer-lhas.

*C. Thiéry.”*

Conforme o convite, procedeu-se ao inquérito. Eis uma das cartas recebidas da vidente, Sra. Maria Jacquet:

“Se eu soubesse que, volvidos mais de trinta anos, me pediriam a minha história, tê-la-ia escrito; hoje é necessário refrescar a memória; no entanto, procurarei recordar-me.

1º – Pede-me o nome de meu pai: Carlos Antônio Domingos Jacquet.

2º – O padre a quem primeiro contei o meu sonho era o Sr. Chartier, pároco de Maselay; morreu há quinze anos.

3º – Também o contei em Saint-Dié, em casa de um padre da povoação de Saint-Martin, onde dormimos. O pobre ho-

mem fez quanto lhe foi possível para me dissuadir. Igualmente me lembro de que comprei uns chinelos em Saint-Dié e que os quis pretos, dizendo continuamente: “Vou vestir luto, porque o papá morreu.” Esse padre era o cônego Fleury.

Maria Feys poderia também contar o fato; era ela que me acompanhava no enterro, com Teresa Gardeur; mas ambas já morreram.

4º – Pede-me que lhe diga a maneira como eu vi morrer meu pai? Foi assim: eu achava-me sentada diante do lume, tinha a cabeça entre as mãos. Estava, pelo pensamento, em minha casa, via o papá no leito com o aspecto de moribundo. De repente, observei que ele revirara os olhos e então exclamei: “Oh! meu Deus, ele morre.” Estava como louca. Foi por essa razão que eu quis partir imediatamente. Durante toda a nossa jornada, se encontrava uma pessoa, pensava: “Aí vem um aviso que nos mandam.”

5º – Na encosta de Portieux o Sr. Pasquier, ao passar, avisou-nos:

– Sois vós, pobres mulheres? Esperam-vos para o enterro. Ele esteve doente, em virtude de um ataque, vinte e quatro horas; recebeu os sacramentos e chamou-vos por várias vezes.

*Maria Jacquet.”*

“O inquérito feito nos registros do estado civil da cidade de Charmes concluiu que Carlos Antônio Domingos Jacquet, filho do falecido Domingos Vitor Jacquet e Ana Francisca Magnien, casado com Maria Margarida Antônia, faleceu a 12 de outubro de 1860, em Charmes.

Charmes, 14 de setembro de 1893.

Assinado: o *maire P. Voinot.”*

Vê-se que, apesar dos 35 anos que separavam o acontecimento da narração, as recordações do redator Sr. Thiéry concordavam com as da Sra. Maria Jacquet. A rapariga teve bem nitida-

mente a sensação da morte de seu pai. Visão a distância; transmissão telepática de moribundo?

Também neste caso, como nos precedentes, não houve sonho, são sensações experimentadas em estado normal. A que vamos conhecer é uma visão noturna que se complica de premonição ainda mais difícil de compreender do que a vista a distância. Recebi a comunicação, recentemente (a 20 de julho de 1920), por um escritor distinto, já muito conhecido dos meus leitores, o Sr. R. de Maratray, e ela refere-se a seu pai. Poderíamos intitulá-la “Cena mortuária vista com 24 horas de antecipação”. Ei-la:

(CARTA 4.168)

“Em 1855 o Sr. de Maratray, que mais tarde foi um ilustre engenheiro, e que contava então 20 anos, acordou, uma noite, em sua casa de Blois, angustiosamente agitado, sob a impressão de um sonho em que acabava de ver uma cena mortuária assim composta: uma sua jovem prima que ele particularmente estimava, mas que nem sequer sabia que estivesse enferma, achava-se estendida no leito, em sua casa de Ruão; um padre sacramentava-a; seus pais estavam ajoelhados e choravam.

No dia seguinte, de manhã, o correio trazia-lhe a notícia de que essa moça (que se chamava Branca) estava gravemente doente. O Sr. de Maratray partiu imediatamente e chegou a Ruão à meia-noite; foi logo conduzido a um quarto que nunca vira anteriormente e que era a representação exata, em todos os seus pormenores, daquele com que sonhara na noite precedente. Assistiu à morte de sua prima, na atitude em que, 24 horas antes, a si mesmo se vira. Até ao fim da vida conservou essa recordação vivaz em seu espírito.”

Essa visão é notável, pelo fato de a premonição antecipar-se de 24 horas... Quantos mistérios!

A seguinte não comporta tal complicação; mas não é menos impressionante pela sua instantaneidade. Trata-se aqui da vista a distância, em sonho, de uma agonia, de Numéia a Cherburgo, que me foi contada em 1918, durante a minha estada em Cher-



burgo, por um honrado agente técnico de Marinha; eis a sua narrativa:

(CARTA 4.040)

“Cumprindo o meu serviço militar na artilharia colonial, fora, ao cabo de cinco meses, designado para servir na Nova Caledônia. Embarcando em Marselha a 3 de setembro de 1895, cheguei a Numéia a 13 de outubro.

Ao deixar minha família, fiz as minhas despedidas e, em particular, ao irmão de meu pai, que estava doente havia meses.

A primeira noite – a de 12 para 13 de outubro – que eu dormi em Numéia, tive um sonho *no qual assisti à agonia de meu tio*.

Acordei, na manhã seguinte, extremamente fatigado e com o espírito atormentado por esse fatídico sonho.

Quais não foram a minha surpresa e a minha perturbação ao receber, 40 ou 50 dias mais tarde (as cartas levavam pouco mais ou menos esse tempo para chegar de França), a notícia do falecimento de meu tio, ocorrido a 12 de outubro, durante o dia!

Fiquei profundamente impressionado, porque não tinha esquecido tal sonho e nunca mais o esquecerei.

Sabe melhor do que eu, mestre, que em consequência da longitude em que se encontra Numéia, os dias têm sobre os da Europa o avanço de dez horas.

Estranha coincidência – não é verdade? – e de molde a perturbar os nossos espíritos!

No meu regresso à França, informei minha família dessa coincidência e depois falei muitas vezes dela a pessoas amigas.

Se essa observação pode interessá-lo para as suas investigações, considero-me feliz em assinalar-lha. Pode, se assim o entender, publicar a narrativa, mas peço-lhe que não revele o meu nome.

E. C.

Agente técnico da Marinha em Cherburgo.”

Escrevi ao signatário dessa interessante comunicação, pedindo-lhe: 1º- que me permitisse publicar o seu nome, como inteira garantia para os meus leitores; ele não me autorizou a isso, mas consentiu que eu revelasse as suas iniciais e a sua qualidade, o que fiz; 2º- para lhe perguntar onde se encontrava seu tio quando, no momento da morte, se produziu a transmissão telepática – se em Marselha, em Cherburgo ou em que ponto. A resposta foi que estava na “Glacerie”, comuna dos arrabaldes de Cherburgo, região que eu próprio conheço, povoação célebre que deve o seu nome à primeira fábrica de espelhos criada em França por Colbert (transferida depois para Saint-Gobain) e onde ainda hoje se podem ver as primeiras objetivas construídas para o Observatório de Paris, no ano de 1672, época da sua fundação – objetivas primitivas que possuem para nós grande interesse histórico (e que eu tive com respeito nas minhas mãos).

A diferença da longitude indicada é exata. A coincidência do sonho com o acontecimento é real. Foi fortuita? Não é provável. Tudo nos leva a admitir que houve transmissão telepática entre o tio e o sobrinho. Seguramente, este pôde pensar no doente e vê-lo moribundo, em sonho, sem que houvesse relação direta entre os dois. Mas os casos de coincidências são tão numerosos que o simples acaso não basta para os explicar satisfatoriamente. É pela comparação de todos os fatos que poderemos esclarecer-nos integralmente. Não desdenhemos nenhum.

Isso se passava em 1895. Sabemos hoje que a transmissão das ondas psíquicas entre dois cérebros, separados por grandes distâncias, é comparável à das ondas etéreas da telegrafia sem fios.

Os meus leitores poderão lembrar-se de um sonho muito exato, que contava como um sobrinho assistiu à agonia de seu tio, vendo todas as minúcias dessa agonia (o enciclopedista Pedro Coni, então aluno do Liceu São Luís, e seu tio, moribundo em Courbevoie, *O Desconhecido*, capítulo VIII, caso I).

Leram igualmente (1º volume desta obra, pág. 209) o relatório de um notário que viu, em sonho, seu pai morto e estendido em colchões postos em cavaletes, no momento em que a cena se passava a uma grande distância da sua residência. Duvidar mais não é possível.

A observação seguinte não é menos surpreendente do que todas as que já conhecemos; é das mais antigas do meu inquérito.

(CARTA 91)

“Chartres, 26 de março de 1899.

Os parentes de meu pai ocupavam, em Batignolles, um compartimento numa casa onde vivia um ramo da família Cunéo d’Ornano e duma parte e doutra tinham-se estabelecido relações de vizinhança. Por ocasião do batismo de uma criança que acabava de nascer aos Ornano, minha tia ficou, durante o jantar, ao lado do Sr. Tadeu Cunéo d’Ornano, que, se me não engano, tinha sido padrinho do pequeno. As qualidades intelectuais do seu vizinho de mesa impressionaram-na vivamente e ela mesma era encantadora a todos os respeitos. Nada mais natural, portanto, que tivessem conservado um do outro, durante algumas horas, as melhores impressões. Na noite do dia em que o jantar se realizou, o Sr. Tadeu Cunéo d’Ornano deixou Paris, num dos comboios noturnos, para regressar ao meio-dia. Nessa mesma noite, a uma hora que me é impossível precisar, minha tia viu nitidamente, perto de seu tio, com a cabeça ensangüentada, o seu companheiro de mesa. Quando, no dia seguinte, contou essa aparição, ninguém lhe ligou importância; mas, passado pouco tempo, meus parentes sabiam, com espanto, que na própria noite da aparição mencionada, a uma hora que coincidia com a da visão que minha tia tivera, o Sr. Tadeu Cunéo d’Ornano fora decepado à entrada de um túnel, no momento em que se curvava à janela da carruagem de comboio. Seria fácil, creio eu, informar-se com a família Cunéo d’Ornano da época exata desse acontecimento.

Um dos seus leitores assíduos, que se não assina por ser inútil e porque os seus ineptos

colegas o tachariam de crédulo ingênuo.”

As coincidências fortuitas, tantas vezes objetadas, são inadmissíveis na maior parte dos casos estudados. Tornei conhecida, de resto, a parte que se pode atribuir ao acaso, segundo o cálculo das probabilidades.

Nas *Alucinações Telepáticas*, o Sr. Marillier fez, por sua parte, certos cálculos dos quais resulta que a parte do acaso de reduz, para as alucinações auditivas, a

$$\frac{1}{20.000.000.000.000}$$

e para as alucinações visuais a

$$\frac{1}{40.000.000.000.000}$$

isto é, que sobre 40 trilhões de alucinações visuais, somente haverá uma suscetível de ser explicada pela *coincidência fortuita*.

É reduzir, evidentemente, a hipótese do acaso a uma cifra tal que equivale a zero e que, daqui em diante, não é possível tomar em linha de conta para explicar as inumeráveis coincidências observadas; é, ao mesmo tempo, a prova de que esta ação é real, objetiva, pois que é o próprio fato que, posto de lado o acaso, se torna o único e verdadeiro gerador.

Nos casos como o precedente, em que se vê a cena da morte, não há nenhum cálculo de probabilidade a considerar; é a própria evidência.

As vistas de cenas de moribundos a distância e os sonhos premonitórios de mortos são em número tão elevado que as pessoas estudiosas desses assuntos os encaram absolutamente como incontestáveis e como conquistados para a ciência psíquica, e que é quase supérfluo multiplicar tais narrativas. Assinalarei, no entanto, o fato seguinte, cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida e do qual devo o conhecimento ao meu sábio amigo, o Príncipe Troubetzkoy. Esse astrônomo escrevia-me do seu observatório de Bérghamo, a 20 de outubro de 1920:

(CARTA 4.287)

“Caro mestre:

O Sr. Aurélio Bonandrini, doutor em Direito, meu notário, veio aqui mesmo me relatar que teve, há vinte anos, um sonho por tal forma impressionante e tão horrivelmente doloroso, que ficará para sempre na sua memória e que ele jamais poderá esquecer.

Nesse sonho, via seu pai, então de perfeita saúde, deitado, agonizante, num pequeno quarto para ele desconhecido.

Volvido um ano, seu pai fora atacado, na catedral, por um insulto apoplético; transportaram-no para um hotel vizinho, onde expirou ao cabo de algumas horas. Qual não foi o espanto do filho quando, chamado à pressa para a cabeceira do moribundo, reconheceu o leito, a posição de seu pai e o quarto, tais como os vira em sonho!”

O autor do sonho confirma-o assim:

“Certifico a exatidão dos fatos acima mencionados e contados pelo Príncipe Troubetzkoy.

*Aurélio Bonandrini.*”

Em outra carta, o Príncipe Troubetzkoy tinha-me assinalado a vista a distância, por sua madrastra, de um acidente que, por felicidade, não teve conseqüências mortais. Escreve ele:

(CARTA 4.272)

“Estávamos no campo e tínhamos instalado, com grande alegria de meu filho, que então tinha cinco anos, uma rede no jardim. Veio passar alguns dias conosco a jovem irmã da minha mulher e eles ambos não deixavam a rede, transformada em balanço.

Uma tarde o pequeno, aterrado, surgiu, a correr, diante de nós; uma das cordas do balanço quebrara e eles caíram. A moça foi atingida na cabeça e encontramos-la desmaiada. Durante mais de 24 horas o médico temeu complicações; foi necessário fazer aplicações de gelo, etc. Em breve, delirava

durante toda a noite, chamando a grandes gritos sua mãe, que se encontrava à distância de mais de 150 quilômetros.

Na manhã seguinte chegou uma lacrimosa carta dessa mãe, *contando o acidente que tinha visto em sonho*, e perguntando, aflitivamente, se era verdadeiro.

*Príncipe Troubetzkoy.*”

Como é possível duvidar ainda desses fenômenos psíquicos de vista e de sensações a distância? Quem os quiser colher na corbelha das recordações humanas, só tem de baixar-se.

O Dr. Foissac, médico-chefe da Casa de Educação da Legião de Honra, em Saint-Denis, contou-me, há um quarto de século, que o irmão do almirante Le Roy, navegando em pleno oceano, acordou durante a noite, sob a impressão de um pesadelo que o fizera assistir à morte de sua mãe e que, tendo anotado o sonho no seu canhenho, averiguou, ao desembarcar, que nessa data, a tal hora, sua mãe havia falecido.

Era ainda uma vista de cena de morte a distância.

Falta-me o espaço para publicar as numerosas comunicações que tenho recebido. Assinalá-las será suficiente, algumas vezes. Assim, por exemplo, o capitão de navio Audibert, vivendo em Antibes, dirigiu-me, a 30 de maio de 1899, a narrativa circunstanciada de vista a distância, em sonho, da morte de sua mãe, em Marselha, ao passo que ele navegava por longe (carta 724). O autor celebrou mesmo piedosamente o fato num pequeno poema.

Algumas dessas visões são verdadeiras tragédias, como a seguinte:

Uma senhora tem seu irmão muito longe, nas Índias, ignora onde ele reside e vê em sonho a sua cabeça decapitada, posta num caixão, perto do seu leito. Essa dama é a Sra. Menner, mulher do regente do Colégio de Torre, em Torquay, e seu filho é o Sr. Wellington, então com o rajá de Sarawak, Sir James Brooke. Tomado como filho do rajá pelos chineses, durante uma expedição, cortaram-lhe a cabeça, Queimaram-lhe o corpo e conservaram-lhe a cabeça que levaram em triunfo e que, encontrada pelos amigos de Wellington, foi por eles sepultada. Myers e Sidgwick, que procederam a um inquérito especial sobre esse

tão curioso caso, verificaram que a visão coincidira com a hora do trágico acontecimento.<sup>36</sup>

De todas as cenas de mortos vistas exatamente pela visão telepática, a seguinte é, seguramente, uma das mais precisas. É o Sr. Henry Sidgwick quem a torna conhecida.<sup>37</sup>

O observador desejou que o seu nome não fosse publicado com receio de desagradar aos parentes do morto. Eis a sua narrativa:

“O fato que vou contar ocorreu na manhã de 8 de julho de 1858. Na noite de 7, demorei-me bastante a conversar com um amigo sobre diversos assuntos. Estava bem e de bom humor. Entrei tranqüilamente em minha casa.

Agora é preciso que eu diga como era o meu quarto de dormir. Tinha apenas uma janela, perto da cabeceira do leito, na parede ao longo da qual eu estava deitado. A veneziana não estava inteiramente fechada. Nessa noite, ou antes, na manhã do dia 8, acordei com uma sensação de angústia. A luz diurna filtrava-se através das folhas da veneziana e banhava o soalho; nessa luz, que era inteiramente suficiente, tive a visão do meu amigo. Jazia no sobrado, no seu vestuário noturno, joelhos erguidos, mãos lançadas para trás e com a palma para o ar. Estava extremamente pálido, a mandíbula caída, como morto. Soltei forte gemido que despertou minha mulher, e ela, tomando-me o braço, sacudiu-me, perguntando-me o que havia. Eu estava apoiado ao cotovelo, contemplando a aparição no soalho. Respondi:

– Vejo X, morto, no chão.

Quando eu falei, a visão desvaneceu-se. Minha mulher replicou que eu sonhava. Lembro-me de que eu mesmo inquiri: “Estarei sonhando?”, antes de minha mulher me sacudir e ainda quando a visão era nítida. Os pés do fantasma estavam do lado da janela e a sua figura voltada quase de face para mim e da banda da luz.

Fui aos escritórios que eram contíguos à casa de X. Como este não tivesse aparecido em toda a manhã, o escrevente disse-me que a mulher que o servia estava inquieta por não

ter obtido resposta, ao bater à porta. Imediatamente a visão que eu tivera de manhã me voltou ao espírito; mandei procurar uma escada para alguém subir até à altura da janela, que não era muito elevada. O escrevente subiu e experimentou tal surpresa que por pouco não caiu. Acabava de ver X. estendido no soalho.

Pegou num grande martelo de partir carvão e forçou a porta. Entrei no quarto com ele. No sobrado jazia o corpo, exatamente na atitude, posição e vestuário, da visão que eu tivera. Era a perfeita reprodução da visão mencionada. Ele deveria ter-se levantado, aberto em parte a veneziana e, sentindo-se presa de um ataque de angina pectoris, teria procurado deitar amoníaco num copo; mas, ao desenvolver esse esforço, caíra de costas, morto. A sua criada informou-me de que ele tinha por costume levantar-se ao romper do dia, abrindo a janela.

É permitido pretender que a intensidade do pensamento de um homem na agonia possa produzir o efeito que experimentei? O seu herdeiro legítimo era uma pessoa por quem ele sentia a maior animadversão, ao passo que tinha um sobrinho a quem queria afetuosamente. Possuía grande fortuna e teria deixado tudo a esse sobrinho. Procurando entre os seus papéis, encontrou-se um testamento que, nesse sentido, ele havia começado.

Pensei em tudo isso durante muitos anos, discuti o caso com muita gente, mas nunca pude chegar a uma solução satisfatória do assunto.

O sentimento de aflição que experimentei ao despertar era indescritível. Semelhava de algum modo à emoção sentida quando acordamos em sobressalto e que nos encontramos diante de um espetáculo terrível. Faz atualmente 33 anos que isso ocorreu e cada pormenor está ainda tão claro em minha memória como se o fato fosse de ontem.”

O inquérito procedido pela Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas confirmou essa narrativa no seu conjunto, à parte algumas variantes de minudências.



Duvidar de que, em certas circunstâncias, o nosso espírito veja cenas de mortos, passando-se a distância, não é verdadeiramente permitido. A visão de que acabamos de falar é das mais dramáticas, na sua própria exatidão. A que vamos ter sob os olhos é talvez mais notável ainda, por causa da distância da cena. O acidente trágico de um filho que se afoga sob um navio, em Nova Iorque, é visto com nitidez por sua mãe desvairada, vivendo em Londres. Vejamos esta narração:<sup>38</sup>

“O Sr. Clarke, um dos principais negociantes de Hull, conhecia desde uns vinte anos uma certa Sra. Palliser que habitava essa mesma cidade. Tinha um único filho, de nome Matthew, que era marinheiro. Aos 22 anos de idade embarcou para Nova Iorque. Aproximadamente um mês depois da sua partida a Sra. Palliser procurou o Sr. Clarke e disse-lhe, chorando:

– Oh! Sr. Clarke, o pobre Mat afogou-se.

– Como pôde saber isso?

– Afogou-se à noite passada, indo a bordo. Ao atravessar a prancha, escorregou. *Vi-o e ouvi-o gritar: “Oh, mãe!”*.

Ela afirmou que nesse momento estava na cama, mas sem dormir; declarou também ter visto sua mãe, morta havia muitos anos, e que se conservava perto do leito, chorando.

– Coisa da imaginação! – replicou o Sr. Clark. – Não há nada de crível nisso.

Mas a senhora persistiu na sua convicção e procurou o Sr. Clarke, na semana seguinte, meia dúzia de vezes, talvez. Para tranquilizá-la ele escreveu para Nova Iorque ao agente do navio a bordo do qual estava o rapaz. Depois de a carta haver seguido, ela continuou a ir informar-se uma vez por semana. Ao cabo de um mês, pouco mais ou menos, chegou uma carta de Nova Iorque dirigida à Sra. Palliser, ao cuidado do Sr. Clarke. A carta aludida continha a notícia dessa morte: Matthew Palliser, de tal navio, afogara-se em tal noite, por ter escorregado na prancha quando atravessava-a para dirigir-se a bordo. Essa noite era a mesma em que a Sra. Palliser tivera a visão.

O Sr. Clarke descreve a Sra. Palliser como uma senhora educada, uma respeitável dama de 65 anos, viúva.”

O reverendo J. T. Fowler, em Bishop Hatfield’s Hall, Durham, certificou o mesmo fato.

Em conversa, o filho do Sr. Clarke igualmente confirmou essa narrativa, que não pode causar qualquer sombra de dúvida.

Como não ver nisso uma comunicação direta do filho com a mãe, no momento em que ele cai e vai perecer nas ondas?

Repitamo-lo uma centena de vezes: negar os fatos é simplesmente ridículo.

Eis um caso de observação quase idêntico ao que se acaba de ler. Junto-os expressamente dessa maneira para edificação dos meus leitores, entre os quais, assim o espero, nenhuma incerteza pode subsistir. Uma senhora residente na Inglaterra vê seu irmão que se afoga na América. Eis a narrativa:

“A 24 de outubro de 1889, Edmundo Dunn, irmão da Sra. Agnès Paquet, servia como chofer mecânico no *Wolf*, pequeno rebocador de navios no porto de Chicago. Pelas 3 horas da tarde o mesmo rebocador foi ligado a uma embarcação que devia levar por um rio acima. Quando dispunha a bóia, o Sr. Dunn caiu na água e afogou-se. O corpo só foi encontrado três semanas depois do acidente, tendo surgido à superfície em que o Sr. Dunn desaparecera.

A observadora descreve por esta forma o que experimentou:

– Levantei-me, na manhã do dia do acidente, à hora habitual; deviam ser 6 horas. Tinha dormido bem. Acordei triste e abatida, sem poder sacudir o mal-estar. Depois do almoço meu marido foi para o seu trabalho; as crianças partiram para a escola e eu fiquei só em casa. Volvido algum tempo, resolvi fazer chá e tomá-lo. Entro na despensa, pego na lata do chá e, ao voltar-me, vejo à minha frente, a alguns passos de distância, meu irmão Edmundo – ou a sua imagem exata. O fantasma estava quase de costas para mim; inclina-se para a frente, como se caísse, arrastado por duas cordas ou por uma corda que se lhe tivesse enrolado nas pernas. A visão durou

apenas um momento, mas foi muito nítida. Larguei o chá, escondi o rosto nas mãos e exclamei: – *Meu Deus, Edmundo afogou-se!*

Pelas 10 horas e meia da manhã meu marido recebeu um telegrama de Chicago, anunciando-lhe que meu irmão morrera afogado. Ao chegar a casa, disse-me:

– Edmundo está doente; encontra-se num hospital de Chicago. Acabo de receber um telegrama.

A isto respondi:

– Edmundo afogou-se. Eu o vi cair na água.

Fiz-lhe então a descrição minuciosa do que vi. Disse-lhe que meu irmão, quando eu o contemplei, tinha a cabeça descoberta; que vestia camisola azul de marinheiro, e não casaco, e que fora arrastado de uma rampa ou parapeito. Notei que as calças estavam arregaçadas e deixavam ver o forro branco. Descrevi também o aspecto do navio, no sítio em que meu irmão caíra.

Não sou nervosa nem anteriormente ou depois me sucedeu nada idêntico.

Meu irmão não era sujeito a desmaios ou a vertigens.

*Agnès Paquet.”*

O marido da narradora confirmou em todos os pontos essa narração.<sup>39</sup> Não há dúvida alguma sobre a sua autenticidade.

Supor que a vidente experimentou a visão sem causa não é admissível. A causa deve ser procurada em uma emoção do irmão transmitida à irmã. Comunicação de moribundo.

Assim, a observadora não somente sentiu forte impressão acerca de seu irmão, a uma hora muito próxima daquela em que ele morria; não somente soube que ele acabava de falecer, mas ainda viu a representação mais ou menos exata da cena de sua morte.

Ter-se-á notado que tal impressão não foi experimentada no próprio instante do acontecimento, mas depois de aproximadamente seis horas. Foi ela precedida de um sentimento de depressão que começou no momento do despertar e, à primeira vista,

somos levados a supor que a narradora viu o acontecimento em sonho e o esqueceu e que a visão subsequente foi o resultado da revivescência do aludido sonho na sua memória; mas não sabemos o bastante para afirmar, isto mesmo. Voltaremos a essas explicações no tomo III desta obra, a propósito de uma certa dama, Storie, que viu seu irmão esmagado por um comboio, em circunstâncias inteiramente esquisitas.

Instruamo-nos ainda com outros exemplos: A *Society for Psychical Research* narrou (vol. V, pág. 420) o seguinte fato, que lhe foi transmitido por uma correspondente, a Sra. Green, a 21 de janeiro de 1885. Trata-se de um sonho:

“Via duas damas, de *toilettes* elegantes, numa carruagem aberta, quando perto da água o cavalo se deteve para beber; mas, perdendo o equilíbrio, caiu no lago. Em conseqüência do choque, as duas senhoras, ficando de pé, chamaram por socorro. Os chapéus caíram-lhes da cabeça e, como tudo ia afundar-se, eu principiei a bradar: “Não haverá, pois, ninguém que lhes acuda?” Nisto, acordo e meu marido perguntou-me o que eu tinha, para gritar de tal maneira. Contei-lhe o meu sonho e ele inquiriu se eu conhecia tais damas. Eu não as conhecia nem jamais as vira. Nem por isso deixei de, durante todo o dia, andar muito impressionada. Esse dia era o do aniversário do nascimento do meu filho e do meu também – 10 de janeiro –, e é por causa desta coincidência que me recordo exatamente da data.

Passados três meses, recebi uma carta e alguns jornais remetidos por meu irmão, que se encontrava na Austrália, comunicando-me a sua dor por ter perdido uma das suas filhas, que morrera afogada, num passeio com uma amiga. A descrição do acidente correspondia exatamente ao que eu vira no meu sonho. Minha sobrinha havia nascido na Itália e eu não a conhecia.”

Numerosos testemunhos confirmaram a exatidão dessa narrativa. Os corpos das duas senhoras foram encontrados abraçados e apertados um contra o outro.

Os *Phantasms of the Living* relataram-na igualmente (caso 138, vol. I, pág. 375), assim como Myers, em *Human Personality* (I, pág. 431). A visão não coincidiu com o acidente, diz Myers, mas seguiu-se-lhe, volvidas mais de doze horas. Volta a falar nela no tomo II (pág. 55) e procura explicar esse sonho, sem o conseguir, como transmissão telepática de um vivo ou um morto.

Ficando a Austrália nos antípodas da Europa, quando é noite em Londres é dia em Melbourne, e é provável que a hora do sonho da Sra. Green tenha coincidido com a do acidente. Relatarem os jornais com exatidão a data de tal acidente? A confusão de um dia é fácil. A única hora exatamente determinada parece-me ser a do sonho. Mas, donde poderia vir a transmissão telepática? Talvez do pai da Sra. Green, no momento em que lhe contaram o deplorável acidente de sua filha. Myers pergunta se não haveria aqui uma intervenção de espírito: “Eu presumo que uma corrente de influência pode ter sido produzida por uma pessoa morta”. Essa visão é evidentemente das mais extraordinárias.

Tais transmissões telepáticas longínquas podem produzir-se em caso de acidente grave, sem que a morte se lhe siga.

Uma senhora vê seu marido ferido – a 240 quilômetros, numa batalha – tirando um anel do dedo para lho enviar. A Sra. Richardson escrevia, a 26 de agosto de 1882, à Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas:<sup>40</sup>

“A 9 de setembro de 1848, no cerco de Moulton, meu marido, o Major-general Richardson, Cavaleiro da Ordem do Banho, então ajudante do seu Regimento, foi gravemente ferido e, pensando que ia morrer, pediu a um dos oficiais que o acompanhavam para lhe tirar o anel que trazia no dedo e mandá-lo a sua mulher, que nesse momento se encontrava em Ferozepore, à distância de 150 milhas inglesas, pelo menos. Na noite desse mesmo dia eu estava deitada e meio adormecida, quando vi claramente meu marido ferido, levado do campo de batalha, e ouvi a sua voz dizendo: “Tire este anel do meu dedo e mande-o a minha mulher”. Durante todo o dia seguinte foi-me impossível libertar-me da impressão

causada pelo que eu tinha visto e ouvido. Soube mais tarde que o general tinha sido gravemente ferido no ataque de Moulton. Escapou da morte, todavia, e ainda vive. Foi algum tempo depois do cerco que eu soube pelo coronel e pelo oficial, que ajudaram a transportar o general do campo de batalha, que a recomendação referente ao anel havia sido feita justamente no momento em que eu a tinha ouvido em Ferozepore.

*M. A. Richardson.”*

No inquérito a que a Sociedade procedeu, formularam-se várias perguntas do General Richardson; eis o seu resultado:

“1º – Lembra-se o general de ter dito, no momento em que foi ferido em Moulton: “Tire este anel do meu dedo e mande-o a minha mulher” ou de outras palavras do mesmo gênero?

– Muito distintamente; fiz tal pedido ao oficial que comandava, o Major E. S. Lloyd, o qual me amparou, enquanto o meu criado ia à procura de socorros.

2º – Pode lembrar-se a que hora o caso se passou? Foi de manhã, de tarde ou à noite?

– Tanto quanto posso recordar-me, fui ferido pelas 9 horas da noite, no domingo, 9 de setembro de 1848.

3º – O general tinha, antes de deixar a sua casa, prometido ou dito qualquer coisa a sua mulher, a respeito da remessa do seu anel, se fosse ferido?

– Tanto quanto é possível fazê-lo, lembro-me de que jamais tive pressentimentos a esse respeito. Sentia naturalmente que, com um fogo como aquele a que estávamos expostos, eu poderia ser ferido.”

Verifiquemos ainda, caros leitores atentos e sinceros, que aqueles que duvidam desses fatos não são francos... ou são surdos... Mas que tenham a honestidade de se confessarem ignorantes!

A história que vou apresentar não é menos digna de nossa atenção. O Dr. Bruce, de Micanopy (Estados Unidos) escrevia, em 17 de fevereiro de 1884:<sup>41</sup>

“Na quinta-feira 27 de dezembro de 1883, voltava de Gainesville, distante doze milhas daqui, ao meu laranjal, perto de Micanopy. Eu possuía apenas uma pequena casa de madeira com três compartimentos, no meu pomar, na qual, em épocas de cultura, passava a maior parte do tempo. Estava só e bastante fatigado do meu passeio a cavalo, tendo-me deitado muito cedo, provavelmente pelas 6 horas.

Depois de ter dormido algum tempo, despertei com a sensação de ter sido levantado intencionalmente! O meu primeiro pensamento foi o de que havia alguém na vivenda. Percorri tanto o meu quarto como as outras duas dependências e verifiquei que a hipótese de um ladrão era inaceitável, porque nada aí havia que pudesse tentá-lo. Tornei a deitar-me então e tive bem depressa a consciência de uma companhia invisível, não precisamente a de uma pessoa viva, mas antes de uma presença espiritual...

O leitor vai sorrir desta idéia, mas eu conto exatamente o que senti.

Adormeci, apesar de tudo. Momentos depois vi (em sonho, seguramente) dois homens empenhados em luta; um deles caiu seriamente ferido, ao passo que o outro em breve desaparecia. O que caíra tinha a garganta golpeada. Não reconheci nele meu cunhado, porque cobria o rosto com as mãos e estava voltado para o lado esquerdo; pareceu-me, todavia, tratar-se de alguém que me não era desconhecido. Olhei-o detidamente e vi junto dele minha mulher que me disse não sair dali, enquanto o ferido não fosse pensado. Esse ferido parecia-me estar deitado em elevada plataforma, rodeada por cadeiras, bancos e carteiras que lembravam uma sala de escola. Fora desse compartimento via eu muita gente, sobretudo mulheres, algumas das quais eu julgava conhecer. O meu sonho terminou aqui. Acordei de novo pela meia-noite, levantei-me e saí para observar o tempo; depois voltei

para a cama, sem, de resto, poder dormir. O sonho mencionado tinha-me causado forte impressão.

Dias depois recebi uma carta de minha mulher, anunciando-me a morte de seu irmão. A notícia que me dava de tal morte coincidia precisamente com o meu sonho. Seu irmão fora assistir em uma festa de casamento. Entrou numa taberna, encontrando aí um rapaz com quem tivera uma discussão. Ao sair desse lugar, foi atacado pelo seu adversário, que lhe cortou a garganta. Assassínio sem provocação. Meu cunhado vestia sobretudo com gola erguida; o punhal atravessou-lhe essa mesma gola e cortou a carne até ao osso. Foi levado para o estabelecimento e deitado junto do mostrador. Depois de receber o ferimento, parecia exangue. Fora agredido na quinta-feira, na noite de 27 de dezembro, e só faleceu no sábado de manhã.

Por outra parte, minha cunhada havia ido para o Kentucky. Deitando-se e adormecendo, durante a noite de sexta-feira, noite da morte de seu irmão, sonhou que via um homem com a garganta aberta, acordando muito assustada e conservando-se acordada até amanhecer. Então um telegrama anunciou-lhe o acontecimento.”

O inquérito confirmou todas as narrativas.

Mas é tempo de concluir este capítulo.

Segundo o conjunto das observações aqui expostas, é impossível duvidar da vista a distância das cenas de moribundos e de mortos. Trata-se de manifestações psíquicas da alma dos vivos, em relação, todavia, com a alma dos agonizantes agindo a distância. Laços invisíveis, até hoje pouco estudados, reúnem os seres. O mundo aparente esconde um mundo real quase inteiramente desconhecido. O que há de mais estranho ainda é que às vezes as cenas são vistas antes de representadas no teatro da vida.

À volta da morte agitam-se ainda muitos viventes. Mas nós penetramos gradualmente na esfera do além. Já no capítulo seguinte a ação de seres invisíveis parecerá manifestar-se.



O ensinamento deste capítulo, confirmativo dos precedentes, é o de que o homem não é constituído unicamente pelo corpo material sob o nome do qual está inscrito nas estatísticas, mas ainda – e sobretudo – por um ser invisível que pode agir fora da periferia do corpo tangível. O estudo do homem está para ser reconstituído inteiramente sobre as bases fornecidas pelos conhecimentos psíquicos.

A ação da alma estende-se ao longe, tanto no tempo como no espaço. As vistas telepáticas precisas, às quais acabamos de assistir, conduzem-nos à porta de um templo fechado até aqui às investigações humanas. Vamos penetrar nele. Advertências de diversos gêneros precedem a morte ou anunciam-na; previsões pessoais de mortos fixam mesmo o dia e a hora do passamento. Examinemo-las, instruamo-nos, sempre com a mesma liberdade de espírito, sem juízos proibitivos preconcebidos.

## CAPÍTULO VII

### **Advertências diversas a precederem a morte ou a anunciá-la**

- Previsões pessoais de mortes em datas fixas.*
- Sonhos premonitórios associados a aparições.*
- Visões singulares. – Intersinais. – Advertências de acidentes que parecem feitas por seres invisíveis.*

*“O que sabemos pouco é;  
O que ignoramos, imenso.”*

*Laplace*

Temos estudado, nesta segunda parte, os fatos instrutivos a agrupar *à volta da morte*, com o fim de aplanar, tanto quanto possível, este terreno de investigações e de não termos, em seguida, à nossa frente, para a terceira parte deste trabalho e para as nossas conclusões, mais do que os fatos de observação que sucedem à própria morte. A nossa documentação é extremamente vasta e muito complexa, mas nada desdenhemos e examinemos tudo.

Continuemos a nossa classificação metódica. Os investigadores de verdades são comparáveis aos que procuram o ouro das minas inexploradas; devem remover muitas e variadas pedras para separar algumas pepitas de ouro puro. Só queria oferecer estas últimas aos meus leitores. Procedamos gradualmente.

As observações que seguem têm contato com a esfera do além. Vamos ter sob os olhos predições de mortos em datas fixas e de mortes por auto-sugestão. Afloraremos um domínio desconhecido, no qual pressentiremos a ação de um mundo misterioso que nos envolve e nos penetra, como a atmosfera. Certas advertências parecer-nos-ão mesmo denunciar seres invisíveis. Vimos, no primeiro volume, muitos exemplos de mortes vaticinadas sem causa explicável. Teremos de examinar muitas outras. Antes de irmos mais longe, detenhamo-nos num caso inteiramente de predição de morte em dia fixo, realizada com exatidão. Foi-me

comunicado na curiosa carta que reproduzo e que merece a nossa atenção:

(CARTA 2.291)

“Winterthur, 23 de dezembro de 1912.

Senhor e muito venerado mestre:

Tenho o maior empenho, para os seus estudos tão úteis, de lhe comunicar um sonho premonitório que se realizou exatamente. Nessa época era eu empregado de uma grande companhia de seguros contra acidentes de trabalho, à qual continuo ainda hoje a estar ligado, na qualidade de membro da direção geral.

Eis o que me sucedeu:

Na noite de quinta para sexta-feira, dia 2 de agosto de 1901, entro, em sonho, numa cervejaria e vejo no terraço o diretor geral da nossa Companhia, sentado em frente de um copo de cerveja, o que, de resto, costumava fazer. Aproximei-me, sentando-me ao seu lado. Ele estava muito pálido e parecia doente. Perguntei-lhe se se sentia indisposto. “Sim – respondeu –, não estou bem; de resto, em 15 de agosto haverá um grande falecimento e sou eu quem morrerá.” Para sua edificação, repetirei aqui mesmo em alemão a resposta tal como textualmente me foi dada: “*Ja, ich fuhe gar nicht wohl; übrigens giebt es am 15 – august ein grosses Sterben, und das geht mich an.*”

Nessa altura, despertei; eram 6:15, hora a que habitualmente me levanto, no verão. Enquanto me vestia, contei o sonho a minha mulher, fazendo esta reflexão: “É estranho isto, porque o Sr. diretor geral goza de boa saúde; ontem, quinta-feira, fez uma viagem a Lindau, perto do lago de Constança, e deve ter regressado à noite”.

Pelas 7:30 vou para o escritório, espero o correio, que se demora. Trazem-mo, enfim, informando-me de que o Sr. diretor geral viera no dia anterior à Companhia, começando a ver a correspondência, mas que tivera de pôr de parte o trabalho e fazer-se conduzir em carruagem ao seu domicílio,

por se sentir indisposto. Não voltou ao escritório e expirou na quinta-feira, dia 15 de agosto, pelas 10 horas da noite, arrebataado por uma pericardite.

Comunico-lhe o fato tal como o vivi, sem comentários, e somente acrescentarei que minha mulher transmitira o meu sonho, no dia 15 de agosto, ao nosso médico habitual que nesse dia veio vê-la. Sabendo que ele era também um dos clínicos consultados pelo meu diretor, minha esposa pedira-lhe notícias dele, contando-lhe o que eu havia sonhado. O médico respondeu-lhe evasivamente, assegurando-lhe, de resto, que o diretor não se encontrava relativamente muito mal.

Terminando, acrescentarei que o diretor geral, que me anunciou em sonho, com quinze dias de antecipação, o seu próximo passamento, tratava-me, no escritório, com a mesma benevolência com que tratava os meus colegas e os outros empregados, sem ter nenhuma preferência especial por mim. No meu entender, não há, pois, razão que explique o ter sido eu o escolhido para receber tal comunicação, em vez de outro qualquer. Que pensar disto? Telepatia? Abstenho-me de todo julgamento.

*A. Villinger.”*

Poderíamos publicar esta narrativa no primeiro volume, no capítulo sobre a visão do futuro, ou no da telepatia: tudo se relaciona em nosso estudo. Todavia, aqui ficará no seu lugar verdadeiro. Parece que aquele que se sentia próximo da morte atuou no espírito do narrador. Como já notamos, envolvem-nos ondas psíquicas.

Seguramente, a maior parte dos sonhos nada significam e não se realizam. Importa distinguir os sonhos cerebrais insignificantes dos sonhos psíquicos. Nos casos idênticos a este a precisão é impressionante: 1º- a pessoa tocada pelo sonho é assinalada; 2º- é fixada a data da morte; 3º- o sonho coincide com o momento em que a doença se declarou, sem que, além disso, o percipiente haja recebido nenhuma indicação que deixasse supor tal doença. Todas essas coincidências são demasiadamente acentuadas para

não merecerem a nossa atenção. Seríamos culpados se nos não instruíssemos a seu respeito. Não sentimos, nós todos, que existe um novo mundo para estudar, mundo psicológico imenso?

A essa visão premonitória podemos comparar a que se vai seguir. Morte iminente, vista em sonho pela mulher de um condenado, foi-me assinalada pelo pároco de Baux-de-Breteuil (Eure), diretor de jogos florais, o abade Moulin, a 23 de setembro de 1900. O artigo que me enviou era extraído do *Petit Parisien* e tinha a data que acabo de mencionar. Ei-lo:

(CARTA 951)

“Durante a última noite um alfaiate, Sr. Alexandre Drouart, de 26 anos de idade, morador na rua d’Avron nº 67, dormia pacificamente no seu leito, quando foi acordado em sobressalto pela esposa, que, deitada a seu lado e presa de um pesadelo assustador, soltava gritos de desespero e verdadeiras lamentações. A mulher explicou-lhe que no seu sonho acabava de vê-lo morrer, ao cabo de uma agonia de alguns instantes.

– Sonho, mentira – replicou o alfaiate –. Tranqüiliza-te. Bem vês que estou de saúde e não tenho o menor desejo de morrer.

Dizendo isto, levantou-se para beber algumas gotas d’água, tornando depois a deitar-se, ao passo que sua esposa havia já readormecido. Volvida uma hora, pelas 4 da manhã, a Sra. Drouart despertou, verificando que seu marido, que parecia dormir, não respirava.

Assustada, chamou os vizinhos e em seguida um médico, o Dr. Sussy, que apenas pôde verificar o óbito do rapaz, declarando que o falecimento do infeliz deveria ter ocorrido três quartos de hora antes, pouco mais ou menos, e fora motivado por afecção cardíaca.

Curiosa coincidência!

O Sr. Deslandes, Comissário de Polícia, depois de ter procedido aos exames do estilo, autorizou o enterro.”

Não nos recorda esta observação, sob a forma todavia menos dramática, a que relatamos no tomo I, da Sra. Marichal e seu marido?

O meu honrado correspondente acrescentava:

“O redator não leu ainda, como o senhor, em *O Desconhecido*, porque, se assim fosse, não teria visto simples coincidência nesse acontecimento.”

Nesses dois exemplos a morte, ainda que anunciada, não foi prevista pela vítima. Eis um caso oposto: um homem que sabe que vai morrer e que assim o anuncia ao seu médico. Corpo gasto, mas alma que se conserva integralmente. Foi o meu sábio amigo, Dr. Danjou, quem me relatou este fato, observado por ele próprio, em 1912, em Nice.

“Um doente atacado de pielo-nefrite crônica disse-me um dia (o mesmo dia da sua morte), no momento em que eu o deixava, por alguns instantes:

– Não se demore muito tempo lá por fora, porque sinto aproximar-se o fim.

Esse enfermo, de mais de 60 anos de idade, encontrava-se em estado de desorganização física geral, mas em nada havia alterado as suas faculdades mentais. Tinha a sensação muito nítida de que estava de posse de todo o seu juízo, de toda a sua razão, embora soubesse que o seu corpo estava ferido nas suas forças vivas. O seu psiquismo em nada fora modificado pela enfermidade que lhe deixara intacto o território cerebral. A parte do corpo atacada, muito afastada do cérebro, não havia influído na sua potência de raciocínio e sentia-se, conversando com ele, que a sua alma, locatária desse corpo em desorganização anátomo-patológica, era absolutamente independente dele. Vejo aí uma confirmação das suas convicções, tão magistralmente afirmadas nas páginas 37, 44, 46 e 71 do seu livro *Antes da Morte* (esse caso não se parece com o do professor Potier, pág. 74). Quando voltei, passado um quarto de hora, ele tinha morrido. E extinguiu-se, exclamando subitamente:

– *Eu parto.*”

Essa observação do Dr. Danjou é um documento técnico para comparar com todos os que aqui estudamos. Eis uma outra, não menos notável, que me foi enviada de Bari, em 1906, e publicada no *Corriere delle Puglie* de 17 de dezembro desse ano. Foi escrita por um padre de Bari, o professor Salvador Filióri, e diz respeito à morte do advogado Caetano Rei David, personagem muito conhecida em Puglie. Escreve o narrador:

“Há cinco dias apenas estava eu com ele no Comício Agrícola, do qual era presidente. Entre os assistentes encontrava-se também o moço Marquês Arnaldo Cadaleta. A conversação versava sobre as experiências espíritas e evocações de defuntos que se praticavam em algumas povoações da nossa província. Enquanto falava como um curioso bastante indiferente, o Sr. Rei David deteve-se, parecendo impressionado por uma idéia, e disse-me:

– Escute, professor, minha mãe morreu há quarenta e um anos e nunca me aconteceu sonhar com ela. Mas esta noite apareceu-me e vi-a dirigir-se para mim com os braços abertos; abri os braços por minha vez e abraçamo-nos. Este sonho fez nascer no meu espírito a convicção de que minha mãe me chama e que minha morte está próxima, muito próxima. Que me diz a isto, professor?

– Sonhos!... – respondi.

Seja como for, *três ou quatro dias depois estava ele morto*. o fato não deixa de surpreender.”

Visão de defunto, em sonhos, associada à morte iminente. Não é muito rara. Voltaremos ao assunto mais adiante (3º volume), quando tratarmos das aparições de defuntos nos leitos de morte dos agonizantes.

As previsões pessoais de mortes, em datas fixas, são assaz numerosas também. Conheço, por minha parte, mais de uma centena delas, além dos exemplos mencionados em meu primeiro volume. Vamos examinar algumas.

Já que vivemos ainda em plena ignorância acerca da extensão das nossas faculdades psíquicas, é do nosso dever observar com cuidado e sem qualquer decisão antecipada todos os fatos que podem fornecer documentos precisos à análise e ao conhecimento dessas faculdades.

A Sra. Frondoni-Lacombe, de Lisboa, a bem conhecida escritora,<sup>42</sup> contou-me, em 1911, o caso muito extraordinário e absolutamente autêntico que vou apresentar e que foi por ela mesmo observado:

(CARTA 2.158)

“Caro mestre e amigo:

Aqui em Lisboa, no Hospital de S. Luís dos Franceses, uma irmã de S. Vicente de Paulo, Maria Souchon, sentia-se muito doente do estômago e em grande estado de prostração. A superiora mandou chamar o médico, o Dr. Beira, que encontrou a referida irmã muito mal; e como ele era católico convicto, julgou do seu dever aconselhar a superiora a fazê-la confessar o mais depressa possível, porque de um momento para outro uma crise poderia arrebatá-la. A superiora fez conhecer à doente a opinião do médico e o seu confessor, o padre Fragues, apresentou-se imediatamente. No dia seguinte ministrou-lhe os últimos sacramentos. Era uma segunda-feira.

A enferma, muito resignada depois de ter sido sacramentada, pediu às suas companheiras que se não afligissem imediatamente e que dormissem tranqüilas porque, afirmou ela, *eu só morrerei no próximo sábado*.

– Como o sabeis? – interrogou a superiora.

– Foi a Santa Virgem quem mo disse – respondeu a irmã – . Acaba de aparecer-me, informando-me a tal respeito. Toda a minha vida eu lhe exprimi o desejo de morrer num sábado, o dia que lhe é consagrado.

A superiora acreditou numa alucinação.

Nos dias seguintes, até sábado às 6 horas da tarde, nenhum agravamento na sua saúde se notou.



– É singular – dizia a irmã –. É já tão tarde, a Santa Virgem não veio ainda buscar-me; e, todavia, tinha-mo prometido.

– Oh! – replicou a superiora – a Santa Virgem não pode ocupar-se de vós, tantos são os que a imploram.

Mas, de repente, a enferma exclamou:

– Não, não! A morte aproxima-se. Apalpai meus pés. Estão gelados... Sim! morri já, até à cintura... estou morta. Um Cristo... depressa... Uma Santa Virgem. Orai, orai!

E ela morreu.”

Eis aqui um fato verdadeiramente curioso. Poderemos pensar que a idéia da agonizante desempenhou papel capital e bastou para provocar a morte à hora fixada. A certeza premonitória nem por isso é menos impressionante. Saber na segunda-feira que se morrerá no sábado é alguma coisa que ultrapassa os atributos da matéria e da mecânica biológica. A mãe de Jesus-Cristo nada tem nessa questão; mas o espírito da religiosa tem muito. Convencida de que a Santa Virgem a ouvia, a atendia, a boa religiosa conservou-se viva até sábado, por auto-sugestão. Isto é fato psíquico digno de atenção.

No seu trabalho *Contribuição para o estudo de certas faculdades cerebrais desconhecidas*, o Dr. W. de Sermyn relata um acontecimento, observado igualmente por ele próprio, na sua longa carreira, muito análogo ao precedente e mais notável ainda. A observação técnica que se vai ler é, seguramente, das mais estupendas. Deve-se a um sábio médico, observador excelente que os meus leitores já conhecem.<sup>43</sup> Não haverá, como o pensa o autor, mais do que faculdades cerebrais em jogo na história que se segue:

“João Vitalis era um homem robusto, nutrido, sanguíneo, casado, sem filhos e gozando de perfeita saúde. Devia ter 39 anos quando foi subitamente acometido por febre violenta e dores articulares. Eu era o seu médico; os sintomas eram os de reumatismo articular agudo.

O tratamento atual dessa doença, pelos salicilatos, era desconhecido nesse tempo. Aplicávamos então a quinina, o ópio, o nitrato de potassa, o cólchico, as bebidas diuréticas, etc. O mal arrastava-se por espaço de seis semanas, terminando em muitos casos pela cura. Algumas vezes, no entanto, a morte sucedia-se, em virtude de complicações cardíacas ou cerebrais.

Fiquei surpreendido, na manhã do décimo sexto dia, ao encontrar João Vitalis inteiramente vestido, sentado no leito, sorridente, com os pés e as mãos desembaraçados por completo e não apresentando o menor sinal de febre.

Na véspera, havia-o eu deixado em estado lamentável. As articulações do ombro, do cotovelo, das mãos, do joelho, dos pés, estavam tumeficadas e faziam-no sofrer. Tinha muita febre e eu não podia prever que o fosse encontrar tão fresco e bem disposto.

Com muita calma, disse-me que atribuía a sua cura súbita a uma visão que tivera durante a noite. Asseverava que *seu pai, falecido havia anos, lhe aparecera*.

Eis pouco mais ou menos o que me disse:

– Meu pai veio visitar-me esta noite. Entrou no meu quarto por esta janela que dá para o jardim. Primeiro, fitou-me de longe; depois aproximou-se de mim, tocou-me no corpo todo para me tirar as dores e a febre, e seguidamente anunciou-me que eu ia morrer esta noite, às nove horas precisas. No momento em que ia deixar-me, acrescentou que esperava que eu fosse preparar-me para a morte, como bom católico. Mandei chamar o meu confessor, que não se demorará; vou confessar-me e comungar; em seguida pedirei a extrema-unção. Agradeço-lhe todos os seus bons cuidados. O meu falecimento não será derivado de qualquer falta da sua parte. É meu pai quem o deseja; tem, sem dúvida, necessidade de mim; virá buscar-me às 9 horas, esta noite.

Tudo isto era dito muito tranqüilamente, com rosto risinho, e real expressão de contentamento radiava na sua fisionomia.

– O senhor teve um sonho, uma alucinação – disse-lhe eu – e admiro-me de que acredite nisso.

– Não, não! – replicou ele. – Estava perfeitamente acordado; não foi um sonho. Meu pai entrou, na realidade, aqui. Vi-o e ouvi-o. Tinha o aspecto de estar bem vivo.

– Mas, para que acreditar nessa profecia da sua morte a hora fixa, quando já se encontra curado?

– Meu pai não me pode ter enganado. Tenho a certeza de que morrerei esta noite, à hora que ele anunciou.

O seu pulso era forte, calmo, regular, a sua temperatura normal. Nada indicava um doente em estado grave.

No entanto, preveni a família de que os casos de reumatismo cerebral eram fatais algumas vezes, e o Dr. R., um velho e excelente clínico, foi chamado para uma conferência. Chegou e, diante do enfermo, entregou-se a toda sorte de brincadeiras acerca da sua alucinação e da sua pretendida morte próxima; mas, particularmente, junto da família reunida, disse que o cérebro do doente fora atingido e que, nestas circunstâncias, o prognóstico era grave.

– A serenidade do doente – acrescentou – é estranha e insólita. A sua crença na objetividade da sua visão e na sua morte próxima é surpreendente. De ordinário, tem-se medo da morte e ele não se preocupa com isso; pelo contrário, parece feliz e contente em morrer. No entanto, posso garantir que não tem o aspecto de homem que falecerá esta noite; quanto a fixar com antecipação o momento da sua morte, é uma farsa.

Voltei ao meio-dia a ver o meu enfermo, que me interessava vivamente. Encontrei-o de pé, passeando no quarto de um lado para o outro, e isto com passo firme, sem o menor sinal de fraqueza ou dor.

– Ah! – disse-me ele – eu esperava-o. Agora que já me confessei e comunguei, posso comer alguma coisa? Tenho uma fome atroz, mas nada queria comer sem a sua autorização.

Como não tivesse a menor febre e mostrava toda a aparência de boa saúde, permiti-lhe que comesse um *bife com batatas*.

Tornei a visitá-lo pelas 8 horas da noite. Queria achar-me perto do doente para ver o que ele faria quando chegassem as 9 horas.

Continuava a estar alegre; tomava parte na conversa com jovialidade e convenientemente. Todos os membros da sua família se encontravam reunidos no quarto do enfermo. Conversava-se, ria-se. O seu confessor, que também ali estava, disse-me que se vira forçado a ceder às instâncias do doente e que acabava de ministrar-lhe a extrema-unção.

– Não o queria contrariar – acrescentou ele –; e ele insistia de tal forma... De resto, trata-se de sacramento que pode ministrar-se muitas vezes.

Havia um relógio no quarto, e João, que eu não perdia de vista, olhava-o, de tempos a tempos, ansiosamente. Quando o ponteiro marcou 9 horas menos um minuto, e enquanto as outras pessoas continuavam a rir e a conversar, ele levantou-se do sofá em que estava sentado e disse tranquilamente:

– *Chegou a hora.*

Abraçou sua mulher, seus irmãos e suas irmãs, saltando depois para o leito agilmente. Sentou-se, arranjou os travesseiros e em seguida, como um ator que saúda o público, curvou muitas vezes a cabeça, exclamando:

– Adeus! Adeus!

Estendeu-se na cama sem se apressar e não tornou a dar sinal de si. Aproximei-me lentamente, persuadido de que ele simulava a morte. Com grande surpresa minha, tinha na verdade morrido, sem agonia, sem estertor, sem um suspiro. Morrera como eu nunca tinha visto!

Esperou-se, a princípio, que se tratasse apenas de uma síncope prolongada, uma catalepsia; o enterro foi adiado por certo tempo; mas, por fim, tivemos de render-nos à evidência, diante da rigidez cadavérica e dos sinais de decomposição que se seguiram.”

Este caso, relatado pelo sábio médico, depois de longa experiência fisiológica, é ainda mais curioso do que o primeiro. Segundo todas as probabilidades, o pai do enfermo não veio realmente avisá-lo do seu próximo fim (assim como acontecera com a Virgem Maria, no caso precedente), porque basta que o tivesse acreditado, que disso tivesse a impressão subjetiva, para estar convencido de tal. Auto-sugestão igualmente. Entretanto, sendo o nosso fim o de instruímo-nos com toda a liberdade, não podemos deixar de recordar-nos da aparição de uma mãe narrada há pouco. Seja como for, a premonição do instante da sua morte nem por isso deixará de constituir um fato verdadeiramente extraordinário e assombroso, sobretudo com tal ar de satisfação, de certeza e de perfeita simplicidade. Desarranjo cerebral, supor-se-á? É possível, mas a explicação não é completa. Que espécie de desarranjo e como? Tal explicação teria necessidade de ser “explicada” também. Há, ali, clara manifestação de faculdades psíquicas desconhecidas.

O que aqui nos interessa é a previsão tão exata e precisa de um acontecimento vindouro. Mesmo que fosse a convicção de morrer que tivesse provocado o desfecho, seria preciso ainda saber como ele teve tal convicção, como viu o seu estado de saúde e a sua ruína final.

Se se tivesse pensado em atrasar o relógio dez a quinze minutos, ele teria, certamente, morrido dez ou quinze minutos mais tarde, porque tinha os olhos fixos nos ponteiros e deitou-se para morrer quando os mesmos ponteiros marcaram exatamente as 9 horas.

Não deteremos o coração à nossa vontade. A Natureza confiou os movimentos cardíacos aos centros nervosos, colocados nas partes inferiores do encéfalo, fora da ação direta da vontade. Esses centros têm uma energia que lhes é própria e que se não esgota facilmente; fornecem a força necessária às contrações do coração, independentemente dos outros órgãos, mesmo quando estes últimos são gravemente atingidos.

Semelham-se a governos provincianos que, tendo recebido ordens do chefe do Estado, continuam a executá-las, mesmo

muito tempo depois da abolição completa dos poderes deste último.

Não nos apressemos a assentar conclusões sobre as aparições premonitórias. Envolve-nos um mundo psíquico; mas qual é a sua natureza? Para os católicos, a Santa Virgem está associada à maior parte das cenas religiosas, muito mais freqüentes vezes do que as três pessoas da Trindade, inacessíveis, e é-lhes, seguramente, toda estranha também. Acabamos de ver aqui essa associação da Santa Virgem, no caso do pai de João Vitalis e da mãe de Rei David. Registremos essas impressões para o nosso estudo geral.

Nas três narrativas que verificamos, a primeira apresentou a associação de uma pobre mãe defunta; a segunda uma promessa da Virgem Maria; e a terceira um pai muito amado.

Eis uma profecia do mesmo gênero, feita em nome de... Santa Brígida.

A *Filosofia da Ciência*, de Palermo, publicou a narração seguinte de uma predição de morte em conexão com uma crença supersticiosa e, no entanto, fora de toda a explicação por auto-sugestão, porque a morte foi acidental, sendo todavia muito dramática. Eis a carta publicada:

“Marianópolis (Caltanisseta), 20 de maio de 1911.

Caro Dr. Calderone:

Falei-lhe de um caso extraordinário ocorrido nesta comuna e designado pelo povo com o nome de “Milagre de Santa Brígida”, porque se espalhou aqui a convicção de que os devotos da mesma santa obtêm a graça de serem por ela prevenidos da sua morte, pelo menos com três dias de antecipação, podendo preparar-se para bem morrer. Encarregou-me o senhor então de proceder a investigações sobre os pormenores da narrativa e de documentá-los do melhor modo possível. Desempenhei-me do encargo e posso hoje comunicar-lhe o que se segue.

Em outubro de 1875, época de banditismo, notou-se nos arredores de Marianópolis, na estrada de *Valle-Enferna* (Vale do Inferno), um indivíduo decentemente vestido e de

atitudes suspeitas. Uma certa Carmela Guércio, ainda viva, foi a primeira a vê-lo e correu à aldeia para o anunciar. O *mair* o Barão Pedro Landolina di Rigilifi, enviou ao sítio indicado muitos guardas, que prenderam o homem, trazendo-o para a aldeia. Segundo as indicações fornecidas por ele e as das prefeituras de Caltanisseta e de Girgênti, pôde concluir-se que se tratava de um certo Rosário Casareto, natural de uma comuna das Calábrias, que, depois de desgostos íntimos, abandonou a casa conjugal e, em estado de exaltação, errando através dos campos, tinha vindo até aqui.

Esperando os esclarecimentos necessários para o identificar e providenciar sobre o seu caso, Casareto foi retido num quarto do rés-do-chão contíguo a outros, onde se alojavam os guardas, e sob vigilância destes. Conservava entre os lábios um objeto que ele pretendia ser uma relíquia de Santa Brígida, da qual se considerava devoto, e disse às pessoas que se aproximavam dele que apenas lhe restavam três dias de vida. Na manhã seguinte teve ocasião de repetir numerosas vezes que só viveria dois e, no outro dia, que unicamente viveria um. Essa profecia, no momento em que foi feita, provocou um sentimento de lástima em todos quantos o ouviram e que se julgavam na presença de um louco.

Volvidos três dias, enfim, providenciou-se para a remoção do homem daqui para Caltanisseta, para ser, seguidamente, levado a Girgênti.

Os guardas a cavalo, Pedro Rasa e Salvador Cáli, receberam ordem para o acompanhar. No instante em que os referidos guardas se apresentaram para tomar conta de Casareto, ele bradou:

– Eis os meus verdugos!

Colocaram-no num cavalo aparelhado pelo arrieiro Salvador Arnone, e todos, incluindo o mencionado Arnone, se meteram a caminho para Caltanisseta, passando pelo bosque Mimiâni. Havia nesse bosque uma fonte e nela um bebedouro.

O grupo deteve-se aí para dar de beber aos animais e, no momento em que se tratava disto, o cavalo de Casareto, desviando-se, rompeu a galope, afastando-se algumas centenas de metros. Não se conheceu nunca a verdadeira causa desse desvio e da fuga do cavalo. Supondo que Casareto quisesse fugir, o guarda Rasa correu para ele, na sua montada; mas, por causa dos acidentes do terreno, a mesma montada caiu com o cavaleiro e um tiro de mosquete desse guarda, partindo, atingiu Casareto, matando-o redondamente. Rasa foi condenado a quatro anos de prisão, como culpado de morte por excesso de zelo.

Tal é o fato conhecido e recontado pela maior parte dos habitantes daqui.

Do Sr. Salvador Ferrara, secretário da Congregação de Caridade local, tive a confirmação de todos os pormenores que referi; acrescentou que se encontrava presente no momento em que os guardas apareceram a Casareto e ouviu a exclamação deste último: “Eis os meus verdugos!” O Sr. Ferrara era então telegrafista e a sua repartição estava situada por cima do local em que se achava Casareto. No instante em que ele proferiu as aludidas palavras, estava o Sr. Ferrara encostado à varanda.

Interroguei também o arrieiro Arnone, que igualmente me confirmou a narrativa, ajuntando um outro ponto de não menor importância:

– Quando, na viagem de Marianópolis para Caltassineta, chegaram à estrada (dois quilômetros aproximadamente, antes do bebedouro), Casareto apeou-se, ajoelhou e rezou, dizendo depois: “Restam-me ainda vinte minutos para viver” e tornou a montar.

Procedendo a investigações sobre tão singular incidente, conheci um outro caso de “Milagre de Santa Brígida”.

Tais são os fatos. Que os competentes os discutam e expliquem.

*Salvador Rizzo*  
Secretário Comunal.



Seguem os atestados.”<sup>44</sup>

Que vem Santa Brígida fazer aqui?<sup>45</sup> É admissível que ela seja realmente envolvida nessas histórias, da mesma forma que a Virgem Maria na morte da religiosa, atrás relatada pela Sra. Lacombe?

Entramos num mundo invisível difícil de determinar. Mas não percamos de vista a influência do moral sobre o físico.

Possuo na minha coleção muitos exemplos de indivíduos mortos que apareceram a pessoas amigas para lhes anunciar o seu próximo falecimento, e igualmente de aparições de desconhecidos anunciando a morte, fora de todo laço de parentesco ou amizade. Procuramos nós, em determinados casos, explicar esses fatos por sonhos acidentais que exerceram forte impressão, ou por diversas auto-sugestões; mas tais explicações parecem-me pouco adequadas aos fenômenos observados. Consideremos, entre outros, o da aparição seguinte. Leiamos esta carta:<sup>46</sup>

“Há 60 anos a Sra. Carleton morreu no Condado de Leitrim. Era amiga íntima de minha mãe e poucos dias depois da sua morte apareceu-lhe em sonho, dizendo-lhe que nunca mais tornaria a vê-la assim, com exceção de uma única vez, e que isso se realizaria 24 horas antes da sua morte.

Em março de 1864 minha mãe vivia, com seu genro e minha filha, o Dr. e a Sra. Lyon, em Dalkey. A 2 de março, à noite, foi para o seu quarto, muito alegre e gracejando com a Sra. Lyon. Nessa mesma noite, ou antes, de madrugada, meu genro, ouvindo barulho, despertou sua mulher, pedindo-lhe que fosse ver o que se passava. Encontrou minha mãe com metade do corpo fora do leito e uma expressão de horror estampada no rosto. Sossegou-a da melhor maneira possível. Na manhã seguinte minha mãe parecia no seu estado normal, almoçou, como de costume, na cama, e muito jovialmente. Durante o dia tomou um banho. Tendo mandado procurar sua neta, contou-lhe que a Sra. Carleton tinha, enfim, após um intervalo de 50 anos, vindo falar-lhe da sua morte muito próxima e que ela morreria na manhã seguinte à mesma hora. Acrescentou que, por precaução, havia tomado um ba-

nho, “para evitar a lavagem do seu cadáver”. Começou então a declinar pouco a pouco e morreu na manhã do dia 4 de março, à hora anunciada.

O Dr. e a Sra. Lyon corroboraram essa narrativa. Minha mãe tinha-me sempre dito que tornaria a ver a Sra. Carleton, justamente antes da sua morte.

*Tomás James Norris*  
Dalkey, Irlanda.”

O Dr. Lyon escrevia, por sua parte, de Dublin, a 30 de agosto de 1883:

“A falecida Sra. Dorcas Norris dissera-me muitas vezes que a Sra. Elisa Carleton lhe aparecera num sonho, prometendo voltar a aparecer-lhe uma última vez, 24 horas antes da sua morte. Na noite que precedeu o seu falecimento anunciou que a advertência que esperava havia 56 anos lhe havia sido feita e que expiraria na noite seguinte, o que se realizou.

*Richard Sir John Lyon.”*

Assim, eis aqui uma pessoa de perfeita saúde que está certa de morrer dentro de algumas horas e que toma um banho para evitar à sua família o trabalho da sua *toilette* mortuária... Podemos explicar essa morte?

Três hipóteses se nos apresentam. A primeira é que a defunta Sra. Carleton agiu, realmente, sobre a sua amiga; a segunda é que o primeiro sonho, puramente accidental, causou à Sra. Norris uma impressão tão profunda que, quando se renovou (também por acaso) lhe impôs a certeza da sua morte iminente que seria provocada por auto-sugestão; a terceira é que esta morte, preparando-se organicamente, foi natural e fez repetir o sonho anunciador.

A primeira hipótese é para considerar; as duas outras são mais complicadas, mas defensáveis.

Não indica também o exemplo seguinte que uma defunta pode conhecer uma data de morte? É-nos apresentado pelo célebre

poeta inglês Browning e lê-se na sua obra *Life and Letters of Robert Browning*, pela Sra. Sutherland (pág. 277):<sup>47</sup>

“Em junho de 1863 a Srta. Arabel Barrett, irmã da Sra. Barrett Browning, morria vitimada por doença do coração e extinguiu-se nos braços de Browning, como havia sucedido sete anos antes com a esposa deste último. No mesmo dia Browning comunicava a triste notícia à Srta. Blodgen e revelava-lhe uma circunstância estranha que se prendia com esta morte:

19 de junho de 1868 – Sabe que não sou supersticioso; no entanto eis uma nota inscrita por mim no meu canhenho, com a data de “21 de julho de 1863”: – Ontem disse-me Arabel que tinha o espírito fortemente agitado por um sonho da noite precedente (domingo, 19 de julho). Sua irmã aparecera-lhe (a falecida esposa de Browning) e ela perguntou-lhe:

– Quando chegará o dia em que nos reuniremos?

A morta respondeu:

– Dentro de cinco anos, minha querida.

Seguidamente, Arabel acordara. No seu sonho tinha a consciência plena de que falara com uma pessoa defunta.

Ao cabo de cinco anos menos um mês o acontecimento realizava-se e Browning escrevia: “Havia-me esquecido da data do sonho; supus que não teriam passado mais de três anos e que, conseguintemente, faltavam dois anos ainda para a realização da profecia.”

Quantas atraentes investigações se apresentam ao nosso estudo! Nada sabemos ainda de todo esse mundo invisível e foi para conseguir alguma coisa que empreendi este trabalho. Infelizmente, em vez de três volumes, ele reclamaria dez.

Os sonhos premonitórios, concernentes aos mortos, são sempre um enigma para nós. Eis dois, assaz singularmente circunstanciados, que me foram transmitidos em julho de 1920 pelo Sr. Vacheron, de Nice:

(CARTA 4.212)

“Em 1908 sonhou minha mulher que uma de suas tias, muito devota, havia falecido. Viu-a completamente vestida no leito, com as janelas do quarto iluminadas. A tia morreu dois anos mais tarde, na manhã de 8 de dezembro de 1910. Nesse dia festejava-se em Lião a Imaculada Conceição e muitos crentes iluminavam as frontarias dos seus prédios. Na véspera, conservando todas as suas faculdades e sentindo-se morrer, recomendou aos que a rodeavam que iluminassem as janelas no dia seguinte à noite, como de costume, mesmo que ela estivesse morta. A recomendação cumpriu-se, e foi assim que minha esposa vira sua tia.

Segundo sonho – Em junho de 1915 estávamos em Orleães. Minha mulher viu em sonho minha mãe (então de 79 anos de idade), morta, mas vestida, e, afastando os vestuários que lhe cobriam o corpo, descobriu uma ferida no *lado esquerdo* do ventre – ferida sanguinolenta e violácea. O sonho impressionou-a vivamente. Minha mãe vivia em pequena povoação do Auvergne, nos arredores de Clermont. Poucos dias depois recebemos boas notícias dela. Visitamo-la em julho e deixamos a aldeia em outubro.

A 20 de janeiro de 1916, sete meses depois, recebi em Nice, da filha que eu deixara em companhia de minha mãe, um telegrama assim concebido: “Avó operada; está muito mal”. No dia seguinte um outro despacho telegráfico anunciava a sua morte.

Eis o que ocorrera. Minha mãe tinha uma hérnia (o que ignorávamos, porque ela nada revelava acerca disso, nem trazia funda). Essa hérnia estragulara-se. O médico, chamado apressadamente, julgou a operação indispensável. Mandou-se buscar um automóvel e transportaram-na para uma clínica de Clermont. Como era de noite, só foi operada no dia seguinte. Era tarde. Enviaram-na para a aldeia em automóvel, e ela morreu no trajeto, nos braços de sua neta.

O sonho de minha mulher realizava-se, pois, com todas as circunstâncias particulares: ferida no ventre, lado esquerdo,

e morta, estando vestida. Ver nisso apenas simples coincidência parecer-me-ia fantástico.”

Essas vistas antecipadas são verdadeiramente inacreditáveis. No entanto existem. Aqui está uma outra. O Sr. João Vetter, distinto arquiteto suíço, membro da Sociedade Astronômica de França, assinalou-me, a 11 de junho de 1920, a que se vai ler:

(CARTA 4.158)

“O meu amigo, que é cristão, convicto protestante, podia ter vinte anos de idade quando lhe sucedeu isto:

Entre uma família vizinha e a de seus pais, com quem ele então vivia, existia tenaz desavença motivada por questões de herança. Como cada um se mantivesse no seu ponto de vista, durante muitos anos não se trocara entre as duas famílias uma única palavra. O meu amigo incomodava-se com isso e aludia ao caso muitas vezes nas suas preces a Deus. E eis a magnífica resposta que recebeu: uma visão, no seu despertar, durante um terço de segundo, representando ao mesmo tempo a rua, em frente da sua casa, muitos móveis colocados aqui e ali como para uma mudança, e, no último plano, um leito mortuário no qual reconheceu o cadáver de um segundo vizinho, próximo parente da outra família. Seis meses, pouco mais ou menos, passaram e o meu amigo perguntava sempre o que significaria a sua visão, quando um dia, em que diversos móveis destinados à sua casa havia chegado, ele os viu na rua dispostos como os distinguira em sonho. Pouco antes fora informado da grave enfermidade do segundo vizinho e em seguida sobre sua morte; começou, portanto, a observar tudo quanto poderia dar-se. Em breve chegavam todos os membros da família desavinda, passaram entre os móveis para irem à casa do segundo vizinho testemunhar a sua simpatia, na qualidade de parentes próximos. O meu amigo aproveitou a ocasião para lhes exprimir as suas condolências e foram estas as primeiras palavras trocadas entre membros das duas famílias em rixa, que desde então reataram relações. Acrescentarei que ele foi ver o morto e

verificou que o seu leito era semelhante àquele que tinha visto em sonho.

Tanto para o meu amigo como para mim, há aqui prova evidente da ação divina, produzindo essa visão do futuro a fim de que o único momento, em que as primeiras palavras de reconciliação pudessem trocar-se, não se perdesse.”

Cada um julga a seu modo. É difícil adivinhar o amor de Deus. Mas não é duvidoso que estamos, no meio de todas essas observações psíquicas, em pleno mundo espiritual. S. Paulo, citando o nosso poeta astrônomo Manílio, diante do areópago de Atenas, pronunciou este axioma sempre repetido: *In eo vivimus, movemur et sumus* (Nele vivemos, nos movemos e existimos). Nada mais exato. A complexidade dos fenômenos que aqui estudamos comprova-o a cada instante.

A ciência do futuro analisará o ambiente que nos rodeia – e que estamos muito longe de conhecer. Suportamo-lo sem disso duvidarmos, mas a Ciência revela-se às vezes aos seres sensíveis sob formas singulares.

Como definir, como procurar explicar certas manifestações do futuro, no que respeita aos perigos da morte? Devo a um psicólogo distinto, o Sr. de Maratray, que os meus leitores já conhecem, a comunicação do seguinte fato:

(CARTA 4.236)

“Uma noite em que Lorde Dufferin tinha recebido, na Irlanda, a hospitalidade de um amigo, despertou subitamente, presa de um mal-estar indefinível. Levantou-se, aproximou-se da janela que a Lua iluminava e lobrigou distintamente na sombra, por baixo dele, um homem levando ao ombro um fardo volumoso. Esse homem caminhava lentamente. Ao passar em frente da casa, viu-se que ia carregado com um caixão; ergueu a cabeça; o seu rosto era tão repugnante que Lorde Dufferin ficou vivamente impressionado. Seguiu com os olhos a aparição, ao passo que ela se afastava, e depois voltou para a cama, onde lhe custou a conciliar novamente o sono.

Na manhã seguinte interrogou o seu hóspede, que não pôde dar-lhe qualquer esclarecimento. Não conhecia nenhum indivíduo que correspondesse à descrição que Lorde Dufferin fizera do portador do caixão e, na aldeia, não estava para realizar qualquer enterro.

Volvidos anos, Lorde Dufferin foi nomeado embaixador em Paris. Consagrando-se a desempenhar fielmente os deveres do seu alto cargo, foi um dia a uma recepção diplomática que devia realizar-se no Grande Hotel. O seu secretário particular encaminhou-o para um vasto ascensor, diante do qual muitos altos dignitários formavam alas respeitosamente. Lorde Dufferin passou, cumprimentou e ia pôr o pé no ascensor quando teve um sobressalto involuntário. O empregado que manobrava o cabo era de uma fealdade rebarbativa e tinha exatamente os traços da misteriosa aparição que vira na aldeia irlandesa.

Movido por uma energia instintiva, o embaixador recuou, arrepiou caminho, pronunciando algumas palavras de desculpa, e pretextando o esquecimento de qualquer coisa, pediu que os outros fossem adiante, sem esperarem por ele; depois dirigiu-se ao escritório do hotel, com o fim de se informar sobre a personagem que causava a sua legítima emoção. Mas não teve tempo de o fazer. Ouviu-se nesse momento espantoso barulho, acompanhado de gritos de angústia. O ascensor, chegado a certa altura, despenhara-se de repente no fundo do seu poço, triturando ou mutilando aqueles que o ocupavam.

O acidente é histórico e seria fácil verificar a sua data precisa. O misterioso empregado morreu com aqueles que transportava. Não se pôde identificar a sua origem. Era, diz-se, um extra, um suplente, um homem de passagem que se empregara temporariamente. Lorde Dufferin nada mais soube e procurou em vão explicar-se a si mesmo por que sortilégio a mão do Destino o tinha salvo do perigo, levantando para ele, de tão misteriosa maneira, uma ponta do véu estendida sobre esta parte da eternidade a que nós chamamos futuro.

18 de julho de 1920.

*R. de Maratray.*”

Essa aventura fantástica ocorreu, com efeito. Lorde Dufferin era parente da Sra. Maratray e a família foi posta ao corrente disso. Seguramente, essas espécies de advertências são das mais estranhas! Provam-nos a existência do mundo desconhecido, do qual desejamos penetrar os arcanos.

Os meus leitores não se surpreenderão com o fato de poder ver-se com antecipação um homem no sítio em que não se encontra e onde ele se encontrará numa cena tão expressiva. Afloraram os mistérios do espaço e do tempo, sem poderem aprofundá-los. Sabem, por exemplo, que observamos ao telescópio e fotografamos *atualmente*, no céu, acontecimentos ocorridos há milhares de anos – como eu o fiz ainda por uma das últimas tardes, examinando a multidão de estrelas que ilustra a constelação de Hércules e cuja luz leva cem mil anos para chegar até nós. Aqueles que atualmente observam essa formação sideral representam o futuro pelo quadro que contemplam, com a diferença de mil séculos! Fotografamos mesmo astros que deixaram de existir, que foram eliminados da vida dos céus.

Que é o presente? Que é o futuro? Certas previsões anunciadoras são por vezes tão estranhas quão ameaçadoras. Assim é a seguinte. A minha erudita amiga, a Srta. Dudley, da Comédia Francesa, deu essas informações sobre o triste fim da jovem atriz Srta. Irene Muza, que morreu queimada no inverno de 1901:<sup>48</sup>

“Era uma “espírita” convicta e, muitos meses antes, durante uma sessão em que ela própria se achava mergulhada em profundo sono hipnótico, perguntou-se-lhe se via o que pessoalmente a esperava, no futuro. Ela escreveu estas palavras: “A minha carreira será curta; não ousou revelar qual o meu fim; será terrível!” Os ensaiadores, impressionados, apagaram tais palavras antes que ela despertasse; portanto, conscientemente pelo menos, nunca a hipnotizada soube qual a coisa terrível que para si mesma havia profetizado.

Vários meses depois, a sua cabeleireira, ao aspergir-lhe os cabelos com uma loção anti-séptica composta com essências



minerais, deixou cair algumas gotas do líquido num fogão aceso, provocando chama instantânea; o fogo comunicou-se ao penteado e aos vestidos da atriz, que em um segundo se encontrou envolta em labaredas, sofrendo tão graves queimaduras que morreu, horas mais tarde, num hospital.”

“São formas de premonição – faz notar, a tal respeito, Bozzano – que recolhidas e coordenadas, em bom número, levariam a inferir a existência de alguma coisa de semelhante a uma “fatalidade” reinando de modo misterioso sobre os destinos humanos. A menos que se não queira, para esse episódio, recorrer à hipótese “reencarnacionista”, segundo a qual o próprio espírito teria livremente preestabelecido, com um fim de expiação ou de prova, esse final pasmoso.”

O incidente de Lorde Dufferin mostra-nos, todavia, que as ameaças nem sempre são fatais. A sua visão era simbólica; mas por que força desconhecida soube libertar-se dela? Aqui está um, mas de aspecto mundano.

Um sonho premonitório bastante singular foi-me relatado numa carta de 23 de abril de 1899, por uma correspondente muito impressionada com a sua realização:

(CARTA 624)

“Quando meu jovem irmão morreu, tive, na véspera, um verdadeiro pesadelo. Encontrava-me na igreja da minha paróquia, onde havia muita gente; vi um padre que meu irmão conhecia; passeava por entre a multidão; depois vi uma dama que avançou para mim com ar furioso, dizendo-me:

– Imaginais que sois muito bela com a vossa *toilette* – a qual, efetivamente, me agradava (havia-a mandado fazer pouco antes e só a tinha trazido algumas vezes). E acrescentou: – Não a trareis por muito tempo!

Assustada, acordei em sobressalto. De manhã, meu irmão caía com um ataque apoplético, morrendo pelas 8 horas.”

Que estranha forma de advertência! Não se calcula a variedade dessas premonições. A que se vai ler não é menos surpreendente. Lembra um pouco a de Lorde Dufferin.

Um homem reconhece-se num cadáver e dias depois morre. A história foi narrada por um padre da Bretanha, o Sr. Júlio Pachén, nos *Anais das Ciências Psíquicas*:<sup>49</sup>

“Em Finisterra o reitor da paróquia saía da missa cantada. Depois da cerimônia dirigiu-se ao presbitério, levando um cálice de prata dourada e entrando no seu quarto para aí deixar esse objeto. Ao descer para a sala de jantar, num ângulo, a uma volta da escada, foi obrigado a dar passagem a um cadáver que baixava do 1º andar. Reconheceu-se nesse cadáver! Presa de grande emoção, entra na sala de jantar, onde se encontrava o seu coadjutor que, impressionado com a palidez do seu rosto, perguntou:

– Está doente, senhor reitor?

– Não, não – respondeu ele –; mas eis o que acaba de dar-se comigo!...

E contou o fato; o coadjutor manteve-se céptico a tal respeito. O outro insistiu no que ele estava bem certo de ter visto e como meio de verificação acrescentou:

– Serei tirado do meu quarto pelos Srs. Fulanos e Fulanos.

E indicou quatro sacerdotes das paróquias vizinhas.

Depois de ter cantado as vésperas, o reitor regulou os seus negócios espirituais e temporais. Adoeceu; dias depois morria.

O coadjutor anunciou o falecimento. Chegam os padres das freguesias próximas, segundo o costume, para render as derradeiras honras ao confrade morto. Os quatro eclesiásticos designados pelo reitor apresentam-se espontaneamente para tirarem o cadáver da sala de jantar transformada em câmara ardente.

A visão premonitória do reitor encontrava-se, assim, realizada. Isto passava-se há quinze anos. O fato é conhecido entre os membros do clero de Quimper.”

Redigindo este capítulo, julgo oportuno publicar aqui a seguinte carta (recebida em abril de 1899) de um correspondente

esclarecido e dotado de longa experiência. Estamos ainda na Bretanha:

(CARTA 581)

“Os *intersinais* – Ainda que não fosse eu próprio testemunha dos fenômenos de que o senhor empreendeu o estudo analítico, nem por isso deixo de julgar do meu dever assinalar à sua alta atenção os seguintes fatos ocorridos a pessoas do meu conhecimento, de quem se não pode suspeitar a boa fé e que se declaram prontas a confirmá-los minuciosamente, com suas assinaturas.

As manifestações, aparições, pressentimentos, etc., foram em todos os tempos freqüentes na Bretanha. Designam-se aqui pelo nome de *intersinais*.

O Sr. Le Bras, professor de História no liceu de Quimper, publicou numerosos exemplos deles.

Eis qual é, resumido em duas palavras, a natureza de cada um dos *intersinais* correspondentes ao objetivo do seu inquérito, que me foram *diretamente* relatados pelas pessoas interessadas e que eu considero como absolutamente autênticos:

1º – Barulho formidável produzindo-se durante a noite, semelhante ao desabamento da sua própria habitação, ouvido no mesmo instante por duas mulheres, vivendo sós, e cujos alojamentos estavam situados no mesmo prédio, um por cima do outro. O marido de uma delas era marinheiro, navegando em mares estrangeiros. Esta manifestação coincidiu com a sua morte;

2º – Idêntica manifestação produziu-se em casa de uma viúva, que vivia, como a primeira, em Paimpol. Este *intersinal* foi o precursor da morte de uma das suas sobrinhas que vivia em Paris – morte que apenas volvidos dois dias lhe foi comunicada;

3º – Foi igualmente por um *intersinal* que a viúva mencionada teve conhecimento, antes de ser informada por outra maneira, da morte da neta da sua sobrinha, falecida em Pa-

ris. Esta criança, depois da morte de sua mãe, foi levada para casa de suas tias em Tréguler. A aludida manifestação coincidiu com violentos empurrões dados, durante a noite, na porta do quarto em que a interessada dormia;

4º – Canto seráfico ouvido simultaneamente durante a noite por duas pessoas, mãe e filha, dormindo no mesmo quarto, mas em camas separadas. A mãe tomou nota do dia do mês em que tal manifestação se produzira. Foi-lhe, por esta forma, permitido concluir, mais tarde, que ela ocorrera no mesmo dia da morte de um dos seus parentes, missionário martirizado na China;

5º – Aparição: Um capitão da marinha mercante aparece durante a noite a sua mulher, passeando no quarto em que ela está deitada e ainda não adormecida. Na véspera esse capitão levantara ferro em direção à Islândia. Três meses mais tarde soube-se que, na noite em que apareceu a sua mulher, o navio que ele comandava foi abordado por um vapor inglês. Este incidente marítimo custou a vida a todos aqueles que tripulavam a embarcação francesa.

Poderia acrescentar às manifestações aqui relatadas alguns *intersinais*, aplicando-se, não a moribundos, mas a pessoas com saúde, cuja morte, ocorrida pouco depois, parece ter sido assim anunciada.

*J. Galobert*

Comissário de Marinha reformado em Paimpol.”

Consagraremos mais adiante (capítulo X) um estudo especial aos ruídos, movimentos, pancadas, associados, indubitavelmente, a falecimentos.

A carta que se acaba de ler é, de certo modo, um resumo da nossa síntese de observações. A Bretanha não tem o monopólio delas, embora aí sejam mais cuidadosamente notadas. O temperamento dos bretões é, talvez, mais acessível. Não fala já César neles, na sua “Guerra das Gálias”?

A observação abaixo relatada é, com certeza, ainda mais fantástica do que as precedentes e não a acreditaríamos se ela não tivesse determinado a conversão de um homem radicalmente

céptico que tratava de “idiotas” ou de *fumistes* todos os psiquistas. O herói dessa história é um Pyrrhus Bessi, conhecido na Sicília. Ele mesmo redigiu o relato que se vai ler:<sup>50</sup>

“No mês de dezembro do último ano (1899), uma tarde, reunidos com a família de minha mulher, conversávamos alegremente à volta de bela fogueira crepitando no fogão, quando de repente ouvimos violento barulho, como se houvesse sido desfechado um tiro perto dos nossos ouvidos!

Depois do primeiro instante de surpresa, pretendemos informar-nos do ocorrido, começando por apurar se não se trataria de brincadeira de mau gosto ou de coisa ainda pior. Um de nós subiu até às águas-furtadas; eu desci a inspecionar a loja subterrânea. Nada! Examinamos então as espingardas; estavam ainda carregadas...

Ao voltarmos à cozinha sentíamos sempre o mesmo cheiro, muito acentuado, de pólvora queimada, a tal ponto que foi preciso abrir a janela.

Confesso que estava espantado. Fiquei-o ainda mais, ao notar que a atitude dos meus parentes exprimia mais abatimento que surpresa.

Após um instante de silêncio profundo, perguntei-lhes o que tinham.

Meu sogro suspirou com tristeza:

– Tu acreditarás, finalmente...

Não respondi.

– Meu caro – acrescentou ele –, esse barulho é de mau agouro.

– Ora! – repliquei – superstições!...

Encolheu os ombros, um pouco despeitado. Mas, passado um minuto, continuou:

– Superstições? Falo por experiência, por dolorosa experiência. É preciso que saibas que não é a primeira vez que tal acontece... e isto foi sempre seguido por uma desgraça sucedida em nossa casa. Oito dias antes da morte de minha pobre

irmã ouvimos o mesmo estrondo. Lembram-se vocês? – disse ele, dirigindo-se à sua mulher e à velha serva.

As duas senhoras responderam afirmativamente, com um gesto triste.

– E também quinze dias antes da morte de meu primeiro filho tivemos idêntica advertência.

Eu não podia ainda consagrar uma inteira fé a essas palavras; todavia, senti-me perturbado.

Pesado silêncio reinou de novo no compartimento, mas em breve foi interrompido por um retinir de campainha.

Eu mesmo fui abrir a porta. Era um primo-irmão de meu sogro, proprietário abastado que habitava o bairro mais distante do burgo.

Entrou sem mesmo nos dar as boas noites. Tinha um ar melancólico e assustado. Eis as primeiras palavras que pronunciou:

– Vocês não ouviram nada?

Todos, incluindo eu, lhe respondemos, dando-lhe apenas tempo para ele formular a sua pergunta:

– Também ouviste?

– Sim: um estrondoso tiro. Preparávamo-nos para cear...

A sua rápida narrativa aumentou ao mais alto grau a minha estupefação. A estranha coincidência de dois fatos idênticos e simultâneos fez-me refletir... No entanto, negava-me a admitir ainda que se tratasse de “espíritos”.

Nos dias seguintes não se falou mais do caso. Assim passaram duas semanas. Uma noite eu estava só e escrevia. Fatigado pelo trabalho, interrompi-o, acendi um cigarro e estendi-me numa poltrona. Diante de mim, num velho espelho, refletiam-se as espirais azuladas do fumo que eu me divertia a lançar no ambiente.

Estava o cigarro metade queimado, quando reparei que a luz do meu candeeiro afrouxava. Quis espevitar a torcida, mas a luz apagou-se de repente.

Fiquei muito surpreendido ao apurar que, apesar disso, o compartimento continuava iluminado por fraca claridade cinzenta. Levantando, por acaso, os meus olhos para o espelho, observei que ele refletia uma luz mais intensa do que a anterior, ao fulgor da qual se distinguia um compartimento bem alumiado e com móveis que não eram os meus. Dir-se-ia que no sítio ocupado pelo espelho havia uma abertura que deixava entrever uma outra parte da casa. Pensei que estava a sonhar; no entanto conservei-me imóvel, surpreendido com a cena.

Vi, então, avançar uma senhora idosa que reconheci ser a tia de meu sogro: a mãe desse primo, que viera ter conosco durante a memorável noite em que se ouvira o sinistro tiro.

A mesma senhora sentou-se à mesa, tirou algumas folhas de papel da gaveta e começou a escrever lentamente, com aspecto muito absorvido, mas com bastante atenção, sem uma única vez levantar a cabeça. Fechou em seguida a folha escrita num envelope, que colocou na gaveta. Depois disso pousou a cabeça no espaldar da cadeira e pareceu adormecer.

Eu olhava tudo sem pestanejar, mas um suor frio fazia-me arrepiar. Entretanto o meu olhar não podia desviar-se do espelho.

A luz, porém, que nesse espelho se refletia, de modo misterioso, enfraquecia pouco a pouco, como se a lâmpada invisível que iluminava o quarto, onde a velha senhora dormia, se extinguisse; e a obscuridade não tardou a tornar-se também mais profunda, tanto no espelho como no meu escritório.

A cena submeteu-me durante muito tempo a verdadeiro terror. Queria levantar-me, sair da penosa situação; mas não podia nem o tentava.

Não saberei dizer por quanto tempo me conservei assim, nas trevas. A aurora ter-me-ia, provavelmente, surpreendido nessa cadeira, se minha mulher, vendo que eu tardava a deitar-me, não viesse procurar-me...

Direis que se trata de simples fenômeno de alucinação... Ah! também julguei isso, quando, na manhã seguinte, despertei de um sono agitado e curto. Alguns minutos depois, era eu informado de que a velha senhoria que vira no espelho tinha sido encontrada morta, nessa mesma noite, na poltrona em que me pareceu que ela adormecera e que, na gaveta da mesa, fora encontrado o seu testamento ológrafo!...

*Pirro Bessi.*”

O escritor Bessi residia então em Cefalu, província de Palermo. Foi em Panicale que ocorreram os fatos de que se trata. Panicale é um concelho de 4.000 habitantes, na província de Perugia. As diversas pessoas que, ao mesmo tempo que Bessi, foram testemunhas de tal acontecimento quiseram atestar a sua autenticidade por este documento:

“Panicale, 17 de abril de 1901:

Os abaixo assinados, respectivamente mulher, sogro, sogra, cunhado do professor Pirro Bessi, de Cortona, e primo de seu sogro, crêem do seu dever declarar que a narrativa feita pelo seu parente é perfeitamente exata, pelo que respeita ao tiro ouvido, conjuntamente, na morada das quatro primeiras pessoas que assinam este documento e na habitação da quinta, embora as duas casas se encontrem situadas nas extremidades opostas da povoação.

Julgam útil acrescentar que ouviram, por outras vezes ainda e sempre nas duas vivendas, estrondos semelhantes a tiros, e que isto foi sempre um sinal antecipado da morte de qualquer pessoa da família – o que não tardava a realizar-se.

*Luisa Bessi, nascida Landi, Ange Landi, Adelaide Landi, César Landi, Francisco Bastianélli.*”

Poderemos notar, como C. de Vesme, que a cena vista no espelho não se desenrola realmente nele. Nenhuma pessoa de bom senso duvidará disso. Essa superfície clara contribui para fazer entrar o *sujet* em estado de semi-hipnotismo, no qual ele vê todas essas coisas, pouco mais ou menos como as vê também no sonho ordinário. É de algum modo um sonhar acordado.



Concebe-se que essa dupla observação – tiros correspondentes a um falecimento e vista da pessoa que ia morrer, no momento em que escrevia o seu testamento – tenha transformado a incredulidade da testemunha em convicção da realidade desses fatos, por mais inexplicáveis que sejam. A vista a distância é hoje suficientemente conhecida. Mas um tiro ouvido, sem ter sido desfechado por ninguém, é mais enigmático ainda, embora incontestável.

Quando alguém faz, por si mesmo, esta experiência de física oculta, não poderá negar; fica convencido de que viu e ouviu.

Tudo isso nos parece tão absurdo como inacreditável. Mas como nos recusarmos a admitir observações com vezes certificadas? A trágica morte da atriz Irene Muza foi-lhe anunciada em estado de hipnose; a do clérigo da Bretanha foi vista por ele mesmo, etc. Teria acontecido o mesmo com a do Rei Luís II da Baviera (1886), debatendo-se com o seu médico no lago que ficava próximo do seu palácio? Carl du Prel, a propósito de tal luta no mesmo lago, faz conhecer estes pormenores:

“Dias antes da partida do Dr. Von Gúdden, para Hochenschwangau, para junto do Rei Luís II, de quem a transferência para o castelo de Berg não estava ainda decidida, foi esse médico almoçar de mau humor, contando à esposa que durante toda a noite havia sido atormentado por um sonho no qual se havia debatido na água com um homem. A viúva do doutor contou mais tarde esse sonho à deputação da Sociedade Antropológica de Munique, por ocasião das condolências que os membros da mesma Sociedade lhe foram apresentar. Fui informado dessa narrativa por uma das testemunhas.”<sup>51</sup>

É evidente, faz notar Du Prel, que o Dr. Von Gúdden teve, sonhando, uma visão muito nítida, da qual a forte impressão lhe tornou possível a recordação, depois do despertar. Somente, a pessoa do rei esfumava-se na pessoa de um homem qualquer.

Numa viagem em Munique (1906), tive ocasião de visitar esse lago de Stamberg onde ocorreu o drama. O lugar é pouco profundo e próximo da margem, e parece que houve aí um

singular ato de aberração da parte do rei, que de resto dava sinais de loucura havia tempos.

Estudemos tudo. Procuremos. Como interpretar a advertência verdadeiramente extraordinária que se vai ler? É um aviso simbólico supranormal de acidente, num sonho esquisito assinalado pelo Sr. Bozzano.<sup>52</sup>

O observador e narrador é um certo Sr. Brighton, conhecido do Sr. Podmore, que o descreve como homem inteligente, perspicaz e de temperamento prático e equilibrado. Conta que em 1861 um dos seus amigos, o Sr. James Clarckburn, tendo adquirido um barco a vapor para a navegação fluvial, convidou-o a fazer uma excursão com ele. Partiram de Norwich e depois de um primeiro dia de viagem no rio detiveram-se à noite em Yarmouth, a pouca distância da entrada do porto, amarrando o barco a uma embarcação vizinha, com cordas à proa e à popa. Depois disso retiraram-se, pelas 9 horas e meia, para as respectivas “cabines”.

“Deveria ter dormido algumas horas – escreve ele –, quando o meu sonho começou. Imaginava que descerrava as pálpebras e que via, através do teto da *cabine*, dois tenebrosos fantasmas suspensos no ar, perto do cano da chaminé. Pareciam absorvidos em viva conversação e apontavam umas vezes para a foz do rio e outras para as cordas que seguravam o barco. Por fim separaram-se, gesticulando e piscando os olhos, como se se houvessem entendido num plano de ação. Sempre suspensos no alto, dirigiram-se um para a proa e outro para a popa, conservando ambos o indicador estendido, tocando com esse dedo, ao mesmo tempo, uma das cordas que ardeu como se houvesse sido tocada por um ferro em brasa. A embarcação, liberta das amarras, foi arrastada pela corrente, atravessou a ponte pênsil, depois a outra ponte de ferro, passou ao largo de Braidon, a ponte de Yarmouth e os numerosos navios que tinham lançado âncora nesse sítio.

Durante esse tempo os dois fantasmas, flutuando sempre no ar, por cima da embarcação, emitiam estranhos sons musicais. Eu queria acordar o meu companheiro, porque sabia bem que, se a corrente nos arrastasse para a embocadura do

rio, naufragaríamos inevitavelmente na passagem da barra; e, no sonho, pretendi libertar-me do incubo que me oprimia, mas tudo foi inútil. A embarcação corria sempre; durante o percurso os meus olhos distinguiam todos os objetos; ultrapassamos Southtown, depois a aldeola de Gorleston e enfim chegamos à última volta do rio, onde a água corre precipitadamente para a barra e vai confundir-se com o mar. Fomos em breve envolvidos nesses turbilhões, e observei que o navio começava a afundar-se. Os sons musicais, emitidos pelos dois fantasmas, transmudaram-se em aterradores gritos de triunfo... A água chegava-me ao pescoço; respirava com dificuldade; afogava-me.

Eis o meu sonho – ou, antes, o meu pesadelo –, que me fez despertar com violência. Saltei do meu leito e dirigi-me para a porta, que fechei rápida e violentamente. Encontrei-me, acordado e em camisa, em presença de uma noite serena, iluminada pela Lua. Instintivamente contemplei a corda da popa e vi com terror que, justamente nesse momento, a amarra se despedaçava. Voltei-me para a fateixa da proa e notei ao meu lado o meu companheiro que acorrera ao barulho da porta despedaçada e falou-me da outra corda partida. Agarramo-nos ambos desesperadamente às fateixas, sem nos preocuparmos com a pele das mãos, que estava em sangue, e bradamos por socorro. Tripulantes da embarcação próxima não tardaram a aparecer, a tempo de nos passarem novas cordas.

Findo o perigo, o meu amigo começou a repreender-me, por eu ter quebrado a porta; retorqui-lhe, contando o fato que me havia deixado em grande agitação. Na manhã seguinte, refletindo com calma no que tinha acontecido, pude convencer-me de que, se no momento em que as amarras se quebraram tivéssemos continuado a dormir, o drama do sonho realizar-se-ia inexoravelmente em todos os seus pormenores.

*William E. Brighten.”*

O Sr. J. W. Clarckburn, companheiro de aventura do narrador, confirmou este relato.<sup>53</sup> Myers fez a respeito a seguinte reflexão:

“O Sr. Brighten foi informado, de qualquer modo, do perigo que corria e que nenhuma faculdade normal do seu espírito podia revelar-lhe. É isto clarividência? É premonição? Será a manifestação de uma Inteligência desconhecida, encarnada ou desencarnada? Sinto que não seria sincero se fizesse acreditar que possuímos a explicação disso.”

A interpretação dessa advertência fantástica é, com efeito, de extrema dificuldade. Outras observações causam-nos idêntico embaraço. Que os fantasmas diabólicos, vistos nesse pesadelo, estivessem aí, é coisa que não admitiremos do pé para a mão. No entanto, que haverá em tudo isso? Como contraste, resultou uma proteção eficaz e a salvação. Forças invisíveis e mesmo seres invisíveis agem à nossa volta; o assunto será especialmente estudado noutro ponto. Não nos desviemos do nosso caminho. Avançamos lentamente, mas com segurança, por estrada que nós mesmos traçamos e construímos, em terreno bravio, quase todo por arrotear.

Não notamos nós, de tempos a tempos, nos acontecimentos humanos, gerais ou particulares, certas ocorrências – conjuntamente imprevistas e lógicas – que parecem indicar a existência de uma justiça imanente? Será vedado admitir a ação de seres invisíveis a dirigirem as coisas? A formiga não vê o pé que a esmaga. Os micróbios regulam a nossa saúde sem que os vejamos.

O homem terrestre não é o espírito mais elevado na hierarquia universal. Existem seres intelectuais que lhe são superiores, assim como há no céu mundos superiores àquele em que habitamos. Pode haver em nosso próprio planeta seres invisíveis cujo valor ultrapasse em muito o nosso. Esses seres poderão ver as nossas ações. Não será essa vista que nos impeça de atuar livremente. Sabeis o que fará o vosso cão, em determinadas condições; mas não é a idéia que tendes a tal respeito que o obriga a agir, e deve admitir-se que um ser também superior ao homem,

quanto um homem inteligente é superior ao seu cão, saberá como o homem consciente utilizará o seu fragmento de livre arbítrio. Sem repisar o que já disse relativamente à vista do futuro e à liberdade,<sup>54</sup> podemos pensar que seres superiores a nós vejam o futuro como se fora o presente. O nosso estudo conduzir-nos-á gradualmente a investigações reveladoras.

Há advertências de origem verdadeiramente enigmática. Um exemplo sobre cem: Victorien Sardou contou-me que, seguindo um dia pela rua de *la Banque*, uma voz interior gritou-lhe: *Atravessa!* Não fez caso. Segundo aviso: *Atravessa!* Obedeceu, e quase imediatamente uma pedra destacada de uma cornija caiu no passeio em que ele teria de passar. Para juntar à ordem dada à rapariga, no banho (t. I).

As advertências de ordem psíquica que constituem o tema deste capítulo são conhecidas desde a antigüidade, mas foram insuficientemente compreendidas até hoje. Para não citar, a este respeito, senão o exemplo mais célebre, o famoso “demônio de Sócrates” representa um desses fatos. Lemo-lo em todos os autores, em todos os comentários, desde Platão, Xenofonte e Plutarco até Lélut. Vêm-se aí predições exatas que se não podem atribuir ao acaso. É uma dissociação da personalidade de Sócrates que está em jogo ou um espírito exterior. A dificuldade da explicação é grave, certamente. Lélut, professor na Sorbona, célebre membro do Instituto, saiu-se de tal dificuldade um pouco levianamente, declarando apenas que o sábio Sócrates era doido! Isso não é de nenhuma forma uma explicação, embora tal interpretação seja a teoria clássica oficial, adotada há sessenta anos. A velha hipótese da alucinação auditiva não explica tudo; a recente descoberta do subconsciente é engenhosa, mas não constitui panacéia universal.

Com efeito, as previsões pessoais de mortes relatadas neste capítulo, sobretudo as de João Vitalis e de Casareto, o caso de Bessi, e ainda o de Brighten, etc., revelam-nos gradualmente um mundo invisível, inteiramente por descobrir.

Em todos os fenômenos que até aqui apresentamos conservamo-nos no mundo dos vivos. Era por aí, na realidade, que a nossa síntese geral devia começar. Essas observações são anteri-

ores ao fim terrestre. Chegamos, neste ponto, à fronteira do outro mundo. Vamos assistir às ações diretas da alma no momento da morte, seja mentalmente, sem fenômenos físicos, seja materialmente, e completar por novos fatos, seguramente examinados, os documentos expostos nas páginas que se acabam de ler. Essas transmissões são com freqüência impressionantes, ilustradas de vistas fantásticas, por vezes ainda mais estranhas do que as precedentes e não menos absolutamente certas.

## CAPÍTULO VIII

### Sensações mentais, a distância, de mortes ou de acidentes (sem fenômenos físicos)

*“Ele sentia-se submetido às influências solenes da Natureza, magnetismo vasto e infinito que é a vida da Criação e prende o átomo ao Universo.”*

*Bulwer Lytton. Zanoni*

As advertências que precedem o falecimento ou que o anunciam, e que nos acabam de passar pelos olhos, puseram-nos em face do fato fisiológico e psíquico da morte. Vamos penetrar o estudo especial do fenômeno psíquico. Há tal variedade nas circunstâncias associadas à cessação da vida material que não devemos renunciar aqui os princípios do método científico rigoroso, que exige dividamos as observações em categorias distintas a fim de melhor as discutirmos. Impõem-se a maior clareza, a mais cuidadosa divisão do trabalho, a mais atenta classificação. Por esse processo assentaremos as bases da nova ciência.

Certas manifestações de moribundos e de mortos mostrarão, nos próximos capítulos, marcadas por inexplicáveis ruídos, pancadas ouvidas aqui e ali, deslocamentos de objetos, fatos materiais que afetam os sentidos das testemunhas ou lhes dá a impressão disso. Encontramos já, por mais de uma vez, tais gêneros de manifestações. Para as distinções especiais de que falamos, este capítulo será exclusivamente consagrado às sensações experimentadas pelos nossos espíritos, *sem o acompanhamento de fenômenos psíquicos*: SENSACIONES MENTAIS. Elas têm a sua importância.

Recolhamos essas observações, muito mais numerosas do que se pensa, mas que permanecem geralmente desconhecidas.

Como já notei cem vezes, a maior parte dos fenômenos psíquicos conserva-se ignorada, oculta, inutilizável pela nossa instrução antropológica. Um excelente rapaz, artista pintor, que eu conheço faz mais de vinte anos, contou-me ontem, enquanto eu redigia este capítulo, que passeando um dia no Bosque de Bolonha com uma jovial atrizinha, e conversando ambos em coisas ligeiras, ela deteve-se de repente, exclamando:

– Oh! como eu me sinto triste! Que vai acontecer-me? – e desatou a chorar.

– Tinha acontecido isto: nesse mesmo momento, o pai da minha companheira morria longe, na província – esclareceu ele.

– Por que me não falou nunca em tal? – perguntei eu ao meu amigo.

– Porque não valia a pena. Houve aqui puramente um acaso. E depois... é contrário à religião.

Não é contrário à religião, segundo ele pensa, divertir-se com atrizes, mas é contrário à religião ocupar-se da alma humana.

Eis, no entanto, as razões banais que até hoje têm impedido as ciências metafísicas de se desenvolverem. Julga-se superficialmente e todos se contentam com supor que nada mais há do que o acaso nessas coincidências telepáticas.

Quanto esses fatos têm sido difíceis de estudar até este ponto! Em geral, calam, dissimulam ou os ocultam de nós; por uma ou por outra razão, eles os conservam em segredo. Um exemplo, entre mil: Pode ler-se em *O Desconhecido* (capítulo III, caso CLII) a comovente história de uma criança que vem, em espírito, no momento em que morre, beijar sua mãe e consolá-la. A um pedido de informação, feito por mim à narradora, a propósito dessa visão que poderia ser atribuída a uma alucinação, recebi a seguinte resposta:

“Apesar do grande desejo que tenho em atendê-lo, solicitei de minha tia que lhe desse, ela mesmo, um relato do fato que lhe transmiti. Nada posso fazer, porém. Minha tia quis guardar sempre, para ela só, a lembrança de seu filho, pensando talvez profaná-lo, falando dele a pessoas estranhas, e jamais aludiu a ele senão com os membros da sua família. É



com alegria que esses pobres pais pensam no último adeus de seu filho.

Não quero revelar-lhe que cometi essa pequena inconfidência em seu favor, tendo assim procedido unicamente para lhe apresentar um exemplo a acrescentar a todos aqueles, tão eloqüentes, que o senhor tem oferecido. Certamente não! Não houve alucinação nem ilusão. Meu tio e minha tia eram por completo incrédulos pelo que toca a tais questões. Quando lhes contavam histórias dessa natureza riam e teriam facilmente tratado de loucos os narradores; presentemente riem-se dos descrentes e essa recordação é sempre, para eles, uma emoção bem doce, porque estão persuadidos de que o seu querido filho não quis deixá-los sem lhes dizer adeus.”

Assim, o fato é tido como real, incontestável, mas... é preciso não o dizer!

Desviemos os obstáculos e avancemos.

Consagraremos este capítulo às *sensações mentais a distância*. Todos os relatos que vamos ler são observações positivas.

Devo a um homem muito instruído, investigador independente e corajoso, a curiosa narrativa seguinte:

“Em 1879 era eu aluno do colégio de Stanstead, a 130 quilômetros de distância de Montreal, aproximadamente.

O regente do colégio era, por essa época, o reverendo A. Lee Holmes, homem de elevada estatura, longas barbas, ar patriarcal, bom e justo e, por conseqüência, muito estimado por todos os professores e colegiais. Eu tinha um amável companheiro de quarto, de nome Carlos. Eu era ainda muito novo, muito piedoso e de uma fé talvez ingênua, mas sincera e sem limite. Nunca ouvira falar de Teosofia, de Ocultismo ou de Espiritismo; essas palavras eram mesmo ignoradas por mim.

Um dia – um domingo, de manhã – senti-me invadido por inexplicável inquietação. Não tinha, no entanto, nenhum motivo de tristeza, gozava de boa saúde, só contava amigos, ocupava bom lugar em quase todas as disciplinas. O meu companheiro de quarto procurou distrair-me por todos os

meios possíveis, mas em vão; a melancolia tornou-se intensa e apoderou-se de todo o meu ser.

Quando, ao meio-dia, a sineta tocou para o almoço, desci ao refeitório e tomei o meu lugar à mesa, mas não pude comer; estava acabrunhado sob o peso de uma tristeza que me apertava o coração. Pelas três horas da tarde experimentei irresistível necessidade de estar só. Pedi ao meu companheiro que fizesse a fineza de deixar-me, ao que aquiesceu. Fechei a porta à chave para que ninguém me incomodasse. Fui sentar-me à minha pequena mesa de trabalho e, meditando, com a cabeça apoiada nas mãos, procurei dar-me conta do meu estado, pretendi encontrar a razão da insólita tristeza. De repente passei por um rápido entorpecimento e tive a sensação de voar através do espaço com a rapidez do pensamento; mas estava tudo tão escuro que eu nada via distintamente e não podia comparar esse fenômeno senão com as mudanças de cenários que se operam algumas vezes nos teatros, quando todas as luzes se apagam e o pano está descido. Depois encontrei-me num quarto. A princípio, apenas vi quatro paredes; seguidamente, apareceram-me vagos objetos que pouco a pouco se tornaram mais nítidos e precisos.

Era um quarto de dormir; havia nele um leito que estava ocupado por uma senhora que parecia bastante doente; perto desse leito conservava-se de pé uma outra mulher que fitava a enferma atentamente; à beira da cama soluçava ainda uma terceira mulher de quem não via o rosto, mas que todavia reconheci; no canto oposto havia uma mesa, à qual estava sentado um homem com uma pena na mão; na mesa viam-se papéis e um tinteiro.

Reconheci todas essas personagens; a doente era minha mãe, as duas outras mulheres minhas irmãs e o homem meu irmão Adolfo. Ouvei então Adolfo dizer a mamãe: “Que quer que eu escreva?”, e a mamãe responder: “Escreve-lhe que o médico disse que eu não tenho vida para muito tempo e que se quer encontrar-me viva é preciso que venha imediatamente.”

Compreendi que se tratava de mim e que a carta me era destinada. De súbito, tive de novo a sensação de mudanças rápidas de cenários na obscuridade e tornei a encontrar-me no meu quarto. Uma grande ansiedade veio então misturar-se à minha tristeza, e já tardava a ser-me entregue essa carta que eu sabia ter-me sido escrita, mas que não poderia sair de Montreal antes de segunda-feira e que, conseqüentemente, eu não receberia antes de terça-feira de manhã.

A segunda-feira passou razoavelmente; a manhã de terça chegou. O regente tinha por hábito distribuir o correio no fim do primeiro almoço, pelas 7 horas.

Muito impaciente para que pudesse esperar o fim da refeição e das orações que costumávamos rezar, fui pedir ao Sr. Holmes que tivesse a bondade de me dar a minha carta.

– Que carta? – inquiriu ele.

– Uma carta que espero, hoje, de Montreal – respondi eu.

– Vá sentar-se no seu lugar e aguarde a vez, como os outros – replicou ele.

Por fim, recebi essa carta tão impacientemente esperada; apenas continha, pouco mais ou menos, as palavras que eu ouvira na antevéspera. Ao contato dela, passou-se em mim qualquer coisa de estranho: uma alegria repentina e inexplicável sucedeu à tristeza, tornei-me, de súbito, feliz, mas sem saber por quê. Mostrei a carta ao regente, que me disse:

– Concedo-lhe uma licença e pode partir esta manhã mesmo; há um comboio que sai ao meio-dia. Vá preparar-se.

Acudiu-me, então, ao espírito que a mamãe estava melhor e que era essa a causa da alegria interior que eu sentia. Respondi, portanto, ao Sr. Holmes que não partiria nesse momento e que esperaria.

– Como? – exclamou ele. – O senhor não parte hoje? Mas, se adia a partida para amanhã, sua mãe pode estar morta quando o senhor chegar a casa. Se tem necessidade de dinheiro eu lho emprestarei e emprestar-lhe-ei também uma boa e grande peliça para se agasalhar bem – (porque estávamos no inverno e fazia muito frio).

– Agradeço-lhe muito – respondi – mas não quero partir hoje, porque creio ter-se produzido uma transformação inesperada e que a mamãe passa muito melhor.

– Mas que sabe o senhor a tal respeito? – disse ele.

Fiquei transtornado a princípio, mas depois respondi:

– Eu não sei nada, mas da mesma forma que fui informado de que esta carta chegaria hoje pela manhã, contendo o que na realidade contém, *sinto* que a mamãe está inteiramente fora de perigo.

– Que história absurda está a contar-me? Tenha cautela, senhor – acrescentou ele severamente –; quando nos entregamos a tais quimeras, bem depressa se perde a fé.

Repreendeu-me asperamente, obrigou-me a fazer-lhe a promessa de que nunca falaria deste incidente aos outros alunos, de o esquecer completamente.<sup>55</sup>

Na manhã seguinte recebi, com efeito, uma carta de meu irmão, informando-me de que, durante a noite, melhoras inesperadas se tinham produzido no estado de nossa mãe e que ela estava agora fora de perigo.

Cumpri a minha palavra, não falei dessa aventura a ninguém e tê-la-ia esquecido talvez, se outros fenômenos do mesmo gênero não me tivessem acontecido mais tarde. Devo ajuntar ainda, com desgosto, que nessa época eu ligava tão pouca importância a essas observações que destruí, com muitas outras, as duas cartas mencionadas mais acima. Mas *esses fatos pertencem-lhe*.

*Ernesto de Sasseville.”*

Os meus leitores encontram-se agora muito adiantados no conhecimento de tais fenômenos e os precedentes capítulos forneceram-lhes suficientes exemplos para que essa nova observação os não surpreenda. Apresento-lha aqui, não pela vista a distância, e que nenhuma novidade lhes daria, mas pelo fato da *sensação interior da alma*: penetramos cada vez mais no mundo psíquico.

Essa observação foi-me enviada do Canadá.

Aqui está uma outra, da mesma natureza, que me transmitiram dos Estados Unidos. Trata-se de sensação mental a distância, do México a Nova Iorque, no instante da morte de uma mãe entre as suas duas filhas. Recebi a seguinte carta, depois da publicação de *O Desconhecido*:

(CARTA 932)

“Minha mãe morreu a 18 de novembro de 1890, há oito meses. Tinha adoecido no primeiro dia do mesmo mês com uma pneumonia. Vivíamos no México. Minha irmã, casada com o presidente do Banco Internacional em Nova Iorque, e que vive nessa cidade, não podia vir juntar-se-nos, por se encontrar doente. Como seu sogro era presidente da *Union Cables Company*, tinham-me concedido o direito de enviar tantos cabogramas por dia quantos eu julgasse necessários para ter minha pobre irmã ao corrente da doença de nossa mãe. Mandava dois despachos diários desde 1º de novembro até o dia 17 do mesmo mês. Nesse dia enviei um, dizendo: “Estado mamãe muito grave, mas médico não perde esperança.” Não havia aqui razão para que ela fosse considerada perdida.

Ora, no dia 18, pelas 10 horas, minha querida mãe exalava o último suspiro e a minha dor foi tão lancinante que nem sequer pensei em prevenir minha irmã. Só me desempenhei desse encargo no dia seguinte. Ela escreveu-me então, pedindo-me para a informar exatamente do dia e da hora em que a morte ocorrera, dizendo-me que, como não tivesse recebido notícias no dia 18, julgara que a doente estivesse melhor. Contava-me, todavia, que fora de repente invadida por um tremor nervoso e rompera a chorar, e como os criados lhe perguntassem o que tinha, respondera:

– *Minha mãe morreu; ouço os gritos de minha irmã.*

Levantando os olhos para o relógio, vira que o ponteiro marcava dez horas, torre Eiffel. Nesse momento estava eu de joelhos, soluçando, com a cabeça encostada a uma cadeira, ouvindo os derradeiros sinais de vida de minha pobre mãe e

compreendendo que tudo ia acabar. Soltei um grito terrível, a ponto de julgarem que eu havia endoidecido.

Deixe-me dizer-lhe, caro mestre, que o seu livro alivia a minha alma, porque sei agora que, quando senti a mão de minha mãe acariciar-me, alguns meses depois da sua morte, isso não era um sonho: ela estava, com efeito, perto de mim, que a amava tanto.

Perdoe-me esta carta, Sr. Flammarion, mas sinto-me desfogada depois que lhe comuniquei os meus pensamentos e ousei esperar algumas linhas que me esclareçam acerca da minha observação.

Na última semana estava eu de cama, não me sentindo bem do coração. O médico encontrou-me com o seu livro na mão e proibiu-me que o lesse, dizendo que eu estava doente dos nervos, já muito exacerbados; mas pude convencê-lo de que este livro atuava, pelo contrário, como calmante e não como excitante sobre o meu sistema nervoso. Pela minha parte, agradeço-lhe sinceramente por o ter escrito e peço-lhe que acredite que, neste longínquo país, exilada, longe da bela França que adoro, tem o senhor uma humilde, mas fervorosa admiradora.

México, 31 de julho de 1900.

*Georgina Bernstein.*”

Por este relato, tão leal e sincero, sentimos claramente que houve transmissão telepática entre a Sra. Bernstein e sua irmã, do México para Nova Iorque, no momento da morte de sua mãe, e que o afeto dessa mãe por suas filhas se associou a tal transmissão.

Tais sensações mentais, a distância, de mortes ou de doenças de seres amados, observam-se em todas as nacionalidades. As duas comunicações precedentes foram-me enviadas do Canadá e dos Estados Unidos. Eis uma outra recebida da Turquia asiática:

“Sabendo que o senhor recolhe preciosamente tudo quanto se relaciona com a telepatia, permita-me contar-lhe dois casos passados em nossa cidade, pedindo-lhe, no caso de pu-

blicar a minha carta, que não revele senão as iniciais dos nomes que lhe confio.

O Sr. e a Sra. T. tinham uma prima, a Sra. D., que vivia em França. Uma noite acordaram bruscamente e o Sr. T. disse a sua mulher:

– Acaba de despertar-me uma sensação estranha; tenho um péssimo pressentimento acerca de tua prima D.

– Estou certa de que ela morreu – exclamou de repente a Sra. T. –, porque vi, em sonho, a sua casa deserta e sua filha, toda de luto, que chorava.

O relógio marcava duas horas e meia. No dia seguinte receberam a notícia do falecimento, ocorrido às duas horas e meia. Verificaram o momento.”

Essa é uma comunicação entre um agonizante e pessoas vivas; mas a história seguinte refere-se a duas pessoas vivas e de saúde perfeita.

(CARTA 1.025)

“O Dr. N. havia encomendado ao seu farmacêutico alguns medicamentos e este se descuidara de os preparar durante uma semana. Certo dia o médico, a quem tal demora muito contrariava, deitou-se com a intenção de ir admoestar o farmacêutico. Durante a noite acordou, ouvindo muito distintamente uma voz que dizia: “*Às sete horas e meia da manhã.*” O doutor viu o seu relógio: marcava três horas e meia.

No dia seguinte dirigiu-se à casa do boticário, que lhe entregou os remédios, dizendo:

– Ah! o senhor deve estar zangado comigo; compreendo-o, e a noite passada, quando o meu despertador me acordou pelas três horas e meia, para eu partir para a caça, disse a minha mulher: – Estarei de volta *pelas sete horas e meia*, para preparar os medicamentos do doutor.

Foi a voz do farmacêutico que o médico ouviu? E como? Não me cabe a mim tirar conclusões, mas ao sábio... etc.

(Seguem-se os cumprimentos usuais.)

Esmirna, 28 de janeiro de 1902.

*Maria Mavrogordato.*”

Sim, estudemos tudo, sem qualquer idéia preconcebida, sem preconceitos e na intenção única de aprendermos alguma coisa. Quanto às conclusões, resulta certamente de todos esses fatos que existem correntes psíquicas invisíveis entre os seres humanos: as idéias viajam. Andam no ar, como se diz.

No primeiro desses dois exemplos o pensamento da prima agonizante atravessou a distância que separa a França da Turquia para ir impressionar o cérebro do Sr. e da Sra. T., que o receberam ao mesmo tempo e sob duas sensações diversas. No segundo o telefone mental exerceu-se entre o farmacêutico e o médico.

Esses fenômenos psíquicos, de que tantos homens cultos duvidam ainda, são observados, digamo-lo, sob todas as latitudes e em todas as condições. Depois de Montreal, México e Esmirna, eis uma observação feita em S. Petersburgo.

Trata-se de *duas sensações de morte a distância*. Extraio a narrativa seguinte de uma carta que me foi enviada da Rússia, em março de 1909:

(CARTA 1.925)

“Fervorosa leitora das suas obras, pelas quais professo verdadeiro culto, não tenho nenhum interesse em iludi-lo e o que lhe escrevo é a pura verdade.

Em 1902 vivia em S. Petersburgo com o meu marido, que era professor e inspetor num instituto de meninas. Ambos naturais de Moscou, tínhamos deixado aí numerosos amigos, entre outros os membros da família Massloff, composta de dois irmãos e de três irmãs solteiras e já idosas.

Na minha primeira juventude tive um afeto quase apaixonado por uma das Massloff e conservei sempre por ela profunda simpatia. Era uma senhora de elevado espírito, muito instruída e de bondade verdadeiramente cristã; nunca pensava nela, mas nos outros. Durante uma grande doença que me assaltou pouco tempo depois do meu casamento, ela veio tratar-me; a sua vocação era a de devotar-se ao próximo.



Desde que estava em S. Petersburgo não me correspondia com ela, mas queria-lhe sinceramente; ouvira dizer que a minavam desgostos e que a sua saúde deixava a desejar, mas não sabia que ela estivesse seriamente enferma.

No mês de fevereiro de 1902 tive um sonho que me deixou penosa impressão: vi claramente um cortejo fúnebre e ouvi uma voz que me dizia: *É o enterro de Sofia Massloff*.

De manhã falei desse sonho a meu marido, que, querendo tranquilizar-me, replicou:

– Isso é sinal de longa vida.

Três dias depois meu filho, de 18 anos de idade, voltou do colégio, trazendo alguns livros embrulhados num jornal. Era o *Novoié Vrémia*, que tanto eu como meu marido nunca líamos, por causa das nossas opiniões políticas. Li, todavia, nesse jornal, certo dia, e por acaso, um dos artigos assinados pelo senhor, sobre Astronomia (do qual fala em *Estela*, página 353).

Tendo meu filho deitado o jornal ao chão, eu levantei-o. De repente, caiu-me sob os olhos a notícia do falecimento da *Srta. S. Massloff*, e do seu enterro em Moscou, o qual se realizara no dia seguinte àquele em que eu tivera o sonho.

Calculará facilmente que a impressão fosse muito dolorosa para mim – e até um pouco assustadora. Escrevi às irmãs da falecida, contando-lhes como eu tivera conhecimento da morte de minha amiga. O sonho precedera o enterro.

*Segundo fato* – Passei pela horrível desgraça de perder meu adorado marido, a 25 de dezembro de 1907.

Nem eu nem meu filho esperávamos que ele morresse tão cedo. Como meu marido continuasse a desempenhar os seus cargos de professor e de administrador do colégio de meninas, em Moscou, e não quisesse tratar-se, não o considerávamos seriamente enfermo.

A 24 de dezembro meu filho, depois de ter ceado com sua mulher e dois amigos, quis dar um pequeno passeio. Fazia um lindo luar. Os seus pensamentos eram alegres e agradáveis. De súbito – eram 10 horas da noite – uma idéia terrível

atravessou-lhe o espírito e passou imediatamente. Foi como um relâmpago:

– *O papá vai morrer.*

Um abalo agitou o seu ser. Reentrou em casa e contou tudo a sua esposa, que procurava tranquilizá-lo.

Ora, precisamente nesse dia, 24 de dezembro, pelas 10 horas da noite, meu marido caía com uma síncope que o arrebatoou em 24 horas.

Eis, senhor e caro mestre, dois fatos inteiramente verídicos que lhe submeto, a fim de que se utilize deles como lhe agradar, para a instrução geral.

Louga, 7 de março de 1909.

*Eugênia de Berkout.”*

Sim, observações feitas em todos os países e em todas as condições. Podemos acrescentar: em todas as idades, mesmo por crianças. Uma carta de 21 de julho de 1920 assinalou-me a seguinte observação:

(CARTA 4.207)

“Meu marido acaba de contar-me novamente que perdeu seu avô *aos oito anos de idade* e que o velho fora encontrado, certa manhã, no soalho do seu quarto, inanimado. Havia três dias que ele estava de cama. Ora, uma noite, como meu sogro tivesse ficado perto do doente, minha sogra fora para sua casa, repousar um pouco, perto dos seus dois filhos, que dormiam. De repente meu futuro marido ergueu-se na sua cama, bradando a sua mãe:

– Mamã, mamã, que fazes? Tu dormes? Mas o avô morreu!

Um pouco impressionada, minha sogra mandou calar o seu filho ainda criança, que tornou a deitar-se, entrando a dormir imediatamente, tanto mais que nem sequer havia despertado. Pelas quatro horas da manhã, meu sogro entrou em casa e disse a sua mulher:

– Minha pobre amiga, tudo acabou! Teu pai morreu!

- A que horas?
- Pela meia-noite.

Era exatamente a mesma hora em que o filho a advertira. De resto, ao acordar, de manhã, não conservava a menor recordação do que se passara.

Meu marido, que tem atualmente 49 anos, está pronto a certificar o fato, assim como minha sogra, que ainda vive e que há um mês mo contou. Se o senhor assim o quiser, isso será fácil.

*Joana Lumet, em Paris.*”

A transmissão telepática não me parece absolutamente certa, porque a criança ouvira falar sobre o estado desesperado em que seu avô se encontrava. Pode inscrever-se, todavia, nos fatos a cotejar.

Possuo muitos outros análogos na minha coleção documental, o que reforça o seu valor; o seguinte, por exemplo, que não poderia explicar-se por essa hipótese.

Sensação estranha experimentada por uma criança:

(CARTA 73)

“Minha mãe tinha então quatro ou cinco anos quando, uma noite, despertando em sobressalto, ergueu-se na cama e assustou bastante seus pais, bradando por três vezes:

– *Morre, morre, morre!*

No entanto, como se tratava de uma criança muito nervosa, não se ligou importância ao que se tomou por pesadelo... Mas, durante o dia, recebeu-se um telegrama anunciando a morte do avô de minha mãe, morte ocorrida precisamente à hora em que ela acordara, gritando.

Acrescentarei que tanto minha mãe como seus pais ignoravam que o velho estivesse doente.

Eis o fato, tal como me foi narrado por minha própria mãe, que conservou *uma recordação inapagável dele*.

Um dos seus leitores do Departamento de Gard,

que quer assinalar-lhe este fato inexplicável, mas  
prefere que o seu nome não seja revelado – *N. S.*”

Evidentemente, nesse caso não podemos imaginar nenhuma  
auto-sugestão da criança.

Não há apenas laços físicos entre os membros da mesma fa-  
mília, entre os avós e os netos, entre as mães e seus filhos.  
Desconhecemos as leis da encarnação. Existem laços morais.

A seguinte comunicação foi-me dirigida em abril de 1899:

(CARTA 596)

“Minha mãe é muito afetuosa. Todas as mães o são; mas  
nesta a afeição se torna doentia, tamanha ela é. Quando al-  
gum membro da família morre, fica doente, de cama, pelo  
menos oito dias, e mesmo nos terceiros e quartos aniversá-  
rios desses falecimentos ela se conserva no leito dois dias.  
Dado isso, vamos aos fatos:

Fui estudante de Medicina, longe dos meus. Todas as ve-  
zes que uma enfermidade me assaltava, minha mãe dizia aos  
que a rodeavam:

– Meu filho está doente.

Recebia uma carta de casa contando-me os receios mater-  
nos e minha irmã acrescentava:

– Ela pretende, a todo o preço, que estás fatigado. Tran-  
qüiliza-a.

Não se enganava.

Eis o que é ainda mais impressionante: Por três vezes fui  
abraçá-la, sem lhe revelar a minha visita; a ninguém infor-  
mava da minha viagem; eram-me precisas 36 horas para  
chegar a minha casa: às horas em que o correio por lá passa,  
já se tem ceado. Ora, nos dias em que eu devia chegar minha  
mãe não queria que se fosse para a mesa, dizendo:

– Espero o meu filho.

E tinha preparado por suas próprias mãos alguns pratos de  
que eu gostava.

A família gracejava com ela:

– Vais servir-nos a ceia esta noite; felizmente que não porás de lado a garrafa que tiraste para teu filho, a tua extravagância de hoje.

Eu, porém, chegava; e isto aconteceu três vezes.

No último ano, estando na Argélia, dirigi-me à França para fazer os exames definitivos; não escrevi para minha casa. Ora, na Faculdade de Medicina, onde me encontrava, recebi uma carta de minha irmã; dizia-me: “Nossa mãe afirma que vieste fazer os teus exames e que fostes aprovado, mas tu, se tivesse deixado a Argélia, ter-nos-ias informado disso.” Esta carta fora-me enviada para a Argélia.

Aqui está o que tenho para lhe comunicar. Se este documento tiver, algum dia, utilidade para o senhor, sirva-se deles. Mas peço-lhe que publique apenas a inicial do meu nome.

*Dr. F. (Drôme).”*

A comoção mental que vai ser descrita é da mesma ordem que as precedentes. Foi-me narrada igualmente, como observação pessoal, pelo célebre pintor polaco Jan Styka, na seguinte carta, de 2 de novembro de 1920:

(CARTA 4.296)

“Caro mestre e amigo.

Eis o fato de que lhe falei. Era em 1912. Eu e meu filho Tadeu havíamos partido para Menton, no intuito de nos dirigirmos a Górbio e visitarmos o Sanatório. Chegados a Menton não encontramos aí o automóvel que fazia a carreira de Górbio. Fomos obrigados a entrar numa confeitaria e pedir alguma coisa, com o fim de podermos utilizar-nos do telefone, solicitando que nos mandassem o carro aludido. Esperando que ele chegasse, e enquanto tomávamos o chocolate, fui de repente assaltado e atormentado por pensamentos angustiosos acerca do meu neto Cásper, que nessa época tinha sete anos. Foi em tal momento que senti o que nós, pais e avós, somos para os nossos pequeninos. Meu pensamento ia

para o pai de minha mulher, que também se chamava Cásper.

Com o coração oprimido, comecei a chorar a bom chorar. Meu filho, espantado, perguntou-me o que eu tinha. Respondi-lhe que pensava no meu neto e que não sabia a razão pela qual estava tão comovido. Pois bem! Volvidos quinze dias soube por uma carta de minha filha que, no próprio momento em que eu me senti tão perturbado, a um domingo, à mesma hora, o pequeno Cásper tinha sofrido, em Cracóvia, a operação do trépano e havia corrido perigo de morte.

Assim se esclarecia o mistério da minha comoção. Não será isso um fenômeno de telepatia que corrobora a tese experimental que o senhor sustenta?

*Jan Styka.”*

Essa sensação mental a distância mostra-nos que tais fenômenos observam-se mesmo fora dos casos de mortes, por ocasião de acidentes graves e de operações não seguidas de falecimento. Comoções transmitidas por ondas etéreas.

Como serão regulados, determinados os nossos destinos? Quais são os laços, as afinidades que atuam sem o sabermos?

A Srta. Germana Sens, que vive em Bordéus, contou-me, a 3 de junho de 1920, um fato fisiológico muito curioso, pedindo-me para não revelar nomes. Eis esse fato:

(CARTA 4.152)

“A Dra. X. perdeu, em 1918, um sobrinho de 14 anos, dotado de grande inteligência.

Esse rapaz vivia em Bordéus. Tinha uma prima-irmã nascida no mesmo ano, no mesmo dia e à mesma hora em que ele nascera. Os dois pequenos amavam-se, pareciam-se um com o outro, escreviam-se cartas em que havia alguma coisa mais do que amizade; era como um amor nascente.

Ora, os dois morreram no mesmo ano, no mesmo dia e na mesma hora – e da mesma doença, um em Paris (a menina) e o outro em Bordéus (o rapaz).”

Essa tocante união na vida e na morte das duas crianças inspira mais de uma reflexão. O inquérito que fiz, ao mesmo tempo, tanto sobre este como acerca de outros fenômenos psíquicos, assinalados pela narradora, forneceu, como quase sempre, as mais completas confirmações. Essas simpatias integrais são raras, mas incontestáveis. Manifestam-se, sobretudo, entre membros de uma família, entre amantes, entre amigos. Destacarei alguns, dos meus papéis. Aqui está, por exemplo, uma sensação telepática experimentada por irmã e irmão gêmeos:

(CARTA 338)

“Tinha uma irmã gêmea à qual consagrava grande afeto, muito mais vivo talvez do que o reinante entre irmãos e irmãs. Estava ela numa casa amiga, a cerca de 20 quilômetros de distância do meu domicílio, na manhã em que eu recebi uma carta da pessoa junto de quem minha irmã se encontrava, prevenindo-me de que ela se achava ligeiramente indisposta, mas sem o menor perigo.

Na noite desse mesmo dia, quando eu me sentava à mesa com minha jovem esposa, para jantar, deixei de súbito cair a colher, exclamando:

– Meu Deus, minha pobre irmã morreu!

O fato, infelizmente, era verídico. Recebi, meia hora depois, a confirmação disso (se assim posso dizer), num telegrama explicando-me tal morte, que ninguém previra.

Há nisto um fato estranho que eu nunca pude compreender.

Não assino esta carta porque tenho horror à publicidade.

30 de março de 1899.

*P. B.*”

Lamentando o anonimato do autor, singularmente timorato, penso que a sua narrativa é verdadeira e torno-a conhecida. Se tantas vezes se tem o horror da publicidade é porque os nossos adversários, ignorantes, cobrem tudo isto de ridículo com a

deplorável inconsciência que paralisa o progresso. No entanto, tais observações merecem toda a nossa atenção.

Idêntica transmissão entre irmão e irmã:

“Um dia, num domingo, durante o almoço de uma família muito unida, na Escócia, uma das meninas, Mariana Griffiths, levanta-se da mesa e vai para o jardim. Procuram-na e encontram-na sentada, a cabeça entre as mãos, fitando um buraco cheio d’água, parecendo imobilizada pelo terror, soltando depois um grito de angústia, por sentir que seu irmão morrera afogado.

Esse irmão, de dezenove anos, muito amado por sua irmã (família composta de oito pessoas), estava então a 14 milhas (22 quilômetros) distante de Blackall, onde os seus viviam, e afogara-se precisamente a essa hora, em Firth-of-Forth, ao tomar um banho. Era domingo, 1º de agosto de 1869.”<sup>56</sup>

É impossível duvidar de que esse irmão, ao afogar-se, transmitisse à irmã a comoção mental da sua angústia.

Na narração seguinte observamos a mesma sensação, entre um filho e uma mãe, narrada por Lombroso, que registrou, entre outros, este exemplo curiosíssimo de comunicação telepática de moribundo.<sup>57</sup>

“O Sr. T. Brusa, de 37 anos de idade, de constituição muito delicada, tuberculoso, nevropata, estava a jantar em Superga, perto de Turim. Era a 3 de agosto de 1900, pelo meio-dia. De súbito, deixou de comer e rompeu a chorar, afirmando que via sua mãe moribunda em Asti, sem que tivesse sido informado da sua doença. Não houve maneira de tranquilizá-lo.

Partiu para Asti, onde soube que sua mãe morrera, efetivamente, fulminada por uma apoplexia, no dia 3 de agosto, ao meio-dia.

A própria morta, anos antes, havia deixado bruscamente o seu trabalho, no mês de julho de 1889, porque vira sua filha acometida de uma enfermidade na cabeça e fora a correr vê-la. Encontrara-a, na realidade, com uma erisipela.”



Transmissão semelhante, ainda, entre uma filha e sua mãe. Esta sensação telepática foi-me transmitida da Rússia, a 12 de junho de 1899:

(CARTA 668)

“Eu contava 10 anos de idade e minha mãe vivia à distância de 100 *verstas* de mim. Certa manhã, ouvindo bater as 8 horas, o som do sino fez-me doer o coração. Comecei a chorar e tive uma crise nervosa. As lágrimas e o mal-estar duraram todo esse dia, sem que ninguém pudesse explicar isso. No dia seguinte, à noite, recebeu-se uma carta, anunciando a morte de minha mãe, justamente pelas 8 horas da noite do dia em que eu experimentei a aludida angústia e chorei.

*Helena Danitovich*  
(Em Tyraspol – Rússia).”

Essas transmissões mentais entre mãe e filha são freqüentes. Ainda que as manifestações telepáticas de moribundos sejam em número abundante para fundamentar as nossas convicções, parece-me que, quando as encontramos em nosso caminho de estudos, o nosso dever é o de continuarmos a anotá-las. São mais pedras para o edifício do futuro. Ora, lendo ultimamente a obra de Paulo Auguez (Hugues), intitulada *Manifestações dos Espíritos* (Paris, 1857), deparou-se-me a narrativa seguinte:

“Enquanto se imprime o meu livro, eis que o *Correio de Lião* publica:

“Na noite de 27 para 28, um caso singular de visão intuitiva produziu-se em Croix-Rousse, nestas circunstâncias:

Há três meses aproximadamente, os cônjuges B., honestos operários tecelões, movidos por louvável sentimento de comiseração, acolheram em sua casa, como doméstica, uma rapariga dos arredores de Bourgoin, pouco menos de idiota, que haviam encontrado na estrada de Brignais, onde fica o seu campo.

No último domingo, entre 2 e 3 horas da madrugada, foram despertados por gritos lancinantes: a empregada dormia no atelier contíguo ao seu quarto.

A Sra. B., acendendo o candeeiro, acudiu e encontrou a doméstica em estado de exaltação difícil de descrever, torcendo os braços em assustadoras convulsões, chamando sua mãe que, ao que afirmava, acabava de ver morrer. Depois de ter consolado como pôde a pobre rapariga, a Sra. B. voltou para o seu quarto. O incidente estava quase esquecido, quando na tarde de ontem, terça-feira, o distribuidor do Correio entregou uma carta do tutor da rapariga, informando-a de que, na noite de domingo para segunda-feira, entre as 2 e 3 horas da manhã, sua mãe morrerá, em consequência de haver caído de uma escada.

A pobre idiota partiu ontem de manhã mesmo para Bourgoin, em companhia do Sr. B., seu patrão, para receber a parte que lhe cabe na herança de sua mãe, de quem tão tristemente vira, em sonho, o fim lastimável.”

Ainda que não tivesse havido, ao que parece, inquérito organizado para apurar o fato, é difícil supô-lo inventado e, como grande número de outros análogos foram absolutamente verificados, este pode juntar-se à respeitável soma das observações dessas “visões intuitivas”, como se dizia outrora, ou melhor, às comunicações psíquicas a distância. Acrescentarei que neste caso não se poderá invocar a explicação de coincidência fortuita resultante da inquietação do *sujet* relativamente a sua mãe, porque não foi de velhice ou de doença que ela morreu, mas de acidente imprevisto e repentino.

Acontece o mesmo na observação seguinte, que me foi transmitida por meu irmão, Ernesto Flammarion. Entre os escritores de quem ele publicava as obras contava-se uma mulher nova e elegante, a Sra. Gina Saxe-Bey, prêmio de beleza no concurso de Nice. Tinha sido muito notada numa festa que ele dera, em 1893, para reunir os principais autores da sua importante casa editora.

“Eu publicara três romances escritos pela Sra. Gina Saxe-Bey – disse ele – e como deixara de escrever-me, esquecera-a completamente. Ora, volvidos dez anos, encontrando-me na avenida da Ópera, numa das sucursais da livraria, por uma sexta-feira, às 3 horas da tarde, tive bruscamente a sensação persistente da imagem da encantadora mulher, e a minha surpresa era tanto maior quanto eu não tinha pensado nela havia muito tempo.

Na manhã seguinte recebi um cartão de convite para o seu enterro. Informando-me dos pormenores desse inesperado fim, soube que ela exalara o último suspiro pelas 3 horas da tarde de sexta-feira.

Pensaria ela, no momento de morrer, nos seus escritos, no seu editor, na livraria? Onda voando no espaço e encontrando um receptor no meu cérebro? Há nisto, evidentemente, mais alguma coisa que coincidência fortuita.

*Ernesto Flammarion.”*

A correlação entre o falecimento e a impressão experimentada impõe-se à nossa atenção em todas as observações análogas.

As sensações telepáticas apresentadas neste capítulo produziram-se no momento em que se passavam os fenômenos físicos ou psíquicos que lhes deram origem. Algumas vezes elas os precedem e os anunciam. Novo mistério.

Assim, a sensação intuitiva que vou apresentar precedeu o acontecimento. Foi-me comunicada a 20 de outubro de 1920, pelo Príncipe Troubetzkoy, de quem já publiquei duas observações notáveis.

(CARTA 4.287)

“Há alguns anos toda a família de Ricórdi, o célebre editor milanês de música, vivia na rua Omenôni, nº 1. No último andar habitava sua irmã Amélia Brentano, muito doente, esposa de um arquiteto bem conhecido, prematuramente morto e vencedor do concurso mundial da nova fachada da Catedral. O andar inferior era ocupado por amigos da família, de quem não me ocorre o nome, o Sr. e a Sra. X.

Na noite de sábado, 18 de fevereiro de 1899, havia um grande espetáculo no Escala, mas o Sr. X. não conseguiu persuadir sua mulher a acompanhá-lo ao teatro.

Estava angustiada. Ele partiu, portanto, só. Depois da meia-noite, reentrando em casa, encontrou a habitação iluminada, os criados de pé e sua mulher em estado desolador; inexplicável emoção a dominava e uma coisa horrível tinha, no seu espírito, passado por diante da janela. Seu marido, todavia, conseguiu apaziguá-la e fazê-la deitar. A noite deslizou relativamente calma.

Ora, na manhã seguinte a pobre Sra. Brentano, sob qualquer pretexto, afastou de junto de si a sua enfermeira e, impelida por uma idéia fixa, num acesso súbito, abriu a janela e atirou-se à rua, onde ficou morta, tendo passado, ao cair, por diante da janela do quarto da Sra. X.

*Príncipe Troubetzkoy.”*

Pretender explicar semelhantes fenômenos seria perder o nosso tempo, dado o estado atual das ciências psíquicas e naturais.

Falta-me o espaço para continuar a exposição desses fatos tão curiosos. Provarão cem mais do que dez? Sim; mas é preciso um limite. O leitor está edificado. Sabe atualmente o que há de pensar.

Eis ainda, no entanto, um caso particularmente notável de que eu lamentaria a eliminação.

O amor, o afeto, a dedicação não são condições indispensáveis para a produção desses fenômenos. Tal é o exemplo que vou apresentar.

Uma sensação telepática de morte, complicada de intuição singular, foi-me transmitida pela Sra. Susana Ollendorff, a esposa do célebre editor parisiense, no mês de novembro de 1920. É digna de toda a nossa atenção. Ei-la:

CARTA 4.320)

“O que vou narrar passou-se no mês de março de 1909. A greve dos Correios e Telégrafos, predecessora de outras, estava então no seu auge.

Certa manhã, enquanto eu me penteava, sentada à minha penteadeira, atravessou-me o espírito, de repente, a idéia de que talvez minha tia – que era, de resto, a única parente que me restava no mundo – estivesse morta a tal hora e que, em virtude dessa greve, eu ignorasse o fato...

Mas, de súbito, acrescentei mentalmente: “Sim, vou sabê-lo, porque ela morreu, com efeito, e o pároco de X. virá anunciar-me o seu falecimento.”

X. é o lugar em que minha tia vivia e ficava a algumas horas distante de Paris. Devo dizer que ela ia fazer 78 anos, mas era forte e quase nunca estivera enferma. Desde o verão precedente que eu não a via.

Ajuntarei também que não era grande a afeição que nos unia. Era uma criatura extremamente devota, muito ligada ao clero católico, que me não perdoava certas idéias independentes, que ela julgava subversivas. O seu humor era intransigente, difícil o seu caráter. Nem sempre nos entendíamos. No entanto, eu tinha por ela certo apego, proveniente, sobretudo, do fato de sermos as duas únicas sobreviventes da família. Em suma, o pensamento de que ela devia ter abandonado este mundo, sem eu o saber, não deixou de me atormentar nessa manhã. Durante o dia recebi a visita de meu marido, que não era então mais do que um amigo para mim. Acompanhando-o à porta, quando ele se foi embora, disse-lhe:

– Imagine que, de algumas horas até esta parte, sou perseguida pela idéia de que minha tia deve estar morta, do que eu não fui informada, por causa da greve, mas que vou saber tudo porque o pároco de X. se dispõe a trazer-me notícias a tal respeito... e olhe – acrescentei eu, designando a porta da escada – se o visse atrás desta porta não experimentaria a menor surpresa.

Abria porta referida. O pároco de X. não estava por detrás dela. O meu visitante sorriu. Pouco tempo depois da sua partida uma das minhas amigas vinha buscar-me para sair, quando me entregaram um bilhete enviado pelo Sr. Ollen-

dorff, então diretor de um grande jornal da manhã. Esse bilhete dizia isto textualmente: “Se estiver ainda em casa, quando lá chegar este bilhete, passe pelo jornal. Tenho uma coisa importante a transmitir-lhe.”

– Sei – disse eu à minha amiga – o que ele quer dizer-me. É a notícia da morte de minha tia. O cura de X. espera-me no jornal para me informar disso.

Li nos olhos assustados da minha amiga o pensamento de que eu tinha perdido a razão.

– Que indícios há de que sua tia esteja morta? – perguntou ela. – Por que havia de ser hoje e não outro dia? Finalmente, que iria o pároco de X. fazer a esse jornal, que ele certamente considera como seguindo maus princípios?

– Partamos e lá veremos – respondi.

Volvidos minutos, chegamos ao *Gil Blas*. A primeira coisa que vimos foi a longa figura negra do pároco, perfilando-se diante da porta.

– Ah! senhor pároco – exclamei eu –, sei o que aqui o traz!

– Sim, senhora – respondeu ele –, o Sr. Ollendorff acaba de repetir-me a conversa que tiveram. Estou espantado.

Minha tia, assaltada durante a noite por uma congestão – que nada deixava prever – fora encontrada, pela manhã, inanimada no seu leito. Aos gritos da criada, acudiram os vizinhos, que preveniram o sacerdote. Este, que de resto tinha recebido instruções (porque tive a surpresa de saber que minha tia me deserdera em proveito dos padres), em vão procurou a minha direção. Não a encontrando, lembrou-se de meu marido, que freqüentava a casa da sua ovelha. Decidiu-se a ir diretamente ao jornal com o fim de me avisar.

Tal é, caro mestre, a circunstanciada narrativa desta história.

*Susana Ollendorff.”*

Todas as pessoas que conhecem a signatária dessa notável comunicação terão apreciado a sua franca lealdade, a sua ponde-

ração de raciocínio, assim como as suas faculdades psíquicas especiais, que se manifestaram notavelmente no seu pressentimento do tremor de terra de Messina. Mais uma vez devemos reconhecer que essas sensações são incontestáveis.

Galli-Marié, criadora do papel de *Carmen*, na ópera de Bizet, tão discutida desde o primeiro instante, teve a sensação da morte desse compositor no momento em que ela ocorria.<sup>58</sup>

“Ela transformou-se – escreve o *Eclair* de 24 de setembro de 1875 – na própria carne dessa partitura incomparável.” E o mesmo jornal acrescenta: “Entre ela e o músico estabeleceu-se uma comunicação espiritual, de certo modo psíquica.”

“A Sra. Galli-Marié estava em cena, certa noite de junho. Bruscamente, parou de cantar. Tinha sentido uma dor lancinante, como que uma pancada de martelo no coração. Recobrou a serenidade e cantou o ato; mas, reentrando no seu camarim, disse às pessoas que a rodeavam:

– Aconteceu alguma desgraça ao nosso Bizet. Em seguida ao abalo que me chocou, vi levantar-se na minha frente, com rapidez de relâmpago, o seu rosto. Meu Deus, meu Deus, como ele estava pálido!

Procuraram-se apressadamente informações. Bizet acabava de morrer. Tinha-se produzido um desses fenômenos de telepatia que a Ciência hoje aceita.”

Outros jornais relataram esse caso por forma diversa. Segundo uma dessas versões, enquanto Galli-Marié cantava a *Carmen*, na quarta-feira, 2 de junho de 1875, no princípio do terceiro ato, quando ela procura ler nas cartas a “buena dicha”, voltou maquinalmente o sinal de morte. Impressionada por um pressentimento, baralhou as cartas, tornou a deitá-las e o sinal de morte aparece outra vez. Custou-me a acabar de cantar o ato e, quando saía do palco, desmaiou entre os bastidores.

O fato da sensação telepática não é duvidoso, ainda que tenha sido narrado por várias maneiras.

A cantora Emaná Calvé contou-me, por diversas vezes, que nesse ato da *Carmen*, quando interrogava as cartas, o fazia na

maior parte dos casos muito seriamente, com convicção, num determinado fim.

Como interpretar, como definir as advertências dadas pelas cartas? Não é este o lugar próprio para isso. Todavia, não esqueçamos também a observação seguinte, que foi enviada de Nice a 12 de maio de 1899:

(CARTA 659)

“Eis um fato que se passou comigo pessoalmente. Há dez anos fui passar algum tempo em Paris, com minha família; meu marido ficara na aldeia, nos arredores de Ruão. Uma noite encontrava-me em Neuilly, em casa de uma senhora conhecida. Depois de jantar jogamos as cartas, para nos divertirmos. No momento em que eu partia o baralho, caiu uma carta na mesa e a minha amiga, fitando-me, disse:

– Seu marido morrerá esta noite!

Falava seriamente! Então saí. Ao reentrar em minha casa peguei num baralho de cartas e deitei-as, para adivinhar o futuro. Fiz as minhas interrogativas sobre a advertência precedente; a resposta foi esta: *Sim*.

Custou-me, nessa noite, adormecer. Em dado momento despertei em sobressalto, com atroz dor no coração, levantei-me precipitadamente, corri à janela para tomar ar, e nesse momento ouvi bater as 3 horas. Não podia respirar; por fim bebi um copo d’água e voltei para o leito, não conseguindo readormecer.

Na manhã seguinte recebi um telegrama, dizendo-me: “Seu marido acaba de morrer; venha depressa.” Falecera pelas 3 horas da manhã. Calcule a situação em que me encontrei, depois de receber o despacho telegráfico, confirmando a profecia! A dor assustadora que eu sentira pelas 3 horas da madrugada correspondera ao momento da morte.

*Viúva Dubos*  
Praça Beatriz, Vila Orengo (Nice).”



Imaginar que se trata, aqui, de puro acaso é coisa que não poderá satisfazer nenhum espírito refletido. Atribuir a visão a um jogo de cartas também não é aceitável. Foi a própria narradora quem experimentou o fato brutal, sob a ação de uma força oculta. As cartas ajudam a concentrar o pensamento, não são mais do que uma fórmula de tradução. Como? Uma discussão especial dessas estranhas contingências poderia instruir-nos, sem dúvida. Os novos problemas que se não devem mais desdenhar são numerosos.

Este capítulo acaba de expor aos nossos olhos uma escolha considerável de *sensações mentais* correspondendo a mortes. A dúvida sobre tais transmissões psíquicas não é possível. Vamos agora ver passar à nossa vista uma série ainda mais rica de *manifestações psíquicas*, mais difíceis de compreender e, no entanto, tão inegáveis como as precedentes.

## CAPÍTULO IX

### Mortes anunciadas por barulhos, pancadas, ruídos inexplicáveis e fenômenos físicos

#### – *A eletricidade e a faísca*

*A gravitação no mundo astronômico, a eletricidade no mundo físico, o princípio vital no mundo vivo, o espírito no mundo psíquico, regem o Universo.*

*O Universo é dinamismo.*

Averiguamos a irrecusável realidade de sensações, a distância, de mortes ignoradas; o conhecimento que temos de transmissões psíquicas por meio de ondas etéreas permite-nos compreender bem facilmente as sensações mentais. Como contraste, vamos examinar aqui os casos, inteiramente opostos, de revelações de mortes por barulhos, por agitações violentas, por fenômenos mecânicos de naturezas diversas. Esses fenômenos físicos são tão numerosos, tão incontestáveis, que será útil consagrar-lhes capítulo especial, pondo fora de dúvida a sua autenticidade. Confessarei desde já que é atualmente impossível explicar essas manifestações materiais. Isso representa mais uma razão para que as estudemos. Encaremo-las de face. Não são menos frequentes do que as transmissões telepáticas mentais; pelo contrário. Já, de resto, as anotei no capítulo V, que se ocupa das manifestações de moribundos *antes* da morte, especialmente no órgão d'Ernolsheim tocando por si mesmo; no ruído da rua Nobel, em Paris; no leito que se ergue, numa cidade da Espanha; nas agitações ruidosas da casa de Lunéville; nas pancadas que se ouvem, durante oito noites; na persiana de um andar inacessível, etc. Trata-se aqui de fenômenos produzidos por espíritos de vivos. Agora teremos de examinar fenômenos observados à hora da partida para o outro mundo.

As observações exatas feitas em todos os países, nas mais diversas circunstâncias, acerca de mortes anunciadas por barulhos inexplicáveis, pancadas ouvidas, passos, deslizar de pés, movimentos de objetos (estes, na maior parte do tempo, fictícios), são talvez o que há de mais surpreendente nas manifestações que estamos estudando. Há muito tempo já que os meus leitores puderam ser impressionados por tais fenômenos, fora deste trabalho, lendo, entre outros, *O Desconhecido* (o General Parmentier, o deputado e poeta Clóvis Hugues, a religiosa, o Sr. Janvier, P. Bouchard, Mariage, Morisot, Soulairol e tantos outros exemplos autênticos). Veremos ainda outros, mais adiante, no capítulo das “Manifestações de moribundos”. Para transmitir a maior clareza possível ao meu estudo e para evitar aos leitores toda a investigação de análise, fazendo eu mesmo essa análise e essas distinções, queria eu destacar para este capítulo as observações especiais bem características de *anúncios de falecimentos por barulhos produzidos sem causa aparente*.

Não é raro que as mortes sejam anunciadas por fortes pancadas, ouvindo-se não importa onde. É estranho, mas é assim mesmo, e a mais elementar lealdade manda-nos registrar os fatos tais como são. Procuraremos depois explicá-los – se o pudermos fazer – e interpretá-los pelas nossas investigações do conhecimento do ser humano. Em geral, não se tem ousado olhar esses fatos, porque eles são importunos. Isto é uma covardia indigna do dever da ciência livre.

Selecionarei entre os que me foram graciosamente comunicados ou nos que colhi em minhas buscas.

Inaugurarei esta série por uma das mais singulares aventuras.

O presidente da Sociedade de Horticultura da circunscrição administrativa d’Étampes, o Sr. A. Blavet, que estudou a influência da luz colorida sobre a vegetação, por experiências análogas às que eu criei outrora no meu Observatório de Juvisy, fez-me conhecer, em abril de 1900, esta observação curiosíssima, certificada por quatro testemunhas oculares e auditivas e cuja narrativa levava, como habitualmente, os seus ouvintes ao riso:

(CARTA 895)

“Estava no colégio de Sens, no Yonne, e tinha dezesseis anos, quando recebi uma carta de minha irmã que vivia em Étampes, em companhia de meus pais e de uma criada.

Nessa época minha mãe estava muito doente.

Uma noite a campainha – cujo cordão ia da alcova, onde meus pais dormiam, ao quarto da criada, situado no primeiro andar – começou a tocar vibrantemente.

A toda pressa, minha irmã, cujo quarto ficava próximo do da serva, foi chamá-la, descendo ambas para se informarem se minha mãe estava pior ou qual a razão pela qual chamavam. Meus pais replicaram-lhes que estavam a sonhar e que ninguém havia tocado.

No mesmo instante ouviu-se nova campainhada. Meu pai saltou do leito. O cordão da campainha e o seu batente estavam ainda em movimento e a criada, fingindo-se destemida, exclamava:

– Bate, bate, martelo, que me não metes medo.

Havia, portanto, quatro testemunhas, bem acordadas, do que se passava e ninguém poderia tocar a campainha, a não ser uma pessoa que estivesse na alcova. Em seguida tudo reentrou na ordem. Antes de se tornar a deitar, meu pai consultou o relógio, vendo que eram 2 horas e meia. Dois dias depois recebia uma carta de Paris, anunciando-lhes a morte de uma parente.

Querendo verificar se tinha havido coincidência entre o fato ocorrido durante a noite e o falecimento, escreveu para Paris neste sentido, recebendo resposta em que se lhe dizia que, na realidade, fora a essa mesma hora que o decesso do seu parente ocorrera, o que fez com que meu pai exclamasse:

– Não acaba, pois, tudo conosco?

Sem ser religioso, meu pai tinha convicções espiritualistas. Minha mãe era uma crente, sem beatice.

Comunico-lhe este fato, muito circunstanciado, como dos mais notáveis, certamente, e merecendo ser-lhe transmitido. Estou tentado, como o senhor, a inclinar-me humildemente diante de tais inexplicáveis coincidências e considerar-me-ia feliz se essas observações pudessem concorrer para o conduzir a uma solução.

A. Blavet, em *Étampes*.”

Não se pode duvidar de que uma campainha se fez ouvir, foi agitada, sem causa conhecida, e de que esse movimento foi visto e ouvido. Também não há dúvida de que a sua vibração correspondeu com um falecimento. Essas manifestações dividem-se em duas categorias principais muito distintas. Uma são objetivas, outras subjetivas; as primeiras são exteriores às percepções, físicas, mecânicas, materiais; as outras são sensações interiores. No exemplo que relatei viu-se a campainha em movimento; pertence, pois, à primeira categoria. A conclusão é a de que uma força psíquica pode agir a distância sobre a matéria. Isto *já o sabemos por experiência de longa data e muito variada*.<sup>59</sup> É uma confirmação do que conhecemos.

Agora, a causa atuante partirá de um morto ou de um vivente? Nada prova que o referido parente falecesse quando se ouviu a campainha; podia estar ainda vivo. Eis o que esses estudos comparados têm por fim ensinar-nos.

Possuo certo número de observações análogas e, entre outras, uma ocorrida em Niort, que me foi transmitida em fevereiro de 1899 (carta 197), de um toque de campainha inexplicado, coincidindo com a morte de uma vizinha que morava em frente e que manifestara sempre o desejo de ser sepultada pela pessoa a quem o chamamento foi dirigido: toque no próprio instante da morte.

Essas espécies de significações de falecimentos por toques não são muito raras. Observam-se em todos os países e em todas as épocas. Mas a ignorância psíquica é tão geral na Humanidade como a ignorância astronômica – o que é dizer bastante.

Na morte de Sr. Francisco de Sales observou-se esse fato. É relatado por Nicolau de Hauteville, na sua *História da muito antiga e ilustre Casa de S. Francisco de Sales*, 1669, pág. 319.<sup>60</sup>

“No dia 28 de dezembro desse mesmo ano de 1622, Luís de Sales encontrou-se em Thuille com sua mulher e com toda a família; pelas dez horas da noite, aproximadamente, a sineta pendente de uma das janelas da torre do castelo, presa a uma corda que correspondia à parte inferior da escada, começou a tocar por si mesma, fortemente e por diversas vezes. Pensou-se, a princípio, que houvesse chegado qualquer pessoa que tivesse pressa; mandou-se um criado imediatamente abrir a primeira porta, ficando ele surpreendido por não encontrar ninguém. Passado meio quarto de hora, a sineta recomeçou a tocar com mais força; correu-se, de novo, mais prontamente ainda para a porta e, todavia, o criado não encontrou viv’alma. Como isso sucedesse por várias vezes, Luís conheceu perfeitamente que ia suceder alguma coisa inteiramente extraordinária; deu ordem que se desprendesse a corda da sineta, mas então se passou uma coisa maravilhosa, porque ela continuou a tocar e o som durou tanto tempo que toda a família, que estava muito assustada, começou a rezar. Luís fechou-se no seu gabinete e, no ardor da sua prece, soube por ciência, a que pode chamar-se profecia, que seu bem-aventurado irmão, o bispo de Genebra, falecera nessa mesma noite.”

Francisco de Sales, bispo de Genebra e d’Annecy, acabava de morrer, com efeito, em Lião, pelas 8 horas da noite. Direi que os dois irmãos eram muito unidos e que lhes chamavam os indivisíveis.

Esses fatos, dos quais possuo numerosos exemplos, eram classificados: 1º- de *milagres* produzidos pela vontade de Deus, quando andavam associados à vida dos santos; 2º- de farsas diabólicas, quando ocorriam fora das coisas da Igreja; 3º- eram ainda negados, geralmente, como estúpidos. Três interpretações; três erros. Devemos examiná-los hoje com toda a liberdade, servindo-nos deles para o estudo do homem.

Como e de que maneira se produzem eles, no momento da morte?

Por que – e como – esses ruídos, esses movimentos, essas manifestações materiais... por um espírito?

Extraio o seguinte incidente das notas que me foram transmitidas por minha mãe, de quem a absoluta sinceridade, de uma parte, e de outra a perfeita ponderação de espírito, foram apreciadas por todos os que a conheceram:

“Uma noite, em Saint-Thiébault, em nosso quarto de dormir, fomos despertados por grande barulho, ouvindo cair um espelho que estava na chaminé e a caixinha do relógio de teu pai. Levantei-me e verifiquei que o espelho havia caído no fogão, sendo o relógio atirado para uma banda e a sua caixinha para outra. Pensei que se tivesse quebrado tudo e, palavra de honra, muito aborrecida, tornei a deitar-me, sem querer saber de mais nada.

Pela manhã, quando nos levantamos, observamos que nada se tinha partido...

Nessa manhã o distribuidor do correio trouxe-me uma carta anunciando-nos a morte de tua tia Boyet, irmã de teu pai, falecida em Montigny nessa mesma noite. Que significava essa manifestação? A coincidência é, pelo menos, esquisita. Sabes que tínhamos muitas razões de queixa acerca da conduta de minha cunhada para conosco.”

Nada quebrado! Esses casos são verdadeiramente singulares. Tudo se passa como se apenas se tratasse de chamar a atenção. Não se parece, porém, que essas coisas sejam voluntárias, conscientes; a ser assim, isso não teria o menor senso. A distância de Montigny a Saint-Thiébault é de 23 quilômetros, em linha reta. Quer-me parecer, depois de centenas de narrativas que me têm sido enviadas, que essas transmissões são de natureza idêntica.

Eis um fato que tem certa analogia com o precedente. O Dr. Martin escrevia-me de Penne (Lot-et-Garonne), em março de 1899:

(CARTA 148)

“Meu pai vivia a 10 quilômetros de Cahors. Um dos seus irmãos, de uns 40 anos de idade, vivia em Figeac, a 80 quilômetros de distância, pouco mais ou menos, convalescente de pneumonia, creio eu; as notícias que de manhã nos chega-

ram a seu respeito eram excelentes. À noite, no momento em que meu pai, ao se deitar, pousava na mesinha de cabeceira o castiçal, este, ao contato do mármore, fez um barulho inteiramente anormal e, sem saber por quê, meu pai, muito assustado, disse-me:

– Meu irmão morreu!

A sua convicção foi tão segura que ele partiu, em plena noite, para Cahors, à procura do seu outro irmão (um velho cônego muito pouco crédulo) e anunciou-lhe a triste nova. Mandaram chamar imediatamente um carro de aluguel que, mesmo nessa noite, os conduziu a Figeac. Seu irmão morrerá horas antes de eles chegarem.”

Em nosso desejo de explicar os fatos pelas causas naturais mais simples, pensamos primeiro que teria havido aqui uma ilusão de ouvido associada a um pressentimento. Mas essa partida de noite para uma viagem de 80 quilômetros e a coincidência verificada levam-nos a sentir a realidade de uma transmissão telepática... magnética... elétrica... inominada (o nome ainda não foi encontrado).

Continuemos.

Recebi de um ministro plenipotenciário bem conhecido – que me pediu para não lhe revelar o nome – a seguinte narrativa de manifestação de moribundo, que nos convida, ela também, a associarmos a eletricidade a essas transmissões psíquicas:

(CARTA 964)

“Conheço um caso muito curioso de um esmoler, o padre F. R., de quem não só o caráter eclesiástico, mas sobretudo as qualidades pessoais me não permitem a menor dúvida acerca da veracidade dos fatos em todos os seus pormenores. Comunico-lhe fielmente (só para o senhor) os nomes e os endereços; mas, se publicar esta narração, peço-lhe que não indique senão as iniciais. A observação foi feita em presença do padre acima referido e de toda uma classe do seminário d’O., inclusive o professor X., que atualmente ocupa uma sede arquiépiscopal. Trata-se, pois, de um desses casos em



que a manifestação foi observada por numerosas testemunhas que não as primeiras pessoas que chegam.

Em 1889 o seminarista F., de cerca de 23 anos, estava gravemente enfermo, o que o impedia, havia muitos meses, de seguir as lições do seu curso. Ao longo da parede encontrava-se um cabide, no qual havia lugar reservado para as peças de vestuário de cada um dos alunos. Dada a ausência prolongada de F., um dos seus camaradas tomara posse do lugar que lhe pertencia e pôs nele o seu chapéu.

Ora, uma vez, entre as onze horas e o meio-dia, enquanto toda a classe seguia com atenção a lição do professor, o chapéu que estava no lugar que pertencia ao ausente começou a dar sucessivas voltas, sem que para isso se descobrisse a menor razão plausível. O movimento foi tão forte e durou tanto tempo (quase um minuto) que atraiu a atenção dos alunos e mesmo do professor, e produziu tal impressão que se falou disso durante o dia. Sentiam todos que alguma coisa estranha devia estar-lhe associada.

Efetivamente, na tarde do mesmo dia um telegrama trouxe a notícia da morte do aluno F., ocorrida precisamente na hora em que o chapéu que estava no cabide chamou a atenção dos seus condiscípulos.

*Barão de M.”*

Não nos parecerá tudo isso absurdo, ridículo, incrível? É o mesmo que Ptolomeu pensava da hipótese do movimento da Terra: “soberanamente risível”.

É também o efeito produzido pelas patas agitadas das rãs de Galvâni.

Veremos ainda muitos.

A seguinte manifestação de morte, por violenta rajada de vento, é análoga à que me assinalou o General Parmentier e que vem em primeiro lugar no capítulo III do meu livro *O Desconhecido*. Foi-me enviada de Budapeste, em 1900, e textualmente transcrita:

(CARTA 988)

“Caro irmão:

Se eu me permito escrever-lhe com este nome é porque me sinto seu irmão na idéia comum que fazemos das faculdades ainda ocultas da alma humana. Creio que é do meu dever informá-lo de um fenômeno pertencente à categoria daqueles que analisa.

Meu pai estava doente, havia muitas semanas, com forte nevralgia que o debilitava de tal maneira que, na sua idade de 75 anos, a morte era muito para temer. Estávamos, eu e minha mulher, em estado de contínua expectativa, quando, na noite de 4 para 5 de abril, fomos despertados em sobresalto por *terrível rajada de vento que abriu com grande estrondo* a janela do quarto próximo, a qual tínhamos ouvido fechar, à noite, pela criada. Sentimos a corrente de ar entrando por debaixo da porta que separava os dois quartos e que estava fechada.

Tive de repente a sensação de que meu pai *podia ter morrido*. Acendi a luz e vi *que passavam alguns minutos das três horas*.

Não disse nada a minha esposa, para não sobressaltar o seu repouso; mas quando, no dia seguinte, recebemos por telegrama a notícia fatal da morte de meu pai, minha mulher confessou-me que também tivera, no momento do nosso despertar, sensação semelhante, mas *mais positiva* do que a minha, isto é: ao passo que eu pensava na possibilidade do fim, ela tinha a *certeza*.

Acrescentarei ainda que a rajada de vento era de uma força excepcional.

Quando chegamos ao lugar em que meu pai vivia (Francisco, na Hungria, a 175 quilômetros daqui, em linha reta), um dos meus primeiros cuidados foi saber a hora em que ele morrera; a resposta foi esta: – *meu pai morrera alguns minutos depois das 3 horas*.

Não fui vítima de uma ilusão, sendo calmo e refletido por natureza e estou, pela minha profissão de engenheiro eletri-

cista, habituado a observar minuciosamente, a não ser apressado nas minhas conclusões.

Dou-lhe a minha palavra de que nada acrescentei ou omiti às circunstâncias que me parecem essenciais para o julgamento do fato e autorizo-o a publicar o meu nome e a minha situação.

Pode pedir informações a meu respeito ao Sr. Désiré Korda, diretor do serviço elétrico da Companhia Fives-Lilles (Paris, rua Caumartin) e ao Sr. Maurício Loewy, diretor do Observatório de Paris.

Antes, caro irmão, a expressão sincera da minha consideração mais profunda.

*Leopoldo Stark*  
Budapest II, Coivohaz, 34, rua Hungria.”

Segundo essa narrativa, que publiquei integralmente, o fato não pode deixar a menor dúvida em nosso espírito, ainda que seja absolutamente inexplicável para a nossa atual ciência. Juntamos materiais, como Tycho-Brahe para Képler. Se tivéssemos apenas um caso único desse gênero, poderíamos, em rigor, contentar-nos com a suposição de uma rajada de vento que chegasse ao ponto fixado por coincidência fortuita; mas há muitos outros e perfeitamente averiguados.

A observação seguinte, não menos inegável, é do mesmo gênero.

Numa carta que recebi, em 1899, do Sr. Marius Marioge, havia dois fatos a reter na memória. Mencionei apenas um (*O Desconhecido*, capítulo III, caso XLVII). O seguinte tem aqui o seu lugar:

(CARTA 104)

“Meu chorado avô, morto depois, homem de sólido espírito, de raciocínio são e dos menos inclinados às alucinações, contou-mo bastantes vezes. Confiando em si, tendo ouvido bem, certificando-se por si mesmo, nunca fez a menor concessão senão quando quiseram insinuar-lhe, no momento em que contava o caso pela centésima vez sem lhe mudar uma

sílaba, que talvez, sem ele saber, fosse o joguete de um sonho ou logrado por uma sonolência. Cedo-lhe a palavra:

“Minha cunhada, moça de 19 anos, caiu doente pouco depois do meu casamento com sua irmã. A doença foi muito demorada e, em fins dessa triste quadra de outono que devia levá-la, esperando em cada dia um desenlace fatal, toda a nossa família passava as noites perto dela. Devo dizer-lhe que essa querida amiga tivera sempre por mim a maior ternura, chamando-me constantemente para junto do seu leito. Eu vivia, então, na extremidade da povoação oposta à que ela habitava. Repousava um pouco, entregue aos meus tristes pensamentos, porque bem previa que essa existência não poderia durar muito, quando, de súbito, e por três vezes consecutivas, *fortes pancadas agitaram as portadas e a sacada*, ambas fechadas com fechos de correr e cuja janela dava para pequeno pátio cercado de casas, sem aberturas para o nosso lado. Levantei-me, abri a sacada, os reposteiros, e verifiquei que nada estava danificado; mas tive o pressentimento de que minha cunhada acabava de expirar. Desci e teria andado apenas uns vinte passos na rua, quando uma vizinha me disse, chorando:

– Ela morreu!

– Já o sabia – respondi.”

É seguramente estranho, fantástico, incompreensível: uma encantadora mocinha que morre na mais tenra idade e cuja morte se manifesta por abalos furiosos, sacudindo janelas! Esses fenômenos físicos brutais lembram-nos os movimentos da faísca e da eletricidade. Talvez que a comparação de todos esses fatos estranhos nos forneça uma solução. Falaremos a respeito mais adiante.

A minha banca de trabalho está sobrecarregada, no momento, de numerosas observações desse gênero.

Escrevia-me um leitor, no princípio do meu inquérito:

(CARTA 178)

“Para corresponder ao seu desejo, formulei as suas perguntas aos quinze rapazes do meu curso de adultos. Treze de entre eles responderam-me que jamais tinham ouvido falar de fatos dessa ordem; dois, porém, declararam conhecê-los. Eis o principal. Foi um moço de 23 anos quem mo contou. Sua mãe ouviu, uma noite, nas águas-furtadas que ficavam por cima do seu quarto, *um barulho formidável, semelhante ao de uma pilha de madeira que aluísse*, o que a despertou em sobressalto e que continuou ainda durante alguns segundos. Três dias depois uma carta anunciava-lhe que, provavelmente no mesmo instante (ela não havia anotado a hora), um dos seus parentes próximos tinha falecido em Montbéliard.

Foi só ao ter conhecimento dessa morte que estabeleceu correlação entre ela e o barulho que ouvira e do qual toda a sua família em vão procurara a causa, na manhã seguinte. Se o senhor vir nisso qualquer interesse, estou à sua disposição para pedir informações complementares aos dois mencionados rapazes e dar-lhe os nomes deles, se a isso me autorizarem, do que não duvido.

*Méline*

Professor de Thiéfosse (Vosgos).”

Outra manifestação material correspondendo a uma morte. Reproduzo-a da carta recebida em março de 1899:

(CARTA 101)

“Eu e meu pai habitávamos o Isere. Um dos nossos amigos achava-se gravemente enfermo e todos os dias se esperava o seu falecimento.

Uma noite, depois de o visitarmos, deitamo-nos bastante fatigados (porque ele vivia a uma distância de 3 ou 4 quilômetros da nossa casa). Estávamos havia instantes apenas na cama, *quando se ouviu violenta pancada à cabeceira do leito, ao passo que um sopro imperceptível agitava os cortinados*. Meu pai saltou da cama, exclamando:

– Morreu!

Viu que horas eram e vestiu-se à pressa para voltar para a casa do seu amigo.

O doente morrera no momento em que tínhamos ouvido a pancada e percebido o sopro.

Garanto-lhe a exatidão do fato. Pode dizer-se que há aqui uma coincidência extravagante, que o móvel estalou, por acaso, que os cortinados devem ter sido agitados por alguém; pode dizer-se tudo quanto se quiser. Mas o fato é este.

*Texier*

Escriturário de Marinha,  
Fundição de Ruelle (Charente).”

Cortinados agitados por sopro imperceptível. Observei-o muitas vezes em minhas experiências com Eusápia Paladino e com outros médiuns, como se viu em *As Forças Naturais Desconhecidas*. Este título será durante muito tempo aplicável a tais estudos.

Pensamos na eletricidade? Mas que é a eletricidade? Uma *força desconhecida*. Continuemos a procurar.

A carta seguinte foi-me dirigida de Abrets (Isere), a 13 de abril de 1899:

(CARTA 595)

“Meu bisavô materno, José Bardin, que morreu há 43 anos, na idade de 80, era um homem que havia conservado as tradições patriarcais e piedosas dos tempos passados. Tinha em Abrets uma tabacaria e desempenhava ao mesmo tempo as funções de secretário da *Mairie*.

Todas as noites, no meio de sua numerosa família, fazia-se ouvir em alta voz a oração em comum, em compartimento contíguo ao estabelecimento. Uma noite, cerca das 9 horas, quando toda a família orava, produziu-se *um ruído extraordinário* na loja, como se se tivesse imprimido um abalo formidável ao pesado balcão, *fazendo ressoar ruidosamente as balanças e todos os objetos* que nele se encontravam. Todos

correram para o compartimento referido, procurando o motivo de tão insólito barulho. Com grande espanto, encontrou-se cada coisa no seu lugar e nada de anormal se descobriu. Continuando-se a oração interrompida, ouviu-se novo estrondo, inteiramente idêntico ao primeiro. Diante da inquietação geral, meu bisavô recomendou que ninguém se movesse, acrescentando que tal barulho devia ser provocado pela alma de um membro da família que acabasse de falecer. Esclareceu ainda que era provável que se tratasse de sua mãe, que vivia em Charavines, e recitou um *De profundis*. Ora, durante essa noite um portador, partido de Charavines, que ficava à distância de 17 quilômetros, confirmou as previsões de meu bisavô, anunciando-lhe que sua mãe morrera. A hora do falecimento coincidiu exatamente com a hora em que o ruído da véspera se produzira.

*E. Deschaux*

Proprietário em Abrets (Isere).”

Cabem nesse caso as mesmas reflexões que empreguei para as narrativas precedentes. Essas observações são numerosas e irrecusáveis. Por vezes são mais complicadas do que as anteriores.

A comunicação seguinte é particularmente interessante, no que nos mostra: 1º- uma transmissão telepática de moribundo (ou de morto) à hora do falecimento, com passadas que se ouviram e grande ruído; 2º- conversação em sonho com o morto, a qual, todavia, pode ser devida ao subconsciente da narradora. Não classifico esta observação entre os fatos do tomo III, porque a ação do falecido não está demonstrada nela, sendo no entanto possível. Leiamos essa circunstanciada carta:

(CARTA 584)

“Em 1870 tinha eu um irmão de 16 anos ao qual eu amava como filho. Apanhara ele um resfriado geral que degenerara em tísica galopante, e viera passar algum tempo comigo. Eu vivia então à beira-mar, onde o ar é muito vivo. Ao cabo de algumas semanas, notei que meu irmão perdia as forças.

Mandei chamar o meu médico, que me aconselhou a tornar a mandá-lo para casa de minha mãe, na Bretanha, onde o ar era mais suave e onde ele poderia, ao que afirmava, viver ainda alguns meses; de outra forma não teria vida para mais de quinze dias. Segui o conselho e fui levá-lo a Nantes. No momento de me deixar, pediu-me um anel que eu trazia e que ele estimava muito; em face de tal desejo, tirei o anel do meu dedo, passando-o para o seu, depois de o ter obrigado a prometer-me que esse anel não sairia da sua mão e que, se algum dia deixasse de agradar-lhe, mo tornaria a entregar, e de o não dar a ninguém. Meu irmão fez-me essa promessa. Desculpe-me, caro mestre, estas minudências, mas são necessárias para esclarecer os fatos que vou referir. Isso se passava em junho de 1870.

A 14 de agosto do mesmo ano, pela meia-noite, estava eu ocupada com um trabalho urgente e a minha criada permanecia perto de mim. A casa era habitada por duas pessoas: o proprietário e eu. De repente ouvimos a porta da rua, que havia sido aferrolhada às 11 horas pelo proprietário, *abrir-se e fechar-se com estrondo*. Olhamo-nos, eu e a minha criada, perguntando-nos quem poderia ser, àquela hora.

– Sem dúvida, é o dono do prédio – disse eu à serva –. Ouçamo-lo subir.

A porta que dava para os compartimentos do proprietário ficava em frente das escadas, ao passo que, pela minha, era preciso voltar à direita e seguir o corredor. Ouvimos passos muito pesados e arrastados de homem, justamente como se fossem de um enfermo que mal pudesse marchar. Esses passos, em vez de se deterem diante da porta fechada fronteira às escadas, viraram, pelo contrário, à direita e tomaram a direção do meu compartimento. Impressionada, levantei-me de um salto e fui dar uma volta à chave que estava na fechadura, dizendo em voz alta: “Ninguém entrará em minha casa” e voltei a sentar-me no meu canapé, comprimindo com as mãos as pulsações precipitadas do coração. Quanto à minha criada, estava lívida.



Havia apenas dois ou três minutos que me tinha sentado, quando um *barulho espantoso*, semelhante a móvel que tomba, nos fez tremer. Erguemo-nos, procuramos em vão a causa de tal barulho. Não encontramos nenhum móvel nem qualquer outro objeto caídos. Então, imediatamente, o nosso pensamento se voltou para meu irmão. Nós ambas, sem querermos confessá-lo uma à outra, com receio de nos apavorarmos, reconhecemos o seu andar pesado, arrastando-se.

Na manhã seguinte, 15 de agosto, recebi um telegrama anunciando-me que ele acabava de morrer. Sem perda de tempo, escrevi a minha mãe, por não poder fazer a viagem, pedindo-lhe que tirasse o anel do dedo de meu irmão e que mo enviasse, atendendo a que era, para mim, recordação preciosa. Recebi, dois dias depois, uma resposta, dizendo-me ser impossível fazer o que eu solicitava, porque meu irmão, antes de morrer, tirara o anel da sua mão, passando-o para o dedo de minha irmã mais nova. Como não podia duvidar das palavras de minha mãe, não insisti, mas não estava satisfeita, sem dúvida, e fiz, mentalmente, censuras à falta de palavra do doente.

Durante mais de dois meses pensei nisso, contra minha vontade. Uma noite sonhei que via meu irmão deitado no seu ataúde e, aproximando-me dele, ajoelhei, ergui-lhe a frente, beijei-o e disse-lhe:

– Não é correto que alguém viole a sua promessa; sabias que eu tinha grande estima pelo anel e que só a grande afeição que te consagrava fez que me privasse dele para to oferecer. Por que não mo mandaste, pois, em vez de o dares à nossa jovem irmã?

A estas palavras, observei que meu irmão me contemplava com fisionomia triste e enfadada, respondendo:

– Minha pobre irmã, eu não dei o teu anel; arrancaram-mo antes que eu o tirasse, no instante em que soltava o último suspiro; mentiram-te; quem mo tirou foi a nossa irmã.

Impressionada por essas palavras, despertei em sobressalto, não conseguindo readormecer. Tinha apenas uma idéia

fixa: informar-me com exatidão e saber se, na verdade, me haviam enganado, adquirindo assim a certeza de que os mortos podem visitar-nos, durante o sono. Tempos depois minha mãe veio visitar-me. Comuniquei-lhe o meu sonho e, com grande espanto meu, vi-a empalidecer, exclamando:

– Isso é exato. O que teu irmão te contou é a pura verdade; mas eu não queria dizer-to.

*Mme. Bovolin*  
Em Saint-Amand (Cher).”

O nome da signatária não é estranho aos meus leitores (ver *O Desconhecido*, capítulo IX, caso XLVI).

Que concluir dessa narrativa?

Acusar a narradora de ter inventado uma história é coisa que não embaraçaria talvez algumas pessoas. A mim, embaraçar-me-ia e consideraria tal acusação como radicalmente inaceitável. Por outra parte, poder-se-ia tentar aplicar aqui a velha hipótese da alucinação, tão estimada pelos fisiologistas. Mas para isto seria necessário ouvir essa hipótese às duas pessoas que, ambas: 1º- ouviram os passos na escada; 2º- reconheceram o andar; 3º- escutaram o ruído de um móvel a tombar. Confessemos que isso é muito complicado. É preciso, depois, associar essa pretensa alucinação à coincidência da morte, o que indica uma relação de causa com efeito. Em terceiro lugar é indispensável ainda explicar a revelação da oferta do anel.

O irmão da narradora é, seguramente, o autor da manifestação *no momento da morte* (passadas ouvidas e barulho no compartimento); pode ter agido de tal modo ainda vivo e o fato não provaria absolutamente o ato de um defunto.

A aparição em sonho prova-o? Absolutamente tão-pouco, porque a suspeita da possível subtração do anel do dedo do agonizante ou do morto, por sua irmã, pode nascer no espírito da Sra. Bovolin. As preocupações, as idéias, tomam no sonho uma forma precisa. Esta pode associar-se à imagem do morto. Não é raro que se creia ver e ouvir em sonho mortos e personagens imaginários.

O leitor destas páginas é um ser razoável, ponderado, liberto de toda idéia preconcebida. Entrego-lhe as peças do processo, de que pode dar-se conta tão bem como eu. Ele admitirá, creio-o, que o mais provável é que a narradora pudesse pensar, sem o intermediário do morto, que o anel tivesse sido tirado do dedo por sua irmã e que o sonho fosse a conseqüência dessa suposição. Não inscrevo, pois, este documento nas manifestações de mortos (ainda que a negativa não seja certa), mas nas manifestações de moribundos no instante do decesso. Que o nosso método se conserve severo! É pela livre discussão dos fatos que a nossa instrução avançará. Acabamos de assistir as cenas de ruídos e barulhos tão incompreensíveis uns como outros e, no entanto, impossíveis de negar. Recebi numerosas observações análogas que seria desmedidamente longo reproduzir. Entretanto, cada uma delas tem o seu interesse.

Eis uma carta devida a um dos fundadores da Sociedade Astronômica de França, em 1887, o meu laborioso colega A. Schmoll, que associa a observação das curiosidades do céu às composições musicais que têm feito tão excelentes alunos em toda a Europa:

(CARTA 815)

“Paris, 30 de novembro de 1899.

Senhor e caríssimo mestre:

Ontem tinha, ao almoço, meu sobrinho, o reverendo Palmace, procurador geral do Sagrado Coração, 33, rua de Picpus. Como eu lhe dissesse que o havia encontrado, ao senhor, na véspera, e qual tinha sido a nossa conversação, começou a contar-me os dois fatos inclusos. O primeiro deles era-me vagamente conhecido, desde a minha juventude; deve ter-se passado em 1855. Quanto ao segundo, já meu sobrinho mo havia transmitido nos mesmos termos há uma dezena de anos; mas não se lembrava disso e julgou que mo comunicava ontem pela primeira vez (pormenor que é talvez útil não esquecer). Foi a meu pedido que ele redigiu, para o senhor, a narrativa que vai mais adiante.

Contei-lhe, verbalmente, um outro fato idêntico que, na minha infância, por 1844 ou 1845, ocorreu na minha casa paterna. À distância de duas léguas da nossa morada vivia uma nossa velha tia, doente. Uma noite, pelas 2 horas da manhã, *um barulho enorme* ouviu-se de repente na escada (da nossa casa) que conduz do 1º ao 2º andar. Era como se o pesado baú que estava no patamar se tivesse *precipitado de alto a baixo nessa escada!* Minhas irmãs, que dormiam em quartos diferentes, tanto no primeiro como no segundo andar, acordaram assustadíssimas. Foi a tremer que acenderam a lâmpada e se dirigiram ao patamar para ver o que se teria passado. Nada viram de anormal. Tudo estava no seu lugar, nenhum móvel fora desarranjado. No dia seguinte, pelas 7 horas, vieram informar-nos de que *nossa tia morrera pelas 2 horas da madrugada.*

Seu profunda e sinceramente devotado

A. Schmoll.”

Eis a carta do padre:

(CARTA 815)

“*Primeiro fato* – Lembro-me perfeitamente (contava eu talvez doze a quinze anos) de que meu venerando pai tinha um amigo íntimo que amava ternamente. Vivia à distância de dois quilômetros da nossa casa. Adoecendo gravemente, meu pai foi visitá-lo. No regresso disse-nos:

– Parece-me que o meu velho Adams não passará desta noite.

Deitamo-nos pouco depois das 9 horas, se bem me recordo. Pelas 10 horas fomos despertados por um encontrão atirado à porta exterior (que nunca era fechada à chave); passos pesados e arrastados detiveram-se à nossa porta. Todos reconhecemos imediatamente a marcha entorpecida pela idade e muito característica do nosso grande amigo Adams, que sabíamos, no entanto, estar agonizante em sua casa. Meia hora depois vieram trazer-nos a notícia do seu decesso que ocorrera na hora pressentida por nós.

*Segundo fato*– Há vinte e cinco anos era eu professor em nosso colégio de S., grande cidade da América do Sul. Entre as famílias distintas dos nossos alunos, uma havia que me era particularmente querida. A bisavó da mãe de um dos meus discípulos, a marquesa de ..., espanhola de nascimento e com mais de cem anos de idade, tinha por mim terna afeição: chamava-me o “seu neto”. O meu ministério sacerdotal obrigava-me a fazer-lhe visitas freqüentes. Na véspera da sua morte fui vê-la para lhe dar as últimas consolações da nossa santa religião. Agradeceu-me com efusão a minha “filial caridade” a seu respeito. Deixei-a muito tarde, já de noite. Chegado a casa, deitei-me, mas pouco depois de ter adormecido fui acordado por terrível grito que parecia atravessar muito lentamente o meu quarto. Apavorado, saltei do leito, acendi a vela e... reconheci perfeitamente nesse grito de angústia a voz da minha venerável amiga, a marquesa. Para não tomar aquilo como ilusão da minha parte, escrevi imediatamente, num pedaço de papel: “São 2 horas e meia da madrugada e ouço perfeitamente a voz da bisavó. Terá ela morrido nesta mesma hora?” (a marquesa vivia à distância de 20 minutos da minha casa).

Às primeiras horas da manhã vieram chamar-me ao parlatório. O visitante era um neto da marquesa. Antes que ele me tivesse dito uma única palavra, mostrei-lhe o papel mencionado.

– Foi precisamente nessa hora – disse-me ele – que a nossa bem-amada avozinha morreu, *soltando um grande grito*. Ficamos espantados...”

Inscrevamos esses três episódios: 1º- barulho formidável; 2º - pesados passos ouvidos; 3º- grande grito.

Na observação precedente ouviu-se *ruído de passadas* – e igualmente numa outra (da Sra. Bovolin). Essa observação não é rara. Encontra-se por toda parte... até na vida do sábio botânico Lineu.

Esse célebre naturalista sueco deixou, ao morrer (em 1778), um manuscrito de 200 páginas aproximadamente, destinado a

seu filho. Esse manuscrito foi encontrado, em 1823, entre os papéis do Dr. Acrel, entregue à Universidade d'Upsal e publicado. Nota-se nele uma das manifestações de moribundo, por passos ouvidos.

Durante grande parte da sua vida, Lineu anotara muito conscienciosamente os fatos que lhe pareciam estranhos e inexplicáveis. Há aí, em numerosas narrações sobre os sonhos, as intuições, as aparições, fatos que interessam a Psicologia. Eis o concernente ao quadro deste capítulo:

“Na noite de 12 para 13 de julho de 1765 – escreve ele –, pela meia-noite, minha mulher ouviu andar alguém durante muito tempo, com um passo pesado, no meu museu. Chamou-me. Ouvi essa marcha também, embora tivesse a certeza de que ninguém podia encontrar-se aí, estando as portas fechadas e as chaves no meu bolso. Dias depois soube que o meu mais fiel amigo, o comissário Karl Clerk, *havia morrido precisamente à mesma hora*. Era bem o andar dele; reconheci Clerk, em Estocolmo, só por ouvi-lo caminhar.”<sup>61</sup>

Essas manifestações são em tão considerável número que, em lugar de um capítulo, poderiam formar um volume; vemo-nos apenas embaraçados na escolha, para as examinar e adotar. A que segue vai impressionar-nos muito particularmente.

Uma dupla audição anunciando uma morte foi transmitida ao Dr. Richet pelo Sr. Teófilo Lemonnier, farmacêutico em Rennes, audição tanto mais digna de atenção quanto é certo ter ela sido dirigida independentemente a duas pessoas diversas. Ei-la:

“Uma noite de setembro de 1891, pelas 5 horas e três quartos, o Sr. Lemonnier foi despertado por um *barulho insólito, violento, nos taipais* da sua farmácia. Esse barulho persistiu durante um ou dois minutos. Vestiu-se à pressa e foi abrir: apenas viu na rua os varredores que ele interrogou e que lhe afirmaram não terem visto ninguém. Havia, de resto, à porta da botica uma campainha, e um cliente ter-se-ia servido dela, em vez de bater de tal modo.

Aturdido pelo inexplicável incidente, o Sr. Lemonnier re-entrou no seu quarto, para acabar de vestir-se. Pelas 7 horas

viu chegar um dos seus melhores amigos, o Sr. Nivot, cirurgião-dentista.

– Bravo! – exclamou o farmacêutico. – Que te traz por aqui a esta hora matinal?

– Palavra de honra – respondeu ele – que é uma coisa muito estranha. Imagina que, pelas 6 horas menos um quarto fui bruscamente despertado por um barulho anormal; batia-se com força à porta do meu quarto... “Mais devagar – bradei –, eu não sou surdo! Quem está aí?” Mas o barulho continuou e apressei-me a ir abrir a porta. Não estava ninguém e em minha casa toda a gente dormia ainda. Vesti-me, pensando numa brincadeira qualquer, e desci a escada rapidamente. A grade de entrada havia ficado fechada e o porteiro afirmou-me que ninguém entrara em casa.

– Bem, meu caro amigo, aconteceu-me a mesma coisa, e eis porquê me vês de pé a esta hora – atalhei eu.

Olhamo-nos um momento e, ao mesmo tempo, exprimimos pensamento idêntico:

– O nosso pobre Escolan deve ter morrido.”<sup>62</sup>

Escolan era um dos seus amigos, antigo advogado, violoncelista distinto, que, acabrunhado pelo infortúnio, quase cego, gravemente enfermo, não havia sido amparado, nos últimos tempos, senão pela abnegação dos Srs. Nivot e Lemonnier, que o iam ver, todos os dias, ao hospital. Um laço indestrutível unia os três amigos. Dirigiram-se imediatamente ao hospital. O vigia de noite, ao vê-los chegar, fez-lhes um sinal que eles compreenderam imediatamente.

– Morreu? – interrogaram.

– Sim.

– A que horas?

– Às seis menos um quarto.

Esta advertência mecânica, da qual temos tantos exemplos, precedeu a morte, seguiu-a, ou coincidiu exatamente com ela? Parece que houve coincidência exata, como no caso da execução de Gastão Crémieux, em Marselha, a 30 de novembro de 1871, e

da sua manifestação por pancadas repetidas, na célula do seu amigo Clóvis Hugues (*O Desconhecido*, capítulo III, caso VII), e como ainda em cem outros exemplos.

A Srta. Gabriela Renaudot, membro da sociedade Astronômica de França, colaboradora da *Revista Científica*, da *Revista Geral de Ciências*, da *Natureza*, do *Jornal da Juventude*, etc. comunicou-me em 1907 o seguinte fato, que publiquei nos *Anais das Ciências Psíquicas* de agosto de 1907:

“Este curioso acontecimento foi observado em outubro de 1906, na cidade de Annecy. Uma jovem, casada havia um ano, atacada de tísica pulmonar, sentindo-se um dia mais fatigada do que de costume, não saiu de casa, ao contrário do que costumava fazer, consentindo mesmo que o marido ficasse junto dela. Uma das suas amigas, a Sra. Balemand, de 20 anos de idade, foi também fazer-lhe companhia. O marido, sabendo que a sua pobre doente estava próxima da derradeira hora, temia que ela morresse sem os últimos sacramentos; mas, por outra parte, não ousava chamar um padre, com medo de assustar sua mulher, que, não sendo devota e não duvidando, de forma alguma, da gravidade do seu estado, recusava toda intervenção religiosa.

No entanto, preveniu-se discretamente um padre, que chegou até junto da doente, como por acaso, para a visitar. Durante a conversa falou-lhe da confissão. Ela, porém, respondeu-lhe que, não crendo morrer proximamente, refletiria sobre as disposições que poderia tomar mais tarde. No entanto consentiu que dissessem uma missa por ela. O padre deu-lhe a bênção e partiu imediatamente para a igreja. Enquanto ele rezava a missa, a tuberculosa morreu. Seu marido e sua amiga, a Sra. Balemand, assistiram aos seus derradeiros instantes. Ora, alguns minutos depois do decesso, ouviram *três grandes pancadas* à porta. O marido da defunta foi abrir, perguntando quem batera. Não obteve resposta. Ninguém. Voltou a sentar-se junto do leito da morta. Pela segunda vez *três pancadas violentas* ressoaram à mesma porta. Foram de novo abri-la. Também ninguém...



A Sra. Balemand, que me contou isso, é uma senhora de espírito são, nada supersticiosa, não devota, e que ficou tão profundamente impressionada com esse fato de que foi testemunha que, a partir desse dia, nunca mais ousou entrar na antiga habitação da sua falecida amiga.

*Gabriela Renaudot.*”

Parece-me que, em face do conjunto desses numerosos testemunhos, ser-nos-á impossível duvidar da realidade de tais fatos, por mais inexplicáveis que sejam.

O erudito escritor Eduardo Noel contou-me uma transmissão telepática conservada na sua família, de autenticidade indiscutível, cujo valor a sua antigüidade não diminuiu. Eis um extrato da sua carta, que me foi dirigida em novembro de 1918:

(CARTA 4.057)

“O meu livro *A segunda viagem de Micromegas ao planeta Terra* aparecerá brevemente e confio que lhe agradará. Enquanto se não publica, constituo-me no dever de lhe assinalar, para as suas tão sinceras e escrupulosas investigações, um incidente de telepatia ocorrido na minha família e que, seguramente, o impressionará.

Tinha eu uma tia que vivia perto de Arras, em 1812. Chamava-se Leblanc e tinha um filho, oficial do Exército francês, então na Rússia.

Uma noite, durante o seu sono, foi despertada por um barulho insólito de *saraiva ou metralha*. Acendeu a sua candeia e abriu a janela do quarto, podendo verificar que a noite estava muito calma e que fazia um luar muito belo. O ruído cessara com a luz. Depois de alguns momentos de reflexão e sem que ela pudesse observar qualquer coisa de anormal em sua casa, tornou a deitar-se, adormecendo.

Apenas cerrara os olhos e a mesma crepitação de metralha a acordou novamente. Então, inquieta, pensou no filho:

– Estêvão – pensou ela – não voltará mais.

Aproximando-se da sua pequena secretária, escreveu a sua reflexão num livro de apontamentos, aguardando que a manhã surgisse. A partir desse dia não tornou a receber notícias de seu filho.

Firmada a paz, dirigiu-se ao Ministério da Guerra, sabendo que seu filho caíra morto no mesmo dia em que ela fora angustiada pelo fenômeno mencionado.

Pela cópia exata,

*Eduardo Noel.*”

Repitamo-lo: até ao presente, era-se levado a atribuir esses ruídos, correspondentes a falecimentos, a alucinações do ouvido, a fortuitas coincidências, do mesmo modo que as visões às perturbações da vista. Essas coincidências são conhecidas como muito numerosas, agora que as estudamos seriamente, para que essa apreciação superficial possa subsistir.

Foi no espírito da Sra. Leblanc que tudo se passou. Nada de exterior. Impressão mental. Como se produziu essa forma de advertência? Ignoramo-lo.

Como notamos no princípio deste capítulo, a propósito de S. Francisco de Sales, tais observações são de todos os tempos.

Walter Scott foi testemunha de ruidosa manifestação de morte, segundo o seu biógrafo Lockhart, que publicou a seguinte carta, escrita pelo autor de *Ivanhoé* ao seu amigo Daniel Terry, a 30 de abril de 1818.

Construía-se então a ala nova d'Abbotsford, e Scott vivia numa parte antiga. Eis um resumo dessa carta:

“... O estado em que a minha casa se encontra provocou perturbações misteriosas. Fomos despertados, na penúltima noite, por violento barulho, *como se se arrastassem tábuas na parte nova*. Supus que tivesse caído alguma coisa e não pensei mais nisso. Eram duas horas da madrugada. Essa noite, à mesma hora, ouviu-se idêntico ruído. A Sra. Scott, como sabe, é muito tímida; levantei-me, pois, com o grande sabre de Beardie na mão:

*Direito como uma estaca  
Pronto a bater-me.*

Mas tudo estava em ordem e não pude perceber o que teria causado tamanho estrondo!”

O Sr. Lockhart acrescenta: “No dia em que o Sr. Terry recebeu essa carta, em Londres, almoçava com o Sr. Guilherme Erskine e estavam muito penalizados com a morte súbita de Georges Bullock, ocorrida na mesma noite, ao que parece, em que Scott foi acordado pelo “barulho misterioso” de que fala aqui. Bullock havia sido encarregado de mobiliar os novos compartimentos de Abbotsford, e fizera-se estimar de todos, novos e velhos. Uma semana depois Scott escrevia de novo a Terry:

“Não o impressionou a coincidência fantástica das nossas perturbações noturnas d’Abbotsford com o triste acontecimento que se seguiu? Juro-lhe que o barulho era semelhante ao que faria meia dúzia de homens a trabalharem ativamente, *colocando pranchas e arranizando móveis*, e não havia em tal momento, todavia, ninguém nesse lugar; nada mais certo. Com mais algumas informações, a história poderia figurar na coleção de Granville ou d’Aubrey. Pode, aguardando, anotá-la, assim como as advertências do pobre Dubisson, como coincidência notável.<sup>63</sup>

*Walter Scott.”*

Nesses ruídos, arrastar de objetos, movimentos mais ou menos violentos, estrondos de intensidades variadas, convém distinguir os reais dos imaginários ou fictícios. Nestes mesmo, há uma causa exterior aos percipientes, são objetivos e, no entanto, reais sob determinado ponto de vista. Assim, por exemplo, se começarmos pelo primeiro que relatei (*O Desconhecido*, capítulo III, caso I), o do General Parmentier, uma janela fechando-se com grande ruído e reabrindo-se imediatamente, sem tombar uma garrafa com água posta diante dela, podemos supor uma ilusão da vista e do ouvido experimentada pelas testemunhas, causada por comoção partida do caçador que acabava de ser

morto no momento em que os seus amigos o esperavam à mesa, em sua casa. Devemos admitir a mesma interpretação para o caso publicado depois, abalos de um leito, barulho e estrondo no salão vizinho, sem que nenhum se tenha produzido, na realidade, comoção psíquica coincidindo com a morte de uma amiga a 650 quilômetros. Neste caso e nos outros análogos o fenômeno é subjetivo, devido a uma transmissão psíquica a distância.

Não acontece o mesmo com os toques de campainha do Sr. Blavet, com a sineta de S. Francisco de Sales, com a caixinha de relógio de meu pai, com o chapéu do seminarista e com tantas outras circunstâncias. Aqui o fenômeno é objetivo, exterior aos observadores.

Para os fenômenos subjetivos, não temos outras explicações a procurar além das transmissões psíquicas que conhecemos; mas para os deslocamentos reais, os movimentos observados, é muito natural pensar na eletricidade, tendo o cuidado de confessar que ignoramos absolutamente a natureza dessa força.

Quantos exemplos poderíamos citar, em apoio dessa assimilação!

Publiquei há bastante tempo (1904) um pequeno livro, *Os Caprichos da Faísca*, que está todo esmaltado de fenômenos curiosos. Pode ver-se aí:

- objetos deslocados sem que se lhes haja tocado (pág. 287);
- quadros arrancados das paredes (pág. 219);
- uma porta de moldura atirada para longe (pág. 221);
- uma cômoda partida em pedaços (pág. 29);
- chaves tiradas das fechaduras (pág. 222);
- chaves tiradas de uma porta e escondidas num tamanco (pág. 218);
- campainhas sacudidas (págs. 203 e 281);
- relógio parado, regulador desacolchetado (pág. 209);
- relógios que estavam parados postos a trabalhar (pág. 196);
- relógios magnetizados (pág. 209);
- velas, bicos de gás, eletricidade, acesos ou apagados (págs. 219 e 226);
- espelho despregado e posto delicadamente no chão (pág. 24);

pedras tiradas de uma lareira e postas de cada lado de uma criança adormecida (pág. 137);  
três crianças deitadas, lançadas sãs e salvas, fora de uma casa, ao passo que o leito é partido em mil pedaços (pág. 216);  
travesseiro projetado a distância, sem o menor incômodo para a criança adormecida que nele tinha a cabeça (pág. 214);  
pedras pesando centenas de quilos precipitadas ao longe (pág. 210);  
chapéu voltado (pág. 217);  
uma faísca em forma esférica empurra uma porta e entra, visitante insólita (pág. 86);  
uma faísca em forma esférica brinca ao lado de uma rapariga, sem lhe fazer nenhum mal (pág. 19);  
mulher mascarada de homem é posta completamente nua pela faísca (pág. 25);  
uma fulminada é despida e os seus vestuários dependurados numa árvore (pág. 26).<sup>64</sup>  
duas mulheres faziam tricô; a faísca arrebatá-lhes com presteza as agulhas (pág. 27);  
um relâmpago mata um padre, ao altar, leva a hóstia e vai escondê-la entre a calíça (pág. 28);  
um moço moleiro é aberto em dois, da cabeça aos pés (pág. 28);  
a coroa de uma espingarda é arrancada e levada para compartimento próximo (pág. 219);  
são *fundidas* balas dentro do cano de uma espingarda, sem que a pólvora se inflamasse (pág. 224);  
um rapaz, atravessando uma praça, é atingido por uma faísca e atirado para uma distância de 50 metros; ele próprio comunica o fato (pág. 120);  
um chapéu é lançado a dez passos de distância, sem que haja o menor sopro de vento (pág. 130);  
no meio de brilhante *soirée* dançante, a faísca entra pela chaminé e, cobrindo de fuligem os pares que dançavam, transforma-os em negros (pág. 137);

corpos reduzidos a cinzas, ficando intactos os seus vestuários (pág. 123);  
em oposição a isso, vestes queimadas, ficando intactos os corpos (pág. 123);  
colares de ouro volatilizados sem deixarem o menor traço (pág. 195);  
douraduras tiradas a caixilhos (pág. 205);  
pregos arrancados a um canapé forrado de cetim e levados para debaixo de uma telha, no telhado da casa (pág. 199);  
vidros fendidos, vidraças sutilizadas (pág. 215);  
moedas roubadas pela faísca (pág. 209);  
pratos, em pilha, quebrados de dois em dois (pág. 222);

... etc. Quantas outras extravagâncias poderíamos acrescentar a estas!

Em julho de 1911 uma faísca caiu no gabinete do chefe da estação de Figanières (Var) e *esvaziou todos os tinteiros, sem deixar em qualquer parte a menor mancha de tinta!*

No mesmo mês, em Vinon, próximo de Toulon, esvaziou uma lagoa com três metros d'água.

E as fotografias feitas pela faísca! Dei, outrora, o nome de *raios ceraunios* a esses raios fulgurantes. Eis alguns exemplos:

A 17 de junho de 1896 um jornaleiro, chamado Elisson, foi atingido pela faísca numa cabana, perto de Pertuis (Vaucluse), e esses raios fotografaram-lhe no peito, através da roupa, um olmo e um pinheiro que ficavam a cem metros de distância. Recebi o relato e os desenhos desse curioso fenômeno do *maire* de Pertuis, o Dr. Tournatoire, que, precisamente, examinara a vítima. O fulminado levantou-se são e salvo (pág. 250).

A 27 de junho de 1866, em Bergheim (alto Reno), um raio fotografou a folhagem de uma tília nas costas de dois homens, deitando-os por terra, sem os matar. O sábio físico Hirn, do Instituto, escreveu-me a esse respeito, dizendo-me que o mais hábil desenhista não faria melhor (pág. 258).

No verão de 1865 roubaram a bolsa, no caminho de ferro, ao Dr. Derendinger. Tempos depois foi chamado para examinar um homem atingido por uma faísca e viu, na coxa do fulminado (não

morto), a fotografia das suas iniciais (dois *DD* cruzados), que estavam incrustados em aço na sua bolsa de tartaruga. O fulminado era o ladrão (pág. 266).

Uma faísca caiu um dia sobre a igreja de São Salvador de Lagny; deita ao chão 50 fiéis que aí estavam rezando; fende o altar, deixando suspenso, não se sabe como, o quadro que representava Jesus-Cristo; arrebatava o cortinado que cobria o mesmo quadro, tirando-o da vareta de ferro sem o ter deslocado nem partido os anéis de cobre; despedaça em quatro pedaços o cartão no qual as regras e formulário para dizer a missa estavam impressos; decalca na toalha do altar as palavras sagradas da consagração, omitindo as expressões supremas: *Hoc est corpus meum* e *Hic est sanguis meus* (pág. 273).

Esses fenômenos – e mil outros – estão averiguados, verificados, são irrecusáveis. Um dos mais singulares – e dos mais jocosos – é talvez ainda este, publicado no tomo IX das *Atas da Academia de Ciências*. O fato passou-se nos arredores de Nimes.

“Algumas moças conversavam umas com as outras, quando um raio as deitou por terra. Levantaram-se, sem qualquer ferimento. Uma delas, porém, queixava-se de picadas que se tornavam muito vivas e dolorosas. As suas amigas quiseram saber o que havia acontecido, e viram: *non sine miratione, pudendum perustum, ruberrimum, labia tumefecta, pilos deficientes usque ad bulbum, punctosque nigros, pro pilis, unde cutim rugosissimam; ejus referunt amicae, primum barbatissimam et hoc facto semper imberbem esse.*” (pág. 117).

Detenhamo-nos nessa farsa da faísca. As manifestações assinaladas neste livro, por vezes atribuídas a “espíritos”, não são, verdadeiramente, mais extraordinárias do que as do raio.

Notemos ainda, a esse respeito, o erro dos físicos que imaginam, para que um fenômeno seja “real”, ser preciso que possa repetir-se à vontade, num laboratório. Repeti, pois, esses atos da faísca!

Seja como for, podemos pensar que a eletricidade desempenha importante papel nos fenômenos até aqui estudados.

Tais fatos continuam a estabelecer, para a nossa certeza pessoal, que a ação física e psíquica do homem não se confinam na periferia do corpo, podendo exercer-se longe dele.

A gravitação levou-nos, de resto, a estudar, há muito tempo, a ação a distância.

Reencontraremos esses ruídos e essas pancadas no capítulo geral das “Manifestações de moribundos”, no momento da morte; mas não era inútil anotá-los neste capítulo, para que meditemos neles e lhes apreciemos o interesse.

Antes de examinarmos o conjunto das manifestações, detenhamo-nos em certos fatos particularmente notáveis, intermediários entre a vida e a morte, nos quais uma parte da ação poderia atribuir-se aos vivos. A primeira das observações expostas no capítulo seguinte é, apesar da sua eloquência, de interpretação extremamente difícil. Encontramo-nos aqui inteiramente entre a morte e a vida. Consideremo-las com cuidado.



## CAPÍTULO X

### Entre a vida e a morte

- *Fatos intermediários, em que os vivos podem estar ainda em ação. – Moribundos que vêm dizer: “vou partir” ou “estou morto”.*
- *Chamamentos telepáticos no momento da partida.*

“O tempo, esta imagem móvel  
Da imóvel eternidade.”

J. R. Rousseau

Os documentos que aqui reunimos são em tão elevado número, mesmo admitindo apenas uma escolha muito restrita deles, que nos convidam (não me cansarei em o repetir) a uma classificação tão ordenada quanto possível, a fim de reconhecer seguramente o que pertence à *vida* e o que pertence à *morte*. Tivemos sob os olhos manifestações e aparições provenientes, certamente, de seres vivos; vamos examinar as que se apresentam como intermediárias entre os dois estados e podem ser interpretadas tanto do lado da morte quanto da vida. Chegamos, por este modo, gradualmente aos fatos cuja origem está, sem dúvida, da outra banda da porta misteriosa.

Iniciarei este capítulo por um dos casos mais impressionantes que conheço e ao mesmo tempo tão expressamente verídico – aquele que já assinalei em *O Desconhecido*, nas observações sobre a telepatia nos sonhos (capítulo VII, caso LXX). Pedirei aos investigadores desejosos de chegar a uma convicção definitiva a permissão de o recordar aqui, para o meu estudo atual. Eilo:

“Nos primeiros dias de novembro de 1869 – escreve o narrador – saí de Perpignan, minha cidade natal, para ir continuar os estudos de Farmácia em Montpellier. Minha família compunha-se de minha mãe e de minhas quatro irmãs. Deixei-a muito feliz e de perfeita saúde.

A 22 do mesmo mês minha irmã Helena, bela jovem de 18 anos, a mais nova e a minha preferida, reunia na casa paterna algumas das suas amigas. Pelas três horas da tarde dirigiram-se, em companhia de minha mãe, para o passeio dos Plátanos. O tempo estava lindíssimo. Ao cabo de meia hora minha irmã foi assaltada por súbito mal-estar.

– Mãe – disse ela –, sinto um calafrio estranho percorrer-me todo o corpo; tenho frio e dói-me muito a garganta. Vamos para casa.

Doze horas depois minha bem-amada irmã expirava nos braços de minha mãe, asfixiada, abatida por uma angina inflamatória que dois médicos foram impotentes para vencer.

Minha família – era eu o único homem para representá-la nas exéquias – mandou-me telegramas um atrás do outro para Montpellier. Por terrível fatalidade, que ainda hoje deploro, nenhum me foi entregue.

Ora, na noite de 23 para 24, 18 horas depois da morte da pobre criança, fui presa de espantosa alucinação.

Tinha entrado em casa às duas horas da madrugada, com o espírito livre e ainda cheio da alegria que havia experimentado nos dias 22 e 23, consagrados ao divertimento. Deitei-me muito satisfeito. Cinco minutos depois adormeci. Pelas quatro horas da manhã vi surgir diante de mim a figura de minha irmã, *pálida, ensangüentada, inanimada*, e um grito penetrante, repetido, lamentoso, ressoou ao meu ouvido:

– *Que fazes tu, meu Luís? Vem, não te demores!*

No meu sonho, nervoso e agitado, aluguei um carro; mas, apesar dos esforços sobre-humanos, não podia fazê-lo avançar. Via sempre minha irmã *pálida, ensangüentada*, e o mesmo grito lancinante, repetido, lamentoso, a ressoar ao meu ouvido:

– *Que fazes tu, meu Luís? Vem, não te demores!*

Despertei bruscamente, a face congestionada, a cabeça em fogo, a garganta seca, a respiração ofegante, ao passo que meu corpo estava inundado de suor.

Pelas 11 horas da manhã cheguei à pensão invadido por enorme tristeza. Interrogado pelos meus companheiros, contei-lhes o fato brutal, tal como eu o havia sentido. Valeu-me algumas zombarias. Às duas horas fui para as aulas, na esperança de encontrar alguma quietação no estudo.

Ao sair do curso, pelas quatro horas, vi uma mulher vestida de luto avançar para mim. A dois passos de distância, ergueu o véu. Reconheci minha irmã mais velha, que, inquieta a meu respeito, vinha, apesar da sua extrema dor, saber o que acontecera.

Informou-me do fatal acontecimento que nada podia fazer-me prever, pois que recebera, no dia 22, de manhã, excelentes notícias de minha família.

Tal é o relato que lhe envio e que, por minha honra, garanto ser verdadeiro. Não exprimo nenhuma opinião, limito-me a contá-lo.

Já lá vão vinte anos e a impressão é sempre bem profunda – sobretudo agora – e se os traços fisionômicos da minha Helena me não aparecem com a mesma nitidez, ouço constantemente o mesmo chamamento lamentoso, multiplicado, desesperado: – “Que fazes tu, meu Luís? Vem, não te demores!”

*Luís Noell*  
Farmacêutico em Cette.”

Essa narrativa, publicada em 1891 pelo meu amigo, o Dr. Dariex, nos *Anais das Ciências Psíquicas*, de que era diretor, vinha acompanhada de documentos destinados a confirmar-lhe a autenticidade. Notemos a seguinte carta da irmã do observador:

“Solicitou-me meu irmão, a pedido do senhor, que lhe enviasse o relato da entrevista que tive com ele, em Montpellier, em seguida à morte de nossa irmã Helena. Venho, apesar da amargura de recordações tão dolorosas, trazer-lhe o meu testemunho.

Ao ver na rua meu irmão, que foi o primeiro a reconhecer-me, a despeito do meu vestuário de luto, compreendi que ele ignorava a morte de Helena.

– Que desgraça nos fere ainda? – exclamou.

Ao saber da minha boca o falecimento de Helena, apertou-me os braços com tal violência, que corri o risco de cair para trás. Reentrada em casa, tive de suportar uma cena terrível. Doido de cólera, meu irmão, muito nervoso, muito exaltado, mas muito bondoso também, quase me maltratou.

– Que fatalidade – exclamou – que infortúnio! Oh! por que não recebi os telegramas?

E atirava fortes murros à mesa... Bebeu três grandes garrafas de água, uma atrás da outra. Cheguei em certo momento a julgá-lo louco, tal o desvairamento do seu olhar...

Quando recobrou a serenidade, passadas algumas horas, disse:

– Ah! eu estava certo disto. Devia cair sobre mim uma grande desgraça!

E contou-me então a alucinação que experimentara na noite de 23 para 24.

*Teresa Noell.”*

Essa observação é do mais alto valor; há nela um fato significativo, considerável, que merece a mais escrupulosa atenção. Sonho, pesadelo, visão, comoção cerebral, alucinação, telepatia, o nome, a palavra não são uma explicação. Não é admissível uma coincidência fortuita; houve, sem dúvida alguma, comunicação entre a irmã morta e o irmão vivo. Foi antes do falecimento ou em seguida a ele? A sensação ocorreu na noite de 23 para 24 de novembro, pelas 4 horas da manhã, e Helena morreu dezoito horas antes, a 23, pelas 10 horas da manhã, depois de doze horas de sofrimento. Que o espírito da irmã haja atuado sobre o do irmão pela ação telepática direta, como já vimos em tantos outros exemplos da obra presente, é o que primeiro está indicado. Poder-se-ia pensar que o desejo de Helena se exerceu, enquanto ainda viva, para o momento dessa morte tão trágica e

rápida. Mas, neste caso, por que levaria a comunicação telepática dezoito horas a ser recebida? A distância de Perpignan a Montpellier é nula tanto para a telepatia como para a eletricidade; tão depressa se transporiam 1.000 quilômetros como 100 ou 10.

Segundo a sua própria narrativa, à hora da morte da sua Helena bem-amada Luís Noell estava, sem suspeitar da situação da irmã, em maré de divertir-se, e seu cérebro parece ter sido inteiramente absorvido por sensações pessoais muito intensas. Não haveria, portanto, nada de surpreendente no fato da transmissão do pensamento não ter sido sentida. Sabemos, com efeito, que o cérebro receptor deve encontrar-se em estado harmônico de vibração correspondente. A vibração etérea tê-lo-ia, no entanto, atingido, ficaria em estado latente e apenas se manifestaria à inteligência calma durante o sono, dezoito horas mais tarde.

Esta hipótese não é para rejeitar-se; todavia é apenas hipótese.

Uma outra é o pensar-se que, verdadeiramente, fosse à hora em que ele a ouviu que sua irmã, morta havia dezoito horas, lhe tenha dirigido e renovado o seu chamamento, precipitando-se em espírito para o irmão ausente. Isto não é, igualmente, mais do que outra hipótese menos provável do que a primeira; mas não devemos rejeitá-la em absoluto. As primeiras horas depois do decesso podem passar-se numa espécie de sonho...

Neste caso teríamos aqui a manifestação real de um ser humano morto.

Hipóteses, métodos de estudo. Não esqueçamos que entramos aqui em um mundo novo e inteiramente por explorar.

Que tivesse havido uma corrente psíquica, de natureza desconhecida, entre a irmã morta, em Perpignan, e seu irmão vivo, em Montpellier, não é duvidoso.

Temos exemplos de vista a distância, em sonho, como se o espírito do homem adormecido se transportasse ao longe. Poder-se-ia, pois, supor ainda, com o nosso conhecimento atual de todos esses fatos, que o irmão se transportou em espírito para sua irmã. Mas, nesses casos, vê-se o que se passa, quer seja em sonho normal ou em sonambulismo, e o irmão deveria ter visto

sua irmã estendida e morta no leito. Pelo contrário, é Helena quem lhe fala, que o chama.

Transportou-se ela para ele em corpo astral? Outra hipótese...

Não podemos concluir que isto seja um testemunho certo de manifestação de morto. Apresenta-se-nos como intermediário entre os dois estados. Nosso dever científico e leal é o de registrá-lo como documento de estudo do problema. Ele tem grandíssimo valor de observação estrita e precisa.

A psicologia clássica do cérebro humano ficou até agora ao lado da verdade ainda desconhecida, sempre misteriosa. Tudo está por estudar, tudo está por criar. *As impressões podem dormir em estado latente em nossa mente, não se revelando senão muito tempo depois.*

Uma comparação que não é, talvez, tão afastada como parecerá: Tirei um dia, em abril de 1916, no cabo d'Antibes, alguns clichês fotográficos que trabalhos sempre multiplicados me impediram de revelar até 26 de setembro de 1920. Pensei que nada restasse desses clichês, quatro anos e meio depois. Ora: 1º - no desenvolvimento habitual não se apurou nada de visível; 2º - tendo uma placa ficado toda a noite em banho revelador, a imagem revelou-se por si mesma, nitidamente, na manhã seguinte.

Essa imagem havia ficado latente quatro anos e meio! Invisível, ignorada de todos, além do operador, vinte olhos, cem olhos teriam podido examinar essa chapa, por transparência, à lanterna vermelha do laboratório fotográfico, sem nela descobrirem o menor traço "impressionado". Foi necessário o revelador especial para que, ao cabo de 53 meses, a imagem aparecesse.

Notarei que dessa paisagem registrada em abril de 1916 nada restava já na Natureza, em setembro de 1920, de exatamente igual ao que era então; certas árvores haviam crescido, outras secado, muitos invernos e muitas primaveras renovaram o cenário e a vaga que batia a costa não tinha a mesma água. Construíra-se mesmo aí um pavilhão; tudo se transformara. A fotografia que poderíamos atualmente tirar desse mesmo sítio seria por completo diversa. Contudo, se nada hoje restasse dela, absolutamente nada, se um tremor de terra, um cataclismo geológico, um

encontro de duas correntes oceânicas a tivessem feito desaparecer, a paisagem de abril de 1916 nem por isso deixaria de ser menos conservada, em estado latente, nessa chapa fotográfica, da qual uma combinação química apropriada bastou para a fazer sair da invisibilidade, do desconhecido... O mesmo raciocínio aplicar-se-ia a uma imagem humana.

O caso do Sr. Noell faz-nos pensar que o cérebro pode guardar também imagens latentes. Sabemo-lo, de resto. Pelo nosso estudo psíquico, vamos mais longe e devemos aplicar tal conservação ao ser mental.

Não poderiam as imagens mencionadas reaparecer muito tempo depois? Fredrich Myers propôs, como os meus leitores sabem, essa explicação.

É mesmo provável que, numa casa, fiquem formas invisíveis aqui e ali, da mesma forma que num cofrezinho vazio subsistem traços de um perfume dali tirado há muito tempo. Não tem a palavra *manes* por origem o verbo *manere*, ficar?

Outros casos análogos permitir-nos-ão, talvez, encontrar a explicação definitiva.

Eis um exemplo assaz curioso de aparição que bem parece provir também de ser ainda vivo, no momento de morrer. A pessoa aparecida não diz, como em muitos outros casos: “Estou morta”, mas “Vou partir”.

Esse exemplo tem a garanti-lo Victor Hugo, que o relatou em suas notas reunidas sob o título de *Coisas vistas*. Foi consignado na data de 5 de dezembro de 1846. Vejamos a narração:

“A 27 de novembro último uma velha mulher, a Sra. Guérin, de 66 anos de idade, que vivia na rua dos Fossés-du-Temple, 34, no 4º andar, estava enferma de uma doença que parecia sem gravidade e que o médico classificara de indigestão. Eram 5 horas da manhã. Sua filha, viúva, chamada Sra. Guérard, que vivia com ela, levantou-se cedo, acendeu o seu candeeiro e sentara-se a trabalhar junto do fogão, perto do leito de sua mãe.

– Espera – disse ela –, a Sra. Lanne deve estar de volta do campo (esta Sra. Lanne era a antiga tendeira do ângulo das

ruas São Luís e São Cláudio). É preciso – acrescentou a Sra. Guérard – que eu vá hoje visitá-la.

– É inútil – respondeu a mãe.

– Por quê?

– Porque há uma hora que ela morreu.

– Ora, minha mãe! Que diz?!... Está a sonhar?

– Não! Estou bem acordada, não dormi nada em toda a noite e ao bater das 4 horas da manhã vi passar a Sra. Lanne, que me disse: “*Vou partir; vindes também?*”

A filha pensou que sua mãe sonhara, realmente.

Quando o dia surgiu, foi ela ver a Sra. Lanne. Tinha morrido durante a noite, pelas 4 horas da madrugada. Na tarde do mesmo dia a Sra. Guérin teve um vômito de sangue. Chamado um médico, declarou:

– Não durará mais de 24 horas.

Efetivamente, no dia seguinte, pelas 12 horas, teve um segundo vômito sanguinolento, morrendo.

Conheci a Sra. Guérin e foi a Sra. Gérard, mulher honesta e crente que nunca mentiu na sua vida, quem me contou o caso.

*Victor Hugo.”*

Como toda a gente sabe, o poeta vivia então muito perto: praça dos Vosgos.

Temos aqui um duplo fato psíquico dos mais curiosos: 1º- aparição da agonizante à sua amiga e 2º- convite feito à mesma para morrer também tranquilamente, como se se tratasse de pequena viagem ou mesmo um passeio...

Segundo todas as probabilidades, essa mulher não estava completamente morta quando se manifestou à sua amiga e lhe disse: “*Vou partir; vindes também?*”.

A morte desta, ocorrida de manhã, pode ter sido provocada pelo golpe que recebeu, em virtude da aparição. Há aqui, assim como no episódio de Helena Noell, um caso intermediário entre as aparições de vivos e as aparições de mortos.



O fato seguinte parece-se com os dois precedentes, como audição. Extraio-o de uma carta de 27 de março de 1899:

(CARTA 69)

“Posso afirmar-lhe, pela minha honra, que meu avô, já falecido, nos contou que certa manhã sentira bater à janela do seu quarto, ouvindo um dos seus parentes dizer-lhe: “*Vem depressa!*”. A aparição coincidira exatamente com a morte do mencionado parente, que só na manhã seguinte se tornou conhecida.

*Paulo Faivre*

Saint-Cieir-du-Taillo (Charente-Inférieure).”

O ouvinte não se apressou a obedecer ao convite, como no caso da Sra. Guérin.

No exemplo que vou apresentar é ainda uma voz que se faz ouvir. Um correspondente, já anteriormente citado, escrevia-me em 13 de fevereiro de 1899:

“Minha tia e madrinha Rosália Deschaux, morta em minha casa em 1884, com 72 anos de idade, contou-me que dos 16 para 17 anos, estando então em Bilieu, tivera uma amiga muito íntima, jovem da sua idade, Emília Trouillaud, vivendo na mesma comuna mas em outro lugarejo. Certo dia, achando-se esta última um pouco indisposta, foi fazer-lhe uma visita; encontrou-a doente, sem todavia notar no seu estado qualquer sintoma sério. Volvidas algumas horas, ao cair da noite, experimentou, com grande pavor seu, uma sensação estranha, como se tivessem roçado por ela as asas de uma ave invisível, e ouviu distintamente estas palavras:

– *Adeus, Rosália!*

Reconheceu então, com muita nitidez, a voz da sua amiga. Minha tia entrou em casa, soluçando, e exclamou:

– Emília morreu; acaba de me dizer adeus!

Sua mãe ralhou com ela, procurando fazer-lhe compreender que isso era efeito da sua imaginação, etc. Mas, durante esse diálogo, chegou à pressa uma pessoa que veio anunciar

a morte de Emília, ocorrida bruscamente, sem que nada fizesse prever tal desenlace.

*E. Deschaux*  
Proprietário em Abrets.”

Trata-se evidentemente de manifestação de agonizante no momento da morte. Ia falecer; não havia ainda expirado.

Tenho recebido certo número de observações, de aparições de mortos anunciando eles próprios o seu passamento imediatamente depois do momento em que ele se deu, e mesmo antes de haver sido oficialmente verificado. Esses exemplos prendem-se com os três precedentes. Para nós a questão é saber se são *vivos* que se manifestaram. A carta seguinte, que me foi dirigida a 13 de setembro de 1900, é extraída da minha coleção:

(CARTA 942)

“Sinto-me no dever de acrescentar às suas observações telepáticas um fenômeno que me diz pessoalmente respeito.

Tinha eu 15 anos e encontrava-me em Ancona (Itália), com meu pai e minha mãe. Minha avó, que me havia educado e que muito me queria, vivia então com um dos seus filhos, em Santo Estêvão.

Uma noite, quando eu dormia, sozinha, no meu quarto, fui bruscamente despertada pela sensação de mãos que pousassem no meu rosto e senti grande susto ao ver minha avó, vestida de preto e de touca branca, que, cheia de tristeza, me disse:

– *Estou morta* – desaparecendo em seguida.

Apavorada, saltei do leito e refugiei-me no quarto de meus pais, que se riram de mim, chamando-me tola e visionária. Mas, diante do imenso terror que me penetrava, permitiram-me que ficasse em sua companhia. Eram então 3 horas da manhã.

À noite devíamos ir a um baile na Prefeitura, para o qual estávamos convidados. Ora, no mesmo dia, pelas 4 horas da

tarde, meu pai recebeu um telegrama, anunciando-lhe a morte de sua mãe. Ela estava com 76 anos.

Partiu imediatamente para a França e, no regresso, participou-nos que ela se havia afogado voluntariamente num grande tanque pertencente à casa em que vivia, que o seu cadáver fora descoberto pelo jardineiro às 5 horas da manhã, mas que o suicídio poderia ter ocorrido na mesma hora em que minha pobre avó me aparecera.

Acrescentou que na véspera ela exprimira a meu tio, seu filho, todo o desgosto que a pungia por estar longe de mim e que, justamente como eu a vira, vestida de seda preta e com uma touca branca na cabeça, lançara-se ao tanque.

*Alexandrina Miwlon*

Ex-interna dos hospitais, diretora de clínica médica.

18, rua d’Espanha, em Túnis.”

Essa avó que se suicida, na França, aparece à sua neta, na Itália, dizendo-lhe: “Estou morta”. Critique cada um como lhe aprouver; o fato aí está como uma observação astronômica, meteorológica, física, química e tão aceitável também como o que nos descreveria a aparição de um arco-íris, um halo, um bólido ou qualquer fenômeno celeste ou terrestre.

É já tempo de inserir tais realidades num novo capítulo da ciência positiva experimental. Tratemos essa narrativa de mais perto, analisemo-la estritamente. Seja “fisiologia psíquica” como entendia Littré, seja outra coisa, dissequemo-la.

A sensação experimentada pela narradora foi dupla: 1º- mão posta no seu rosto; 2º- a visão de sua avó. Essas duas sensações não foram objetivas. Não foi a avó quem tocou o rosto da narradora e lhe apareceu; o seu cérebro é que foi assim impressionado, transmitindo-lhe as duas sensações mencionadas. Mas não há efeito sem causa, e esta causa não pode ser senão a suicida.

Ilusão do cérebro e coincidência fortuita, puro acaso – ou mesmo mentira da narradora – pretendem os que ignoram o número desses fenômenos. A objeção pueril não pode mais ser tomada a sério.

Não. Há aqui uma conexão certa, de causa para efeito. Foi bem a avó dessa rapariga quem agiu. Atuou no espírito de sua neta.

A questão está em saber se ela agiu antes ou depois da morte. Ela disse-lhe: “Estou morta”. Mas não poderá alguém pensar assim no momento em que se sentir morrer – e antes de estar morto?

Ora, eu possuo, entre as numerosas comunicações que recebi, mais de uma narrativa análoga (ver especialmente *O Desconhecido*, capítulo III, caso III), narração da Sra. Bloch, em que seu sobrinho, agonizante em Paris, quando ela estava em Roma, lhe aparece e lhe afirma também: “Estou morto”.

Se alguém vier dizer-nos: “Estou morto”, isso pode interpretar-se num sentido determinado, no sentido banal e vulgar, significando “*Meu corpo está morto*”.

Mas há evidentemente duas interpretações.

Acontece muitas vezes que, na hora em que o interessado faz tal anúncio, ele não morreu ainda, achando-se apenas na agonia, em estado comatoso ou cataléptico: o organismo detém-se, a alma subsiste.

Uma outra questão se apresenta:

Na explicação telepática, admite-se que uma espécie de radiação emana do cérebro do moribundo, do seu espírito, ainda localizado no corpo, e se dispersa no espaço em ondas etéreas, ondas esféricas sucessivas, como as do som na atmosfera. Quando esta onda, esta emanção, este eflúvio toca um cérebro apropriado para recebê-la, como nos aparelhos de telegrafia sem fio, este cérebro interpreta-a, sente, entende, vê. É possível. Não está provado.

Parece até mais simples pensar num transporte direto, em linha reta, do operante para o percipiente. Esta avó pensa na sua neta, no momento em que se suicida, e a sua força psíquica transmite-se-lhe diretamente, da França para a Itália. A interpretação do fenômeno parece mais admissível do que a onda esférica, espalhando-se por toda parte inutilmente e sem finalidade.

O fato de as aparições se mostrarem com o vestuário que os defuntos envergam no momento da morte indica uma espécie de transmissão fotográfica, como vimos no capítulo III.

Foi sem dúvida no próprio momento em que ela se afogou que a avó tocou psicicamente sua neta. Quando alguém se afoga (segundo a narrativa dos que têm sido chamados à vida) vê às vezes desenrolarem-se todos os seus anos durante o momento, tão rápido, que dura a imersão – alguns segundos apenas; o tempo parece aniquilado (50 anos = 3 segundos). É este um outro problema para elucidar.

Inscrevemos este fato nos intermediários entre a vida e a morte.

A seguinte observação é do mesmo gênero: morte anunciada pelo próprio interessado. É um moribundo ou um morto o que assim se manifesta?

Carta da Sra. Poncet, em Marselha:

(CARTA 522)

“Em 1884, ano da cólera em Marselha, parti para Bagnères com meu marido e meus filhos. Havia oito dias apenas que eu aí estava quando, uma noite, fui acordada bruscamente, sem causa direta. Meu quarto, onde durmo só, está por completo às escuras; vejo de pé, no tapete, uma pessoa rodeada de *luminosa* auréola; contemplo-a um pouco assustada, como é fácil de prever, e reconheço o cunhado de meu marido, o médico, que me diz:

– Previna Adolfo; *diga-lhe que eu estou morto*.

Chamei imediatamente o meu esposo, deitado num compartimento vizinho, e disse-lhe:

– Acabo de ver teu cunhado; anuncia-me a sua morte.

No dia seguinte um telegrama confirmou a notícia: um ataque de cólera (ao tratar doentes pobres) tinha-o arrebatado em algumas horas.”

Um ser que declara estar morto terá, na verdade, morrido? Poder-se-ia pensá-lo. No entanto há casos em que está ainda vivo, como acabamos de ver. O mais singular talvez é que essas

espécies de manifestações não são tão raras como se poderia crer.

(Notemos, por outra parte, a auréola luminosa; tornaremos a encontrá-la.)

Por que anunciam eles que estão mortos, quando ainda não morreram para os que os rodeiam? Ver-nos-emos mortos antes de o estarmos? Em que instante se morre, verdadeiramente?... Na realidade, não se morre nunca.

É a comparação de todos os fatos análogos que melhor poderá instruir-nos. Relembremos mais a seguinte observação (*O Desconhecido*, capítulo III, caso CLIII):

“Era eu tenente em S. Luís do Senegal. Uma noite, depois de algumas horas passadas em companhia de bravos e álares camaradas, deitei-me pelas 11 horas. Adormeci ao cabo de alguns instantes. De repente, senti como que forte pressão no peito e, bruscamente sacudido, ergui-me sobre um cotovelo, esfregando os olhos, porque tinha diante de mim minha avó. A excelente mulher fitou-me com pupilas quase extintas e ouvi, sim, ouvi a sua débil voz, murmurando:

– *Venho dizer-te adeus, meu querido menino; nunca mais tornarás a ver-me...*

Eu estava espantado e, para bem me certificar de que não dormia, levantei-me.

A aparição durara alguns segundos.

Na verdade, minha avó, de 76 anos de idade, morreria em Rochefort. Suas derradeiras palavras haviam sido para mim: “Não o verei mais!” – repetia ela constantemente. A morte ocorrera na noite em que eu a vira e, se tomarmos em conta a diferença da longitude, à hora precisa em que ela me apareceu.

Tal é o caso que lhe garanto ser rigorosamente exato.

*Julião Lagarrue*

Capitão de Infantaria de Marinha, em Hanoi.”

Essas observações encontram-se por toda parte. Pode ler-se no jornal *Le Petit Bleu*, de Paris, de 4 de janeiro de 1903, a

narrativa da aparição de uma filha a sua mãe, de Melbourne a Paris (Srta. Ângela Frapperit, depois Sra. André Malbec). Esta dissera: “*Mamãe, estou morta.*”. Era isto pelas 10 horas e meia. Na manhã seguinte um telegrama confirmava a morte.

O Sr. L. Bouthors, diretor das Contribuições Diretas, em Chartres, fez-me saber (*O Desconhecido*, capítulo VI, caso II) que, durante a guerra de 1870, uma senhora sua amiga, mulher de um oficial, adoentada em Metz, viu em sonho seu pai, o Dr. Bouthors, que era o seu médico, aparecer-lhe perto do leito, ouvindo-lhe estas palavras:

– “*Veja, acabo de morrer*”.

Havia morrido, com efeito, nesse dia, 18 de setembro de 1870, pelas 5 horas da manhã, sem ter estado doente. Logicamente, foi após a morte que esta transmissão telepática deveria ter-se produzido.

Repito que tais manifestações enigmáticas, que podem ser classificadas entre a vida e a morte, são inumeráveis.

A minha respeitável colega Srta. A. Vaillant escrevia-me de Fonquevillers, a 25 de março de 1899:

“A Sra. Dassonville, mãe de uma das suas leitoras, tinha um afilhado de nome Constant Touzet. Esse afilhado vivera em casa da Sra. Dassonville desde que acabara o seu serviço militar até a época do seu casamento. Estabeleceu-se então em Arras, na mesma rua em que sua madrinha vivia. Alguns anos depois do consórcio caiu gravemente enfermo, e a Sra. Dassonville ia todos os dias informar-se do seu estado de saúde. Certa manhã ela disse a seu marido, ao levantar-se:

– Constant Touzet morreu.

– Por que dizes isso? – interrogou ele. – Não o podes saber.

– Sei-o – replicou ela – porque *ele veio dizer-me adeus esta noite* e vou ver imediatamente o que aconteceu em sua casa.

Tinha morrido, com efeito, durante a noite.

A filha da Sra. Dassonville contava então nove anos e dormia numa alcova, no quarto de seus pais. Assistiu à conversa, a respeito da aparição e da morte de Constant Touzet, e lembra-se dela como no momento em que a ouviu, em testemunho do que junta a sua assinatura à minha.

*A. Vaillant, S. Dassonville.*”

Outro adeus por um moribundo. O teósofo Leadbeater possui, da própria testemunha, um relato que tem aqui o seu lugar:

“Uma noite em que o seu correspondente, então a meio dos seus estudos, se havia deitado cedo, viu, pelas 10 horas e 30 minutos, à luz de grande fogueira que ardia no fogão, o fantasma de seu pai, bem iluminado, erguendo o braço e fazendo sinal para que ele se aproximasse. Saltou imediatamente do leito, precipitando-se para a aparição, que se dissipou.

Aterrado mais do que se possa imaginar, começou a procurar por todo o quarto, mas em breve se convenceu de que estava inteiramente só. A porta exterior tinha ficado fechada à chave. Além disso a forma entrevista era na verdade a de seu pai, com a única diferença de que a expressão do rosto era mais terna que de costume. Teria ele sido joguete de uma ilusão? Tornou a deitar-se, tentando adormecer.

Pouco depois foi completamente despertado por uma segunda aparição, a surgir no vão da porta: no rosto lia-se-lhe expressão idêntica à da anterior e o mesmo sinal de chamado foi renovado com insistência. Bem resolvido, desta vez, a não deixá-la escapar, deu um pulo da cama, mal a viu surgir, mas outro desapontamento o esperava: as suas mãos estendidas para a frente apenas agarraram o vácuo e, novamente, as mais minuciosas investigações lhe confirmaram que era por inteiro impossível a qualquer ser vivo evadir-se do compartimento ou ocultar-se nele.

Conseguiu, todavia, readormecer; mas não tardou a acordar, muito agitado.



Seu pai estava de novo diante dele. Agora, porém, a expressão e o gesto não eram os mesmos; no olhar, que anteriormente exprimia intensa ternura, refletia-se um desgosto profundo, mas resignado; a mão, levantada, já não convidava o mancebo a aproximar-se: repelia-o lenta e tristemente. E, em lugar de desaparecerem com rapidez, como precedentemente, os seus contornos apagaram-se pouco a pouco e a forma pareceu desvanecer-se.

Eram 2 horas menos dez minutos. O moço quis correr a casa de sua família, mas como poderia realizar tal desejo, a hora tão avançada? Seu pai era pastor numa paróquia muito distante e ele o deixara de perfeita saúde algumas semanas antes. Contudo, profundamente impressionado por essa visão que por três vezes se renovara e convencido, por fim, de que havia nesse fato qualquer coisa de extraordinário, sentiu que lhe era impossível manter-se tranqüilo por mais tempo, sem certificar-se por si mesmo de que seu pai estava vivo e com saúde. Às primeiras horas da manhã partiu para sua casa.

O dia da viagem, acelerada, atenuou um pouco a impressão que os acontecimentos da noite haviam produzido nele e, ao chegar, à noite, à avenida que conduzia ao presbitério, a sua inquietação quase que não existia. Considerava-se, mesmo, feliz por ir surpreender sua família reunida no lar. Mas, ao aproximar-se da vivenda, experimentou grande comoção: todas as janelas estavam fechadas. Uma apreensão nervosa apoderou-se dele a tal ponto que, por alguns instantes, não pôde bater à porta. Afinal, recuperando a coragem, chamou, e a porta foi-lhe aberta por um criado que desde a sua infância conhecia:

– Ah! senhor – exclamou o mesmo criado – chega muito tarde! Se ao menos tivesse vindo na última noite!... Sim – afirmou ele, respondendo às interrogações ansiosas do mancebo – sim, o amo partiu, e as únicas palavras que pôde articular depois do ataque que o prostrou foram aquelas com que o chamou insistentemente. Eram 10 horas da noite quando ele caiu doente, e volvida meia hora, logo que con-

seguiu recobrar o uso da fala, ordenou: “Mandem buscar meu filho: é preciso que eu o veja ainda uma vez.” Respondemos-lhe que ao romper do dia enviaríamos um mensageiro, mas ele não nos ouviu, parecendo de novo mergulhado em profundo transe. Pela meia-noite menos um quarto, acordou por alguns instantes e só pôde dizer: “Quanto eu desejaria ver meu filho!” Finalmente, no momento em que ia morrer, abriu os olhos, dando mostras de nos reconhecer a todos, embora já muito fraco para poder falar mais; no entanto, ainda murmurou: “Vou partir, e tanto queria conversar mais uma vez com meu bem-amado filho; mas já não viverei até lá...” E expirou tão suavemente que poderíamos julgá-lo adormecido.”<sup>65</sup>

A visita do agonizante foi, pois, neste caso, a realização de um intenso desejo. A intenção é indiscutível e manifestou-se antes da morte.

A transmissão de pensamentos foi instantânea; produziu, aos olhos do filho, a imagem perfeitamente reconhecível de seu pai. Haveria transporte de uma espécie de *duplo* do pai para o filho? É possível, depois do que nos revelou o capítulo II deste volume; mas isso não é necessário, se atendermos ao que o capítulo seguinte nos ensinará.

Publiquei em *O Desconhecido* muitos casos de manifestações tangíveis a distância (especialmente no capítulo III). Parecem ainda mais extraordinárias do que as da vista e da audição e são, de resto, mais raras. Eis aqui uma que me foi assinalada por pessoa absolutamente leal, de cuja sinceridade nenhuma dúvida pode subsistir e que os meus leitores já conhecem (tomo I):

(CARTA 2.575)

“Cherburgo, janeiro de 1914.

Caro e muito amado mestre:

Começarei esta carta comunicando-lhe um fato de manifestação de moribundo que não deixará de interessá-lo.

Em fins de março de 1902 recebi aqui, em Marselha, um telegrama anunciando-nos a morte de minha sogra, ocorrida na véspera, à noite.

Meu marido estava há vinte e quatro horas de serviço no hospital. Fui informá-lo do luto que o feria e ele disse-me:

– Deve ter morrido ontem, pelas 10 horas da noite (hora que seguidamente verificamos e que era exata). Ontem, dormitando no meu leito – continuou ele –, pareceu-me que alguém me beijava e me acariciava. Perguntei mesmo, em voz alta: “És tu, Susana?” Estava aceso no quarto o bico de gás. Estou convencido de que minha mãe fez um derradeiro esforço para vir abraçar-me, antes de falecer.

Confesso que acreditei numa alucinação de meu marido; mas devo dizer que a partir dessa época ele nunca mais deixou de pensar que sua mãe viera dizer-lhe adeus, antes de morrer. O que mais me impressiona neste fato é que o meu caro marido é *inteiramente materialista* e que procura sempre criticar, mesmo a ponto de me desgostar, sem que disso dê conta, todas as minhas idéias espiritualistas e as minhas esperanças no Além.

*Susana Bonnefoy.”*

Tendo entabulado relações pessoais, em setembro de 1914, com o Sr. Bonnefoy e sua esposa, conversei depois muitas vezes com o simpático médico chefe do Hospital Marítimo de Cherburgo acerca dessa manifestação de que conserva nítida recordação; e ele não aceitou a hipótese da sobrevivência. Pensa que uma transmissão telepática se produziu *antes* da morte de sua mãe (é também esta a minha opinião) mas que ela é de ordem puramente fisiológica. Sua mãe vivia em Marselha e ele em Cherburgo.

Essas sensações físicas de mortes ou de acidentes a distância apresentam todas as formas imagináveis. O Sr. Conde A. de Gramont, da Academia de Ciências, recebeu a narração de um caso, particularmente curioso, de telepatia tátil de ferida de guerra, certificada (com todos os testemunhos a garanti-la) como tendo ocorrido na noite de 7 para 8 de março de 1916. O Sr.

Bachelot, guarda-livros-chefe da Companhia de Eletricidade d'Angers, foi de súbito despertado por dor muito viva no dedo mínimo, no qual trazia um anel que lhe fora dado por um amigo, o Sr. Morin, artista mobilizado como sargento de Infantaria. Pareceu ao Sr. Bachelot que o anel lhe apertava o dedo como um torno e, meio adormecido, fez um movimento com a mão como se quisesse libertá-la. Ora, nessa noite, pelas 4 horas, *o sargento Morin tinha sido ferido*, como o comprova a menção médica inscrita na sua caderneta militar.

Os meus leitores hão de recordar-se de uma sensação tátil idêntica em *O Desconhecido* (capítulo VI, caso XLI): a Sra. Severn, acordando em sobressalto sob a impressão de ter recebido violento golpe na boca, o qual lhe cortara o lábio, no momento (7 horas da manhã) em que seu marido, a bordo de um barco, era ferido no lábio por uma pancada da cana do leme.

As numerosas comunicações que recebi induzem a crer que os sentimentos afetuosos entre parentes ou entre amigos devem manifestar-se por atos materiais; no entanto, não é mais provável que se exerçam a maior parte das vezes por sensações psíquicas intangíveis? A tal respeito recebi também mais de um testemunho.

Essas manifestações variadas, produzidas *entre a vida e a morte*, são intermediárias entre as precedentes observações e as que se vão seguir. Nelas ainda o vivo está em ação. chegamos agora às manifestações de moribundos no momento da morte e sentiremos a impressão de que, no número desses agonizantes, alguns deles podem ter já falecido. Essa passagem entre os dois estados mantém-se muito misteriosa para nós; mas, que interesse pessoal temos em estudá-la, porque inevitavelmente cada ser humano por aí passará! Embora Berkeley pretenda que não temos a certeza de nada, estou absolutamente convencido de que o nosso corpo perecerá. Foi, ao que se diz, Massillon que, na presença de Luís XIV, principiou um sermão de quaresma por estas palavras: "*Nós somos todos mortais.*" Notando, porém, grande contrariedade no rosto nobre do grande monarca, acrescentou: "... *ou, pelo menos, quase todos...*". O "Rei Sol" desapareceu e, com ele, as precauções oratórias diplomáticas, supér-

fluas. Abandonou Saint-Germain, donde se viam as flechas de Saint-Denis, seu túmulo futuro, para criar Versalhes – depois de ter procurado até Juvisy um sítio próprio – e conseguiu perder inteiramente de vista a abadia real. Não sejamos tão poltrões. Encaremos o problema de face. Um dos meus amigos tem o jazigo numa das suas propriedades, a dois passos do seu gabinete de trabalho, há trinta anos; não se dá mal com isso.

## CAPÍTULO XI

### As manifestações de moribundos no momento da morte (além das aparições)

*“Nada é tão brutalmente  
concludente como um fato.”*

*Broussais*

Todas as precedentes investigações visaram conduzir-nos até aqui. As manifestações de moribundos foram expostas, sob classificações diferentes, ao longo deste segundo volume: advertências, sensações mentais, fenômenos físicos, etc. Passamos em revista esses fatos, tão variados e numerosos, associados à morte, para chegarmos depois aos que se seguem ao trespassar. Ocupar-nos-emos ainda, com a maior precisão possível, das manifestações produzidas no instante do decesso. Convém continuar o nosso método de esclarecimentos, de dividir o nosso trabalho e de distinguir as aparições propriamente ditas das manifestações diversas. Os estudos até aqui apresentados prepararam-nos para elucidá-las. Começamos pelas manifestações gerais e reservemos as “aparições” para o último capítulo deste volume, abrangendo os fatos “*à volta da morte*”.

É provável que a maior parte das observações que vão ser examinadas digam respeito a seres ainda vivos, pertençam às horas, aos minutos que precedem a morte; mas é possível que certo número dessas manifestações seja produzido por seres já falecidos. O leitor inteligente ou atento será o melhor juiz. Procuremos ambos. O assunto é extremamente complexo.

Tentamos, como se vê, estabelecer entre as diversas observações as seleções úteis para clarear o melhor que possamos esses fulgores crepusculares. Os fatos são inegáveis. Trata-se de apreciá-los com exatidão. Preocupemo-nos, antes de tudo, com reunir contestações experimentais, não deixando qualquer dúvida quanto à sua realidade.

Tende-se a pensar que a Ciência deve explicar tudo e que uma razão ponderada não pode admitir a autenticidade do que é inexplicável. Repitamo-lo: isto é um erro grave. Toda observação merece examinada e as observações representam o fundo da própria Ciência. As explicações, as teorias são apenas hipóteses. A circunstância de se não poder explicar um fato em nada diminui o seu valor.

A telepatia, a comunicação de pensamentos a distância, não encontrou ainda explicação plausível, certa, definitiva, e homens não desprovidos de inteligência continuam a negá-la teimosamente, só por ser ela inexplicada. Mas instruímo-nos, conhecendo esses fatos, apesar do seu mistério.

Existem graus na admissão das provas. O nosso método científico é rigoroso. Tomemos um exemplo.

Todos podemos ler nos jornais da Itália, sobretudo na *Tribuna*, de Roma, de 26 de setembro de 1911, esta notícia:

“Na manhã de 24 de dezembro, em Parma, uma criança de 8 anos, filha do Capitão Marcúcci, recentemente partido para a Tripolitânia, despertou em sobressalto, gemendo e soluçando. Como sua mãe lhe perguntasse o que tinha, o pequenino disse:

– Acabo de ver o papá marchando à frente dos seus soldados, contra os turcos. Um deles, escondido atrás duma árvore, deu-lhe um tiro e matou-o.

Ora, um telegrama chegado de Tabrouk anunciou a morte do Capitão Marcúcci, a qual ocorreu justamente como a criança vira.”

Devemos afirmar aqui uma transmissão telepática do pai para o filho?

A principal objeção a fazer tanto a esta narrativa quanto a outras análogas é que pode não haver nela mais do que coincidência fortuita, que muitas vezes os sonhos e outras espécies de pressentimentos dolorosos nos impressionam sem nenhuma causa aparente e que, por uma coincidência que se apresenta, dez outras não têm a menor sanção. A criança – pode pensar-se – ouvira contar histórias de batalhas, de variadas escaramuças, e

sabia que seu pai corria perigo. Nada admira que tivesse tal sonho. Não veremos nisso, pois, uma manifestação telepática *certa*. O nosso dever é raciocinar friamente.

Mas, repitamo-lo ainda, se a credulidade cega é deplorável, a incredulidade sistemática e o cepticismo não são menos contrários à marcha do progresso. *In medio stat virtus*. Dissequemos este outro exemplo:

O diretor de um hospital de Argélia, que me pediu para não revelar o seu nome, mas de quem eu conservo a carta autêntica, assinalou-me dois fatos dessa ordem, observados por ele próprio. Ei-los:

“Ele tinha 19 anos e habitava, com sua mãe, na cidade de Constantina. Uma noite a mãe foi acordada por uma pancada na porta do seu quarto e ia perguntar quem a chamava, quando *a voz de um primo*, que estava em França, lhe respondeu:

– Não tenha medo. Estou morto. Guarde tudo o que lá tem. Peça para que rezem e reze também por mim.

Volvidos alguns dias, receberam uma carta informando-os do falecimento do seu parente. Um processo por questões de dinheiro esteve para surgir entre eles e o filho do morto, mas tudo se arranjou amigavelmente.”

Sentimos que a manifestação telepática é mais provável neste caso do que no precedente. Pode considerar-se essa coincidência como fortuita e insignificante? A dama ignorava que o seu parente estivesse enfermo. Foi a referida transmissão telepática que a advertiu do acontecimento.

Segue-se o segundo fato descrito pelo mesmo correspondente:

“Uma de suas tias sofreu, em Argel, a 13 de abril, uma grave operação que correu bem. No dia 12, véspera da intervenção cirúrgica, a doente exprimira o desejo de ser enterrada em Bone, onde viviam os seus parentes, se sucumbisse, porque esses parentes poderiam ir de vez em quando visitar a sua sepultura. A 24, a cura parecia garantida. No entanto,



nesse mesmo dia, a operada dissera à mulher de meu correspondente:

– Acabo de ver o meu enterro. Colocaram-me num quarto e depois me conduziram à *gare* e o comboio levou-me para Bone, onde toda a cidade se incorporou ao meu cortejo.

Essa previsão, recebida com gracejos, realizou-se exatamente. A pobre mulher morreu no dia seguinte, na manhã de 25, prostrada por uma embolia. Uma hora depois do falecimento foi o cadáver levado para um compartimento especial, preparado para o receber; em seguida conduziram o caixão para a *gare* e o comboio levou-o para a cidade mencionada, onde se celebraram os funerais.”

Sim, sentimos que há graus na escala da probabilidade. Em rigor, ainda podemos imaginar que a enferma pressentisse justamente o seu estado e visse em seguida a sua profecia realizada. Examinemos tudo, discutamos tudo. A luz nem assim se fará. Não dissimulemos nenhuma objeção.

Um outro correspondente escreve-me da Vendea:

“Na noite de 30 para 31 de janeiro de 1909 sonhei que chegava à casa de meus pais, em Moutiers, onde eu pensava que eles estivessem de perfeita saúde. Mas, na sala de visitas notei muita gente inclinada sobre um leito improvisado. Afastei as pessoas que rodeavam a cama e vi meu pai morto, estendido num enxerga pousada em cavaletes.

Chorei, acordando minha mulher, que me perguntou o que eu tinha.

– Nada – repliquei eu –; foi um sonho absurdo; imaginei que meu pai estava morto.

Na manhã seguinte fui informado de que meu pai se achara indisposto na véspera, às 11 horas da noite, e que o seu estado tão rapidamente se agravara que ele morreria às 5 horas e meia da manhã, precisamente no momento em que eu tivera o sinistro pesadelo. Haviam-no deitado num leito semelhante ao que eu vira em sonhos, na sala aludida.”

Evidentemente, não podemos encontrar aqui qualquer aparência de coincidência fortuita possível. A probabilidade aproxima-se da certeza.

Conclusão: não é justo que se desdenhem todos esses fatos de observação. É já tempo de discuti-los. Não datam de hoje.

Recentemente, para variar as minhas distrações, diverti-me a abrir um volume das *Cartas*, de Mme. de Sevigné a sua filha, caindo-me sob os olhos a seguinte passagem de uma das epístolas, com a data de 28 de outubro de 1671:

“Espero sempre com impaciência as sextas-feiras. É o dia das tuas cartas (de sua filha, Mme. de Grignan). Saint-Pavin fez outrora um epigrama sobre as sextas-feiras, que eram os dias em que ele me via em casa do abade.”

Pode-se ler a seguinte nota de Aimé-Martin a essa carta:

“Boileau pusera a devoção do poeta Saint-Pavin na categoria das coisas impossíveis. Converteu-se, ao que se diz, em virtude de uma visão. Na própria noite em que morreu Teófilo, seu médico e amigo, ele *ouvira chamar por ele muitas vezes*. Como o seu criado lhe afirmasse que *ouvira a mesma voz*, Saint-Pavin renunciou às suas opiniões ímpias e tornou-se devoto.”

Não é permitido ignorar o ensinamento de tais fatos. Este segundo volume está cheio deles; podia ser dez vezes maior. Repitamo-lo: há coisas que são ao mesmo tempo inexplicáveis e admissíveis. Conservemos o nosso espírito livre e observemos sem reticências preventivas.

Admiramo-nos desses acontecimentos, grandes e pequenos, e dessas coincidências inexplicáveis. Mas pode existir um espanto superior ao que se apoderaria de um homem que, ignorando a coisa, visse, sem para isso estar preparado, um ovo, colocado num receptáculo quente, quebrar-se ao impulso do bico de uma vez que dele saísse? Encontrar-se-á aqui, sobre as manifestações de moribundos, um certo número de cartas que recebi durante o meu primeiro inquérito em 1899, e que não publiquei em *O Desconhecido* para não sobrecarregar o volume, já muito grande,

e porque tive, desde logo, de expor aos olhos dos meus leitores as peças mais bem verificadas, excetuando aquelas em que me pediam para não publicar as assinaturas. Desde o último século que a prova da autenticidade desses fenômenos está feita e podemos ser menos exigentes, guardando sempre prudência extrema, e fazer conhecer os fatos ainda mesmo no caso de os observadores terem de conservar o anonimato.

Essas transmissões psicofísicas são muito numerosas; têm sido observadas um pouco por toda parte, mas não as conhecem ainda, duvidam delas, negam-nas!

\* \* \*

Abrirei este capítulo das manifestações de moribundos por uma recordação do nosso simpático e célebre contemporâneo do século XIX, Alexandre Dumas pai, intrépido e excelente homem, com o qual mantive relações intermitentes de 1865 a 1870, ano da sua morte. Essa recordação foi publicada no primeiro tomo das suas *Memórias*.

O General Dumas, seu pai, morreu em Villers-Cotterets, a 26 de fevereiro de 1806, e essa data interessava-me pela sua coincidência com a do meu nascimento (26 de fevereiro), trinta e seis anos mais tarde. O nosso encantador romancista adorava seu pai, que o sentava nos seus joelhos, mostrando-lhe grandes sabres e lindos galões, mas o escritor mal o havia conhecido, pois nascera a 24 de julho de 1802, em Villers-Cotterets igualmente. A intimidade infantil não tinha durado muito tempo, mas havia deixando lembranças inextinguíveis. A morte, quebrando-a, caracterizou-se por singular fenômeno que impressionou profundamente a imaginação do futuro escritor e nela se gravou. Leiamos a sua narrativa:

“Nessa noite em que meu pai morreu tiraram-me de casa e levaram-me para junto de minha prima Mariana, que vivia com seu pai, na rua de Soissons. Ou fosse porque não quisessem pôr a minha infância em contato com um caixão – pois a morte estava prevista – ou fosse por se temer o embaraço que eu poderia levantar, tomou-se tal precaução pelas 5 horas da tarde.

Eu adorava meu pai. Talvez que nessa idade o sentimento a que eu hoje chamo amor não fosse mais do que ingênuo espanto por essa estrutura hercúlea e por essa força gigantesca que eu lhe vira desenvolver em muitas ocasiões; talvez mesmo que não representasse mais do que infantil e orgulhosa admiração pela sua farda bordada, pelo seu penacho tricolor e pela sua grande espada que eu mal podia erguer; mas, tão intenso era esse sentimento, que ainda hoje a recordação de meu pai, em cada forma do seu corpo, em cada linha do seu rosto, está de tal modo presente em minha memória como se eu o tivesse perdido ontem; tão alto era o mencionado sentimento, que ainda hoje eu o amo, com um amor tão terno, tão profundo e tão real como se ele tivesse velado pela minha juventude e como se eu tivesse fruído a felicidade de passar da juventude à adolescência apoiado em seu poderoso braço.

Por sua parte, meu pai adorava-me também, não me cansarei de afirmá-lo, sobretudo se dos mortos fica alguma coisa que compreenda o que deles se diz; e ainda que, nos últimos tempos da sua existência, os sofrimentos que o torturavam lhe tivessem azedado o caráter a ponto de ele não poder tolerar no seu quarto nenhum ruído ou movimento, fazia uma exceção para mim.

Eu não tinha qualquer idéia da morte; ser-me-ia bem difícil prever a de meu pai, eu que, três dias antes, o vira montar a cavalo. Não levantei, portanto, o menor obstáculo para sair de casa e, desde que saí, ignoro se meu pai falou em mim ou me chamou. Mas o fato que vou contar ficou, com todos os seus pormenores, perfeitamente presente no meu pensamento.

Estava, pois, instalado em casa do pai de minhas primas. Esse honesto homem era serralheiro e chamava-se Fortier; tinha um irmão pároco.

Confiaram-me aos cuidados de minha prima Mariana.

A casa estendia-se da rua de Soissons à praça do Castelo. Dessa disposição resultava que, desde que a porta do jardim,

dando para a mesma praça, e a da forja, que dava para a rua de Soissons, estivessem fechadas, a casa de habitação era inabordável, salvo se lhe saltassem os muros.

Eu havia ficado com minha prima Mariana; gostava de estar na forja, onde fazia fogos de artifício com limalha de ferro e onde os operários me contavam histórias muito interessantes.

Conservei-me na referida oficina pela noite adentro; a forja tinha, nas horas noturnas, reflexos fantásticos e jogos de luz e de sombra que me agradavam infinitamente. Ao bater das 8, minha prima veio buscar-me, deitou-me no pequeno leito que estava em frente de um outro maior e adormeci desse bom sono que Deus dá às crianças como dá o orvalho à primavera.

À meia-noite fui despertado, ou melhor, fomos despertados, eu e minha prima, por uma *grande pancada na porta*. Uma lamparina ardia no velador; à claridade dessa lamparina vi minha prima erguer-se no seu leito, muito assustada, mas nada dizendo.

Ninguém podia bater a essa porta interior, porque as duas outras, a que já me referi, estavam fechadas.

Mas eu, que hoje quase arrepio escrevendo estas linhas, pelo contrário, não experimentei então o menor receio: saltei da cama e avancei para a porta.

– Aonde vais, Alexandre? – exclamou minha prima – Aonde vais tu?

– Bem vês – respondi eu tranqüilamente – que vou abrir a porta ao papá que vem dizer-nos adeus.

A pobre rapariga saltou também do leito, muito assustada, agarrou-me quando eu pousava a mão na fechadura e tornou a meter-me à força na cama.

Debati-me entre os seus braços, gritando a plenos pulmões:

– Adeus, papá! Adeus, papá!

Alguma coisa semelhante a um hálito expirante passou pelo meu rosto, acalmando-me.

No entanto, tornei a adormecer, sufocado de soluços, com os olhos cheios de lágrimas.

Na manhã seguinte vieram acordar-nos ao romper do dia.

Meu pai morrera precisamente na hora em que se ouvira, na porta, a pancada de que falei!

Então ouvi estas palavras, sem saber qual a boca que as pronunciava: *“Meu pobre filho, o teu papá, que tanto te amava, morreu!”*

– Morreu o meu papá? – repliquei – Que quer isso dizer?

– Quer dizer que nunca mais o verás.

– Como? Não tornarei a ver o papá?

– Não.

– E por que não o verei mais?

– Porque o bom Deus levou-to.

– Para sempre?

– Para sempre.

– E dizem-me que o não tornarei a ver mais?

– Nunca mais.

– Nunca mais, nunca mais?

– Nunca mais!

– E onde mora o bom Deus?

– Mora no Céu.

Fiquei pensativo por um instante. Por mais criança, por mais privado de razão que eu fosse, compreendi no entanto que alguma coisa de fatal acabava de dar-se na minha vida. Depois, aproveitando um momento em que não reparavam em mim, escapei-me de casa de meu tio e corri para junto de minha mãe.

Todas as portas estavam abertas; todos os rostos assustados; sentia-se que a morte estava presente.

Entrei, sem que ninguém me visse ou me notasse. Penetrei num pequeno compartimento onde estavam armas; peguei numa espingarda dum cano que pertencia a meu pai e que muitas vezes tinham prometido dar-me, quando eu fosse grande.

Depois, armado, subi a escada.

No primeiro andar encontrei minha mãe no patamar. Saía da câmara mortuária... estava banhada em lágrimas.

– Aonde vais? – perguntou ela, espantada de me ver ali, quando me julgava em casa de meu tio.

– Vou ao Céu! – respondi eu.

– Como? Vais ao Céu?

– Sim! Deixa-me passar.

– E que vais fazer ao Céu, meu pobre filho?

– Vou matar Deus que também matou o papá.

Minha mãe tomou-me nos braços e, estreitando-me até me sufocar, exclamou:

– Oh! não digas isso, meu filho. Somos bem infelizes!”

Eis a história da manifestação do pai de Alexandre Dumas a seu filho, tal como ele a contou. Dumas era um grande romancista, hábil contista, mas não pode acudir ao pensamento de ninguém de coração a idéia de que essa história não seja autêntica e que haja sido inventada pela imaginação do célebre escritor: a veneração sagrada que consagrava ao pai adorado não deixa margem para qualquer dúvida em nosso espírito. Todos os que o conheceram apreciaram a franqueza e a lealdade do seu caráter. O arranjo literário que porventura tenha dado à redação da sua narrativa nada pode tirar à realidade.

De que natureza era essa pancada batida à porta? A sua autenticidade não é duvidosa; os nossos leitores conhecem esse gênero esquisito de manifestações, pelo capítulo especial que atrás lhes dediquei. Que relação têm essas pancadas com a alma ou o cérebro dos mortos? Como vimos noutra parte, pensa-se nas transmissões elétricas. Mas devemos confessar que, no estado atual dos nossos conhecimentos, a explicação é impossível.

O fato nem por isso é menos real e incontestável. Trata-se aqui, na verdade, de uma manifestação correspondendo à morte. A questão para nós é de saber em que momento ela se produziu – se foi um pouco antes ou um pouco depois do falecimento. É uma vibração do éter. Foi ao mesmo tempo de ordem psíquica e de ordem física: ouviram-na a criança e sua prima Mariana. Tudo nos leva a crer que ela não foi intencional, que unicamente a produziu a vontade, como nas aparições, nas vozes ouvidas, nos conselhos dados; que, por conseguinte, não foi nem antes nem depois da morte que ela se produziu pelo pensamento do General Dumas, mas que coincidiu com *o próprio momento* da separação da alma, como efeito mecânico.

No tomo V da mesma obra Alexandre Dumas relata outra observação não menos perturbadora.

Trata-se de um certo Sr. Villenave, um bibliófilo seu amigo, de idade avançada. Tinha ido fazer-lhe uma visita, em 1829, no mês de março, pelas 5 horas da tarde, isto é, ao cair da noite, por causa do estudo de um autógrafo. Ao passar pelo porteiro, este entregou-lhe uma carta, para não subir as escadas de dois andares. A carta anunciava ao Sr. Villenave a morte de uma antiga amiga, muito amada, morte de que ele acabava de ser advertido misteriosamente, pela queda do seu retrato, um belo “pastel”, cuidadosamente suspenso na parede do seu quarto. O célebre escritor acrescenta:

“Este fato extraordinário fez-me lembrar a aparição de meu pai, que na mesma noite da sua morte viera acordar-me, sendo eu uma criança, e eu repetia, sem poder responder, esta pergunta tantas vezes feita a mim mesmo: “Por que laços misteriosos se prende, pois, a morte à vida?”

Mais tarde, quando perdi minha mãe, que eu mais que tudo venerava no mundo e que, por seu lado, me adorava além de toda a expressão, recordei-me essa dupla manifestação e, perto do leito em que ela acabara de expirar, de joelhos e com os meus lábios na sua mão, supliquei-lhe que, se alguma coisa do seu próprio ser sobrevivesse a ela própria, me aparecesse uma derradeira vez; depois, vindo a noite, deitei-



me num quarto insulado, esperando, com o coração palpitante, a visão bem-amada.

Inutilmente contei quase todas as horas, sem que nenhum ruído, sem que qualquer aparição viesse consolar a minha fúnebre vigília. E então duvidei de mim mesmo e dos outros, porque eu amava tanto minha mãe e ela amava-me tanto a mim que, se ela pudesse levantar-se uma última vez da sua cama para me dizer um derradeiro adeus, tê-lo-ia feito certamente.”<sup>66</sup>

Exponhamos todos os fatos, mesmo contraditórios, para a nossa instrução pessoal.

Podemos notar que essas quedas de retratos, coincidindo com mortes, não são muito raras. Possuo entre os meus papéis grande número de observações absolutamente idênticas: retratos caídos no instante do falecimento, sem que se encontre a causa da queda, em vista da maneira da sua suspensão.

Um desses exemplos foi-me assinalado, ainda recentemente, por uma correspondente verídica e sincera, que os meus leitores já conhecem, a Srta. Vera Kunzler, de Nápoles,<sup>67</sup> que me transmitiu a seguinte narração, a 27 de outubro de 1920:

(CARTA 4.291)

“Nos princípios do ano de 1917 minha tia, a Sra. Paulina Riesbeck, tinha seu marido na guerra; mas, contando mais de 40 anos de idade, julgava-se que estaria na linha da retaguarda e, por conseguinte, ela não se preocupava muito com ele. Certa manhã, a 12 de fevereiro, minha tia entrou-me no quarto, pelas 10 horas e meia, para procurar qualquer coisa. Precisamente no momento em que ela franqueava o limiar da porta, o retrato de seu esposo – um grande retrato que o representava em uniforme militar – destacando-se da parede, caiu e, escorregando no soalho, chegou até aos nossos pés. Verificamos o prego e o cordão que retinham a moldura: encontramos-los intactos. Minha tia, muito impressionada, contou o caso singular a algumas pessoas conhecidas, acrescentando temer que tivesse acontecido qualquer desgraça a seu marido. Naturalmente disseram-lhe o que é de hábito dizer

em tais circunstâncias: “Bom Deus, minha senhora! Vai tornar-se agora supersticiosa? Não creia nessas tolices!”

Mas minha tia, convencida de que um infortúnio havia ocorrido, marcou o seu calendário, nessa data, com uma cruz vermelha; e durante três semanas esperou notícias do ausente. No começo de março soube que meu tio, Adolfo Riesbeck, morrera no “campo de honra” (como se diz) ferido por uma bala na cabeça, na manhã de 12 de fevereiro, pelas 10 horas e meia.

*Vera Kunzler.”*

“P. S.: embora o senhor, meu muito querido mestre, conheça esses fatos e lhe mereça crédito a minha palavra, pedi a minha tia, atualmente em Nápoles, que confirmasse a minha narração. Eis o seu autógrafo:

*Certifico a absoluta exatidão da narrativa precedente.*

*Paulina Riesbeck*  
Rua Liotard, em Genebra.”

As manifestações de moribundos revestem as mais singulares formas. Eis uma que me foi enviada de Bruxelas, a 12 de maio de 1900, na carta abaixo transcrita:

(CARTA 916)

“Creio ser do meu dever acrescentar à sua documentação um fato de que fui testemunha e que, ainda que datando de longe, me ficou tão vivamente na memória que muitas vezes o repeti a minha mulher e a meus filhos.

Em Liege, a 11 de abril de 1852, meu irmão, minha família e eu estávamos sentados à mesa, já de noite, jogando as cartas à luz do gás, quando subitamente a chama se extinguiu.

Espanto geral! Teria alguém tocado no relógio? Não, porque nos compartimentos contíguos o gás continuava a arder. Reacendeu-se o mesmo bico sem dificuldade, mas vimos então meu pai, muito pálido, e ouvimo-lo balbuciar:

— Tenho o pressentimento de que minha mãe acaba de morrer.

Em vão zombamos de tal idéia, que não tinha a menor razão de ser. Isso de nada valeu.

A inquietação de meu pai terminou por se comunicar a todos nós e não tardou que nos chegasse um despacho de Maastricht, a 30 quilômetros de Liege, anunciando o fatal acontecimento.

Não sendo eu nem supersticioso nem céptico, transmito-vos o fato em toda a sua singeleza e no interesse único da verdade.

*E. Michel*

26, rua do Norte, Bruxelas.”

Luz de gás que se apaga no momento de uma morte, e isto, incontestavelmente, diante de uma família inteira... não será infantil, ridículo? É inadmissível uma corrente psíquica?

Eis um relógio que pára: recebi do Dr. Weil, rabino em Strasburgo, a seguinte notificação de três observações feitas em Bischheim, numa família da maior honorabilidade e de que ele garante a exatidão – família protestante, nada mística e “tudo que há de mais sóbrio em idéias religiosas”. Prefere que os nomes não sejam publicados. Esta narrativa foi escrita por um estudante:

(CARTA 4.201)

“Minha avó morreu em 1913. Na hora do seu falecimento o relógio que estava suspenso na parede do seu quarto parou e ninguém conseguiu tornar a pô-lo a trabalhar. Anos depois seu filho morreu também e no mesmo dia do decesso o relógio recomeçou a dar horas sem que alguém lhe tivesse tocado.

Por ocasião do falecimento dessa dama um de seus filhos residia na América. Voltou apressadamente à Alsácia e, ao chegar, perguntou se sua mãe vivia ainda. Recebendo res-

posta negativa, contou que no dia 9 de fevereiro acordara durante a noite e vira a mãe de pé, junto do seu leito.

– Ela fez um sinal – exclamou ele –. Levantei-me, segui-a através de três compartimentos e terminei por chamá-la. Nesse momento, justamente, desapareceu e o relógio marcou duas horas menos um quarto. No dia seguinte parti para a Alsácia, porque estava certo do seu passamento.

Fora, com efeito, nesse dia e à hora indicada que a morte ocorrera.”

Indubitavelmente, é estranho que um espírito, um moribundo ou um morto possa deter um relógio ou pô-lo a trabalhar. Como poderão eles atuar sobre a mola? Todavia vimos noutra ponto que a faísca exerce essa ação. Atribuir tais coincidências ao acaso é coisa que nos não satisfaz muito, dado o número das observações concordantes. Por outra parte, temos uma aparição que anunciou um falecimento.

Uma dama da boa sociedade, muito distinta e sagaz observadora, escreveu-me no mês de abril de 1900:

(CARTA 888)

“Os dois fatos que vou indicar são exatos, mas só lhos relatarei, querido mestre, com a condição que de certo compreende e desculpará: a de não publicar nem o meu nome nem os outros, porque o mundo é muito estúpido e escarnece de tudo.

Certo dia uma jovem veio trazer-me notícias de sua irmã, casada e vivendo longe, que tinha adoecido com febre tifóide. Eu e minha filha, ao acompanharmo-la, detivemo-nos conversando por baixo da sineta colocada à entrada do compartimento que eu habitava. Perto de nós ou a certa distância não estava ninguém. De súbito, a sineta começou a tocar como num dobre de finados.

– Leontina – disse eu à nossa visitante – sua irmã está a morrer. Este sinal é o seu adeus.

Nesse mesmo dia recebi um telegrama, anunciando o falecimento.

Falar-lhe-ei também de uma irmã de caridade que me contou o seguinte:

Tinha ela uma amiga que lhe prometera preveni-la quando estivesse para morrer. Um dia em que a freira estava no roupeiro, ouviu chamar:

– Irmã Cecília, irmã Cecília!

Não vê ninguém. O mesmo chamamento se repete por duas vezes. Ao terceiro a voz acrescenta:

– Sou eu! Vou partir para sempre e vos venho avisar.

Passado um mês a irmã Cecília soube que a sua amiga morrera no dia e na hora em que ela ouvira a voz chamá-la.”

Essas duas observações são análogas às que mencionamos atrás: a da sineta de S. Francisco de Sales e a da vizinha de Victor Hugo, na praça dos Vosgos.

Em julho de 1919 recebi do meu amigo, o Dr. Ostwalt, médico oculista em Ivry, a seguinte comunicação, com o pedido de não revelar a dor de uma família em luto, publicando o nome da narradora. Trata-se de uma pobre mãe de família e de seu filho H. A., morto na última guerra. Eis a carta dessa mãe:

(CARTA 4.093)

“Pede-me que lhe relate o fato misterioso que coincidiu com a morte de meu bravo e doce filho. Ei-lo aqui, na sua dolorosa simplicidade.

A 16 de junho de 1915 fui acordada por três pancadas muito nítidas e muito vibrantes na minha porta, e disse:

– Entre quem é! – pensando que fosse a minha criada de quarto que me serve o pequeno almoço pelas 7 horas da manhã.

A admiração que senti, por não ver a porta abrir-se, cessou imediatamente. Sentando-me no leito, disse a meu marido (que tinha ouvido as minhas palavras, entrando e consultando o relógio, que marcava seis horas menos cinco minutos):

– *É estranho! Acabo de ter uma alucinação auditiva: três pancadas batidas à minha porta, mas tão rápidas e fortes*

que me fizeram evocar o nosso Henrique. Parece-me que é ele... dizendo-me: “Querida mamãe, peço-te que te não inquietes; mudo de setor, sou feliz, tudo vai bem, mas parto...” Sensação estranha que me penetrou profundamente.

Meu filho pertencia ao Regimento nº 148 de Infantaria e estava iminente um ataque em direção ao trágico planalto de Quennevière (região de Compiègne); receávamos esse ataque e, no entanto, eu vivia serena e confiante... Ai de mim! A 23 de junho um professor do colégio, onde meu filho fora educado, comunicou-nos a lancinante notícia transmitida por um condiscípulo de Henrique, tenente, que se encontrava perto dele, quando o nosso querido e pobre filho foi mortalmente ferido na cabeça por um estilhaço de obus que rebentou a curta distância. A sua morte fora instantânea, no momento em que o assalto começara: 6 horas menos cinco minutos.

Envio-lhe a cópia dessa triste carta do amigo dele, narrando o combate e a morte de meu filho precisamente à hora indicada.”

Seria difícil supor que essa sensação auditiva da mãe, crendo ouvir seu filho (assim como as pancadas batidas à porta), tenha sido produzida pelo moço soldado que havia de morrer vítima do estilhaço de obus. A transmissão devia corresponder ao mesmo momento da morte. Vimos, nas páginas precedentes, grande número delas, *anteriores* ao falecimento. Nós as veremos posteriores à morte (no tomo III). Esta que menciono coincidiria com o próprio momento.

Vê-se quanto a nossa classificação é útil.

Na precedente narrativa, uma mãe é informada da morte de seu filho. Na que se vai ler, uma filha sente, a distância, num pesadelo singular, a morte de sua mãe, agonizante a 100 quilômetros distante de si. Uma carta que me foi transmitida de Lourdes, em 11 de junho de 1920, relata-me o seguinte:

(CARTA 4.159)

“Minha mãe fora advertida da morte de sua própria mãe. Esta última vivia com uma das suas filhas, num lugarejo da Haute-Garonne, Arlos, não distante da fronteira espanhola do Val d’Aran. O autor de *Estela* deve certamente conhecer essa região deliciosa.

Minha mãe residia sempre em Lourdes, ou seja, à distância de 100 quilômetros, aproximadamente, d’Arlos.

Por uma noite de outubro de 1918, durante o seu primeiro sono, foi ela despertada de repente, não só com o sentimento da presença de alguém, mas ainda com a sensação muito nítida de que estranha mão lhe agarrava o pulso, apertando-lho fortemente; ao mesmo tempo ouviu-se grande estalido, parecendo vir das proximidades da porta. Tendo imediatamente acordado meu pai, minha mãe contou-lhe o seu pesadelo, informando-o da inquietação que a atormentava acerca da minha avó, que ela sabia encontrar-se muito fraca, havia alguns dias. Readormeceu, mas o seu sono foi, toda essa noite, muito agitado e intermitente: ao seu espírito apresentava-se um sonho constante e único: a visão de uma câmara ardente.

Minha avó, que entrara em agonia ao começo da noite, sem dúvida no momento em que minha mãe teve a sensação de que a agarravam pelo pulso, morreu ao romper da aurora do dia seguinte. Minha mãe nenhuma surpresa experimentou ao receber, pelas 10 horas, o telegrama fúnebre. Todo esse dia conservou a impressão do pulso fortemente apertado. Falando-me do estalido particular (ao qual se faz alusão nos primeiros documentos que o senhor publicou), compreendeu nitidamente que ele representava uma advertência.

Minha mãe foi educada na simplicidade de costume de uma família de camponeses muito crentes e piedosos.

*Pedro Proubet* (em Lourdes).”

Essa sensação telepática subjetiva não é mais dolorosa do que as antecedentes nem do que as duas seguintes, que confirmam simplesmente o fato incontestável dessas tão diversas manifesta-

ções. Foram-me enviadas de Montpellier, a 6 de agosto de 1900, nessa carta:

(CARTA 933)

“É para todas as almas honestas e leais um dever comunicar-lhe o que sabem, para o auxiliar nos seus tão generosos estudos. A autenticidade das duas observações seguintes não poderia ser contestada. A primeira foi-me transmitida por pessoa absolutamente digna de fé; a segunda passou-se na minha família.

*a)* A Sra. Belot é uma senhora de 80 anos, tendo sido irrepreensível a sua existência.

Vivia há muito tempo separada de seu marido, porque ambos eram dotados de grande independência de caráter, não possuindo nem os mesmos gostos nem as mesmas idéias. Não se detestavam. Esse casal vivia com desafogo: o marido, um pouco aventureiro, decidiu ir estabelecer-se na Argélia. Antes de deixar a esposa, disse-lhe:

– Parto, mas tranqüiliza-te porque não te esquecerei. Se morrer primeiro, o meu último pensamento será dirigido a ti.

Um dia a Sra. Belot, após o jantar, dormia a sua habitual sesta. Dormitava quando, pelas 4 horas da tarde, lhe pareceu ver seu marido passar diante dela, exclamando:

– *Adeus, vou partir.*

Esta aparição acordou-a em sobressalto. Ficou muito assustada. Havia reconhecido bem a figura do marido, apesar do seu rosto pálido e emagrecido. Não deixou de sonhar com ele constantemente, pensando que lhe sucedera algum desastre.

Na manhã seguinte recebeu um despacho telegráfico, dando-lhe parte de que ele tinha morrido na véspera, pelas 4 horas da tarde.

*b)* Meu pobre pai estava muito doente e, para acalmar os sofrimentos que o torturavam, os médicos recomendaram as injeções de morfina. Meia hora antes de morrer, pelas 9 e



meia da noite, não podendo resistir às suas dores atrozes, levantou-se por si mesmo e dirigiu-se para o fogão, onde se encontrava o frasco de morfina, para se injetar. Depois tornou a deitar-se, sucumbindo pelas 10 horas (isto ocorreu em Foix).

Sua irmã, que residia em Toulouse, foi informada do falecimento, por telegrama, e chegou no dia seguinte. Antes de minha mãe lhe ter falado, ela disse-lhe:

– Sonhei o que aconteceu; ontem à noite deitei-me cedo; logo que adormeci vi-o dirigir-se ao fogão. Essa visão despertou-me bruscamente; eram perto de 10 horas.

Afirmo-lhe, sábio mestre, que esses dois fatos são de incontestável veracidade.

*Henrique Silvy (em Montpellier).”*

Eis um caso comovente de moribundo, enviado ao Sr. de Vesme, em dezembro de 1919, manifestação auditiva. É o médico da heroína deste fato o telepático quem escreve:<sup>68</sup>

“Em fevereiro de 1904, M. B., de 31 anos de idade, era noivo da Srta. D.

Esses dois jovens amavam-se. Em breve, porém, divergências de família comprometiam os seus projetos e adquiriam tal importância que o casamento, que devia celebrar-se em meados de maio, foi desmanchado no dia 4 desse mês. Entristecidos, os dois noivos separaram-se e foram viajar, procurando atenuar o seu desgosto. A Srta. D. pensava diariamente no homem que estivera para casar com ela e que ainda esperava esposar, mais tarde ou mais cedo, quando deixassem de existir as dificuldades levantadas pela família.

Em setembro de 1904 recebeu uma carta do seu antigo noivo. Foi a última que lhe chegou às mãos.

Em dezembro de 1905 soube que, cedendo aos rogos dos seus, ele se havia casado. Ela mesmo também se consorciou, a 5 de julho de 1906, indo habitar com seu marido numa propriedade situada nos arredores de Bordéus.

M. B., embora casado, não podia esquecer a sua antiga noiva.

No mês de março de 1907 a jovem encontrava-se só, andando seu marido em viagem.

Uma noite (era a 17), havendo-se deitado como de costume, acordou bruscamente, pelas 2 horas da manhã, tendo ouvido dizer o seu nome de batismo, por três vezes, perto dela, ao que parece. Julgou que esse nome era pronunciado por detrás da porta que se encontrava ao lado do seu leito e que dava para um corredor. Levantou-se, abriu essa porta, pensando que seu marido havia regressado inopinadamente, e ficou muito espantada de não ver ninguém. Perguntando a si mesma quem teria podido chamá-la, foi acordar a sua criada de quarto, que dormia num compartimento contíguo. Esta nada tinha ouvido. Vestiram-se ambas, correram toda a casa e, como não encontraram ninguém, deitaram-se novamente.

Ao fim de algum tempo a Sra. D. adormeceu. Mas, de novo ouviu bruscamente o seu nome pronunciado por duas vezes e por uma voz muito angustiada. Bastante comovida, saltou precipitadamente do leito, chamou a criada e disse-lhe:

– Agora é impossível que não tenha ouvido; por duas vezes chamaram: Joana... Joana...

A serva respondeu que nada ouvira e que, no entanto, como não dormia, se alguém chamasse, teria certamente dado por isso. Muito intrigadas, ambas tornaram a correr toda a casa, sem nada encontrarem.

A Sra. D. deitou-se novamente, dispensando a presença da criada, mas, não podendo conciliar o sono, ficou num estado de emoção facilmente compreensível.

Meia hora mais tarde, pela terceira vez, ouviu chamar por ela e mais aflitivamente ainda do que das duas vezes precedentes. Passou o resto da noite em extrema perturbação.

Volvidos dias, uma das suas parentas, vinda de Noyon, onde vivia o seu antigo noivo, contou-lhe que ele morrera, de tuberculose aguda, na noite de 17 para 18 de março. O

seu fim havia sido particularmente trágico. Morrerá presa de violentíssima dispnéia e durante a sua agonia chamara, por várias vezes, a sua namorada de outrora: “Joana!”, ao passo que expirava nos braços de sua mulher.”

Como havemos de duvidar, quando vemos tais manifestações acumularem-se às centenas diante da nossa atenção? Nenhuma ciência física ou histórica se estabeleceu sobre tantas observações concordantes.

A narrativa seguinte poderia, aparentemente, classificar-se entre as aparições de mortos a longo prazo, mas convém discuti-la. Está consignada na obra de Myers (*Human Personality*, tomo II, pág. 32), segundo uma comunicação da Srta. Lucy Dodson:

“No domingo, 5 de junho de 1887, entre as 11 horas e a meia-noite, quando estava inteiramente acordada, a narradora ouviu por três vezes chamarem pelo seu nome e viu logo aparecer sua mãe, morta havia dezesseis anos, trazendo nos braços duas crianças que lhe oferecia, dizendo:

– Toma conta delas, porque acabam de perder sua mãe.

Na manhã seguinte a Srta. Dodson soube que sua cunhada morrera em consequência do parto, três semanas depois de ter dado à luz uma criança que era o seu segundo filho. É de notar que os dois pequerruchos que tinha visto ao colo de sua mãe lhe pareceram ter a idade dos filhos de sua cunhada e que nada sabia do seu parto.”

O inquérito feito a tal propósito mostrou que a aparição da morta fora absolutamente espontânea, que nada no espírito da narradora poderia dar-lhe origem. A Srta. Dodson estava na Inglaterra e sua cunhada em Bruges.

Devemos considerar tal observação como prova da aparição autêntica dessa mãe falecida dezesseis anos antes? Isso não é certo; não é mesmo provável, e não ousa reservar esta observação para o terceiro volume da presente obra, porque pode não haver aqui mais do que transmissão de pensamento da agonizante com associação de idéias. Como a visão coincidiu com a morte da parturiente, somos levados a crer que foi ela quem

pensou no futuro dos seus filhos, em sua cunhada e até na defunta.

A visão e a audição deram-se entre as 11 horas e a meia-noite; a morte ocorrera no mesmo dia, domingo, 5 de junho, pelas 9 horas e meia da noite, isto é, aproximadamente duas horas antes.

A associação da mãe da Srta. Dodson à sugestão de sua cunhada não deve desdenhar-se. Ela relembra-nos outras observações análogas. Não vimos nós, no tomo I, a morte do General Touchskoff anunciada à esposa por seu pai, pessoalmente estranho ao fenômeno?

Voltaremos a ocupar-nos desses dois casos notáveis.

Encontramo-nos em plena esfera sentimental. A tocante história que se vai ler foi-me comunicada por um moço, membro da Sociedade Astronômica de França e dolorosamente afetado pelo incidente. Sua carta vai textualmente reproduzida. Noto nessa carta três formas de manifestações: 1º- audição interior da palavra “acabou-se”; 2º- ruídos violentos num fogão; 3º- barulho enigmático; sensações experimentadas por três testemunhas independentes.

(CARTA 2.499)

“Meu caro mestre:

Saúdam os seus discípulos no senhor tanto o psiquista como o astrônomo; e como a sua missão parece ser a de demonstrar a existência da alma e a sua sobrevivência, entendo dever comunicar-lhe as seguintes confidências:

*a)* – Nos primeiros dias do mês de abril último travei conhecimento com uma senhorita da minha idade (dezoito anos); perto dela experimentava uma impressão indefinível que me mergulhava em vaga tristeza, sem que eu pudesse dissipá-la. Vi-a algumas vezes de noite, nunca além de 30 a 35 minutos, salvo a 15 de abril, das 7 para as 8 horas, em Buttes-Chaumont. Era por uma noite maravilhosa da primavera; passeávamos vagorosamente. De súbito, sem razão, conversamos a respeito da morte; eu mostrava-lhe as estre-

las, falando-lhe da alma, da sua sobrevivência, da sua evolução progressiva nas “terras do Céu” e ainda de outros assuntos de além-túmulo. O nosso passeio terminou assim.

Na manhã seguinte caiu de cama, com todos os sintomas de febre tifóide; em virtude do seu estado, teve de ser transportada para o hospital..., onde fui encontrá-la sem conhecimento. Dia a dia tive a dor de acompanhar os progressos da doença e a catástrofe temida ocorreu a 6 de maio, pela 1 hora e um quarto. Esse golpe afligiu-me; começo apenas a libertar-me do torpor em que estive mergulhado.

Na noite de 5 para 6 de maio, *meio acordado*, tive uma *impressão* que pode assim traduzir-se: “Acabou-se”. Quis levantar-me para verificar as horas, mas readormeci bruscamente num sono pesado como chumbo, causado pela reação nervosa da excitação do dia. O tempo que durou essa *semi-vigília* foi muito curto; posso mesmo calculá-lo em quatro ou cinco segundos. Lamento muito não me ter levantado para ver as horas; mas sempre notarei que a noite estava escura. Pelas 5 horas acordei. Erguendo-me imediatamente, corri ao hospital e aí soube o que tinha acontecido. Ela estivera durante muito tempo em estado comatoso.

*b)* – O pai da minha pobre Marcela, de 68 anos de idade, ignorante de toda a idéia psíquica e antes incrédulo acerca disso, havia deitado, no dia 5, tão triste como nos dias precedentes, sem que por isso pensasse na morte de sua filha. Despertou no dia 6 *ao romper da manhã*, pelas 4 horas, e, apenas acordado, ouviu cinco intensas pancadas no fogão, ao mesmo tempo em que a rede metálica se agitava com violência. Irritado com o fato de que se fizesse tanto barulho a hora tão matinal, mostrou em voz alta o seu desagrado e, ao amanhecer, foi informar-se do caso com todos os seus vizinhos; estes nada tinham ouvido. Só quando era já dia alto é que ele teve conhecimento da morte da filha.

*c)* – O irmão da minha amiga, vivendo em Marly-le-Roi, foi despertado, pela meia-noite, por um ruído metálico pro-

longado, levantando-se para saber a razão disso, sem nada encontrar.

Não tenho autoridade suficiente para discutir o modo de formação desses fenômenos e limito-me a apresentar-lhos tal como os senti e como me foram relatados, sem os enfeitar e sem os aumentar ou diminuir.

Paris, 21 de junho de 1914, dia da sua Festa do Sol, esta noite, na Torre Eiffel.

*Renato Johany Delestré.”*

Temos aqui sob os olhos um idílio na verdade comovente. Essa moça de dezoito anos pressentia, sem disso duvidar, o seu próximo fim. Um raro passeio amoroso, por uma bela noite de primavera, tinha-os levado a falar da morte. No dia seguinte ela adoeceu, morrendo três semanas depois. Seu passamento foi sentido pelo namorado, na hora em que ele se deu, e seguidamente por seu pai. Seu irmão foi impressionado por inexplicável barulho, pouco tempo antes, ao passo que ela estava em estado comatoso. Recusar admitir esses três testemunhos seria indesculpável. Eles somam-se a muitos outros.

O narrador era um jovem observador, estudante de um curso científico, muito ponderado (a infame guerra de 1914-1918, ai de nós! eliminou-o da vida, como a tantos mais – a 25 de setembro de 1915).

Como esses ruídos estranhos ouvidos no momento da morte – pancadas na chaminé, rede metálica sacudida, como, noutra ponto, as campainhas d’Étampes, a porta de Alexandre Dumas, etc. –, há milhares de exemplos análogos. Que opinião quereis que um homem, ao corrente desses fatos, tenha sobre o valor intelectual dos cegos que os negam? <sup>69</sup>

Um pai, a bordo de um barco, sobre o oceano, recebe um beijo de seu filho, agonizante em França. O Sr. Moureau, comandante de fragata, dirigiu a narrativa seguinte aos *Anais das Ciências Psíquicas*:<sup>70</sup>

“Ruão, 1º de novembro de 1916.

A 23 de janeiro de 1893 a fragata-escola *Efigênia*, em cruzeiro de instrução, encontrava-se ao largo das Antilhas, navegando em direção à França.

Devendo entrar de quarto das 4 às 8 horas da manhã, recolhi-me pelas 11 horas da noite à minha cabine, fechando a porta. Apenas apagada a luz, caí no estado de semiconsciência que precede o sono, experimentei no peito a sensação do peso e a impressão tátil de pequeno corpo humano que aí se tivesse apoiado de súbito, sem esforço prévio aparente para resvalar no meu pequeno leito que, no entanto, se achava elevado acima do soalho. O espaço a bordo de um navio de guerra é, com efeito, muito poupado e a pequena cama estava instalada sobre um arcão ou armário de altura apreciável. Simultaneamente à sensação de contato e de opressão do peito, tive a impressão muito nítida de que dois pequeninos braços estreitavam o meu pescoço e que uma boca beijava a minha.

Mais do que surpreendido, agarrei o corpo com as duas mãos e repeli-o bruscamente. A despeito do número de anos decorridos desde então até hoje, a minha memória conservou perfeitamente a recordação do peso levantado. Raspei vivamente um fósforo e aproximei-o da vela, colocada ao meu alcance imediato. A chama surgiu desde logo e vi que a estearina não estava ainda coagulada. Saltei do leito e explorei rapidamente o meu compartimento: era eu o único ser vivo que se encontrava na cabine.

Acudiu-me então ao espírito que eu não tinha ouvido nem o ruído do corpo ao cair no soalho nem o que a porta teria feito ao fechar-se.

No dia seguinte, durante o almoço, confiei a minha aventura a um camarada de promoção, amigo íntimo, que era meu vizinho de mesa na sala comum. Ainda que muito céptico em geral, esse oficial confessou-me que a precisão da minha narrativa o havia impressionado.

Ao ancorarmos em Gibraltar, o correio informou-me de que o meu filhinho, um menino de dois anos de idade ape-

nas, tinha sido atacado de crupe e falecera em Paris, no mesmo dia em que eu recebera um beijo, na minha solitária cabine. Depois de proceder cuidadosamente à correção da hora pela longitude em que nesse instante navegava, anotei que a hora do falecimento coincidia exatamente com a da alucinação tátil.

Ao chegar a Toulon encontrei os meus de luto pesado.

– Se há alguma coisa – disseram-me – que possa de certo modo atenuar o nosso cruel desgosto, é a de sabermos que o nosso filho, atacado de difteria, morreu de uma embolia no momento em que, beijando a tua fotografia, balbuciava: “Papá... navio... sobre a água!”

*F. M. Moureau*  
Capitão de Fragata.”

Vêm os meus caros leitores como as nossas exatidões se multiplicam.

O Dr. Liébault, o eminente médico de Nancy, tornou conhecida a seguinte manifestação na própria hora da morte.<sup>71</sup> Conseguiu os seus cuidados a uma certa Srta. B., que, por hipnotismo, havia curado de uma tosse nervosa adquirida por ela em Coblentz, onde era professora. Vejamos a narrativa desse clínico:

“Um dia, a 7 de fevereiro de 1868, pelas 8 horas da manhã, no momento de se sentar à mesa para almoçar, sentiu-se ela imperiosamente forçada a escrever como *médium* (o que fazia havia já algum tempo) e correu imediatamente à procura do seu grande caderno, onde traçou febrilmente, a lápis, caracteres indecifráveis. Repetiu os mesmos caracteres nas páginas seguintes e, finalmente, acalmado-se a agitação do seu espírito, pôde ler que uma pessoa chamada Margarida lhe anunciava a sua morte. Supôs-se desde logo que uma senhorita com este nome, que era sua amiga e vivia como professora no pensionato de Coblentz, em que ela tinha exercido funções idênticas, acabava de morrer. Toda a família da Srta. B. veio sem tardança a minha casa e decidimos verificar, no mesmo dia, se tal falecimento havia ocorrido, na rea-



lidade; a Srta. B. escreveu a uma inglesa sua amiga, que desempenhava iguais funções de professora no mesmo pensionato, servindo-se para isso de um pretexto qualquer e tendo o cuidado de não revelar o verdadeiro motivo.

Na volta do correio recebemos uma resposta em inglês, de que me copiaram a parte essencial. A professora britânica exprimia, na sua carta, o espanto acerca da carta da Srta. B., que ela não esperava. Ao mesmo tempo, contudo, anunciava ao nosso *médium* que a sua amiga comum, Margarida, falecera a 7 de fevereiro, pelas 8 horas da manhã. Além disso, um pequeno quadrado de papel impresso vinha incluído na carta: era um bilhete de participação de óbito. É inútil dizer-lhe que verifiquei o subscrito da carta e que ele me pareceu, realmente, ter vindo de Coblenz.

*Dr. A. Liébault.”*

Quem anunciou tal morte nessa escrita espontânea do *médium*? Foi a própria Margarida? Parece bem que sim, apesar das hipóteses do subconsciente, da lucidez e da intuição. Como se explica a *mediunidade*? Explicá-la-á, talvez, uma obra especial sobre o *Espiritismo*.

Continuemos o nosso estudo.

O Coronel Jones, de Londres, homem de espírito livre de toda superstição e de toda credulidade ingênua, comunicou, em 1883, aos autores dos *Phantasms of the Living* uma carta de seu pai, escrita pouco tempo depois da seguinte observação:

“Em 1845 estava eu com o meu Regimento em Moulmeim, na Birmânia. Por esse tempo não havia aí correio direto; eram os navios de velas que nos traziam as nossas cartas e andávamos muitas vezes durante meses sem as receber.

Na noite de 24 de março de 1845 jantei com outras pessoas em casa de um amigo. Depois do jantar, na varanda, envolvi-me numa conversa com os outros convidados, sobre negócios locais. De súbito, vi *distintamente* diante de mim um caixão e, estendida nele, com todas as aparências de estar morta, uma das minhas irmãs, particularmente amada,

que estava então em casa. Emudeci, já se vê, e toda a gente me fitou interrogativamente. Perguntaram-me o que tinha. Conteí, rindo, o que acabava de ver, tomando-se como brincadeira a minha narrativa.

Durante a noite regressei a minha casa, em companhia de um oficial, muito mais velho do que eu (o falecido Major-general George Briggs, reformado, da Artilharia de Madras; nessa época era capitão), que voltou a falar do assunto, perguntando-me se eu havia recebido notícias de que minha irmã estivesse enferma; respondi-lhe negativamente, acrescentando que as últimas cartas de minha casa me haviam chegado às mãos aproximadamente três meses antes. Pediu-me que anotasse tal visão, porque tinha ouvido falar de impressões análogas. Assim o fiz, escrevendo a nota num calendário, no local da respectiva data. No dia 7 de maio seguinte recebi uma carta anunciando-me que *minha irmã morrera nesse mesmo dia.*"<sup>72</sup>

Eis um fato de observação positiva. No meio de tranqüilo serão, conversando acerca de várias coisas, esse oficial vê de repente, diante de si, um ataúde e deitada nele uma irmã que particularmente muito amava. Acontece que essa irmã, de quem havia três meses não recebera notícias, tinha morrido nesse mesmo dia na Inglaterra, estando ele na Birmânia. Atribuir a coincidência unicamente ao acaso seria, na verdade, duma mentalidade muito simples. Segundo todas as probabilidades, essa irmã agonizante pensou em seu irmão com viva intensidade e essa angústia transpôs a distância que os separava. Podemos imaginar mais, em virtude do caixão visto, se ela já aí estaria quando o pensamento se formulou? Não ousou propor que isso se admita. Todavia as observações, tais como são, devem tornar-se conhecidas.

Examinemos agora a impressionante manifestação, que vai a seguir, de um suicida, no momento do seu ato inteiramente imprevisto. Reproduzimo-la, com minúcias circunstanciadas, da obra tão documentada *Phantasms of the Living*.<sup>73</sup>

Eis a narrativa do observador:

“Em 1876 vivia eu em pequena paróquia agrícola do leste da Inglaterra.

Tinha como vizinho um rapaz, S. B., que morava com o seu criado, no outro extremo da aldeia. A sua habitação era muito afastada da minha (1 quilômetro pouco mais ou menos) e estavam separadas uma da outra por jardins e construções. Não era um amigo pessoal para mim, mas simples conhecido; só me interessava como um dos grandes proprietários da região. Por cortesia, convidei-o a visitar-me, mas, tanto quanto posso recordar-me, nunca fui à casa dele.

Uma tarde de março de 1876, quando deixava a *gare* com minha mulher, para nos dirigirmos a casa, ele abordou-nos e acompanhou-nos até à porta de entrada; ficou ainda alguns momentos a falar conosco, mas não houve nada de particular na conversação.

Depois que se despediu de nós, minha mulher disse-me:

– Evidentemente, o jovem B. desejava que o convidássemos a entrar, mas pensei que não quisesses ser importunado por ele.

Tendo-o reencontrado de novo nessa tarde, ouvi-o, com grande surpresa, dizer-me:

– Venha fumar um charuto a minha casa esta noite.

Respondi-lhe:

– Não é possível, estou comprometido.

– Venha – insistiu ele.

– Não – repliquei –; irei lá uma outra noite.

Ao cabo desse diálogo, separamo-nos.

Estávamos talvez a 40 metros de distância um do outro, quando ele, voltando-se para mim, exclamou:

– Então, como não se decide, adeus.

Passei essa noite a escrever. Depois que eu entrara em casa, nevara um pouco, o suficiente para branquear a terra. Pelas 10 horas menos 5 minutos aproximadamente, abri um livro e aproximei-me do candeeiro para ler, com as costas apoiadas contra a janela, posição que me permitia distinguir

o menor ruído exterior. De súbito, ouvi nitidamente que alguém abria a porta da frente, tornando a fechá-la com estrondo. Depois ouvi passos precipitados avançando pelo caminho. Tais passos eram, a princípio, muito distintos e muito sonoros; mas, ao chegarem perto da janela, amorteceram-se num gramado que ali havia e, no mesmo instante, tive a consciência de que alguma coisa estava perto de mim, do lado de fora, unicamente separada do meu corpo pela delgada gelosia e pelo caixilho da vidraça. Pude ouvir a respiração curta, ofegante, penosa do mensageiro ou de quem quer que fosse, que se esforçava em retomar o alento antes de falar. Teria ele sido atraído pela luz que se filtrava através das persianas? Mas subitamente retumbou, como um tiro de canhão, dentro de casa, fora dela, por toda parte, o mais espantoso dos gritos, um grito prolongado, que principiou por uma nota muito alta e que depois foi baixando, desgrenhando-se, espalhando-se em gemidos e tornando-se cada vez mais fraco, desvanecendo-se por fim nos soluços e nos pavores de uma horrível agonia.

Sentada tranqüilamente diante do seu trabalho, num compartimento próximo, perto de uma janela, situada no mesmo alinhamento daquela em que eu estava e de que distava apenas uns 10 a 12 pés, minha mulher *nada tinha ouvido!* Dando fé da minha agitação, perguntou-me a causa dela.

– Está alguém aqui fora – respondi eu.

– Então, por que não sais, indo ver quem é? Assim procedes sempre que ouves algum barulho extraordinário.

Repliquei:

– Existe qualquer coisa de tão estranho e terrível nesse ruído, que não ouse afrontá-lo.

O jovem S. B., depois de se ter despedido de mim, reentrara em sua casa. Passara a maior parte do serão deitado num sofá, lendo um romance de Whyte Melville. Vira o seu criado pelas 9 horas, dando-lhe ordens para o dia seguinte. O criado e sua mulher, que viviam com o patrão, foram deitar-se. No inquérito a que se procedeu, o servo declarou que, no

momento em que ia adormecer, fora bruscamente despertado por um grito. Correria para o quarto do amo, que encontrara, agonizante, caído no chão. Averiguou-se que o mancebo se despira, no andar superior, descendo à sala de visitas, vestindo apenas uma camisa de noite e calças; em meio copo d'água despejou um frasco de ácido prússico (que havia adquirido de manhã com o pretexto de envenenar um cão, quando, na realidade, não tinha cão algum). Tornou a subir e, tendo reentrado no quarto, esvaziara o copo de um trago, soltando um grito e caindo morto. Tudo isso se passara, tanto quanto pude apurar, exatamente no mesmo instante em que eu, em minha casa, me sentira assustado. É inteiramente impossível que qualquer barulho, salvo talvez um tiro de canhão, tivesse podido chegar-me aos ouvidos, dada a distância entre as duas vivendas.

Na manhã seguinte, muito cedo, examinando o terreno por debaixo da janela, não encontrei qualquer marca de passos na areia e na relva; o solo estava ainda coberto da ligeira camada de neve que caíra na noite precedente.

Todo esse incidente é um mistério – e será sempre misterioso para mim. Só conheci os pormenores da tragédia na tarde do dia seguinte. Dizia-se que o motivo do suicídio foram desgostos de amor.”

A mulher do narrador juntou o seu depoimento ao do marido. Um jornal da localidade publicou um relato do suicídio.

É evidente que o moço suicida se manifestou ao seu vizinho pela forma indicada nessa narrativa. Seguramente, não podemos explicar nem essa abertura fictícia da porta, nem esses passos não menos fictícios, nem a presença invisível do trágico visitante, nem a sua aparente respiração, nem esse grito e esses gemidos retumbantes de um moribundo; mas o narrador experimentou todas essas sensações no momento do suicídio. Isso se passou no seu cérebro, *como todas as nossas sensações normais, de resto*, E ESTAS TIVERAM POR CAUSA O AGONIZANTE. Neste caso, não houve “duplo”; nada de objetivo.

Tais observações devem, para o futuro, inscrever-se no quadro da psicologia fisiológica. Ignorá-las, rejeitá-las, será desconhecer um dos elementos da natureza humana. Eis uma outra.

Uma carta que me foi enviada da Bessarábia, a 24 de julho de 1900, dizia isto:

(CARTA 930)

“Era no mês de outubro; a nossa casa estava cheia de pessoas amigas, divertíamos-nos, jogávamos a roleta durante noites inteiras, a juventude parecia invadida por um frenesi de prazer. Entre toda essa gente contava-se um dos nossos parentes, o Sr. Miguel S., que padecia freqüentemente de dores de estômago e de fígado, o que punha em risco a sua vida. No entanto, gostava muito de reuniões sociais e viera divertir-se com os outros, não presumindo qualquer agravamento de saúde, quando a sua doença o assaltou terrivelmente, forçando-o a recolher-se ao leito nessa noite.

Os rapazes continuaram a divertir-se e a rir, e o jogo empolgou-os até ao romper da alvorada. Quando os risos e as brincadeiras eram mais intensos, *três estrondos formidáveis*, que pareciam sair das profundezas da terra, fizeram tremer todas as pessoas, que imediatamente se imobilizaram. Alguém correu para a porta de entrada, pensando primeiro que um visitante retardatário batesse nela. Os criados, que ouviram também as pancadas, tiveram a mesma idéia e foram até ao portão, mas não encontraram ninguém, e cada um se perguntou, intrigado, donde podia vir o barulho sinistro e inexplicável. Na manhã seguinte meu primo morria, no meio desse carnaval, com grande desespero de sua mãe, que teve de removê-lo num caixão para casa. Estranha coincidência: encontrava-se precisamente em nossa habitação um ataúde novo, destinado a transportar as cinzas de meu pai, o que levou certo gracejador a dizer que meu irmão levava a sua hospitalidade a ponto de fornecer caixões aos convidados que tivessem a infelicidade de morrer em sua casa.

Essa morte súbita gelou todos os corações e compreendeu-se então a advertência das três pancadas anunciando uma

desgraça. Assinalo-lhe o fato sem comentários, para os seus estudos.

*Helena Schoulgine*  
Em Grodno – Rússia.”

Essa narrativa põe em evidência um fato certamente digno da nossa atenção. Podemos representar-nos esse homem sentindo-se morrer numa casa em que os outros se divertem, e momentaneamente abandonado pelos vivos, gritando talvez, pelo menos mentalmente, para que lhe acudam. O seu desespero traduz-se por intensa transmissão lançada para os seus amigos indiferentes e produzindo pancadas sonoras, ouvidas por todos e portanto reais, fisicamente. Qual será a força física em jogo aqui? Agora que os fenômenos da eletricidade foram estudados, a idéia de que se trata de uma energia elétrica apresenta-se-nos muito naturalmente.

Pode-se relacionar esses ruídos com os da porta fechada com estrondo, da carta 525 publicada em *O Desconhecido* (capítulo III, caso CXXXV), assim como com todos os que atrás assinamos. Note-se que tais fenômenos correspondem geralmente a mortes trágicas.

A Sra. Camila Selden, íntima amiga de Henrique Heine, teve, no instante do falecimento do célebre escritor, uma singular manifestação que foi cuidadosamente analisada pelo Sr. Marcelo Baudouin. Eis aqui a narração da Sra. Selden:<sup>74</sup>

“Nesse domingo, 17 de fevereiro de 1856, tive um estranho despertar. Pelas 8 horas, *ouvi barulho* no meu quarto: uma espécie de bulício semelhante ao que, em noites de verão, produzem as asas das falenas noturnas que entram pelas janelas abertas e procuram violentamente uma saída.

Os meus olhos abriram-se, mas bem depressa tornaram a fechar-se; *uma forma negra* torcia-se, idêntica a um inseto gigantesco, aos primeiros fulgores do dia, procurando escapar-se de algum modo.”

Portando, *audição* e *visão*, a que se convencionou chamar alucinação auditiva, depois visual, tendo a mesma causa.

O encantador escritor Henri Heine – mais francês do que alemão – morreu em Paris a 17 de fevereiro de 1856, entre as 5 e 8 horas da manhã. Nasceria em Dusseldorf, em dezembro de 1799, mas fornecia a data de 1º de janeiro de 1801 como a de seu nascimento e denominava-se a si mesmo “o primeiro homem do século”. Uma cruel doença da medula espinhal reteve-o no leito durante os seus derradeiros 8 anos. A manifestação de que acabamos de falar feriu a atenção da Sra. Selden, que correu à casa de Heine, apesar do frio que fazia, sabendo aí que ele acabava de expirar.

Marcelo Baudouin acompanha essa observação com as seguintes notas:

“Essa senhora era uma *amiga muito íntima* de Henri Heine. Só publicou as suas recordações em 1884, isto é, 28 anos depois da morte do seu “caro poeta” e depois do falecimento da Sra. Heine. Ela só esteve em relações com o escritor “no fim da sua vida” (1855-1856). Na primeira visita que lhe fez, provavelmente em 1855, encontrou-o já deitado na cama em que morreu. Estabeleceu-se entre eles “uma cordialidade, uma *ligação intelectual* que se manteve sempre intacta e a que nunca se mesclou um sentimento banal...” “Nenhum mal-entendido possível...; podíamos mostrar-nos verdadeiros, sem temor de parecermos falsos; o que aumentava muito o encanto das nossas relações mútuas..., e inspirava respeito a todos.”

Heine chamava a essa jovem mulher “minha pequenina Mosca” e tratava-a por tu, como se fosse sua *parenta*.

O Sr. professor Flournoy, que, com Flammarion e muitos outros psicólogos, aceita os fatos de *lucidez*, chamados reais, crê que isto são *impressões a distância produzidas por pessoa ainda viva* (no momento da sua morte, na maior parte das vezes) *sobre o cérebro doutra pessoa em afinidade eletiva* com ela. Trata-se, em suma, neste caso, de uma *sugestão mental a distância*, sobre um intelecto especial.

Admitamos esta teoria.



As ondas psíquicas (se existem) *não podem fazer por si mesmas qualquer escolha*. Se elas chegam a dado lugar, devem impressionar indiferentemente todos os cérebros que aí se encontrem. Unicamente os que se mantêm em estado particular, a determinar seja como for, são impressionados.

Admitido isto, é evidente que tudo depende dos cérebros que forem tocados. Todos o são, sem dúvida. Mas uns não são impressionados de modo algum, nem de uma forma consciente, nem de maneira inconsciente. Outros, pelo contrário, são atingidos e manifestam que sentiram uma impressão com o auxílio de um fenômeno qualquer: é que são excelentes aparelhos receptores.

Por ocasião, pois, de manifestação de moribundo, se houver na zona de ação das ondas psíquicas um cérebro preparado, o despacho psíquico registrar-se-á. Se não houver, o mesmo despacho passará, sem deixar traços, pelo crânio que apenas será tocado levemente.

Sei muito bem que esta teoria das ondas psíquicas é das mais discutíveis; porque se conhecem fatos de telepatia a *distâncias tão grandes* que se não podem comparar tais ondas às admitidas pela explicação da telegrafia sem fio (ondas hertzianas); no entanto, se se aceita “a força de atração” da Lua sobre os nossos mares, dados os fatos conhecidos, não é despropositado aceitar a hipótese de uma “força psíquica” e das ondas psíquicas, qualquer que seja a sua natureza.

Quando a “força psíquica”, que indubitavelmente existe, mas de que totalmente ignoramos a natureza, é suficiente para passar ao alcance de tal cérebro, venha de onde vier, de longe ou de perto, marca nele a sua passagem pela produção de um fenômeno, psíquico ou fisiológico, conforme atuar sobre tal ou tal parte dos centros nervosos. Em compensação, os outros cérebros deixam-na correr mundo, sem se preocuparem com tão misteriosa potência.”<sup>75</sup>

Tais considerações do Sr. Marcelo Baudouin serão apreciadas por todos os leitores desta obra. É justamente isto o que eles aqui têm visto desde as primeiras páginas. Mas convém acrescentar

que a teoria das ondulações não suprime, em física, a da emissão e que as *projeções luminosas e magnéticas, íons, elétrons, do Sol à Terra*, parecem indicadas por mais de um fenômeno.

Notemos de passagem a forma da audição e da visão da Sra. Selden e o apelido singular que o seu amigo lhe dava.

Como essas manifestações são desconcertantes!

Aproximo-me do limite marcado para este volume e temo fatigar a atenção dos leitores; mas parece-me que experimentamos diante desses panoramas sensação idêntica à que experimentaríamos visitando o Museu do Louvre: onde havemos de deter-nos? Não esqueçamos todavia que, depois das *manifestações* que passamos em revista, é talvez mais interessante ainda dar-mo-nos conta das *aparições*.

Afrouxemos a nossa marcha.

Entretanto, a seguinte visão telepática do Capitão Escourrou, morto aos 27 anos no cerco de Puebla, experimentada por sua mãe, em Sevres, é de tal modo notável que eu me entristeceria se não a juntasse às precedentes. Leiamos a carta, abaixo reproduzida, do Sr. Gustavo Dubois ao Dr. Dariex:<sup>76</sup>

“Edmundo Escourrou e eu havíamos contraído no colégio uma amizade que apenas a sua morte conseguiu romper; tinha, por conseguinte, freqüentes relações com sua família, que amiúde visitava. O pai, capitão reformado como comandante de recrutamento do Sena, era, no momento em que estalou a guerra com o México, porteiro do Senado e vivia em Sevres. Edmundo fora, desde o início da campanha, incorporar-se no Regimento de Zuavos nº 2, no qual servia como tenente.

Recebi muitas cartas suas; todas as semanas me avistava com sua família e naturalmente falamos, nessas ocasiões, do caro ausente. Um dia fui encontrar sua mãe em lágrimas:

– Ah! meu querido amigo – disse-me ela ao ver-me –, tenho cruéis pressentimentos. Perderei meu filho. Esta manhã, ao entrar no quarto em que está o seu retrato (que havia sido pintado por Thienot, um dos seus camaradas, durante o último tempo de licença que lhe fora concedido), para o saudar,

como tenho por costume cotidianamente, vi com nitidez que um dos seus olhos estava rebentado e que o sangue corria no seu rosto. Mataram meu filho!

Procurei tranqüilizá-la, fazendo-lhe compreender que o que ela vira nada mais seria que efeito de luz; não houve maneira de tirar-lhe do sentido a idéia de que seu filho estava morto ou, pelo menos, ferido.

Tempos depois recebíamos a notícia da morte do Capitão Escourrou, caído aos 27 anos no cerco de Puebla. Um “futuro general” como o havia classificado o Coronel Clerc – o seu coronel no Regimento de Zuavos nº 2 – no cerco de Sebastopol, no momento do primeiro assalto de Malakoff.

O sargento-mor da Companhia do pobre morto trouxe as suas armas, derradeira e triste recordação de um filho amado. Foi chorando que ele nos contou a morte do seu chefe. Sendo o primeiro a partir para o assalto da cadeia, arrastava com ele os seus homens quando uma bala, atingindo os punhos da sua espada, lhe quebrou o pulso direito. Pegando no sabre com a mão esquerda, avançou à frente dos seus soldados; de novo foi alvejado por uma bala que, penetrando-lhe *num dos olhos*, matou-o sem que ele soltasse um só grito.

Eis, em toda a sua simplicidade, o relatório de um fato de que fui testemunha. Se determinadas circunstâncias acessórias me esquecem, posso garantir-lhe que, *antes da notícia da morte de seu filho*, a Sra. Escourrou vira a imagem querida *com um dos olhos vazado e sangrando*.

O Sr. e a Sra. Escourrou vivem ainda, moram na rua Péronnet, em Argenteuil; seu filho, Alberto Escourrou, é comissário especial, encarregado do registro no Ministério do Interior, praça Beauvau.

*Gustavo Dubois.”*

Um inquérito feito pelo Dr. Dariex junto à Sra. Escourrou, de seu filho e das diversas testemunhas, não deixou a menor dúvida a respeito desse fato de lucidez, de vista a distância, de repercussão telepática da morte do capitão no cerco de Puebla. Foi efeti-

vamente no dia de Ramos, 29 de março de 1863, que tal acontecimento ocorreu no México e que a Sra. Escourrou percebeu e sentiu, em Sevres, a morte de seu filho. Não vimos nós um caso idêntico, mais atrás, o do Tenente de Boisleve?

É tempo de encerrar este capítulo, apesar dos numerosos documentos expostos, neste instante, ante os meus olhos. Todavia, impõe-se neste lugar uma recordação literária.

No presente volume, “Durante a Morte”, podemos inscrever os nomes de dois grandes espíritos: Dante e Petrarca.

Um sonho correspondente à morte de Beatriz pode ler-se no poema da juventude de Dante, a *Vita Nuova*. O poeta viu-a pela primeira vez quando tinha 9 anos e ela 8, anjo puro e já beleza deslumbrante. Tornou a vê-la nove anos mais tarde, ainda mais formosa e ela foi para toda a vida a mulher dos seus pensamentos, como a celebra na *Divina Comédia*. Beatriz nascera em Florença em 1266 e morreu na mesma cidade em 1290, na idade de 24 anos. Era filha de Folco di Ricóvero Portinári, cidadão distinto de Florença, fundador do Hospital de Santa Maria Nova. O poeta conta que teve uma espécie de visão terrível do fim do mundo, com abalo de terra, e julgou que um amigo se lhe dirigia, dizendo: “A tua admirável dama saiu deste século”. Um anjo levava-a para o Céu. Na sua dor, o poeta pensou que ia morrer também.<sup>77</sup>

Dante Alighiéri (1265-1321) era um prodigioso poeta e é na acepção mais elevada que o podemos qualificar de visionário.

Petrarca viu, da mesma forma, em sonho, a morte da sua querida Laura, no momento em que ele viajava na Itália e ela era vitimada pela peste em Avinhão (1348). Viu igualmente a morte do bispo de Lombés.<sup>78</sup>

Os fatos que atualmente estudamos e que parecem novos para tantas pessoas já eram observados nos séculos XIII e XIV e no tempo dos romanos, dos gregos, dos egípcios, como o são em nossos dias.

Nas páginas precedentes chegamos gradualmente às manifestações de mortos. As que se acabam de ler relacionam-se com moribundos, com vivos agindo antes do instante supremo ou nesse momento. Por vezes, é difícil decidir. Acrescentarei ainda

uma, fechando este capítulo; ela lança uma ponte entre os dois mundos e poderia ser devida a um falecido. É uma das mais estranhas, das mais fantásticas, e foi-me oferecida por um observador, que os meus leitores já conhecem: o Dr. Sermyn.<sup>79</sup> Trata-se de transmissão entre a França e a Grécia. Escreve o autor:<sup>80</sup>

“Tínhamos no hospital um rapaz francês, chamado Landry, atingido por uma paralisia geral. Era, creio eu, em 1873.

Ocupava uma cela donde não saía senão sob a vigilância de um guarda, porque a sua loucura era violenta. Todas as manhãs uma irmã enfermeira, sóror Alfonsina, lhe trazia o almoço.

Ao lado do quarto de Landry havia dois outros, ocupados por dois loucos tranqüilos. Sóror Alfonsina tinha o costume de servir em primeiro lugar os dois últimos e de passar em seguida à célula de Landry, que não abandonava senão depois que ele acabava de almoçar.

Ora, quando Landry sentia aproximar-se a irmã enfermeira, tornava-se inquieto, agitava-se no seu compartimento, gritava, batia com os pés no soalho e contra a porta e apenas serenava quando sóror Alfonsina chegava junto dele.

Depois de uma permanência de três para quatro meses no hospital, Landry foi mandado para a sua comuna, em França.

O quarto foi lavado, sendo depois fechado. Certa manhã sóror Alfonsina trazia o almoço dos dois alienados que ocupavam compartimentos próximos do que fora ocupado por Landry, quando ouviu, com espanto, na câmara contígua, sempre fechada e deserta, gritos, bater de pés no soalho, ruídos exatamente iguais aos que fazia o louco ao esperá-la, anteriormente, com o almoço.

Abriu a porta do quarto e, não vendo ninguém, ajoelhou, toda trêmula, e dirigiu, sem saber por quê, uma oração ao Senhor.

Quando cheguei ao hospital contou-me ela esse sucesso, ainda pálida e comovida.

– Landry acaba de morrer, minha irmã – disse-lhe eu –; tais manifestações foram observadas já por milhares de pessoas; não são extremamente raras.

– Também creio que ele morresse – respondeu ela –; tive esse pressentimento. A oração que rezei, no seu quarto, foi dirigida a Deus pelo eterno descanso da sua alma.

Tomei nota do dia e da hora.

Volvido um mês soubemos por intermédio do Consulado francês que Landry tinha morrido na França, no próprio dia da manifestação assinalada. Quanto à hora, foi-me impossível obtê-la.

*Dr. W. C. de Sermyrn.*”

O herói macabro dessa história teria morrido já antes do barulho? Ou ter-se-ia transportado, ainda vivo mas agonizante, à sua antiga cela? Ou, ainda, seria o estranho incidente posterior ao falecimento? Não se havia produzido anteriormente e foi observado no dia da morte. Já formulamos esta pergunta: “Não se conservará, nas habitações em que vivemos, alguma coisa de nós mesmos?” (v. capítulo X). Não subsistirão as emanções latentes quando o ritmo vital do coração se detém para sempre?

Entramos no domínio das manifestações do ser humano depois da morte.

Ainda uma etapa: “*As aparições no momento do trespassse*”.

## CAPÍTULO XII

### As aparições de moribundos no momento da morte

*“A morte não é mais do que uma das horas do nosso quadrante, e o nosso quadrante deve girar eternamente.”*

*São Martinho*  
O filósofo desconhecido

Chegamos ao termo da nossa segunda incursão pelo mundo do Além. Depois das manifestações gerais de moribundos, tão variadas, vão apresentar-se-nos as aparições, que fecharão este segundo volume, conduzindo-nos diretamente ao terceiro e fazendo-nos quase penetrar nos arcanos da morte. As manifestações que se acabam de desenrolar diante dos nossos olhos produziram-se no próprio momento da separação da alma. Como fizemos notar, elas não provam a sobrevivência, mas provam a existência de uma força psíquica independente, dotada da faculdade de agir longe do corpo. Não é impossível que certo número dentre elas se tivessem realizado não imediatamente antes, mas imediatamente depois do falecimento. Eis aqui, não só manifestações, mas *aparições* da mesma ordem, coincidindo com o trespassse, precedendo-o na maior parte dos casos, mas seguindo-o talvez já em certo número deles. Essas aparições são mais notáveis ainda.

Desde séculos e séculos, são esses fenômenos estranhos observados e relatados na literatura de todos os países. Neste momento tenho na minha frente toda uma biblioteca acerca deles e os meus leitores já viram determinado número de tais fenômenos narrados nas minhas obras. O meu dever é o de apresentar aqui, sobretudo, as observações que me foram transmitidas pessoalmente e garantidas; mas as outras, vindas de fontes diferentes, não serão desdenhadas.

Uma vez ainda, precisemos com exatidão o nosso estudo científico.

Mais do que nunca, o nosso método deve mostrar-se extremamente severo. Aparições de vivos ou de mortos! Antes de afirmar, estejamos seguros.

Certas identidades, bem aparentes, podem ser inteiramente errôneas; certas semelhanças podem ser desprovidas de todo o valor. Mencionarei um exemplo, tomado nos trabalhos do meu observatório de Juvisy. Um dia, a 10 de outubro de 1910, em nossas fotografias de nuvens, tivemos o aspecto de um homem deitado, de quem a bela cabeleira branca, a fronte livre, os olhos, o nariz, a barba, o pescoço, eram notavelmente modelados. Ora, essa fotografia representava perfeitamente o retrato do Sr. Fallières, então presidente da República francesa, a tal ponto que, ao ser mostrada um curioso, a sua primeira exclamação foi: “Nunca tive retrato mais parecido.” (poder-se-á ver na *Ilustração* dessa época). Tal semelhança durara alguns segundos: efeitos de luz sobre as nuvens. Quantos outros o vento leva!

Sim, há semelhanças fictícias. Mas autorizará isto que se conclua que a fotografia não existe? Um juízo avisado deve conduzir à cegueira?

Este capítulo pode iniciar-se pela observação seguinte, que foi objeto de estudo analítico especial, já conhecido dos meus leitores, sob a forma de apêndice, ao final do capítulo IV da obra *O Desconhecido*. A coincidência foi estabelecida com precisão notável e é apresentada aqui como tipo do método exigido em nossas investigações.

“Dois amigos estavam empregados no mesmo escritório e ligados afetivamente havia 8 anos. Um deles, de nome Frederico, chegou a esse escritório na segunda-feira, 19 de março de 1883, lamentando-se de ter sofrido uma indigestão. Foi consultar um farmacêutico, que diagnosticou um incômodo de fígado e lhe deu um medicamento. Na quinta-feira não se sentiu melhor. No sábado, não apareceu e o seu camarada Nicolas soube que se fizera examinar por um médico, que lhe aconselhara o repouso durante dois ou três dias,



não pensando, todavia, que tivesse qualquer coisa de gravidade.

Nesse mesmo sábado, 24 de março, à noite, Nicolas, estando sentado no seu quarto, distinguiu o seu amigo que permanecia diante dele, vestido como de costume. Reparou nos pormenores da sua *toilette*: chapéu com fita preta, sobretudo desabotoado, bengala na mão, etc.

O espectro fixou o olhar sobre ele e depois desapareceu. Nesse momento acudiram-lhe à memória as palavras de Job: “Um espírito passou diante de mim, os pelos do meu corpo eriçaram-se.” Então sentiu-se penetrado por um frio glacial e os cabelos levantaram-se-lhe. Voltou-se para sua mulher, perguntando-lhe quantas horas eram.

– Nove horas menos 12 minutos – respondeu ela.

A isto acrescentou ele:

– A razão desta minha pergunta é que Frederico morreu. Acabo de vê-lo.

Ela procurou persuadi-lo de que isso nada mais era do que efeito da sua imaginação, mas ele afirmou-lhe que a visão o impressionara tão nitidamente que nenhum argumento poderia alterar a sua opinião.

No dia seguinte, domingo, pelas 3 horas da tarde, o irmão de Frederico veio anunciar a morte do doente, ocorrida na véspera, pelas 9 horas.

A esposa do narrador confirmou esta narrativa com o seu testemunho formal.

Por outra parte, o irmão do morto igualmente certificou o fato em uma carta especial, concordando identicamente com as duas narrações e declarando, além disso, que fora tanto mais impressionado com isso quanto é absolutamente refratário a essa ordem de idéias.

Não oferece dúvidas que a morte ocorresse durante os 25 minutos decorridos entre as 8 horas e 35 minutos e as 9. Ora, a visão produziu-se pelas 8 horas e 48 minutos. Se a coincidência dos dois acontecimentos não foi absoluta, não é, no

entanto, possível supor, mesmo no pior dos casos, que houvesse um intervalo de mais de doze minutos.

A probabilidade da morte, durante um período determinado de 24 horas, é de

$$\frac{22}{1.000} \times \frac{1}{365}$$

para um adulto de idade indeterminada; mas para um homem de 48 anos (era a idade de Frederico) essa probabilidade é de

$$\frac{13,5}{1.000}$$

cifra oficial, dada pelas tabelas de mortalidade.

Temos, pois, pela probabilidade ordinária de mortalidade,

$$\frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} = \frac{1}{27.037}$$

Durante um período de tempo de 12 minutos, contido 120 vezes em 24 horas, será essa probabilidade 120 vezes menor, isto é:

$$\frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} \times \frac{1}{120}$$

Teremos então a equação:

$$X = \frac{1}{248} \times \frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} \times \frac{1}{120} = \frac{1}{804.622.222}$$

No caso presente, a probabilidade de uma *ação telepática, comparada à probabilidade de uma coincidência fortuita, está na proporção de OITOCENTOS E QUATRO MILHÕES, SEISCENTOS E VINTE E DOIS MIL, DUZENTOS E VINTE E DOIS contra UM.*”

É a certeza moral. A aparição do morto ao seu amigo não oferece dúvidas.

A objeção do acaso, das coincidências fortuitas, é eliminada por cálculos análogos àquele que se acaba de ler, aplicados racionalmente aos numerosos casos para os quais a hora da morte pôde ser determinada com exatidão. Possuímos centenas do mesmo gênero.

Os exemplos seguintes não são todos coincidências *à la minute*, até ao instante do trespassse, mas a correspondência entre o falecimento e a aparição nem por isso é menos escrupulosamente estabelecida. Procedemos aqui a um estudo científico, e isto é o mesmo que dizer que só devemos admitir os fatos certos e irrecusáveis.

Pretender explicar fenômenos de que não se está seguro será um pouco ingênuo. Um historiador de narrativas de aparições de fantasmas recorda a definição do viajante: “um ingênuo que afronta perigos para os contar a pessoas que não acreditarão neles”. Isto é um gosto de humorista que o não impedirá de viajar e de observar para seu próprio prazer, zombando de algum modo das pessoas que não creiam nas narrações que ele poderá fazer-lhes. Não é para “a galeria” que se reúnem esses fatos; é para a investigação da Verdade.

É certo que na história das religiões, na dos acontecimentos milagrosos, das experiências espíritas, magnéticas, etc. se passou muito tempo a discutir fatos que nunca existiram. O que é, pelo menos, assaz ridículo. Encontramo-nos precatados e o nosso dever está traçado.

Vimos mais atrás (tomo I) uma pessoa morrendo subitamente e aparecendo a seu filho para lhe dizer: “*Adeus, eu morro*”. A aparição coincidiu com o próprio minuto da morte. Vimos igualmente (mesmo volume) um homem, que acabava de suicidar-se, aparecer ao seu amigo, com o crânio fendido. Coincidência identicamente exata; momento justo do trespassse.

Como deixaremos de recordar, em matéria de aparições precisas, a do padre sentado em frente ao fogão, narrada por uma das suas sobrinhas? (*Urânia*). O relato da narrativa é dos mais amplos.

“Era ainda jovem – escreve ela – e dormia com minha irmã, mais velha do que eu. Uma noite acabávamos de nos

deitar e sopramos a luz da vela. O lume do fogão, imperfeitamente apagado, iluminava fracamente o quarto. De súbito, distingo perto do fogo, com grande surpresa, um sacerdote sentado e aquecendo-se. Tinha a corpulência, os traços fisionômicos e o ar do nosso tio arcipreste. Transmiti imediatamente esta observação a minha irmã, que, olhando para o lado do fogão, viu o mesmo fantasma, reconhecendo também o nosso tio. Um terror indizível apoderou-se de nós e gritamos: *Socorro!*, com todas as forças. Meu pai, que dormia num compartimento vizinho, acordado pelos nossos desesperados clamores, levantou-se à pressa e correu para nós, com uma vela na mão. O fantasma havia desaparecido; não víamos mais ninguém no quarto. Na manhã seguinte soube-mos que o nosso tio arcipreste morrera na noite anterior.”

Esse fato passou-se em Saint-Gaudens.

Certos espíritos inconsiderados não se ensaiam para explicar tudo. Não houve nisso senão acaso – pensam eles; isto é: 1º- alucinação sem causa; 2º- coincidência fortuita com a morte do homem visto.

Na verdade, esses cépticos não são difíceis de contentar. Que o padre defunto viesse, com sua sotaina, sentar-se ao canto do fogão, é inadmissível, e outro tanto acontece com a morte a que há pouco me referi (Frederico), com a sua bengala e o seu chapéu. Neste caso, que se passará em tais circunstâncias?

O honrado sacerdote teria pensado em suas sobrinhas, no momento de morrer, e agiria mentalmente sobre o espírito delas. Pensamento produtor de imagem, como mostramos no capítulo III. Acontece outro tanto com Frederico, aparecendo ao seu camarada.

Não há dúvida de que esses fenômenos se produzissem no mesmo instante da morte.

Não quero repetir aqui o que os meus leitores podem ter visto em *Urânia*, desde o ano de 1889, e em *O Desconhecido*, desde 1899, sobre os casos autênticos, indiscutíveis de aparições de moribundos; mas parece-me oportuno relembrar, como exemplo típico, entre outras, a observação feita pelo Sr. Contamine, em Commentry (*O Desconhecido*):

“Encontrando-se um dia sentado no seu quarto, em frente de um armário de espelho, a calçar as botas, viu mui nitidamente, nesse espelho, a porta que ficava por detrás dele abrir-se e entrar um dos seus íntimos amigos, de casaca e muito bem posto. O Sr. Contamine voltou-se, para apertar a mão do amigo. Com grande espanto seu, não viu ninguém no quarto. Saiu imediatamente e interrogou o criado, que se encontrava precisamente na escada:

– Hás de ter encontrado agora mesmo o Sr. X., que saiu do meu quarto. Onde está ele?

– Afirmo-lhe que não vi absolutamente ninguém.

– Vamos, saiu do meu quarto neste momento.

– Tenho a certeza absoluta de que ninguém entrou ou saiu.

O Sr. Contamine, muito intrigado e impressionado, informou-se imediatamente do que ocorria e soube que o seu amigo, tendo cometido um homicídio por imprudência, e querendo esquivar-se às conseqüências judiciárias do incidente, *suicidou-se exatamente na hora* em que se realizara a aparição, envergando *o próprio vestuário* com que o amigo o vira refletido no espelho.”

Esse exemplo, digamo-lo, é característico pela sua precisão. Ora, eu reuni tão elevado número de documentos análogos que, só eles, poderiam constituir um volume completo, sem contar com as vistas de cenas de moribundos de que o meu capítulo VI mostrou tantos testemunhos. É o embaraço da escolha que aqui me preocupa; e não é sem desgosto que o lugar de que disponho me obriga a eliminar alguns deles, extremamente curiosos. Devo limitar-me a registrar os principais, na intenção de publicar um dia um livro especial sobre as *Aparições*. É na verdade tempo de declarar que os que continuam a duvidar são ignorantes ou de má fé.

O nosso empenho, atualmente, vai ser o de decidir se se trata aqui de aparições de agonizantes ou de aparições de mortos; a distinção é extremamente difícil.

Por exemplo, neste caso, notável:

Vamos ter diante dos olhos a aparição de uma jovem a uma sua amiga de infância; a sua autenticidade não oferece nenhuma dúvida ao meu espírito, porque eu conheço a narradora há muitos anos e o seu depoimento quase que tem caráter jurídico.

(CARTA 4.112)

“Sendo ainda muito nova – escreve-me essa dama –, tinha uma amiga da minha idade. As nossas famílias mantinham relações muito estreitas e, como eram vizinhas, a minha amiga vinha todas as noites estudar as suas lições comigo.

Costumávamos ir para a sala de visitas, sentando-nos em cadeiras de balanço.

Um dia a minha companheira parou de ler de repente e disse-me:

– Lita, tenho a pedir-te uma coisa.

Naturalmente repliquei:

– Que desejas?

– Quero que me faças uma promessa e que a cumpras.

Achei extraordinário o ar de seriedade com que me falava.

– Se eu te prometer seja o que for, podes estar certa de que o cumprirei; que queres?

Ela respondeu-me:

– Se te casares e tiveres uma filha, desejava que lhe desses o meu nome.

Ri do pedido e respondi:

– Entendido; por tua parte, se tiveres também uma filha, dar-lhe-ás igualmente o meu nome.

Então a minha amiga acrescentou:

– Não é tudo ainda. Se uma de nós vier a falecer quando não nos encontrarmos juntas, a que morrer primeiro virá dizer adeus à outra, beijando-a pela última vez.

Respondi-lhe:

– Na verdade, que idéias tão loucas, as tuas! Que tens?

– Promete? – perguntou ela.

– Está bem, prometo – respondi.

– Agora fico tranqüila – concluiu ela – porque há algum tempo experimentava uma verdadeira obsessão em pedir-te isto.

Nunca mais, caro mestre, tornamos a falar nesse assunto, cumpre-me declará-lo.

Volvidos cinco ou seis meses, na festa do aniversário da minha amiga, fui passar o dia com ela, em companhia de muitas outras raparigas. Dançamos toda a tarde, divertimo-nos muito; ela estava muito bem e nada deixava prever que deveria acabar em breve. Quando a deixei, à noite, sua mãe disse-me:

– Não contes com Joana durante dois ou três dias. Tenho visitas a fazer e levo-a comigo.

Ao terceiro dia deitei-me e adormeci, como de costume.

Pela meia-noite acordei, soltando gritos de terror... Joana estava diante de mim! Minha avó levantou-se e procurou tranqüilizar-me, mas não foi possível tirarem Joana da minha vista. Ela estava na minha frente e dizia-me:

– *Adeus! morro e cumpro a minha promessa.*

Minha avó fez sentar a meu lado, no leito, minha boa ama, Ana Maria, a qual, acariciando-me, conseguiu acalmar-me a ponto de eu tornar a adormecer. Mas, pelas 4 horas da manhã, voltei a despertar e senti que Joana me beijava na fronte. Estava gelada e, pela segunda vez, dizia-me:

– *Adeus! morro.*

Recomecei a gritar:

– Avó, Joana morreu!

Ninguém podia sossegar-me. Quis correr à casa da minha amiga. Minha avó prometeu-me que pelas 5 horas mandaria saber notícias do que tivesse acontecido. Todavia não houve maneira de impedir que eu me levantasse, muito impaciente. Por obediência, no entanto, esperei as 5 horas para procurar informações, ainda que estivesse intimamente convencida da morte da minha amiga.

Às 5 horas as notícias vieram. Horror! O meu sonho era a realidade; a minha pobre amiga morrera pelas 4 horas da manhã, hora em que me beijara e em que eu a sentira gelada, como um pedaço de mármore.

Desde então tenho pensado muitas vezes nela; mas nenhuma outra manifestação se tornou a produzir.

Tal é, meu caro mestre, a narrativa bem simples do que me aconteceu e que eu fielmente lhe transmito.

Em Monte Carlo, 15 de abril de 1918.

*Angela Ximenez.*”

Nada mais acrescentarei a essa narrativa, a não ser que é muito provável que os termos não correspondam talvez, com precisão absoluta, à realidade, porque as recordações deformam-se mais ou menos inevitavelmente, com o tempo (e há perto de meio século que esse pequeno acontecimento se produziu), mas o fato da aparição da jovem amiga à sua companheira, no momento da morte, é absolutamente certo em si mesmo. Ocorreu em Santiago de Cuba, em 1871. A narradora, a Sra. Ximenez Bustamante, nascida em 1855, tinha então 16 anos.

A sua amiga estaria já morta ou iria morrer? Nada prova que tivesse expirado: estava agonizante. Classifico, portanto, o fato entre as *aparições de moribundos*, de preferência a classificá-lo entre as *aparições de mortos*.

Estudemos e comparemos os fatos análogos.

A aparição seguinte, que me foi enviada da Rússia a 9 de junho de 1899, apresenta-nos um documento da mesma ordem:

(CARTA 818)

“Tinha 9 anos; uma das minhas irmãs, de 15 anos de idade, e que eu amava ternamente, passeando um dia comigo no jardim, disse-me que não viveria muito. Zombei um pouco dela e pedi-lhe que não continuasse uma conversa tão absurda.

Sete anos depois estava eu em Moscou, no Instituto Nicolaieff. A 16 de junho de 1870 tinha-me deitado no dormitório.



rio, onde os leitos se tocavam e as cabeças ficavam ao lado uma das outras, e dormi tranqüilamente. De súbito, senti uma impressão como se alguém me batesse nas costas. Olhei e reconheci minha irmã sentada na minha cama. Disse-me:

– *Adeus, Nodia* – e desapareceu.

Eram 5 horas da manhã. O meu coração apertou-se; no entanto, readormeci e apenas despertei ao som da sineta.

No mesmo dia chegou a minha outra irmã, que vinha anunciar-me que a nossa irmã havia morrido pelas 5 horas da manhã.

*N. Ubanenko.*”

Essas observações são mais numerosas do que se imagina; repitamos, pela milésima vez, que não ver nelas mais do que alucinações é absurdo. Eis outro fato:

A Sra. Margarida Perret, parenta de Stéphen Liégeard, escrevia-me, em 24 de agosto de 1920, que o seguinte acontecimento a tinha convencido absolutamente da sobrevivência de sua irmã:

(CARTA 4.254)

“Éramos ambas alunas do convento das Dominicanas de Chalon-sur-Saône. Declarou-se, de súbito, no pensionato, uma epidemia de febre tifóide e minha irmã adoeceu com a terrível enfermidade. As estudantes foram imediatamente enviadas às suas famílias e meu pai levou-me para Beaune, à casa de amigos íntimos, o Sr. e a Sra. Bourgeois (o Sr. Bourgeois foi, mais tarde, *maire* de Beaune).

Obtive das religiosas autorização para se instalar à cabeceira de sua filha. Educada em idéias muito piedosas, tinha eu iniciado uma novena à Santa Virgem para que minha irmã melhorasse. Estava absolutamente convencida de que, ao nono dia, a doente estaria restabelecida. Eu dormia só, num compartimento cuja porta abria para a sala de visitas. O quarto do Sr. e da Sra. Bourgeois estava separado do meu por um corredor.

Bruscamente, à meia-noite de 4 de dezembro (5º dia da minha novena), fui despertada por um ruído singular que vinha da sala. Dir-se-ia que alguém arrastava uma corrente. Tinha então, como hoje, o sono extremamente leve. Sentei-me imediatamente no leito e apliquei o ouvido. Mas, qual não foi o meu espanto! O ruído de correntes foi substituído, no soalho, por ligeiros passos que se aproximavam da minha cama!... Lembro-me de que o meu coração começou a pulsar fortemente. Assustada, ia gritar por socorro, perguntando-me se não era prudente proceder assim (pois estava convencida de que alguém vinha assassinar-me). De repente, porém, senti uma doce mão tocar suavemente os meus lençóis e, durante o tempo dum relâmpago, *vi minha irmã*. Era demais! No cúmulo do terror, soltei um grito lancinante.

Correram à pressa para o meu quarto.

– Que há? Que tens? – perguntaram-me.

– Acabo de ver minha irmã. Esteve junto do meu leito, ouvi os seus passos, tocou nos meus lençóis – respondi eu.

– Mas, minha filha – disseram o Sr. e a Sra. Bourgeois –, é impossível. Sonhaste. Tua irmã, muito doente, está em Chalon.

– Não, não! Não sonhei. Ouvi os seus passos, que faziam ranger o soalho, estou certa disso. Eu não dormia. Ela veio e *eu a vi*.

Sossegaram-me, deram-me a beber água de flor de laranjeira e disseram-me:

– Dorme! São apenas 5 horas da manhã.

Ao meio-dia, quando estávamos à mesa, retiniu a campainha. A criada foi abrir e meu pai apareceu, com o lenço nos olhos. Contou-nos, soluçando, que minha pobre irmã morreria nessa manhã, pelas 5 horas.

– Ah! – exclamaram, ao mesmo tempo, o Sr. e a Sra. Bourgeois – é extraordinário! Foi justamente às 5 horas que Margarida afirmou tê-la visto no seu quarto.

Contaram então a meu pai o acontecimento dessa noite; durante todo o dia ele não deixou de repetir:

– Como essa coincidência é estranha!

Simples coincidência? Não, mil vezes não! Os que nos são caros dão-nos por esse modo a prova irrecusável *de que existem sempre e de que sobrevivem ao que chamamos morte.*”

Essa observação inatacável é do mais alto interesse; mas eu não vejo nela uma prova da sobrevivência. A manifestação de que se trata pode ter-se produzido no momento do trespasse, e mesmo antes. Os “duplos”, que noutra ponto estudamos, instruem-nos a tal respeito. O método experimental é mais exigente do que o sentimento.

Não nego que a manifestação aludida se tenha realizado depois do falecimento; digo apenas que isso não fica demonstrado. A narradora está, pessoalmente, convencida de tal, sobretudo por causa do incidente que se segue e que é relatado na mesma carta:

“Um dia em que um *médium* escrevente (*que nada conhecia da minha vida* e ignorava que, muito nova, havia perdido minha irmã) tinha um lápis na mão, um ser invisível que se assinou Maria (nome da morta) forçou-o a escrever.

– Ah! irmãzinha querida – exclamei –, se és tu, na verdade, que estás aí, dize-me, pois, o que devo pensar do que me aconteceu no momento da tua morte.

– Sim! – escreveu o *médium* –, foi a mim que tu viste! Não te enganaste.

– Mas então, já que foi o teu perispírito que entrou no meu quarto, não explico a razão pela qual o soalho estalou sob os teus passos.

– Foi para te prevenir, para te chamar a atenção. E eu ia falar-te!... Mas gritaste de tal modo... Enfim, o que eu tinha em vista foi atingido, porque, como vês, tu te lembras disso.

– Se me lembro! Parece-me que foi ainda ontem.”

Considerar-me-ia particularmente feliz de ver nisso, como a narradora, uma prova de identidade de sobrevivência da sua

bem-amada irmã; parece-me, porém, que essa *prova* não está demonstrada. Tudo quanto o *médium* escreveu estava no espírito da Sra. Perret. As experiências de tal ordem são muitas vezes incontestáveis transmissões de pensamentos. Um exemplo, entre mil, foi relatado por Aksakof (*Animismo e Espiritismo*, pág. 476); é o caso da Srta. Pribitkoff, que, mentalmente e pela força da sua vontade, ditava uma frase que era repetida pela mesa, que a soletrava por meio de pancadas. A operadora não tocava na mesa referida e até estava distante dela.<sup>81</sup>

Ah! o nosso método nem sempre é agradável aos nossos corações; todavia torna-se indispensável, para a demonstração positiva que esperamos.

Sejamos prudentes! Assim, mais seguras serão as nossas conclusões.

No considerável número de relatórios que me têm sido enviados, deixo inédita grande parte deles, ainda que nem sempre sejam para desdenhar as indicações dadas. Por exemplo, na carta 352 vê-se uma jovem de quem a mãe se afogou, vítima de inolvidável catástrofe de Saint-Gervais, de 10 de julho de 1892, afirmar que estava certa da morte de sua mãe, porque vira o fantasma passar e repassar em todos os compartimentos da casa. O fato é possível, mas não inteiramente provado. A sombra apenas apareceu trinta e seis horas depois da morte, quando a catástrofe já era conhecida e que se podia temer tudo, e assim a imaginação dessa rapariga de 16 anos podia entrar em jogo.

Tais reflexões fortificam os nossos princípios de prudência.

Mas tal prudência não deve cegar-nos a ponto de não vermos as realidades.

Desdenhar tudo, rir de tudo, não conduz a grande coisa. É absurdo supor que toda a gente se engana ou mente, e certas narrativas testemunham uma observação muito segura, para serem desprezadas. Os meus leitores não esqueceram, por exemplo, a narração publicada em *O Desconhecido* (capítulo III, caso CLVIII), do estudante de Moscou que perdera a jovem e adorada esposa, vista, nesse mesmo dia, por seu pai que vivia então em Poulkovo, perto de Petrogrado e que, ignorando tal morte, a distinguiu de repente a seu lado. Julgar isso como mentira do

aludido estudante e de seu pai, ou farsa, seria o último dos absurdos. Ilusão? Não; tal aparição, no próprio dia da morte imprevista, que anuncia um trespasse ocorrido a 650 quilômetros, impõe-se à nossa atenção. Tem uma causa; e essa causa é a agonizante: o conhecimento dos “duplos” preparou-nos para a compreender.

Eis uma aparição que pareceria indicar não a ação psíquica de um espírito sobre outro – de um irmão sobre uma irmã –, mas a existência real de um “duplo” de moribunda, porque foi uma pessoa estranha a testemunha da presença de um irmão perto de sua irmã, no instante da morte.

A narrativa é da Sra. Clerke, de Londres, e foi publicada nos *Phantasms of the Living*:<sup>82</sup>

“No mês de agosto de 1864, pelas 3 ou 4 horas da tarde, estava eu sentada na varanda da nossa casa, em Barbades, e lia um livro. A minha criada preta levava em passeio pelo jardim, num pequeno carro, minha filha que contava aproximadamente 18 meses. levantei-me ao cabo de algum tempo para reentrar em casa, nada tendo notado, quando a preta me disse:

– Senhora, quem era o cavalheiro que esteve a conversar consigo?

– Ninguém esteve a falar comigo – respondi.

– Oh! sim, minha senhora! Era um senhor muito alto e muito pálido; ele falou muito e a senhora foi áspera para com ele, porque nunca lhe respondeu.

Afirmei que não estivera ninguém perto de mim e senti certo mau humor contra aquela mulher. Ela suplicou-me que apontasse a data, porque estava certa de ter visto alguém. Assim o fiz; e, volvidos dias, soube da morte de meu irmão, em Tabago. O que é de admirar é que eu o não tenha visto e que ela, uma pessoa estranha, o visse, ao passo que ele parecia ansioso de se fazer notar por mim.

*May Clerke.”*

Em resposta a várias perguntas a Sra. Clerke informou:

“1º – O dia da morte e da aparição coincidiram; eu tinha apontado a data; foi a 3 de agosto.

2º – A descrição “muito alto e pálido” era exata.

3º – Ela não sabia que meu irmão estava doente. A preta nunca o tinha visto. Estava ao meu serviço havia 18 meses, pouco mais ou menos. A observação foi absolutamente espontânea.

O Coronel Clerke, marido da Sra. Clerke, declarou recordar-se muito bem do incidente, a propósito de seu cunhado, Sr. John Beresford, que morreu em Tabago, e da afirmativa da ama de ter visto, no momento da morte, um senhor, cujos sinais correspondiam com os de Beresford, encostar-se à cadeira da Sra. Clerke, na varanda.”

Nesse caso o moribundo parece realmente ter vindo ele próprio, em “duplo”, ver sua irmã, que não o viu, ao contrário da criada, que o avistou. As observações são exatas.

Que panorama de estudos gradualmente se desenvolve ante nossos olhos!

Não se tratará também de um “duplo” de moribundo – ou de morto – na observação que dou seguidamente? Essa carta foi-me enviada da Rússia, em junho de 1899:

(CARTA 676)

“Era em 1832; tinha eu 12 anos. Em todas as épocas de estio íamos para casa de minha avó materna, que era uma senhora muito velha e muito rica; vivia no campo; tinha numerosos filhos e netos e todos, sempre que podiam, procuravam passar o verão com ela.

Uma tarde, pelas 7 horas, mais de 30 pessoas estavam reunidas no terraço de um imenso jardim, enquanto nós outros, umas 20 crianças, brincávamos à volta. Pois bem! Todos quantos aí se encontravam viram um dos nossos tios, que fora para o campo logo após o jantar, atravessar a grande alameda, lentamente, deter-se um momento a certa distância de nós, contemplar-nos e depois seguir o seu caminho. Sua mulher, que fora a primeira a notá-lo, exclamou:

– Olhai! o papá voltou!

E a avó, dirigindo-se a nós todos disse:

– Meninos, correí em procura do tio e dizei-lhe que venha tomar uma chávena de chá conosco.

Eis-nos correndo como um relâmpago; ao chegarmos ao ponto em que os arruamentos formavam uma cruz, precisamente no ponto em que o tínhamos visto parar, olhamos para todos os lados... ninguém! Voltávamos, afirmando que o tio já não estava no jardim. Então, nossa avó, dirigindo-se a um dos criados que serviam o chá, perguntou:

– Viu passar o senhor?

– Sim, minha senhora – respondeu.

– Vá procurá-lo e diga-lhe que eu lhe peço para chegar aqui.

O criado, ao alcançar o ponto em que havíamos visto parar o tio e não o lobrigando, interrogou os jardineiros que regavam as flores no meio dos canteiros, perguntando-lhes para que lado tinha ido o senhor. Os jardineiros ficaram muito intrigados, porque nenhum deles o vira passar.

O serão acabara; as crianças estavam deitadas. A mulher de meu tio – muito inquieta – mandou muitos homens, a cavalo, e em diferentes direções, em busca do marido. Voltaram. Tinham encontrado o jovem senhor *assassinado*, próximo da ribeira onde ele fora visto a banhar-se e que ficava a 5 *verstas* do campo. Segundo o inquérito a que se procedeu, soube-se que, pelas 7 horas, um camponês o havia encontrado na ponte, que ele lhe dissera que acabava de tomar banho e que ia partir para o campo pelo caminho mais curto – pela floresta que costeava a ribeira – e que este mesmo aldeão, passados minutos, cruzara com um indivíduo que supôs ser o assassino. Era verdade.

Essa aparição extraordinária fez grande barulho, no seu tempo.”

Que objeções opor a isto? Procuramo-las sempre, o que é natural. Em primeiro lugar, disse a mim mesmo que a pessoa que

me escrevia estas linhas em 1899, tendo 12 anos em 1832, havia nascido em 1820 e tinha 79 anos, o que poderia indicar um enfraquecimento de memória. Mas escrevo por minha própria mão estas páginas em 1921, nasci em 1842 e não noto, confesso-o, o menor enfraquecimento de qualquer gênero, sentindo-me até, aos 79 anos, como aos 40 ou 50. Isto não é, pois, uma objeção. Supor uma história inventada? Poder-se-ia dizer outro tanto do que cada um de nós relata a respeito do que viu ou fez durante o dia; e trata-se aqui de um incidente muito sério, um assassinio... Uma alucinação coletiva?... Muito complicado!... A conclusão legítima é admitir a projeção de um “duplo” visível, produzindo-se no momento em que o homem foi ferido de morte pelo assassino. Verificamos noutro ponto que esses “duplos” não são mitos.

As diversas observações do mesmo gênero são tão freqüentes que se confirmam por esta mesma semelhança, sendo impossível continuar a negá-las. Aqui está outra:

“O Sr. Pouzolz, fazendeiro de Guadalupe, vivia em Anse-Bertrand, comuna ou cantão de Port-Louis, com sua jovem esposa. Todos os sábados, pelas 3 horas, seu sogro, que residia em Port-Louis, chegava a cavalo, pela avenida dos Coqueiros, que se abria diante da porta principal da vivenda. Passava a tarde e o dia seguinte com seus filhos e na segunda-feira voltava a Port-Louis.

As casas de moradia nas colônias são quase todas construídas com idênticas disposições: um corpo de habitação quadrado, sem pátio interior, de um único andar, rodeado de uma varanda guarnecida de persianas que se abrem e fecham à vontade; à volta um espaço vazio e em frente a avenida bordada de casas e de jardins de negros.

O Sr. e a Sra. Pouzolz, encostados à galeria, espreitavam a chegada de seu pai, porque era um sábado, e acabavam de bater as 3 horas. Ao cabo de alguns minutos de espera, distinguiram ao longe um cavaleiro que não tardaram a reconhecer: era o querido papá. Chegou à porta de casa, saltou do cavalo, ao passo que os dois jovens casados, descendo a escadaria, iam ao seu encontro até os primeiros degraus.



Não viram ninguém. Crendo que se tratava de uma brincadeira de seu pai, a Sra. Pouzolz exclamou, rindo:

– Oh! papá! Nós já o vimos!...

E rindo sempre, desatou a correr, seguida de seu marido, à roda da vivenda.

Tendo dado a volta à casa, não viram também pessoa alguma.

– Desta vez – disse a esposa ao marido – vamos apanhá-lo; vai tu por este lado, enquanto eu vou pelo outro.

Assim procederam, mas tornaram a encontrar-se, sem verem fosse quem fosse.

Intrigados com a inexplicável aventura, trocavam as suas impressões, mostravam o seu espanto, quando chegou de Port-Louis um mensageiro com a notícia da morte de seu pai: *falecera subitamente pelas 3 horas.*

A família Pouzolz, uma das mais consideradas de Guadalupe, era das íntimas relações da minha.”<sup>83</sup>

*E. Mouton.”*

Essa observação relembra-me, entre outras, o cavaleiro que me foi assinalado na carta 142, publicada em *O Desconhecido* (capítulo III, caso LVI): O Sr. Du Quilliou, *maire* em Ille-et-Vilaine, de quem o tio teve uma visão absolutamente idêntica. Nos dois casos, o morto deve, ao expirar, ter pensado nos parentes próximos, que receberam a impressão da sua presença sob a forma habitual ou freqüente. Evidentemente, não houve aqui nem fantasma nem cavalo, exteriores, fotografáveis, e tudo se passou no espírito das pessoas impressionadas pela comoção psíquica. O fenômeno nem por isso é menos real.

Ainda uma vez mais: negar tudo isto é simplesmente estúpido.

Dentre as inumeráveis narrativas que me foram enviadas, escolherei uma bem característica que me mandaram de Copenhague. Ei-la:

(CARTA 2.350)

“Sr. Professor:

Fizera os meus exames para a Escola Politécnica e tivera a visão do passado de que vou pedir-lhe a explicação, quando minha avó, uma das suas leitoras (todas as suas obras estão traduzidas em línguas escandinavas), conversando comigo, me contou o que segue. Perdoe-me que o importune e lhe tome um momento do seu tempo tão precioso para o progresso da Humanidade, mas tenho sede de saber e ninguém em Copenhague pode instruir-me sobre esses problemas.

A história é já antiga; mas minha avó lembra-se dela como se fosse ainda de ontem. Há impressões que se não esquecem.

Era em 1832. Meu avô e minha avó tinham um amigo, conhecido e estimado de toda a família, o Sr. Barring. Esse amigo não voltara a vê-los havia muito tempo, quando uma noite, no momento em que minha avó esperava o marido, fazendo tricô à luz de uma vela, viu o Sr. Barring de pé, encostado à porta fechada, sorrindo-lhe com o afeto que lhe era peculiar.

Passou a mão pelos olhos, imaginando que sonhava ou que era vítima de uma alucinação; mas o amigo nem por isso desapareceu; conservou-se imóvel, rodeado de uma luz vivíssima. O fantasma era transparente e podia ver-se, por detrás dele, a facha dourada da parede.

A avó teve medo, apagou a vela e meteu-se no leito, por debaixo da roupa.

Quando meu avô reentrou, encontrou-a muito angustiada e, ao saber que ela reconhecera na aparição o Sr. Barring, disse-lhe que se tratava de um sinal de morte do seu amigo. Anotou a hora do acontecimento e resolveu fazer-lhe uma visita, no dia seguinte. Mas, quando veio a manhã, uma carta trazia-lhe a notícia do trespasse, ocorrido na véspera, pelas 10 horas e meia, o próprio instante da aparição.

Quanto eu lhe seria reconhecido, senhor professor, se me explicasse esse fenômeno, assim como o seguinte, experimentado por mim:

Um dia, para descansar um pouco dos meus estudos com o professor régio, Dr. Ierndopp, fui passear no cais. Não pensava em nada de particular, quando tudo sofreu uma transformação singular à minha volta: as casas, os navios, apareceram-me não tais como são atualmente, mas como eram no tempo de Cristiano IV (1600).

Reconheci esse espetáculo pelo estudo da História; mas *via-os com meus olhos*, e isto pareceu-me durar muitos minutos. Depois, pouco a pouco, a realidade atual restabeleceu-se. A impressão, para mim, é inolvidável.

Confiando na sua indulgência, espero impacientemente a explicação desses dois fatos tão estranhos.

*Idon Harsing.*”

Que houve, nesse último caso, uma ilusão de vista, é evidente. Mas, como? Qual era essa reminiscência? Há aqui mais de um problema para resolver.

Quanto à aparição do morto, coincidindo com o seu falecimento ignorado, seria necessário, na verdade, uma estranha decisão, para não ver neste caso mais do que uma alucinação superficial. À força de incredulidade, chega-se por vezes a uma credulidade um pouco simples.

Por mais dramática e singular que seja, a aparição que também vou narrar não é, como as precedentes, contestável.

O Sr. Gastão Fournier, vivendo em Paris, na rua de Berlim, nº 21, escrevia na data de 16 de outubro de 1885:

“A 21 de fevereiro de 1879 fui convidado para jantar em casa dos meus amigos, o Sr. e a Sra. B. Chegando à sala de visitas, senti a ausência de um comensal habitual da casa, o Sr. d’E., que eu encontrava quase sempre à mesa. Fiz a observação e a Sra. B. me respondeu que o seu amigo, empregado em grande casa bancária, tinha certamente muito que fazer naquele momento, porque havia dois dias que ninguém

o via. A partir desse instante não se tornou a falar nele. A refeição correu alegremente e sem que a dona da casa tivesse dado o menor indício visível de preocupação. Durante o jantar havíamos combinado ir ao teatro. À sobremesa, a Sra. B. levantou-se para ir vestir-se no seu quarto, deixando-nos à mesa, a fumar os nossos charutos. De súbito, ouvimos um terrível grito. Corremos para o quarto e fomos encontrar a dama apoiada a uma cadeira e prestes a desmaiar.

Acudimos-lhe, ela serenou pouco a pouco e contou-nos o seguinte:

– Depois de vos ter deixado, comecei a vestir-me para sair e preparava-me para atar as fitas do meu chapéu diante do espelho, quando vi de repente, nesse espelho, d’E. entrar pela porta. Tinha o chapéu na cabeça: estava pálido e triste. Sem me voltar, dirigi-lhe a palavra: “Espera! É o senhor? Sente-se”. Como não me respondesse, voltei-me e não o vi. Cheia, então, de medo, soltei o grito que vocês ouviram.

O meu amigo, para tranqüilizar sua esposa, pôs-se a gracejar, tratando tal aparição de alucinação nervosa e dizendo-lhe que d’E. se sentiria muito lisonjeado, ao saber até que ponto ocupava o seu pensamento; depois, como a senhora continuasse muito trêmula, para acabar com a sua comoção, propusemo-nos partir imediatamente, alegando que íamos perder o princípio do espetáculo.

– Eu não tinha pensado um só instante em nosso amigo – informou-nos a mesma dama – depois que o Sr. Fournier me perguntou a razão da sua ausência. Não sou medrosa e nunca tive alucinações. Asseguro-lhe que há aqui qualquer coisa de extraordinário e, quanto a mim, não sairei antes de ter notícias do amigo deste lar. Suplico-lhe que vá à casa dele. É o único meio de me tranqüilizar.

Como era da mesma opinião, parti com o marido dela para casa de E., que ficava a curta distância. Durante o caminho, gracejamos bastante a respeito dos sustos da Sra. B. Ao chegarmos, perguntamos ao porteiro se o nosso amigo estava em casa.

– Está – respondeu ele –. Não saiu mesmo em todo o dia.

Vivia num pequeno aposento de rapaz e não tinha criado. Subimos e batemos repetidas vezes à porta, sem obtermos resposta. Batemos com mais força e com idêntico insucesso. B., comovido contra sua vontade, disse-me:

– É absurdo. O porteiro enganou-se, naturalmente. Ele saiu. Desçamos.

O porteiro, porém, garantiu-nos que d'E. não saíra e que estava absolutamente certo disso.

Verdadeiramente apavorados, tornamos a subir com ele e de novo tentamos fazer que a porta nos fosse aberta. Em seguida, como não ouvíssemos o menor ruído, mandamos chamar um serralheiro. Forçou-se a porta e fomos encontrar o nosso amigo deitado na cama e morto com dois tiros de revólver. O seu corpo ainda estava quente.

O médico que chamamos imediatamente declarou que ele tentara suicidar-se, bebendo primeiro um frasco de láudano, e que, em seguida, achando sem dúvida que o veneno atuava muito lentamente, meteu duas balas na região cardíaca. Segundo a verificação médica, a morte devia ter-se dado uma hora antes. Era uma coincidência quase absoluta com a suposta alucinação da Sra. B. Sobre o fogão havia uma carta do suicida, anunciando ao Sr. e à Sra. B a sua resolução. Essa carta era particularmente afetuosa para a Sra. B.

*Gastão Fournier.*”<sup>84</sup>

A explicação é a mesma que dei para o caso precedente. O desesperado projetou o seu pensamento para a Sra. B. e essa projeção produziu a imagem do amigo em visita.

Tais aparições são tão numerosas que este capítulo poderia ser desenvolvido num grosso volume, unicamente pelos fatos, sem comentários. Consignemos ainda neste lugar uma sensação telepática, não menos dramática, que me foi comunicada em agosto de 1920:

(CARTA 4.257)

“O Sr. de R. estava nos seus aposentos, num pequeno hotel de Nantes, em 1860, com sua mulher e sua sogra. O filho desta última, o Sr. F. C., andava à caça nos arredores da cidade, para os lados de Verton. De tarde, pelas 4 horas, com grande surpresa das pessoas que a rodeavam, mamãe apareceu completamente perturbada e exclamou:

– És tu, meu filho?... Mas, estás ferido!... Vejam!... Francisco tem sangue no pescoço!... É terrível!... Que houve?...

Desmaiou. Socorreram-na, tentando sossegá-la, dizendo-lhe que fora vítima de uma alucinação. A sua perturbação continuou, porém. Mandaram chamar o médico da família, que nenhuma explicação pôde dar.

Pelas 7 horas, trouxeram numa padiola o corpo do caçador, que tinha morrido desastrosamente à hora exata da aparição. Ao saltar um valado, a espingarda disparou-se, perfurando-lhe a carga a garganta e o queixo.

*R. D. de Maratray.”*

Essas observações, dissemo-lo já, são numerosas e apresentam-nos cerrado feixe de documentos, todos concordes em nos demonstrar, sob os seus diversos aspectos, o elemento psíquico do ser humano.

Já há muito tempo que alguns dos meus leitores puderam ver, em *Urânia*, as seguintes afirmações:

“O nosso corpo não é mais do que uma corrente de moléculas, regido, organizado pela força imaterial que nos anima. Podemos denominar os seres vivos de almas vestidas de ar. O corpo humano é a manifestação visível de uma força diretiva. Como o sistema do mundo, o homem é dinamismo. O princípio, o criador das formas, é o elemento dinâmico.”

Depois que estas linhas foram escritas (1889) a ciência psíquica fez consideráveis progressos e entre eles devemos notar o estudo experimental das *materializações*, o qual nos mostra (fui

disso testemunha) que os órgãos corpóreos podem formar-se da substância emanada do organismo de um *médium*.<sup>85</sup>

Que horizontes novos essas observações nos abrem! As aparições serão um dia explicadas. Continuemos o seu exame.

Um tipógrafo muito conhecido, particularmente estimado pelos escritores científicos de Paris, o Sr. Jattefaux, da Imprensa Lahure, confiou-me a seguinte recordação de família:

(CARTA 824)

“Era em Blois, durante a guerra de 1870. Minha avó, que estava doente, foi levada por seu filho para Laval, onde ele vivia. Meu avô ficou em Blois conosco, até 9 de dezembro. Recebíamos notícias do estado de saúde de minha avó; mas, nessa data, os prussianos chegaram a Blois e o serviço postal interrompeu-se.

A 25 de dezembro meu avô contou-nos, ao almoço, um sonho que tivera de noite. Vira sua mulher diante dele, durante alguns minutos. Ela aproximara-se lentamente, e fora *soprar-lhe no rosto*. Em seguida desapareceu.

Quando os exércitos alemães deixaram Blois, em março de 1871, e as comunicações foram restabelecidas, recebemos uma carta de meu tio (de Laval), datada de 25 de dezembro de 1870, anunciando-nos a morte de minha avó, ocorrida na noite de Natal.

Afirmo-lhe a absoluta autenticidade do fato; a família ficou muito impressionada com esta coincidência, da qual conservou recordação inteiramente nítida.”

A força psíquica da agonizante agiu sobre seu marido, em manifestação que o sonho terá transformado. Eis outra aparição. Em 23 de junho de 1899 escreveram-me de Nice:

(CARTA 732)

“Durante a guerra da Itália, por uma noite do mês de junho de 1859, às 6 horas da tarde, um dos meus amigos, encontrando-se de passagem em Marselha, deitara-se no leito para repousar das suas caminhadas. Qual não foi a sua surpresa,

ao ver que o irmão, que ele muito amava, atravessava o seu quarto, quando o sabia na Itália, fazendo parte do corpo expedicionário francês!

Saltou da cama e correu para ele, mas não se lhe deparou mais do que uma sombra que se desvaneceu como aparecera!

Algumas semanas depois dessa visão recebeu uma carta do mesmo irmão, informando-o da sua boa saúde e da vida feliz do campo (era um alistado voluntário).

Voltando a Córsega, sua terra, vinte dias depois disto, o meu amigo encontrou uma carta da administração militar, dando-lhe parte de que o moço oficial inferior morrera em consequência de feridas que recebera num combate, no dia e na hora em que a visão se produzira.

*Peretti*

Rua Boyer, nº 3, em Nice.”

Encontro entre os meus papéis esta pequena nota:

“Veulettes, agosto de 1902.

A Srta. Susana Rainal, a encantadora filha do célebre ortopedista, acaba de contar-me isto:

Uma linda moça, que devia casar-se brevemente (o caso passou-se há cinco anos), fazia-se pentear para assistir ao jantar do dia em que fora pedida em casamento. De repente, viu no espelho em que se refletia, à porta do compartimento em que se encontrava, o seu noivo que chegava, muito pálido, e exclamou imediatamente para sua mãe:

– Chegou o meu noivo. Mas, como está pálido!

Surpresa da mãe da noiva, que observa que no compartimento não estava a pessoa indicada. Uma hora mais tarde trouxeram o corpo do pobre rapaz, que morrera em consequência de ter caído de um cavalo!”

É deveras para notar que essas visões se produzam, muitas vezes, nos espelhos. Está nas mesmas circunstâncias a que vou



relatar. Foi-me comunicada de Versalhes, com testemunhos que a confirmavam, em 20 de maio de 1907:

(CARTA 1.740)

“A sua obra *As Forças Naturais Desconhecidas* incita-me a revelar-lhe que tenho há muito o desejo de lhe transmitir uma aparição que se realizou na minha família, em 1850. Encontrava-me, nessa ocasião, em férias, em casa de meu avô, que vivia em Antraine, em Ille-et-Vilaine. Meu tio, capitão de Infantaria, tinha mandado para junto deste avô, havia mais de um ano, sua mulher e seus filhos, que fruía boa saúde em consequência de larga temporada no campo e do grande jardim que eles nunca deixavam. A netinha, de *quatro* anos de idade, e seu irmão, um ano mais novo, dormiam em pequeno compartimento contíguo ao de sua mãe. Uma noite esta última acordou com os gritos das crianças. Correu para elas, perguntando-lhes a causa de tal medo: a mais velha respondeu-lhe que acabavam de ver, perto da sua cama, um homem moreno, com grandes bigodes, que as olhava com fixidez. Volvidos dois dias minha tia recebia a notícia da morte súbita de seu marido, falecido exatamente pelas 11 horas, momento exato da aparição. Os sinais dados pela menina correspondiam aos de seu pai, que ela não via desde quinze meses e que não pudera reconhecer no primeiro instante.

*Dubois*

Subintendente militar reformado.”

Outra observação:

(CARTA 3.760)

“Paris, 12 de julho de 1917.

Desde a minha mais tenra infância até os 30 anos, aproximadamente, fui educado – e sobretudo muito amimado – por uma velha tia que viveu até aos 96 anos sem uma doença e que fazia ainda diariamente os seus 8 a 10 quilômetros de marcha, passando muitas noites a velar os doentes, apesar da

sua avançada idade. Era um tipo de velha de touca, com as maçãs do rosto rosadas como maçãs vermelhas.

Uma noite acordei bruscamente e vi a sua imagem, pouco nítida, mas que não oferecia a menor dúvida. Não era um quadro; era como uma claridade parecida com ela.

Tive a intuição de que devia ter sucedido qualquer coisa e no dia seguinte, em resposta a um meu telegrama, soube que ela morrera no momento em que me apareceu.

Perdi, antes e depois, grande número de parentes, queridos, mas para os quais eu não fora, da mesma sorte, uma preocupação; nunca tornei a sentir uma tal impressão.

Veja, caro mestre, que se trata de um caso banal de telepatia. Sem dúvida, ao morrer, minha querida tia pensou em mim, a quem ela amava acima de tudo, e as nossas ondas simpáticas fizeram “telegrafia sem fio”.

*Dr. Aug. Manceau.”*

Por mais “banal” que seja – como o classifica o sábio doutor – isto é, por mais freqüente que possa parecer, o caso merece registrado, para a nossa instrução. É uma aparição da agonizante tranqüilamente verificada.

Recebi as notas seguintes de La Cocha (Tucuman), República Argentina, a 23 de junho de 1920:

(CARTA 4.198)

“*a*) A 23 de dezembro de 1917, estando completamente acordado no leito, o quarto iluminou-se de súbito e vi aparecer um homem corpulento, envolto em longa capa castanha e o rosto quase inteiramente escondido em capuz da mesma cor. A princípio, tomei-o por um monge, mas, refletindo, pensei num dos meus amigos, caçador alsaciano; em seguida, a minha memória fixou-se em duas pessoas da mesma altura pouco mais ou menos e quase com a mesma fisionomia (o Barão de Gersthein e o fabricante Gerrer, de Lautenbach), o que resolvi esclarecer logo que a guerra terminasse na Europa, isto é, logo que a correspondência chegasse mais segu-

ramente ao seu destino, porque estávamos insulados na Alsácia, sob a férula da Alemanha.

Pouco depois do armistício, recebi carta de um amigo de Guebwiller (alto-Reno), na qual me informava que o Sr. Teófilo Gerrer, de Lautenbach, morrera durante a guerra e desde logo tratei de perguntar a data do seu passamento. Essa data correspondia à da aparição, o que me não surpreendeu de modo algum, atendendo a que é esta a segunda vez que o incidente me acontece, se bem que a *primeira aparição* tivesse ocorrido *há mais de vinte anos*.

*b)* O senhor lembra-se, certamente, da minha narrativa da aparição de segunda-feira (ou domingo de Pentecostes, creio eu), *pelas 6 horas da manhã*, em seguida ao toque do carrilhão, chamando os fiéis para a missa, em que o meu amigo, um velho oficial inferior de Couraceiros de Reichshoffen, me apareceu *exatamente doze horas* depois da sua morte, mas *sem bigode*, e em que eu fui à pressa verificar o acontecimento à casa mortuária, onde se me deparou o cadáver com a boca tapada por uma faixa de pano branco que encobria todo o bigode.

*João Lau.”*

Esta carta é duplamente instrutiva pela sua sinceridade. A aparição do moribundo correspondeu com o seu falecimento. Não há nisso razão suficiente para atribuí-la a um morto, depois do trespasse e pode ser aqui anexada a todas as precedentes. A narração respeitante à morte encontrar-se-á no tomo III, no seu texto original, que difere deste, não no fundo, mas num pormenor de datas; o que mais uma vez nos demonstra as variações da memória. A morte ocorreu no sábado, 9 de abril de 1898, véspera da Páscoa, e a aparição foi vista no domingo de Páscoa, pelas 6 horas da manhã. As datas são diferentes na recordação, mas o descritivo, que venho de comparar, é absolutamente o mesmo; essas diferenças de datas não têm aqui a menor importância.

Como explicar tais aparições à hora da morte? A carta que vou publicar e que me foi dirigida por um correspondente, que já conhecemos, comunicou-me um outro exemplo:

(CARTA 930)

“O nosso dever é o de auxiliar os seus estudos premonitórios. Quero informá-lo de que meu irmão Platão viu nosso pai à hora da morte. Nessa época (1883) era ele um jovem aluno do liceu em Moscou e tinha-nos deixado em seguida às férias do Natal. Nosso pai encontrava-se muito fraco, porque sofreu, geralmente quase sempre, nos últimos anos da sua vida. Na mesma data da partida de meu irmão o papá apanhou uma “fluxão de peito” que o levou em três dias. Platão havia chegado a Moscou na noite de 14 de janeiro, e tinham-no deixado dormir, no dia seguinte, até tarde. Ao acordar, a 15 minutos antes do meio-dia, viu com surpresa o nosso pai, *mantendo-se de pé na sua frente!* Observou-o durante alguns instantes; seguidamente, a visão dissipou-se. Então o relógio bateu as doze horas e foi precisamente ao meio-dia que meu pai deixou este mundo, a 15 de janeiro de 1883.

24 de julho de 1900.

*Helena Schoulgine*  
(em Grodno – Rússia).”

Coincidência fortuita de uma alucinação com um morto – objetar-se-á pela milésima vez. Não, mil vezes não. É ser-se cego o recusar-se alguém a ver nisso correlações constantemente renovadas.

O padre Pachen, de Poitiers, relatou essa observação, segundo o seu colega, o reverendo Lemoigne, testemunha auditiva:

“Certo Malgorn, originário da ilha de Quessant, freqüentava o Colégio de Pont-Croix. Tuberculoso e muito doente, no princípio do ano escolar, não pôde voltar das férias com os outros alunos.

Uma tarde, no momento de saída das aulas em direção ao refeitório, o aluno Malgorn apareceu, com uma trouxa branca debaixo do braço, perto de uma porta que dava para a escada que conduzia ao dormitório. Três ou quatro estudantes (de quem a testemunha poderia indicar os nomes, porque

eram seus condiscípulos) fizeram um aceno de mão a Malgorn e, por causa da presença do vigilante, não ousaram dirigir a palavra ao recém-chegado.

Malgorn desapareceu pouco depois, nas escadas que levavam ao dormitório.

Nessa mesma tarde alguém avisou o reverendo Mazéas de que “o seu compatriota Malgorn acabava de chegar”.

– Vim-lo!

– Bem, amanhã virá ver-me – respondeu o padre.

Como o dia seguinte fosse já muito avançado e Malgorn não tornasse a ser visto, o professor foi visitar o dormitório. O leito do aluno estava intacto. Nesse mesmo dia a notícia do falecimento de Malgorn chegou ao colégio. Morrera na hora em que o tinham visto junto da porta que dava para a escada: os alunos tinham-no reconhecido perfeitamente, notando mesmo, no ombro esquerdo do seu vestuário, uma nódoa.”

Não compreendemos nada disto, bem entendido; mas a observação aí fica. Houve transmissão. Que variados exemplos!

O almirante Peyron, questor do Senado, apareceu em Toulon, no momento da sua morte, a duas pessoas diferentes. O Dr. Dariex publicou a esse respeito a seguinte carta:<sup>86</sup>

“A 9 de janeiro de 1892, estando deitado, em Toulon, senti que alguém me despertava e vi o almirante Peyron, de pé, perto do meu leito, com as mãos nos bolsos. Empurrou-me com o ventre e me disse:

– Adeus, P. Venho despedir-me de ti.

Levantei e acendi a vela. Eram 11 horas; a aparição sumira-se. Ao cabo de um quarto de hora tornei a deitar-me. Havia apenas começado a dormir, quando o almirante me empurrou novamente, como da primeira vez, renovando as suas despedidas; entretanto o seu rosto velara-se com a rapidez de uma nuvem e o seu corpo não tardou a dissipar-se como um vapor.

Sob a impressão desta lúgubre aparição, repetida sucessivamente, permaneci acordado, pensando que aquele de quem eu havia sido ajudante de campo, cinco anos antes, acabava provavelmente de falecer. Na tarde do dia seguinte, com efeito, a notícia da sua morte era publicada num jornal; Vivia então no palácio do Luxemburgo, com o questor do Senado. Será bom acrescentar que na véspera eu soubera, pelo mesmo jornal, que ele estava gravemente enfermo.

Dez meses mais tarde contei este caso ao Sr. G., mecânico da Marinha, que fizera parte, como eu, do estado-maior do almirante, quando ele comandava a esquadra de evoluções do Mediterrâneo. Qual não foi o meu espanto, quando esse oficial superior me afirmou que, na mesma noite, o almirante Peyron lhe aparecera igualmente, tendo-lhe dito: “Meu caro G., chegou o momento de o deixar; é forçoso partir. Adeus”, e que o tinha acordado em sobressalto.

*E. R. N.*

Capitão de Fragata.”

Podemos procurar a explicação da primeira impressão no anúncio da doença; mas a aparição a duas testemunhas diferentes e independentes uma da outra tem de tomar-se em linha de conta.

A que se vai ler foi vista, do mesmo modo, por duas pessoas diversas e, além disso, também por uma criança:

“O Sr. Hunter tivera por ama uma senhora que lhe queria mais do que a seus próprios filhos; chamava-se Sra. Macfarlane. Desde que se casou dedicara-se a sua esposa, à qual ela fizera companhia durante uma viagem do Sr. Hunter às Índias. No mês de junho de 1857 a Sra. Hunter partiu para uma estância de águas, confiando à guarda da Sra. Macfarlane um cofre com valores. Por uma tarde do mês de agosto a Sra. Hunter encontrava-se em sua casa, em companhia de vários amigos, quando, ao passar em frente da porta do seu quarto, viu um grande caixão colocado no leito, estando sentada perto dele uma velha, alta e robusta, que a olhava com fixidez.

– Recuei imediatamente – escreve ela –, informando as minhas visitas da visão que tive, o que foi recebido com gargalhadas, às quais não tardei a associar-me.

Apesar disso, eu vira realmente e podia mesmo descrever o vestuário que a velha trazia.

Quando os meus visitantes se despediram, fui, como de costume, ao quarto das crianças, notando que a governanta parecia agitada e perturbada. Veio ao meu encontro, dizendo-me:

– Minha senhora, estou muito impressionada. Esta tarde, pelas 7 horas, fui à cozinha buscar água e, ao voltar-me, vi uma velha alta e corpulenta, que subia a escada; desviei-me para deixá-la passar, mas havia nela qualquer coisa tão estranha que a segui com a vista para ver aonde ia. Como a porta da sala de visitas estivesse aberta, dirigiu-se para esse lado; no entanto, antes de eu a alcançar, vi-a fundir-se e dissolver-se de súbito. Juro que a vi e posso absolutamente dizer como estava vestida; trazia na cabeça uma larga touca negra e nos ombros um xale de quadrados pretos e brancos.

Esta descrição correspondia à da visão que a própria Sra. Hunter lobrigara.

Volvida uma hora, aproximadamente, a Sra. Hunter, estando deitada, ouviu gritar sua filha, de 5 anos de idade, ao mesmo tempo que a voz da governanta, que procurava tranquilizá-la. Na manhã seguinte a pequena contou que uma velha muito má se sentara à mesa e começara a olhá-la com tanta insistência, que ela acabara por chorar. A ama garantiu que vira a pequenita sentada na cama, completamente acordada, apontando com um dedo para a mesma e bradando:

– Vai-te, vai-te, velha malvada e ruim!

A ama nada viu; estava deitada havia algum tempo e fechara a porta do quarto à chave...

Alguns dias depois chegaram cartas dos filhos da Sra. Macfarlane anunciando a sua morte. As últimas horas da sua vida decorreram, pensando ela constantemente no Sr. Hunter

e na sua família. A ama, ao ter conhecimento do fato, exclamou:

– Meu Deus, era ela, na verdade, que eu vi a noite passada e “era também aquela a sua maneira de vestir.”<sup>87</sup>

Essa aparição é muito instrutiva para as nossas investigações. Mostra-nos que, como no caso do Sr. Pouzolz, atrás assinalado, e outros análogos, ela não era real, objetiva, exterior a nós, fotografável, porque a visão iniciou-se por um caixão, que também não estava no sítio. A Sra. Macfarlane, ao morrer, pensou na criança que antigamente amamentava, em sua mulher e na filha dela, e o seu pensamento traduziu-se para eles numa imagem que a representava, vestida como devia estar e num ataúde associado a esta imagem. Transmissão telepática.

Que variedade imensa em todas as manifestações! No entanto, como se pode prever, muitas delas se parecem.

O caso da Sra. Féret, de Juvisy (*O Desconhecido*), encontra-se, aproximadamente igual, na obra *Os Lados Obscuros da Natureza*, da Sra. Crowe.<sup>88</sup> Ei-lo:

“Uma certa Sra. H, que vivia em Limerick, tinha, havia alguns anos, uma criada que estimava muito, chamada Neli Hanlon. Era criatura em quem se podia confiar, que raramente pedia para sair, o que sua ama lhe concedia com a maior boa vontade. Uma vez solicitou licença para ir à feira, a algumas milhas de distância. Mas o Sr. H. declarou a sua mulher que não se podia dispensar a serva nesse dia, porque convidara pessoas para jantar e só a Neli se podiam confiar as chaves da adega. Acrescentou que os seus negócios lhe não permitiam reentrar em casa a tempo de ele mesmo ir buscar o vinho.

A Sra. H., não querendo contrariar Neli, à qual dera o consentimento por ela solicitado, afirmou a seu marido que se encarregaria de ir buscar o vinho à adega, no dia em questão.

Neli partiu de manhã, muito alegre, dando a sua palavra de que voltaria à tarde, se lhe fosse possível, ou, o mais tardar, na manhã seguinte.



O dia passou sem qualquer incidente e ninguém pensou mais na criada. No momento em que foi necessário ir buscar o vinho, a Sra. H. pegou a chave e dirigiu-se para a porta da adega, seguida de uma serva que levava um cesto para as garrafas. Tinha apenas começado a descer os degraus da escada, quando soltou um grande grito, perdendo os sentidos. Conduziram-na para o leito e a rapariga que a acompanhava contou aos outros criados, tomada de pânico, que haviam visto Neli Hanlon ao fundo da escada e inteiramente molhada. Quando o Sr. H chegou, repetiram-lhe a história; ele ralhhou com a serva, pelas tolices que dissera, e a Sra. H., tratada convenientemente, voltou a si. Ao abrir os olhos suspirou profundamente e exclamou:

– Oh! Neli Hanlon!

Em seguida confirmou o que a criada dissera; tinha visto Neli, ao fundo da escada da adega, toda encharcada d'água, como se saísse de um banho. O Sr. H. empregou os maiores esforços para provar a sua mulher que tudo aquilo não passava de ilusão sua, mas em vão.

– Neli – asseverou ele – estará em breve de volta e há de rir-se de ti!

No entanto, a Sra. H. ficou convencida de que a serva tinha morrido.

Veio a noite e surgiu a manhã do dia seguinte, sem que houvesse notícias de Neli. Passaram-se dois ou três dias mais. Procuraram-se informações, vindo a saber-se que ela havia sido vista na feira, partindo à tarde a caminho de casa. Nada mais se sabia acerca de Neli. As investigações levaram, enfim, à descoberta do cadáver da criada na ribeira, mas nunca se soube como a catástrofe ocorrera.”

Essa visão, que não oferece qualquer dúvida, deve ter-se produzido depois da morte, pois que a vítima fora vista, por duas testemunhas, encharcada de água. Visão certamente imediata ao acidente, que se teria dado à tarde.

Não procurarei explicá-la, como não expliquei a da Sra. Ferrat, vendo, na sua adega, o cadáver de seu primo, morto na

Criméia no mesmo dia, durante a guerra de 1855. Não podemos resolver o problema dessas visões, mas somos obrigados a admiti-las. Constituem elementos de uma ciência nova.

Negar o fato, tão abundantemente comprovado, das aparições no momento da morte seria o mesmo que negar a luz do dia.

É tempo de encerrar este capítulo; mas não é sem desgosto que eu elimino numerosas observações demonstrativas. Eis ainda uma, não menos verdadeira que as precedentes.

O Rev. C. Wambey, de Paragon, Condado de Salisbury (Inglaterra), escrevia à Sociedade de Investigações Psíquicas, no mês de abril de 1884:

“Estava intimamente ligado ao meu amigo B., antes de ele deixar a Inglaterra para ser nomeado professor de Matemática no Colégio Elizabet, em Guernesey. Volvidos dois anos, pouco mais ou menos, aceitei um cargo temporário nessa ilha e reatei as relações com o meu amigo doutros tempos. Passava quase cotidianamente uma parte das minhas horas convivendo com ele.

Quando regressei à Inglaterra ficamos a corresponder-nos regularmente. Na última carta que dele recebi falava-me da sua saúde, dizendo que passava excepcionalmente bem.

Certa manhã, causei uma viva comoção a minha mulher ao afirmar-lhe que o meu amigo morreria e que me aparecera durante a noite.

Ela procurou suavizar o meu desgosto, sugerindo-me que se tratava apenas de uma ilusão devida ao meu estado de saúde. Eu estivera doente durante algum tempo.

Passados alguns dias, recebi uma carta tarjada de luto e com o carimbo de Guernesey. Nessa carta a Sra. B. dizia-me que seu marido falecera ao cabo de uma enfermidade que durara algumas horas somente e que lhe tinha falado de mim com ansiedade. Esta morte ocorrera na noite em que ele me aparecera.”

O inquérito aberto pela Sociedade Psíquica estabeleceu que a Sra. Wambey conservara a recordação exata daquilo que seu marido lhe dissera nessa manhã.

\* \* \*

Detenhamo-nos em tal exposição, apesar do interesse revelador de todos esses fatos. Poderia prolongar-se indefinidamente, tantas *observações positivas* eu tenho diante de mim. As aparições e manifestações de moribundos são tão numerosas como variadas e todas elas edificantes. Mas os limites primitivamente marcados para este volume já foram ultrapassados.

Devo o êxito desta obra à colaboração simpática dos meus leitores, que há tantos anos se constituíram gostosamente no dever de me comunicarem observações precisas chegadas ao seu conhecimento, para o estudo da alma e da sua sobrevivência. Que todos quantos colaboraram nesta obra de investigação e de ensino queiram receber aqui a expressão do meu profundo reconhecimento.

Não posso escrever-lhes individualmente, mas apraz-me dirigir-lhes os meus sinceros agradecimentos.

Creio-me autorizado a ser mais severo, nas últimas páginas deste volume do que nas iniciais, para qualificar o estado de espírito dos negativistas impenitentes. Não pensais vós, caros leitores, que é preciso ser... como direi?... cego, surdo, qualquer coisa pior ainda, para se continuar a recusar a evidência?

Os fatos publicados neste tomo são tão comprobatórios como irrecusáveis.

Foi sobre as *observações* comparadas que a mais exata das ciências, a Astronomia, se fundou. *Acontecerá o mesmo na ciência psíquica*, e é este o único método a empregar para chegarmos ao conhecimento da verdade.

Todas essas observações estabelecem que o ser humano não se compõe unicamente do corpo material, visível, tangível, ponderável, conhecido de toda a gente em geral e dos médicos em particular, mas também de um elemento psíquico imponderável, dotado de faculdades intrínsecas especiais, capaz de agir fora do organismo físico e de se manifestar a distância, com o

auxílio de forças das quais ainda ignoramos a natureza. As condições cotidianas do tempo e do espaço não lhe são impostas.

Por outra parte, as experiências atuais de radiografia e de radiotelefonia estabelecem que a atmosfera de que estamos envolvidos e penetrados é continuamente percorrida por ondas etéreas que atravessam as paredes e não se tornam perceptíveis aos nossos sentidos se não forem captadas por aparelhos especiais, conciliados com as suas vibrações; vivemos perpetuamente, dia e noite, no meio de um mundo invisível.

Os fatos psíquicos aqui examinados mostram-nos, sem que nenhuma dúvida subsista, que no momento da morte um tremor sutil, de natureza desconhecida, vai às vezes impressionar a distância os seres associados ao moribundo por um modo qualquer, que nem sempre é o da simpatia. Essa onda etérea, ou projeção eletromagnética, produz fenômenos físicos e sensações mentais. São elas emissões automáticas geralmente involuntárias, comparáveis a vibrações elétricas que acompanhariam a desagregação dos laços terrestres. Para discutir esses fatos de observação, encontramos-nos presentemente numa ignorância análoga à dos astrônomos anteriores a Copérnico e a Galileu, para os quais a Terra era o centro de um universo fechado, sistema geocêntrico e antropocêntrico, tendo a ciência fisiológica ensinado até hoje que o pensamento é produto do cérebro, ao passo que a força psíquica é que rege a vida.

Nas observações que passaram pela nossa frente, são almas incorpóreas que se manifestaram, almas de vivos. Todavia temos perguntado muitas vezes a nós mesmos se não teremos tratado, em certos casos, com seres já mortos, já para além da fronteira da vida. A terceira parte desta obra vai ser consagrada a esse estudo especial, ao exame de fatos ulteriores à partida da etapa terrestre, manifestações e aparições de mortos depois do passamento, muitos minutos, muitas horas, muitos dias, muitas semanas, muitos meses, muitos anos depois, tudo escrupulosamente discutido, examinado, verificado. O nosso método científico será o mesmo. Nada de frases, de dissertações metafísicas: – FATOS.

Terminemos, pois, esta segunda parte, reservando para a terceira tudo quanto pareça não poder estar ligado aos vivos e

pertencer ao domínio da morte. Nos exemplos precedentes tive algumas dúvidas relativas à origem de certas manifestações e pude pensar que muitas foram consecutivas ao falecimento, em vez de o acompanharem ou precederem, como admitimos. Quando alguém nos vem anunciar a sua morte, aparecendo-nos espontaneamente e dizendo-nos “*estou morto*”, parece que esta afirmação deveria bastar para nos convencer de tal realidade. No entanto temos visto que tal conclusão não seria fundamentada, tendo tais declarações precedido o falecimento, em determinados casos.

Nos exemplos que devemos estudar agora não haverá mais dúvidas a reservar: são os próprios mortos que nos falarão – numa linguagem a ser *interpretada*.

Esta segunda parte da nossa trilogia dá-nos A CERTEZA de fantasmas de vivos, de aparições e de manifestações de agonizantes. As páginas que se acabam de ler fizeram-nos já pressentir que essas manifestações, essas aparições continuam para além da morte. Chegamos, neste momento, diante da porta do templo fechado às investigações humanas. Obteremos nós as mesmas provas de autenticidade, a mesma CERTEZA sobre a existência real dos mortos?

Entremos sem medo na arena e encaremos de face o mais arbatador dos espetáculos.

Sabemos de hoje em diante que o homem espiritual existe, que é relativamente independente do homem material. Este morre; o primeiro não. Quais são as suas manifestações póstumas? Qual é o seu estado ultraterrestre? É o que procuraremos determinar na terceira parte deste trabalho.

– Fim do Segundo Volume –

Observatório Flammarion, Juvisy, 26 de fevereiro de 1921.

**Notas:**

- 
- <sup>1</sup> *A Magia, Ciência Natural*, 2ª parte, pág. 327.
- <sup>2</sup> Vide apêndice no final deste capítulo: *Sobre a aparição de Nossa Senhora de Lourdes*.
- <sup>3</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1904, pág. 39.
- <sup>4</sup> Relembro que as cartas de observações psíquicas que me dirigem são inscritas, desde 1899, sob números sucessivos e que, desta forma, pode recorrer-se sempre aos originais.
- <sup>5</sup> *Bilocação* (ou *bicorporeidade*) – Aparecimento simultâneo do mesmo indivíduo em dois lugares distintos. Foram fatos dessa natureza que contribuíram para a canonização de Antônio de Pádua e Afonso de Ligório (*Vocabulário Metapsíquico*, apêndice da obra *Resumo da Doutrina Espírita*, de Gustave Geley). (Nota do revisor.)
- <sup>6</sup> *Memórias*, de Goethe, tradução da Sra. Carlowitz, tomo I, pág. 270. V. também *Conversações de Goethe com Eckermann*, pág. 405.
- <sup>7</sup> Cardan – *De Rerum Varietate*, XXXIV.
- <sup>8</sup> *Footfalls in the boundary of another Life* (Rumor de passos na fronteira de uma outra vida).
- <sup>9</sup> *Animismo e Espiritismo*, pág. 498-504.
- <sup>10</sup> O Barão de Güldenstubbé é o autor do curioso livro *A realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso da sua escrita direta*, com fac-símiles. Paris, 1857.
- <sup>11</sup> *Animismo e Espiritismo*, pág. 514.
- <sup>12</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, de março de 1911.
- <sup>13</sup> Albert de Rochas – *A Exteriorização da Sensibilidade*, Paris, 1895; H. Durville – *O Fenômeno dos Vivos*, Paris, 1909; Georges de Dubor – *Os Mistérios da Hipnose*, Paris, 1920; v. também Gabriel Delanne – *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos*, Paris, 1909; Leadbeater – *O Outro Lado da Morte*, Paris, 1910; A. Primot – *A Psicologia de uma Conversão*, Paris, 1914; as obras de Reichenbach, etc.
- <sup>14</sup> *As Forças Naturais Desconhecidas*, pág. 460, 3ª edição, pág. 101.

---

<sup>15</sup> *Phantasms of the Living*, tomo I, pág. 104; *Alucinações Telepáticas*, pág. 238.

<sup>16</sup> *Phantasms of the Living*, II, pág. 671; *Alucinações Telepáticas*, pág. 45.

<sup>17</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1907, pág. 185.

<sup>18</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 26.

<sup>19</sup> *Memórias sobre as Ciências Ocultas*, Paris, 1912, pág. 249.

<sup>20</sup> V., entre outros, Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, livro XVIII, cap. 18.

<sup>21</sup> *Práticas sobre o Magnetismo Animal*, Paris, 1823, pág. 189.

<sup>22</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, abril de 1906, pág. 318.

<sup>23</sup> *Alucinações Telepáticas*, pág. 263.

<sup>24</sup> Na ocasião em que se modificava a gare d'Austerlitz para a continuação da via no cais d'Orsay, reentrando no meu Observatório de Juvisy, num comboio da noite, pelas 10 horas, enganei-me no trem em consequência, creio eu, de uma alteração nos horários de partida e, chegando a Juvisy vi, desapontado, que o comboio não parava, avançando para Orleans. Manifestei o meu desespero aos que me acompanhavam, acrescentando: "Ah" se ele, ao menos afrouxasse a marcha, eu saltaria, porque minha mulher ficará muito inquieta se eu me demoro a entrar em casa. Além disso, tenho de observar, absolutamente, Marte esta noite..." O comboio abrandou a carreira, deteve-se quase, e saltei. Onde estava eu? Uma pequena luz brilhava ao longe; dirigi-me para ela, seguindo a via férrea. Um guarda que encontrei disse-me o nome da estação: Maroles. Pedindo informações, soube que ia passar um comboio, dirigindo-se a Paris, mas esse comboio era rápido, não parando nem em Maroles nem em Juvisy. Pedi ao empregado que fizesse sinal para parar; dei-lhe o meu cartão de visita; trepei para a locomotiva, para junto do maquinista; e fiz deter de novo, na gare de Juvisy, o trem, recomendando ao homem que não perdesse um instante e que seguisse rapidamente para Paris... Só mais tarde

---

refleti na incorreção do meu ato... Instauraram-se três processos: contra o empregado da estação de Maroles, contra o maquinista e contra mim. Declarei-me, naturalmente, o único responsável. A Companhia d'Orleans foi da mais extrema amabilidade, perdoando-me em nome do Céu e em homenagem a um amigo da França, o imperador D. Pedro, do Brasil, que recentemente me visitara no Observatório. É de uso, ao que me informaram, desculpar cinco minutos de atraso, por um soberano. “Um dia que o senhor acompanhou o Sr. Raymond Poincaré à gare – disseram-me – o comboio atrasou-se dois minutos...” Há exceções para todas as regras... Apesar dessas gentilezas, prometi não reincidir.

<sup>25</sup> D'Alembert – *Dúvidas e questões sobre o Cálculo das Probabilidades*; obras de d'Alembert, Paris, 1821, tomo I, pág. 458.

<sup>26</sup> O erro histórico é evidente. Flammarion apresenta como ocorrido na Espanha o que se passou em Portugal. (Nota do tradutor.)

<sup>27</sup> F. Myers – *Human Personality*, tomo II, pág. 49.

<sup>28</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1911, pág. 145.

<sup>29</sup> Pode notar-se um fato idêntico nas observações de Stead, na Inglaterra.

<sup>30</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1898, pág. 81.

<sup>31</sup> V. *L'autre côté de la Mort*, Paris, 1910, pág. 178.

<sup>32</sup> A propósito desses qualificativos, repito o que já disse, no primeiro volume, capítulo I. Eles indicam que os meus correspondentes não me escrevem para iludir-me.

<sup>33</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1907, pág. 708.

<sup>34</sup> V. *O Desconhecido*, capítulo III, caso CLXVII: o Capitão Wheatcroft, morto diante de Lucknow, a 14 de novembro de 1857, aparecido à sua mulher em Cambridge no momento do combate.

<sup>35</sup> *Phantasms of the Living*, I, pág. 205; *Alucinações Telepáticas*, pág. 84.



- 
- <sup>36</sup> *Phantasms of the Living*, t. I, pág. 365; *Human Personality*, t. I, pág. 424.
- <sup>37</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1892, pág. 225.
- <sup>38</sup> *Phantasms of the Living*, t. I, pág. 449; *Alucinações Telepáticas*, pág. 148; Myers – *Human Personality*, t. II, págs. 33 e 343.
- <sup>39</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 208; Oliver Lodge – *A Sobrevivência Humana*, trad. francesa, 1912, pág. 82; *Proceedings of the Society for Psychical Research*, t. III, pág. 33.
- <sup>40</sup> *Phantasms of the Living*, t. I, pág. 384; *Human Personality*, t. I, pág. 413.
- <sup>41</sup> *Phantasms of the Living*, t. I, pág. 384; *Human Personality*, t. I, pág. 418.
- <sup>42</sup> Autora da obra *Maravilhosos Fenômenos de outro Mundo* (Lisboa, 1920).
- <sup>43</sup> *Antes da Morte*, pág. 368: seu próprio filho visto a ser queimado num forno.
- <sup>44</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1911, pág. 263.
- <sup>45</sup> Nascida em 1302, morta em Roma em 1373, fundadora da ordem de Santo Redentor, autora de *Revelações Proféticas*, combatidas por Gerson.
- <sup>46</sup> *Proceedings of the Society for Psychical Research*, t. V, pág. 291; *Anais das Ciências Psíquicas*, pág. 170.
- <sup>47</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, pág. 303. Estudo de Bozzano.
- <sup>48</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, pág. 306.
- <sup>49</sup> Dezembro de 1906, pág. 733.
- <sup>50</sup> *Revista de Estudos Psíquicos*, de César de Vesme, 1901, pág. 27.
- <sup>51</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, pág. 306.
- <sup>52</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, setembro de 1907.

---

<sup>53</sup> V. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol. VIII, pág. 401.

<sup>54</sup> *Antes da Morte*, pág. 120 e 332.

<sup>55</sup> Compreendemos todas estas reflexões do regente ao seu aluno.

<sup>56</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 364.

<sup>57</sup> *Arquivo de Psiquiatria*, 1901. De Vesme, *Revista de Estudos Psíquicos*, dezembro de 1901, pág. 372.

<sup>58</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1905, pág. 638.

<sup>59</sup> V. *As Forças Naturais Desconhecidas*.

<sup>60</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, setembro de 1911, pág. 281.

<sup>61</sup> V. *Revista de Estudos Psíquicos*, de Vesme, 1903, pág. 158.

<sup>62</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, pág. 22.

<sup>63</sup> Sra. Crowe – *Os lados obscuros da Natureza*, pág. 183.

<sup>64</sup> O número de fulminados que foram completamente despidos é verdadeiramente considerável. Os vestuários são despedaçados, o calçado arrancado violentamente e o fulminado levanta-se são e salvo. (\*)

(\*) A 9 de dezembro de 1907, no Rio de Janeiro, um tenente do Exército, Sr. A. de Vasconcelos, foi lançado ao chão por uma descarga elétrica, com 18 homens, que rapidamente se levantaram, como impelidos por uma mola. O oficial que os comandava permanecia por terra, sem sentidos. O seu uniforme estava rasgado, todos os botões haviam desaparecido, assim como três mil réis que estavam num bolso. O seu calçado fora despedaçado e atirado para longe. O oficial não ficou morto. Quando lhe mostraram essas peças comprovativas, foi o primeiro a mostrar o seu espanto.

– *Mandem-nas para a França*, a Flammarion – exclamou ele.

Encontram-se no museu do meu observatório, em Juvisy.

<sup>65</sup> Leadbeater – *O outro lado da Morte*, pág. 185.

---

<sup>66</sup> Toda gente pode notar que essas manifestações não se produzem quando mais se deseja, o que nos demonstra que não são auto-sugestões. Por outra parte, o cérebro concentrado na expectativa de um fenômeno desta ordem parece perder toda a aptidão para perceber. O caráter essencial de tais manifestações é a *espontaneidade*, saibamo-lo e não o esqueçamos.

De resto, talvez as crianças e os velhos sejam os únicos privilegiados: as crianças, por estarem mais próximas do berço, os velhos, porque estão mais perto do túmulo.

<sup>67</sup> V. volume I, capítulo IX.

<sup>68</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1919, pág. 107.

<sup>69</sup> Por exemplo, os redatores da *Revista de Leituras*, de 15 de janeiro de 1921, e a *Revista do Clero Francês*, de 15 de julho de 1920.

<sup>70</sup> 1919, pág. 71.

<sup>71</sup> Dariex – *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 26.

<sup>72</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 173.

<sup>73</sup> Tomo I, pág. 222, e *Alucinações Telepáticas*, pág. 299.

<sup>74</sup> V. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1902, pág. 70, e *Os últimos dias de Henri Heine*, Paris, 1884.

<sup>75</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1902, pág. 182.

<sup>76</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1891, pág. 148.

<sup>77</sup> Dante – *A Vida Nova*. Edição Charpentier, Paris, 1853, pág. 35.

<sup>78</sup> V. *O Gênio de Petrarca*. Parma e Avinhão, 1778, pág. 127.

<sup>79</sup> V. o primeiro volume, “Antes da Morte”, pág. 373.

<sup>80</sup> Extraído da obra *Contribuição para o estudo de certas faculdades cerebrais desconhecidas*, pág. 28.

<sup>81</sup> Este exemplo é típico. A experimentadora fez dizer, provavelmente pelo próprio Hahnemann, em francês: “Tornei-me insensato pelo que respeita à Medicina, no dia em que inventei a homeopatia.”

<sup>82</sup> Tomo II, pág. 61, e *Alucinações Telepáticas*, pág. 261.

---

<sup>83</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1894, pág. 4.

<sup>84</sup> *Alucinações Telepáticas*, pág. 244; *Anais das Ciências Psíquicas*, t. I, pág. 22.

<sup>85</sup> V. *Os Fenômenos chamados de Materialização*, pela Sra. Bisson, com 165 figuras e 36 estampas (Paris, Alcan, 1914). Conferência do Dr. Geley, no Instituto Psicológico geral, com 23 fotografias (Paris, 1918) e também *Materializations-Phaenomen*, pelo Dr. Schrenck, com 150 fotografias e 30 estampas (Munich, 1914). As deduções filosóficas são expostas na obra recente do Dr. Geley: *Do Inconsciente ao Consciente* (Paris, Alcan, 1919). Anteriormente a estas experiências, pouco mais se tinha, como fatos característicos, do que as, de resto bem memoráveis, de William Crookes, em 1870.

<sup>86</sup> *Anais das Ciências Psíquicas*, 1894, pág. 11.

<sup>87</sup> V. *Proceedings of the Society of Psychical Research*, pág. 129. *Anais das Ciências Psíquicas*, 1907, pág. 631.

<sup>88</sup> Capítulo VI. *Des Wraiths*, pág. 179.